

A INFLUÊNCIA DO IMAGINÁRIO EM
EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA
MOTIVADORA

David Alexandre Rosário Santiago

Relatório Final de Mestrado

Proveniente da Prática de Ensino Supervisionada II

Apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção
de grau de mestre em Ensino do 1.º CEB e de Matemática e Ciências
Naturais no 2.º CEB

2023-2024

| | ' ' | | ' ' |

A INFLUÊNCIA DO IMAGINÁRIO EM
EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA
MOTIVADORA

David Alexandre Rosário Santiago

Relatório Final de Mestrado

Proveniente da Prática de Ensino Supervisionada II

Apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa para obtenção
de grau de mestre em Ensino do 1.º CEB e de Matemática e Ciências
Naturais no 2.º CEB

Orientador: Tiago Tempera

Júri

Presidente: Professora Doutora Maria João Hortas

Arguente: Professora Doutora Elisabete Gomes

Orientador: Professor Doutor Tiago Tempera

2023-2024

| | ' ' | | ' ' |

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS.....	I
RESUMO/ABSTRAT	IV
RESUMO	V
ABSTRACT	VI
LISTA DE ABREVIATURAS	VII
LISTA DE TABELAS	IX
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. DESCRIÇÃO DA PRÁTICA	4
2.1. DESCRIÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO 1.º CEB.....	5
2.1.1. <i>Caracterização do contexto educativo do 1.º CEB</i>	5
2.1.2. <i>Caracterização da turma do 1.º CEB</i>	6
2.1.3. <i>Projeto de Intervenção na PES II do 1.º CEB</i>	6
2.1.4. <i>Avaliação do Projeto de Intervenção da PES II do 1.º CEB</i>	7
2.2. DESCRIÇÃO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA DO 2.º CEB.....	7
2.2.1. <i>Caracterização do contexto educativo do 2.º CEB</i>	7
2.2.2. <i>Caracterização da turma do 2.º CEB</i>	8
2.2.3. <i>Projeto de Intervenção na PES II do 2.º CEB</i>	9
2.2.4. <i>Avaliação do Projeto de Intervenção da PES II do 2.º CEB</i>	9
2.3. ANÁLISE CRÍTICA DAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS	10
2.3.1. <i>Desenvolvimento das Competências dos Alunos</i>	10
2.3.2. <i>Métodos de Ensino</i>	12
2.3.3. <i>Relação Pedagógica</i>	13
2.3.4. <i>Processos de avaliação</i>	13
3. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO	15
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	20
4.1. INTERESSE, MOTIVAÇÃO E ENVOLVIMENTO	21
4.2. PEDAGOGIA ESCUTISTA E O IMAGINÁRIO	23
4.2.1. <i>O Método Escutista</i>	24
4.2.2. <i>Segunda Maravilhas do Método Escutista – Mística e Simbologia</i>	25

4.3.	IMAGINÁRIO E IMAGINAÇÃO	27
4.4.	IMAGINÁRIO E EDUCAÇÃO	28
4.4.1.	<i>O Trabalho do Imaginário</i>	31
5.	METODOLOGIA	34
5.1.	CARATERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES DO ESTUDO	35
5.2.	ESTUDO EXPLORATÓRIO PRELIMINAR	36
5.3.	NATUREZA DO ESTUDO	37
5.4.	TÉCNICAS, INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE RECOLHA DE DADOS	38
5.5.	PROCESSO DE ANÁLISE DOS DADOS.....	43
5.6.	PLANO DE AÇÃO.....	45
5.7.	PRINCÍPIOS ÉTICOS DO PROCESSO DE INVESTIGAÇÃO	47
6.	RESULTADOS	48
6.1.	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	49
6.1.1.	<i>Envolvimento dos alunos antes da prática do Imaginário</i>	49
6.1.2.	<i>Dinâmica da FTT sobre a Casa Assombrada</i>	51
6.1.3.	<i>Dinâmica do Concurso da Sabedoria</i>	52
6.1.4.	<i>Dinâmica da FTT sobre o Sol Desaparecido</i>	53
6.1.5.	<i>Dinâmica da Atividade Vamos Viajar pela Europa</i>	55
6.1.6.	<i>Dinâmica da Atividade Missão Portugal – Código OOP</i>	58
6.1.7.	<i>Evolução da motivação e envolvimento dos alunos ao longo das atividades com o Imaginário</i>	61
7.	CONCLUSÃO	64
8.	REFLEXÃO FINAL	68
	REFERÊNCIAS	72
	DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO EM PORTUGAL	80
	ANEXOS.....	82
	ANEXO A – TABELA DAS POTENCIALIDADES E FRAGILIDADES	83
	<i>Anexo A1 – Tabela de Potencialidades e Fragilidades da PES II do 1.º CEB</i>	83
	<i>Anexo A2 – Tabela de Potencialidades e Fragilidades da PES II do 2.º CEB</i>	84
	ANEXO B – ENTREVISTA À PROFESSORA COOPERANTE DA PES II NO 1.º CEB	85
	<i>Anexo B1 – Guião do Inquérito por Entrevista</i>	85
	<i>Anexo B2 – Transcrição do Inquérito por Entrevista</i>	86

ANEXO C – DIÁRIO DE BORDO DA PES II DO 1.º CEB	97
ANEXO D – PASSAPORTE DO BIÓLOGO, IMPLEMENTADO NO 2.º CEB	113
<i>Anexo D1 – Autocolantes do passaporte do biólogo</i>	119
ANEXO E – QUESTIONÁRIOS FINAIS IMPLEMENTADOS ÀS TURMAS DO 2.º CEB	120
<i>Anexo E1 – Questionários implementados às turmas do 2.º CEB</i>	120
ANEXO F – DIÁRIO DE BORDO DA PES II NO 2.º CEB.....	121
ANEXO G – GO DAS SEMANAS DE OBSERVAÇÃO	128
<i>Anexo G1 – GO das Semanas de Observação no 1.º CEB</i>	128
<i>Anexo G2 – Análise das GO das Semanas de Observação no 1.º CEB</i>	130
ANEXO H – LIVRO DE OURO DO 1.º CEB	132
ANEXO I – GO NAS SEMANAS DE INTERVENÇÃO NO 1.º CEB	155
<i>Anexo I1 – GO nas semanas de intervenção no 1.º CEB</i>	155
<i>Anexo I2 – Análise às GO nas semanas de intervenção no 1.º CEB</i>	159
<i>Anexo I3 – Análise geral às GO analisadas</i>	163
ANEXO J – QUESTIONÁRIOS FINAIS IMPLEMENTADOS ÀS TURMAS DO 1.º CEB.....	164
<i>Anexo J1 – Questionários implementados às turmas do 1.º CEB</i>	164
<i>Anexo J2 – Análise aos Questionários implementados às turmas do 1.º CEB</i>	166
ANEXO K – FICHA DE TRABALHO DE TEXTO DA CASA ASSOMBRADA	181
ANEXO L – FICHA DE TRABALHO DE TEXTO DO SOL DESAPARECIDO	183
ANEXO M – HOSPITAL DAS PALAVRAS.....	184
ANEXO N – CONCURSO DA SABEDORIA	185
<i>Anexo N1 – Concurso da Sabedoria – Apresentação powerpoint</i>	185
<i>Anexo N2 – Concurso da Sabedoria – Cartão de jogo powerpoint</i>	185
ANEXO O – ATIVIDADE “VAMOS VIAJAR PELA EUROPA”	186
<i>Anexo O1 – Atividade “Vamos Viajar pela Europa” – Bilhete de viagem</i>	186
<i>Anexo O2 – Atividade “Vamos Viajar pela Europa” – Mala de viagem</i>	186
<i>Anexo O3 – Atividade “Vamos Viajar pela Europa” – Panfletos dos Países</i>	186
<i>Anexo O4 – Atividade “Vamos Viajar pela Europa” – Apresentação powerpoint</i>	187
<i>Anexo O5 – Atividade “Vamos Viajar pela Europa” – Registo das apresentações</i>	188
<i>Anexo O6 – Atividade “Vamos Viajar pela Europa” – Produção final da turma</i>	188
ANEXO P – ATIVIDADE “MISSÃO PORTUGAL_ CÓDIGO 00P”	189
<i>Anexo P1 – Atividade “Missão Portugal” – Apresentação powerpoint</i>	189
<i>Anexo P2 – Atividade “Missão Portugal” – Cartões de Espião</i>	189
<i>Anexo P3 – Atividade “Missão Portugal” – Cartas indutoras da Missão 00P e 00M</i>	190
<i>Anexo P4 – Atividade “Missão Portugal” – Pasta da Missão</i>	190

<i>Anexo P5 – Atividade “Missão Portugal” – Guião de exploração dos distritos.....</i>	<i>191</i>
<i>Anexo P6 – Atividade “Missão Portugal” – Guião de exploração das regiões autónomas.....</i>	<i>191</i>
<i>Anexo P7 – Atividade “Missão Portugal” – Chaves dos distritos</i>	<i>192</i>
<i>Anexo P7 – Atividade “Missão Portugal” – Powerpoint das apresentações finais</i>	<i>194</i>
<i>Anexo P8 – Atividade “Missão Portugal” – Distintivo da Agência O.R.C.A.</i>	<i>195</i>
<i>Anexo P9 – Atividade “Missão Portugal” – Distintivo do Grupo Malvado.....</i>	<i>196</i>
<i>Anexo P10 – Atividade “Missão Portugal” – Produção final da turma.....</i>	<i>196</i>
<i>ANEXO Q – GTT SOBRE O LIVRO “A MELHOR MÃE DO MUNDO”</i>	<i>197</i>
<i>ANEXO R – GTT SOBRE O POEMA</i>	<i>198</i>
<i>ANEXO S – PLANIFICAÇÃO DA ATIVIDADE “VAMOS VIAJAR PELA EUROPA”</i>	<i>199</i>
<i>ANEXO T – ATIVIDADE “EXPLORAÇÃO DO GLOBO”</i>	<i>201</i>
<i>ANEXO U – ATIVIDADE “TEXTO COM DADOS”</i>	<i>201</i>
<i>ANEXO V – PLANIFICAÇÃO DA ATIVIDADE “MISSÃO PORTUGAL – CÓDIGO OOP”</i>	<i>202</i>

AGRADECIMENTOS

| ' ' | | ' ' |

À minha família, o meu pai Carlos, a minha mãe Emília, o meu irmão Bruno, o meu irmão Filipe, a minha irmã Diana, a minha cunhada Madalena, a minha cunhada Inês, o meu cunhado Guilherme, a minha avó Joaquina e a minha sobrinha Alice, que não só ficaram comigo a construir os recursos que eu necessitava para a semana ou dia seguinte, como me incentivaram a dar sempre o meu melhor e a ser a melhor versão de mim mesmo. O vosso apoio e dedicação foi indispensável para conseguir terminar este meu percurso e espero sempre poder contar com vocês para tudo.

Aos meus colegas de mestrado, que partilharam comigo dias e noites a fio de incansável trabalho e dedicação a realizar trabalhos com ideias e atividades fora do normal. Também vos agradeço pelo apoio e dedicação ao longo da prática, pelas discussões, pelos debates, pelas conversas. Um agradecimento especial à Joana, à Carlota, à Inês e ao Rafael.

À Joana, a minha colega de estágio, que sempre esteve lá para me apoiar em todos os momentos, que ia sempre nas minhas ideias e por me auxiliar a criar uma prática dentro dos nossos objetivos pessoais. Foste mais do que uma colega de estágio, foste um forte pilar nesta jornada.

À professora Raquel por teres aceite esta tarefa de receber estagiários e por nos apoiares em todos os momentos bons e principalmente nos momentos mais difíceis. Sem ti este último estágio não tinha sido tão enriquecedor como foi. És uma inspiração para a educação de hoje e a educação do futuro e foste uma inspiração para mim.

Ao professor Tiago que me orientou e auxiliou no processo da construção do relatório final, exigindo o melhor de mim, mas dando sempre apoio pedagógico e principalmente emocional. Obrigado por ter aceite este desafio não convencional e por me ter auxiliado a aperfeiçoá-lo. O final de uma jornada é duro, mas foi bom tê-lo como apoio, como pilar de orientação e como bússola da ação pedagógica.

À professora Esmeralda, que me deu uma experiência fenomenal no primeiro estágio do meu mestrado e me permitiu sonhar e dar os primeiros passos da minha longa caminhada como educador.

A todos os meus professores que me desafiaram me permitiram propor desafios a mim mesmo. O vosso apoio levou-me a aperfeiçoar a minha maneira de ser, agir e estar.

Ao meu agrupamento de escuteiros e aos chefes que me criaram, Paulo D, Fátima, Paulo A, Susana, Zé Tó e muitos mais. Vocês encaminharam-me neste percurso escutista que tenciono transpor para a minha prática profissional. Vocês são a inspiração do que eu sou hoje. Um agradecimento especial à Susana, por me ter disponibilizado quase 200 revistas da Flor de Liz para o meu trabalho.

Aos meus amigos e companheiros escuteiros que discutiram ideias e tópicos comigo, sejam na sala da nossa sede ou à volta da fogueira. Um especial agradecimento à Equipa Zarco e aos meus companheiros de jornada Carla, Carolina e Ricardo.

Ao meu avô Zé que me deixava vê-lo construir e reconstruir máquinas e à minha avó Otilia que me dizia para eu sonhar com o coração, a cabeça e o corpo. Nunca chegaram a ver-me começar esta caminhada, mas estiveram sempre comigo.

Ao meu avô António, que me viste iniciar esta jornada, mas não a terminar. O teu sorriso, a tua alegria e a tua vontade de ser, sempre me inspiraram a dar o meu melhor. Obrigado pelos passeios, pelas conversas e pelos concelhos. Espero estar a fazer-te orgulhoso.

RESUMO / ABSTRACT

| ' ' | | ' ' |

Resumo

A pedagogia escutista apresenta uma variedade de estratégias que são utilizadas no seu estilo de educação não formal. Estas visam a que as crianças sejam futuros cidadãos ativos, envolvidos e interessados em querer fazer, ser, saber e viver com o outro. No enorme leque de estratégias do escutismo, o Imaginário destaca-se como elemento que envolve as crianças nas suas dinâmicas, por meio de dramatizações, jogos, instrumentos, danças, vestuários e muito mais (WOSM, 1998; Benard, et al. 2012). As dinâmicas que recorrem ao Imaginário pretendem apelar ao interesse das crianças e promover o seu envolvimento e participação, algo que é elemento chave para a aquisição e aprimoramento de conhecimento (Brunner, 1997).

Perante esta estratégia inerente ao movimento escutista, no presente relatório final de mestrado, pretende-se investigar a possível influência que o Imaginário tem nos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico, orientada pela questão de investigação: **“Será que a utilização do Imaginário tem influência no envolvimento e participação dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico nas tarefas das aulas?”**. Optando-se por realizar um estudo de caso com cinco alunos de uma turma do 3.º ano do 1.º ciclo, também se visa a responder a dois objetivos gerais de estudo: **(A)** Explorar o envolvimento e participação dos alunos nas tarefas das aulas; **(B)** Analisar os efeitos do trabalho do Imaginário como prática pedagógica nas tarefas das aulas.

Por forma a responder à questão de investigação e aos objetivos gerais, foram utilizadas três técnicas de recolha de dados: (1) Observação participante; (2) Análise documental; (3) Inquérito por questionário. Através da análise dos dados recolhidos, foi possível averiguar que o Imaginário tem uma influência positiva no envolvimento e participação dos alunos em estudo, uma vez que os imergem numa temática, por meio da sua representação física com recursos ou dinâmicas criadas.

Palavras chave: Imaginário; Envolvimento; Participação; 1.º Ciclo; Práticas Pedagógicas.

Abstract

Scout pedagogy presents a variety of strategies that are used in its non-formal education style. These aim for children to be future active citizens, involved and interested in wanting to do, to be, to know and to live with others. In the huge range of scouting strategies, the Imaginary stands out as an element that involves children in various dynamics, through dramatizations, games, instruments, dances, clothing and much more (WOSM, 1998; Benard, et al. 2012). The dynamics that use the Imaginary aim to appeal to children's interest and promote their involvement and participation, something that is a key element for the acquisition and improvement of knowledge (Brunner, 1997).

Given this strategy from the Scout movement, in this master's final report, I intend to investigate the possible influence that the Imaginary has on students in the 1st Cycle of Basic Education, guided by the research question: "Does the Imaginary have an influence on the involvement and participation of 1st Cycle of Basic Education students in class tasks?" Choosing to carry out a case study with five students from a 3rd year class of the 1st cycle, the aim is also to respond to two general objectives of the study: (A) Explore involvement and participation of students in class tasks; (B) Analyze the effects of Imaginary work as a pedagogical practice in class tasks.

In order to answer the research question and the OG's, three data collection techniques were used: (1) Participant observation; (B) Document analysis; (C) Questionnaire research. By grouping the analysis with the data collected by the instruments already mentioned, it was possible to verify that the Imaginary has a positive influence on the involvement and participation of students in study, since it immerses them in a theme, through its physical representation with resources or dynamics.

Key words: Imaginary; Involvement; Participation; 1st Cycle; Pedagogical Practice.

**LISTA DE
ABREVIATURAS**

| ' ' | | ' ' |

AE	Aprendizagens Essenciais
AEC	Atividades de Enriquecimento Curricular
CEB	Ciclo do Ensino Básico
CNE	Corpo Nacional de Escutas
GO	Grelhas de Observação
FTT	Ficha de Trabalho de Texto
GTT	Guião de Trabalho de Texto
JI	Jardim de Infância
MEM	Movimento da Escola Moderna
OG	Objetivos Gerais
PASEO	Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória
PE	Projeto Educativo
PES II	Prática de Ensino Supervisionada II
PC	Professora Cooperante
PLNM	Português Língua Não Materna
SPCE	Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação
TEA	Tempo de Estudo Autónomo
TEIP	Projeto Territórios Educativos de Intervenção Prioritária
WOSM	World Organization of the Scout Movement

LISTA DE TABELAS

| | ' ' | | ' ' |

Tabela 1: <i>Tabela dos Níveis de Trabalho do Imaginário</i>	33
Tabela 2: Indicadores presentes nas GO's, suas descrições por grau de envolvimento e suas classificações por grau.	40
Tabela 3: Técnicas e instrumentos utilizados para a recolha de dados, tendo em conta os OG's.	43
Tabela 4: Dinâmicas planeadas para serem executadas ao longo da prática.	46
Tabela 5: <i>Tabela da geral das observações que inclui as médias do envolvimento de cada aluno para cada uma das atividades implementadas com o Imaginário</i>	61
Tabela 6: <i>Apreciação média da turma e dos alunos em estudo, perante os diferentes elementos das atividades “Vamos Viajar pela Europa” e “Missão Portugal – Código 00P”</i>	63

1. INTRODUÇÃO

| ' ' | | ' ' |

O presente relatório apresenta a investigação científica realizada no decorrer da Prática de Ensino Supervisionada II (PES II) e visa à descrição dos contextos e da prática nela realizada assim como à descrição do estudo desenvolvido subordinado à questão de investigação *“Será que a utilização do Imaginário tem influência no envolvimento e participação dos alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) nas tarefas das aulas?”*. Este relatório final é apresentado à Escola Superior de Educação de Lisboa, por forma a obter o grau de mestre em Ensino do 1.º CEB e de Matemática e Ciências Naturais do 2.º CEB, mestrado profissionalizante que habilita a docência nestes dois ciclos de ensino.

A PES II é a unidade curricular que ocupa a totalidade do segundo semestre do mestrado já mencionado e divide-se em dois momentos de prática. O primeiro momento realizou-se no em duas turmas do 2.º CEB e o segundo em uma turma do 1.º CEB. Em ambos os casos foi feito um período de observação, no qual se retiraram dados para a identificação de uma problemática que contribuísse para a atenuação de uma ou várias fragilidades das turmas, seguido de um período de implementação no qual se visa à ação da prática docente, em parceria com a implementação de estratégias que viessem responder à problemática elencada e aos seus objetivos gerais (OG) subjacentes. Esta unidade curricular também tencionou à realização de um estudo subjacente a uma questão ou temática à escolha do estagiário. As características globais desta unidade curricular atribuem a este período de formação um valor importante na transição entre a formação inicial de professores para a prática profissional docente.

O presente documento encontra-se dividido em sete partes. O capítulo 2 “Descrição da Prática” incide na descrição e análise de ambas as práticas realizadas nas duas valências de ensino, descrevendo os contextos, as suas problemáticas e OG’s, as estratégias implementadas e a avaliação executada. Já o capítulo 3 “Apresentação do Estudo” visa a apresentar o estudo realizado tendo em conta a questão de investigação supramencionada, indicando a motivação do mesmo. No capítulo 4 “Fundamentação Teórica” é conduzida uma revisão de literatura na qual se define o envolvimento, o interesse e a motivação como elementos fundamentais na aprendizagem, assim como se defino o Imaginário, a estratégia a implementar, da seguinte forma: (a) como elemento da pedagogia escutista e o seu local na mesma; (b) quais os seus benefícios; (c) qual a sua divergência do conceito “Imaginação”; (d) qual a sua relação com a educação; (e) como

é que este consegue ser trabalhado em contexto real. No capítulo 5 “Metodologia” é apresentada a metodologia implementada, indicando: (i) a natureza do estudo e o seu design; (ii) as técnicas, instrumentos e procedimentos de recolha e análise de dados; (iii) o plano de ação delineado; (iv) os princípios éticos que se devem ter em conta numa investigação científica. No capítulo 6 “Resultados” é promovida a análise dos dados extraídos ao longo da prática. O capítulo 7 “Conclusão” realiza-se a conclusão de toda a investigação, tendo em conta a análise dos resultados realizada no tópico anterior. O oitavo e último capítulo “Reflexão Final” pretende descrever de um ponto de vista crítico e reflexivo quais os contributos da prática realizada na PES II, assim como a realização da investigação do presente estudo, para a minha futura prática profissional como docente.

2. DESCRIÇÃO DA PRÁTICA

| ' ' | | ' ' |

No decorrer do presente capítulo irão ser descritas as duas práticas exercidas na unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada II (PES II), sendo que uma foi promovida no 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB), numa turma de 3.º ano e a outra em duas turmas de 5.º ano do 2.º CEB, nas disciplinas de Matemática e Ciências Naturais. A informação explanada nos subtópicos que descrevem a prática exercida tem por base os Planos de Intervenção de cada prática, assim como na Entrevista realizada à professora cooperante (PC, [Anexo A](#)), os documentos oficiais orientadores das instituições, as tabelas das fragilidades e potencialidades realizada para cada intervenção ([Anexo B](#)) e os Dossiês de estágio. O último subtópico deste capítulo apresenta uma análise realizada a ambas as práticas, fazendo referência ao Diário de bordo ([Anexo C](#)) elaborado para uma das mesmas.

2.1. Descrição da prática pedagógica do 1.º CEB

2.1.1. Caracterização do contexto educativo do 1.º CEB

Situado em Lisboa, a instituição na qual foi realizada a PES II do 1.º CEB corresponde a uma Escola Básica pública de um agrupamento de quatro escolas que pertencem ao Projeto Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP) que apoia estabelecimentos em zonas desfavorecidas e com um nível económico e social baixo.

O contexto em questão possui as valências de Jardim de Infância (JI), com duas salas para o efeito, e de 1.º CEB, com oito salas para o efeito, duas por ano. Inaugurado em 2010, este estabelecimento possui três pisos com salas para os alunos, biblioteca, refeitório, sala de professores, sala de auxiliares, sala para as atividades de enriquecimento curricular (AEC), três pares de casas de banho divididos por sexos, uma casa de banho para adultos, algumas salas de arrumos, ginásio, com três balneários e duas salas de material, e um recreio com campo de futebol de asfalto, alguns jogos desenhados no chão e uma horta. O agrupamento deste estabelecimento ainda possui uma vasta oferta educativa, com AEC's nas áreas das Expressões, Educação Musical, Movimento e Atividade Física e Desportiva (República portuguesa – Educação, 2021).

O estabelecimento em questão tem como principais objetivos a educação de qualidade e inclusiva que visa a integrar os alunos como membros ativos e participativos da sociedade. Estes, presentes no projeto educativo (PE) da instituição, aliados com a os

objetivos da PC, de um trabalho autónomo e autorregulado ([Anexo A1](#)), pretendem formar alunos capazes e competentes.

2.1.2. Caracterização da turma do 1.º CEB

O contexto educativo do 1.º CEB foi realizado numa turma de 3.º ano que possuía vinte e um alunos, entre os 8 e os 11 anos de idade. De entre estes, oito encontram-se ao abrigo do Decreto-Lei n.º 54/2018, com medidas universais, sendo que um apresenta um problema genético raro ainda em estudo. Três destes oito alunos beneficiam de medidas seletivas, um com perturbações do Espectro do Autismo, outro com um glaucoma ocular e o último possui o transtorno do défice de atenção com hiperatividade (Entrevista à professora cooperante da PES II 1.º CEB – [Anexo B](#)). Esta turma dispõe de alunos com ascendências diversas, contanto com dois brasileiros, um guineense, dois são-tomenses e um cabo-verdiano. A maioria dos alunos provêm de uma classe média-baixa, com pais separados, de baixa literacia e o seu envolvimento escolar é diminuto.

Independente das origens e dificuldades dos discentes, estes apresentam-se como empenhados e interessados, com um forte espírito de união, respeito e entreajuda.

2.1.3. Projeto de Intervenção na PES II do 1.º CEB

No decorrer das semanas de observação foi possível identificar algumas das potencialidades e fragilidades dos alunos ([Anexo A1](#)), nomeadamente a dificuldade na realização das habilidades motoras fundamentais, as poucas experiências pessoais e culturais, normalmente realizadas em família, a facilidade na comunicação e a autonomia do grupo. Com isto em mente e com a perspetiva de um trabalho orientado pela prática pedagógica da PC baseado nos princípios do Movimento de Escola Moderna (MEM), foi formulada a problemática: *“Será que o envolvimento dos alunos em atividades de interação com o meio promove o desenvolvimento das habilidades motoras fundamentais?”*. Para esta criaram-se os objetivos gerais (OG): *“OG1_1.ºCEB: Melhorar a proficiência motora”*, que pretende realizar atividades rotineiras que desenvolvam estas habilidades; *“OG2_1.ºCEB: Desenvolver aprendizagens pela interação com o meio”*, que visam à realização de atividades no meio envolvente. Assim sendo, foram criadas rotinas de atividade física regular, com a realização de aulas de

Educação Física para promover o desenvolvimento de habilidades motoras de uma forma eficaz e progressiva (Rodrigues et al. 2019).

Ao longo desta prática também foram utilizadas estratégias para proporcionar o desenvolvimento e apropriação do currículo inerente à intervenção, sendo que uma destas foi a utilização do Imaginário, elemento da pedagogia escutista, na criação de instrumentos e momentos interativos que pretendiam imergir os alunos na realização das tarefas/atividades, transfigurando temáticas escolhidas pelo professor ou pelos alunos em ação explícita de trabalho curricular (Benard et al., 2012). Entre outras estratégias, o foco central desta implementação foi a realização de tarefas, exercícios, dinâmicas ou atividades que promovessem um ensino centralizado no aluno, de forma a que este pudesse individualmente ou em grupo, realizar a exploração dos conceitos e pudesse ser um elemento ativo da sua própria aprendizagem (Folque, 2012 e Bender, 2003).

Por forma a garantir dados de análise para a avaliação desta problemática, foram utilizados alguns instrumentos de recolha de dados, como grelhas de observação, notas de campo, diário de bordo e questionários implementados à turma.

2.1.4. Avaliação do Projeto de Intervenção da PES II do 1.º CEB

Foi possível observar, ao longo da intervenção, que os alunos foram adquirindo um melhor desenvolvimento nas suas habilidades motoras, o que se apresenta como um bom comprimento do OG1_1.ºCEB delineado. No entanto, o OG2_1.ºCEB, não teve uma taxa de sucesso elevada, uma vez que não foram possíveis a realização de muitas atividades de interação com o meio, para além do ginásio. Pode-se então concluir que o envolvimento dos alunos em atividades de interação com o meio promove sim o desenvolvimento das habilidades motoras, em especial se for mantida uma prática regular e constante das mesmas.

2.2. Descrição da prática pedagógica do 2.º CEB

2.2.1. Caracterização do contexto educativo do 2.º CEB

Situada em Lisboa, o contexto educativo na qual se realizou esta prática corresponde a uma Escola Básica do 1.º ao 3.º CEB. Esta é sede de um agrupamento de cinco escolas, sendo que, tal como a instituição no 1.º CEB, esta encontra-se ao abrigo do

projeto das Escolas TEIP com 55% dos alunos beneficiam de Serviço de Ação Social Escolar (Agrupamento de escolas, 2023).

A escola na qual se realizou esta intervenção possui sete pavilhões: (a) um pavilhão para os serviços centrais, incluindo biblioteca escolar, sala de informática e sala e bar de professores; (b) três pavilhões compostos por salas de aula, de entre os quais, um possui os laboratórios de Ciências, Físico-química e Matemática e um auditório. (c) um pavilhão de desporto com espaço exterior e interior, incluindo um ginásio (d) um pavilhão dos alunos que possui o bar e refeitório dos alunos, assim como uma loja de material escolar (e) um pavilhão apenas para o 1.º CEB, onde estão as salas de apoio para os alunos com necessidades, incluindo a sala da Unidade de Multideficiência.

De acordo com o PE (Agrupamento de escolas, 2023) esta escola tem como missão o “desenvolvimento integral das crianças e jovens” (p.15), e ainda tem como finalidades: “a) Promover o sucesso educativo; // b) Valorizar o contributo de todos os membros da comunidade educativa; // c) Educar para uma cidadania ativa” (p.16).

2.2.2. Caracterização da turma do 2.º CEB

O contexto educativo do 2.º CEB no qual foi executada a PES II, realizou-se em duas turmas de 5.º ano (A e B), sendo que ambas são compostas por dezanove alunos. A Turma A possui alunos dos 10 aos 16 anos de idade, já a turma B contém alunos entre os 10 e os 13 anos de idade. A turma A, possui dois alunos ao abrigo do Decreto-Lei n.º 54/2018, um com medidas seletivas e outro com adicionais. Ainda possui três alunos que frequentam as aulas de Português Língua Não Materna (PLNM), sendo que dois destes não falam nem português nem inglês.

A turma B possui três alunos com medidas seletivas, dos quais um tem medidas adicionais. Este último é sempre acompanhado por um docente de apoio, passando grande parte do seu tempo na Unidade de Multideficiência da escola. Tanto na turma A, como na turma B a maioria dos alunos é de ascendência africana, sendo que a turma B possui 3 alunos provenientes do Brasil.

2.2.3. Projeto de Intervenção na PES II do 2.º CEB

Ao longo das semanas de observação foi possível constatar que estas duas turmas tinham fragilidades similares e que ambas incidiam na desmotivação para com a aprendizagem, a dificuldade em compreender os conhecimentos básicos e a dificuldade de autorregulação do comportamento ([Anexo B2](#)). Desta forma, foi formulada a problemática *“Como promover a autonomia e a motivação dos alunos, em Matemática e Ciências Naturais, por meio de atividades práticas e do desenvolvimento de habilidades metacognitivas”*, para tentar colmatar estas fragilidades. Para isto, foram criados os OG’s: *“OG1_2.ºCEB: Desenvolver o interesse pelos conteúdos curriculares, por meio de atividades práticas”*, no qual se tentaram implementar práticas educativas que motivem os alunos a assistirem e participarem de forma ativa nas aulas, para desenvolver interesse pelos conteúdos curriculares; *“OG2_2.ºCEB: Desenvolver competências de análise, compreensão e interpretação de enunciados e conceitos, recorrendo a estratégias de metacognição”*, visando a combater a fragilidade “incompreensão de enunciados” ([Anexo B2](#)), por meio de estratégias de metacognição que promovam uma leitura mais clara das tarefas a serem realizadas, tal como Azevedo e Alevén (2013) referem.

Ao longo da prática foram realizadas inúmeras atividades que pretenderam colmatar as dificuldades já apresentadas, tal como a realização de experiências e atividades de natureza investigativa, que tentavam integrar o quotidiano dos alunos com os conteúdos programáticos, como as propriedades do ar e os revestimentos dos animais. Também foram realizadas atividades de exploração com utilização de recursos, como a exploração no geogebra e a construção de triângulos com o compasso. Nos planos inerentes a esta prática também foram explicitadas algumas estratégias de metacognição que foram utilizadas para colmatar as dificuldades dos alunos, como a utilização de esquemas, sínteses e tabelas e a recorrente prática de rodear, sublinhar e procurar significados de palavras desconhecidas.

2.2.4. Avaliação do Projeto de Intervenção da PES II do 2.º CEB

A problemática identificada neste estágio requeria um trabalho de cariz contínuo e a longo prazo, o que não se verificou ao longo da prática. Isto implica que para continuar o pretendido pelo OG2_2.ºCEB era essencial um pouco mais de tempo de intervenção. A

implementação de estratégias de metacognição para desenvolver competências de análise, compreensão e interpretação de enunciados e tarefas não é tarefa que se consiga realizar em apenas dois meses de intervenção. Já o OG1_2.ºCEB, foi alcançado apenas em alguns momentos, uma vez que o interesse e participação dos alunos aumentou. Por isso é possível dizer que as atividades práticas e o desenvolvimento de habilidades metacognitivas podem promover a autonomia e a motivação dos alunos, no entanto, tem de ser numa prática regular, constante e duradoura, não apenas efetuada em alguns meses.

2.3. Análise crítica das práticas pedagógicas

Ao longo de ambas as práticas da PES II foi possível incidir em necessidades diferentes das várias turmas. Uma turma necessitava de uma intervenção mais geral da aprendizagem aquando a outra carecia de um desenvolvimento de habilidades mais específico. As turmas também eram bastante diferentes, sendo que a turma do 1.º CEB estava habituada a um trabalho mais autónomo que coloca o aluno e o grupo no centro a sua própria aprendizagem (Folque, 2012), por meio da prática do MEM. Porém os alunos do 2.º CEB estão habituados a um ensino transmissivo que coloca o adulto no centro da aprendizagem e o aluno como recetor de informação (Arends, 2008).

Apesar da prática ter sido promovida pela mesma unidade curricular, PES II, esta teve uma diferencia fulcral que orientou a organização do currículo dos alunos. Esta diferença prende-se no facto de apenas ser lecionado conteúdos de Matemática e Ciências Naturais aos alunos do 2.º CEB, e o leque de disciplinas a lecionar no 1.º CEB ser mais vasto, abordando as áreas de Português, Matemática, Estudo do Meio, Artes Visuais, Educação Física, Teatro.

Neste subtópico almeja-se à análise crítica das duas intervenções realizadas, abordando os seguintes assuntos: (a) desenvolvimento das competências dos alunos; (b) métodos de ensino utilizados e a organização e desenvolvimento do currículo; (c) relação pedagógica entre pares; (d) processos de avaliação aplicados nos diferentes contextos.

2.3.1. Desenvolvimento das Competências dos Alunos

Os contextos nos quais se desenvolveram as duas intervenções da PES II tinham grandes similaridades, uma vez que eram ambos contextos de Escola Pública dentro do

projeto do governo das Escolas TEIP, o que implica que os contextos socioeconómicos são relativamente semelhantes. A par com estas semelhanças, também se pode afirmar que as turmas, apesar de em anos de escolaridade diferentes, têm uma origem muito similar, uma vez que muitos dos alunos das três turmas têm uma ascendência africana, com alguns alunos brasileiros, sendo que, em ambos os casos, existe um acompanhamento diminuto dos encarregados de educação na escola. Apesar das similaridades dos alunos, a forma como os PC's operavam com eles era extremamente diferente, tal como já foi referido, o que levou ao registo de diferentes fragilidades.

Independentemente de algumas dificuldades encontradas no caminho, visou-se a uma prática integradora que viesse colmatar as fragilidades apresentadas pelos alunos. No entanto, estas foram praticamente espetais nos dois contextos. Os alunos do 1.º CEB necessitavam de uma intervenção nas suas competências e habilidades motoras, uma vez que, devido aos efeitos da pandemia, estes alunos não tiveram JI e por isso não desenvolveram como deve ser as suas habilidades motoras. Já os alunos do 2.º CEB, devido ao estilo de ensino a que estão sujeitos e ao desinteresse geral da turma em querer aprender e em estar relacionados com a escola, estes alunos careciam do gosto pela aprendizagem e das ferramentas essenciais para conseguir interpretar, analisar e resolver os exercícios que lhes eram colocados. Devido a este desinteresse e dificuldades na compreensão e execução dos exercícios, foi mais difícil implementar tarefas de exploração centradas nos alunos no 2.º CEB, uma vez que eles não estavam habituados e os alunos tinham mais interesse em brincar com os materiais do que desenvolver as atividades. Este último ponto é sustentado pelo que está descrito no Diário de bordo ([Anexo C](#)) deste contexto, nomeadamente no registo Ca DB 14, no qual se descreve que houve uma atividade cancelada devido ao comportamento da turma.

Devido a todos estes fatores, a implementação no 1.º CEB foi mais eficaz que a do 2.º CEB, uma vez que os alunos estavam mais predispostos a aprender e a realizar as dinâmicas, sendo que os OG's da intervenção no 1.º CEB tiveram um maior êxito que os OG's da intervenção no 2.º CEB. Isto não implica que não foi possível realizar um melhoramento das fragilidades. Pelo contrário. O que isto implica é que o trabalho exercido no 2.º CEB, requeria uma maior duração de estágio, por forma a que pudessem existir resultados mais promissores.

Salienta-se ainda que, mesmo com contextos diferentes, em ambos foi tido em conta o que está homologado no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (PASEO) (Martins et al., 2017), prevendo sempre o desenvolvimento das competências cognitivas e metacognitivas, assim como as físicas e práticas que elevam os alunos a serem futuros adultos proativos e cidadãos úteis na sociedade.

2.3.2. Métodos de Ensino

Oliveira-Formosinho (2003) indica que um modelo pedagógico é um sistema que combina a teoria e a prática. Este rege-se também pelos indicadores descritos no Decreto-Lei n.º 241/2001, que indicam que a prática do docente deve se focar na construção de conhecimento em cima do conhecimento que as crianças já possuem, colocando os alunos no centro das suas aprendizagens. No caso da implementação realizada, salienta-se que a abordagem para com a prática foi essencialmente idêntica nas duas intervenções, uma vez que se orientou pelos mesmos princípios: (1) o aluno aprender fazendo; (2) o aluno aprender por meio de atividades de exploração; (3) o aluno aprender como agente principal da sua própria aprendizagem. Desta maneira, quer-se chegar a uma aprendizagem mais envolvida, eficaz e significativa e que promova a participação e o interesse dos alunos (Bender, 2003). Com isto em mente, também se tentou seguir a prática rotineira que os PC's já tinham implementado com a turma. Na prática do 1.ºCEB foi mais eficaz o alinhamento da prática com a rotina previamente implementada, pois este tipo de ensino é característico do MEM e da prática de quem o segue. Porém, a prática no 2.º CEB também tentou orientar-se pela prática da PC, tendo sido realizados vários momentos expositivos e, apesar de mais diminuto, também foi utilizado o manual. Contudo, foi tentado implementar pelo menos uma atividade de exploração por semana, às vezes de duas em duas semanas, por forma a chegar aos princípios já evidenciados.

Uma prática também recorrente em ambas as intervenções, foi a utilização constante do conhecimento lecionado, para proporcionar novas aprendizagens e novas experiências. Isto quer dizer que sempre que algo era lecionado, esses conteúdos eram mobilizados para promover a aprendizagem seguinte, por forma a que o processo ensino-aprendizagem seja mais dinâmico, intra e interdisciplinar o que leva a uma melhor manipulação do conhecimento e da sua apropriação (Lopes & Silva, 2019).

Devido ao cariz das atividades de exploração implementadas em ambos os contextos, a posição do adulto alterava-se de transmissor para auxiliar das descobertas, sendo que foi mais frequente a posição de auxiliar de descobertas no 1.º CEB, uma vez que foram implementadas mais atividades para esse efeito. Contudo, foi-se sempre tentando encontrar um equilíbrio entre a liderança do adulto e a liderança dos alunos, proporcionando sempre que possível, momentos de diálogo que utilizassem o feedback positivo em prol do desenvolvimento das valências dos alunos.

2.3.3. Relação Pedagógica

Em prol de uma relação saudável e promotora de aprendizagens, tentou sempre criar um ambiente harmonioso que pudesse facilitar os alunos a aprenderem e quererem aprender. No entanto, nem sempre foi possível ter uma atitude permissiva nas aulas, em especial no 2.º CEB. Nestes contextos a postura autoritária esteve mais presente, devido ao mau comportamento das turmas. Foram tomadas atitudes mais rígidas neste contexto para que se conseguisse lecionar. Contudo, independentemente da atitude em sala de aula, os alunos desta valência cumprimentavam e vinham falar com os estagiários quando os viam fora das aulas, o que indica que a relação estabelecida foi positiva. Contudo, cativar os alunos deste ciclo a ir às aulas foi algo mais desafiante, uma vez que era frequente as vezes que só existiam 15 alunos em aula. Já no 1.º CEB foi possível variar mais de postura autoritária para permissiva, uma vez que estes alunos têm um trabalho prévio do desenvolvimento da autonomia e da autorregulação comportamental e emocional. Possivelmente, devido ao cariz de monodocência desta valência, sentiu-se que a relação com estes alunos era mais forte que com os do 2.º ciclo, uma vez que com estes também foi possível estar com eles no recreio, aquando que no outro ciclo não.

2.3.4. Processos de avaliação

A avaliação é um processo recorrente e com alta relevância na prática educativa, uma vez que é com este que se conseguem recolher dados que orientam o comportamento do docente para implementar estratégias que colmatem dificuldades e/ou aproveitem facilidades no processo ensino-aprendizagem (Pinto, 2002). Fernandes (2020), corrobora com isto, afirmando ainda que o acompanhamento do trabalho dos alunos e o feedback

fornecido a tal trabalho também é uma forma de avaliação eficaz que permite a realização de uma avaliação formativa focada no desenvolvimento dos alunos.

Devido à grande importância que é o processo de avaliação, foi dada primazia à avaliação formativa ao longo de ambas as intervenções, dando feedbacks pontuais, corrigindo os trabalhos e as tarefas dos alunos sempre que eram executadas, fornecendo comentários nos aspetos positivos e nos aspetos a melhorar do que os discentes executaram. A título do trabalho realizado no 1.º CEB, foi possível executar uma avaliação formativa mais eficaz, uma vez que os trabalhos realizados no Tempo de Estudo Autónomo (TEA), facilitaram os feedbacks e apoios dados ao processo de aprendizagem dos alunos. No entanto, em ambas as intervenções, foi realizada uma ficha de avaliação sumativa, cujo seu objetivo era averiguar os conhecimentos que os alunos adquiriram ao longo da prática pedagógica.

3. APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

| ' ' | ' ' |

A fisherman does not bait his hook with food he likes.

He uses food the fish likes.

So with boys.

A origem desta frase não é clara. No entanto ela é coloquialmente atribuída a Robert Baden-Powell, o fundador do maior movimento juvenil do mundo, o Escutismo. Independentemente da sua origem, há algo importante que se retira desta frase: É mais fácil cativar uma criança com aquilo que ela gosta, do que tentar força-la a gostar do que os adultos gostam. Isto também se pode transpor para o ramo da educação, idealizando uma prática pedagógica na qual se ensina através dos gostos e interesses dos alunos.

Este é a temática do presente relatório final. No entanto, como é que se pode fazer com que os alunos estejam mais motivados para aprender? E como é que se pode cativar e envolver uma criança no seu processo de ensino-aprendizagem?

Acredito que existem inúmeras maneiras de responder a estas questões. Bender (2003) afirma que a melhor maneira de concretizar, isto é, através do “deep-learning” (p.2), ou seja, uma aprendizagem profunda e significativa que só é possível, pois coloca os alunos no centro da sua própria aprendizagem. Para realizar isto, é possível guiar-se por um leque de estratégias ou práticas pedagógicas, como a abordagem de exploração ambiental, proposta por Sarkowi et al. (2023), na qual os alunos interagem com o ambiente por meio da aprendizagem de conceitos sobre a área das ciências. Outras abordagens podem ser consideradas para este envolvimento dos alunos como elemento central, tal como a utilização da pedagogia escutista na prática pedagógica.

Em 2020, Asensio-Ramon et al. (2020) fizeram um estudo em que investigaram se o movimento escutista influenciava o melhoramento da performance escolar. Neste estudo foi concluído que os alunos que pertenciam aos escuteiros não só tinham uma performance académica elevada, como apresentavam menos problemas psicológicos de baixa autoestima que podem ter um impacto negativo na aprendizagem. Em 2021 foram conduzidos dois estudos similares nos quais se almejou compreender se os escuteiros como AEC tinham algum efeito no desenvolvimento pessoal e escolar dos alunos. Os estudos de Astuti et al. (2021) e de Ramadhani et al. (2021), da Indonésia, concluíram que os alunos que pertenciam ao movimento, não só tinham um melhor desenvolvimento na escola, como estavam mais imergidos e predispostos para a aprendizagem.

Estes três estudos, realizados em partes diferentes do mundo demonstram os benefícios que o movimento escutista consegue ter nos alunos, não só a nível da sua performance escolar, mas também a nível pessoal e mental. No entanto, estes apenas abordam o escutismo como uma influência externa das crianças e não como uma influência interna da prática pedagógica. Podemos por isso olhar para o estudo que foi desenvolvido em 2021 por Dégi e Asztalos na Europa Central, que afirma que a utilização de práticas normativas da pedagogia não formal do movimento escutista em contexto formal beneficia o desenvolvimento das crianças a todos os níveis. A prática do “Learning by doing” (p.2), promove um desenvolvimento a nível físico, intelectual, social, afetivo, de carácter e ainda desenvolve a capacidade de imaginação e criatividade (Lockhart, 2016).

A utilização de estratégias e práticas escutistas é algo que me é muito pessoal, uma vez que sou escuteiros desde os 11 anos e cresci com este movimento e através dele. Nestes vários anos como escuteiro tive o privilégio de participar e organizar um vasto leque de atividades que me levavam a pensar “Se isto fosse feito na escola eu tinha mais vontade de aprender” ou então “quem me dera poder fazer isto nas aulas”.

Foi através dos escuteiros que eu compreendi que queria ser professor e é através do que eles me ensinaram que eu quero ensinar. As suas dinâmicas de desenvolvimento pessoal carregadas de progressões individuais que desenvolvem valores sociais com base em atividades práticas é o estilo de ensino da minha preferência. Mas os escuteiros têm várias práticas e realizam atividades de naturezas diversificadas.

Algo que sempre me intrigou nas atividades foi a maneira como se utilizam temáticas e a maneira como estas eram trabalhadas, aquilo a que nos escuteiros se chama de Imaginário (Completo, 2020). Esta prática leva a cabo a utilização de instrumentos e momentos para guiar as atividades, criando, por exemplo, danças e cantorias à volta da fogueira, com roupas adequadas ao tema. Estas sempre me inspiraram a estar mais presente e envolvido e quando era eu a realizá-las queria promover o mesmo.

No meu último ano como caminheiro, fui responsável pela animação e Imaginário de uma das maiores atividades de núcleo¹ em Sintra, o Cenáculo². Nesta tive o prazer de idealizar e concretizar o Imaginário numa atividade para mais de cem pessoas, o que me fez compreender a sua importância para a motivação dos elementos. Neste mesmo ano, também fiquei encarregue do Imaginário da minha secção³. Aqui pude criar, em conjunto com a minha equipa, instrumentos, jogos, canções e muito mais, que guiaram as dinâmicas das atividades ao longo do ano, em especial no acampamento de verão. Estas atividades e este trabalho inspirou a maneira como atualmente ajo como dirigente do Corpo Nacional de Escutas (CNE). Inspirou-me de tal forma que o ano passado fui o responsável do Imaginário no departamento de núcleo da III^a secção no Acanuc, acampamento com os escuteiros do núcleo com por volta de oitocentos participantes, e sou atualmente o responsável do Imaginário no meu agrupamento, com por volta de cento e quarenta pessoas. Para este crio dinâmicas, canções, instrumentos, jogos, atividades, peças de teatro e muito mais para desenvolver a temática e as vontades dos elementos, levando-as ao encontro dos objetivos pedagógico do agrupamento e do movimento.

O estilo não formal de formação que o movimento escutista apresenta é referenciado pelos autores supramencionados e por muitos mais, como uma prática que exponencialmente aumenta e melhora as capacidades dos alunos em todas as áreas da sua vida, não apenas na escolar. Desta forma, devido ao cariz educativo de “aprender fazendo” que este movimento apresenta são vários os docentes que utilizam alguns dos seus elementos na sua prática pedagógica. Assim sendo, esta é a abordagem que também irá ser seguida para o presente estudo para verificar a melhor forma de cativar e envolver os alunos a realizarem as tarefas da aula por meio dos seus interesses. Para isso, pretende-se utilizar o Imaginário, um elemento específico da pedagogia escutista, para promover momentos e dinâmicas de aprendizagem que vão ao encontro dos interesses dos alunos e que visam ao seu envolvimento e participação na aprendizagem.

¹ Termo que indica uma das subdivisões territoriais do Corpo Nacional de Escutas (CNE). Estas são: (a) **Nacional**, o país; (b) **Regional**, mais ou menos os distritos; (c) **Núcleo**, subdivisão das maiores regiões; (d) **Agrupamento**, as unidades de escuteiros da comunidade.

² Fórum de caminheiros, no qual se debatem temas em prol de um mundo melhor.

³ Subdivisão pedagógica de um Agrupamento, tendo em conta a idade. A I.^a secção são os Lobitos, dos 6 aos 10 anos, a II.^a secção são os Exploradores, dos 10 aos 14 anos, a III.^a secção são os Pioneiros, dos 14 aos 18 anos e a IV.^a secção são os Caminheiros, dos 18 aos 22 anos.

A necessidade para utilizar o Imaginário não veio apenas de uma vontade pessoal. Ao longo da realização de ambos os estágios pude observar momentos nos quais alguns alunos apresentavam motivação ou vontade reduzida para os momentos de aprendizagem, ou então que estavam distraídos a tal ponto, que não conseguiam reter informação nenhuma. Na prática realizada em 1.º CEB foi possível observar que, apesar da qualidade do desempenho da turma, alguns alunos distraíam-se com alguma facilidade o que perturbava a dinâmica da aula e a sua própria aprendizagem. Por vezes essa distração chegava a perturbar os seus colegas. Isto fez-me pensar que a implementação do Imaginário pudesse promover o foco destes alunos, envolvendo-os por meio dos seus interesses. Este pensamento facilitou a conceção da questão de investigação delineada para o presente estudo: **“Será que a utilização do Imaginário tem influência no envolvimento e participação dos alunos do 1.º CEB nas tarefas das aulas?”**. Partindo desta questão desenvolveram-se os seguintes OG’s: **(OG A)** Explorar o envolvimento e participação dos alunos nas tarefas das aulas; **(OG B)** Analisar os efeitos do trabalho do Imaginário como prática pedagógica nas tarefas das aulas.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

| ' ' | | ' ' |

Desta forma, o presente capítulo principia com a definição de “Interesse”, “Motivação” e “Envolvimento” e o papel que o Imaginário têm em prol destes três fatores. Seguido da definição deste conceito, a sua posição na pedagogia escutista, abordando também a generalidade desta forma de trabalhar com as crianças e os seus objetivos gerais. Continuamente, será esclarecida a diferença entre a “Imaginação” e o “Imaginário” uma vez que são conceitos confundíveis. Este capítulo termina com a exposição da possível aplicação deste elemento da pedagogia escutista em Educação, nomeadamente como é que se pode concretizar o trabalho do Imaginário.

4.1. Interesse, Motivação e Envolvimento

A prática e o trabalho do Imaginário promovem o interesse das crianças nas tarefas que se realizam (Benard et al., 2012). Mas qual a necessidade de realizar tal feito?

A realidade é que esta questão existe na mente dos diversos pensadores ao longo dos tempos, não é algo novo. Brunner (1997) afirma que a estimulação do interesse sobre algo é a chave para transformar o processo ensino-aprendizagem em algo mais eficaz e eficiente. Não só isto, mas este autor ainda questiona “*How (...) do we arouse the child’s interest in the world of ideas?*” (p.73). A resposta não é simples, uma vez que o autor enfatiza que o estímulo pelo interesse proporciona a vontade de explorar e de tentar compreender. Desta forma, utilizar o interesse dos alunos para guiar a aprendizagem apresenta-se como uma estratégia eficaz e significativa. Mas o que é o interesse?

“Reason is nothing but interest” diz Harrington (2018, p.19) no seu livro “The Commonwealth of Oceana”. Isto significa que “a razão não é mais do que o interesse” e este interesse é a justificação da ação e da vontade de agir. O autor ainda prossegue para dividir a “razão” em três parâmetros, a: (1) “razão privada”, o interesse do Eu; (2) “razão do estado”, o interesse de quem governa; (3) “razão do todo”, o interesse da humanidade. Keller (2015) corrobora a ideia de Harrington afirmando que o interesse da humanidade é o que leva à evolução e ao desenvolvimento e que o “self-interest” é uma forma positiva de aprimorar o interesse da humanidade. As razões que levam ao interesse também levam ao envolvimento e à vontade de fazer e participar. Isto leva à motivação para fazer algo e visa ao envolvimento académico e intelectual (Willms et al. 2009).

Filgona et al. (2020) confirma o que os vários autores referem sobre a motivação e o interesse, sustentando igualmente que o interesse é uma das bases da motivação e que trabalhar com base no interesse pode levar o aluno a estar mais envolvido e a querer participar, logo, está motivado para aprender. Segundo estes autores, se a motivação estiver diretamente conectada com o interesse dos discentes, esta pode ser tanto intrínseca como extrínseca, uma vez que utiliza os gostos e necessidades dos alunos, assim como lhes pode apresentar materiais ou dinâmicas que os incentivem a ficarem envolvidos nas tarefas de aprendizagem. Duas das estratégias que os autores referem como eficazes na promoção de motivação é a utilização de “effective teaching aids” (p. 27), ou seja, material didático, e a utilização de métodos e técnicas interessantes que estimulem os alunos a estarem interessados nas tarefas inerentes, como dramatizações, atividades fora da sala de aula e atividades de exploração. Os autores ainda referem que a utilização deste tipo de estratégias é aprimorada se as dinâmicas realizadas e/ou elementos criados consigam proporcionar alguns sentimentos como: (i) novidade; (ii) surpresa; (iii) desafio.

Operar pelo interesse dos alunos é uma estratégia eficaz que promove a motivação, a participação e o envolvimento dos mesmos. No entanto, é importante compreender-se o que é o envolvimento e como é se o pode promover e observar.

O envolvimento de um aluno, ou “student engagement” (p.8), é um termo utilizado para descrever o senso geral das atitudes de um aluno tendo em conta a sua participação e reação às atividades e dinâmicas escolares (Willms, 2003). Este termo, apesar de fortemente conectado com os discentes, não depende apenas deles, pois a maneira como lhes são apresentadas as dinâmicas, a pessoa que as está a apresentar, o local onde estão a ser realizadas e os participantes da mesma têm uma forte influência na forma como o aluno reage a algo. Desta forma, o alto envolvimento dos alunos nas atividades e dinâmicas escolares está fortemente relacionada com a sua performance escolar (McDonald, et al. 2020; Willms, 2003).

O envolvimento de uma criança pode ser subdividido em inúmeras categorias, dependendo dos autores a que se está a referir. Fredricks et al. (2005) indica que o envolvimento pode ser subdividido em **comportamental**, **emocional** e **cognitivo**. Sendo que o **envolvimento comportamental** refere-se ao bom comportamento de um aluno perante a escola e a sua atenção e participação perante as tarefas de aula, colocando algum

esforço para a sua realização. O **envolvimento emocional** refere-se à conceção afetiva que o aluno tem com as dinâmicas e pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem. E o **envolvimento cognitivo** aborda o envolvimento a nível do investimento e desejo de realizar as tarefas e a capacidade de criar estratégias e de autorregulação de um aluno. Estes tipos de envolvimento podem ser medidos de várias maneiras. Segundo estes autores é possível medir o **envolvimento comportamental** tendo em conta a participação e realização das dinâmicas, as dificuldades sentidas, a resiliência para com elas e as respostas às questões colocadas. Já o **envolvimento emocional** pode ser medido tendo em conta as reações faciais e corporais executadas pelos alunos, assim como o entusiasmo que apresentam perante as dinâmicas. O **envolvimento cognitivo** pode ser medido tendo em conta o nível de investimento que os alunos possuem na tarefa, as estratégias que utilizam e o esforço que lá colocam.

O envolvimento que foi considerado para o presente relatório obedeceu a estes seus três tipos. Isto acontece, pois cada um deles pode ser medido em si mesmos de várias maneiras, não obedecendo a um envolvimento gradual. Desta forma McDonald, et al. (2020) apresenta-nos o envolvimento como **envolvimento passivo** e **envolvimento ativo**. Segundo estes autores, no **envolvimento ativo** os alunos conseguem pensar criticamente sobre as tarefas, resolver problemas, mesmo com dificuldades, sempre aliados a um bom grau de participação e motivação para a realização das dinâmicas, tendo um envolvimento mais “hands-on” (p.26), ou seja, mais prático. Já no **envolvimento passivo** os alunos assumem um papel com interesse reduzido e menos estimulante, o que reduz a conexão emocional, pessoal e social com a prática e os conteúdos.

4.2. **Pedagogia Escutista e o Imaginário**

Em 1907, Lorde Robert Baden-Powell criou o movimento que é hoje considerado como “o maior movimento jovem do mundo” (Santos, 2022) e que mobiliza milhares de pessoas em prol de um objetivo comum. Este objetivo é muitas vezes considerado ser apenas o contacto com a natureza e as atividades ao ar livre, no entanto, o Escutismo é um movimento de educação não formal baseado numa pedagogia ativa e centralizada nas crianças e jovens e tem como principal objetivo o seu desenvolvimento pessoal em prol da criação de adultos responsáveis, conscientes, cultos e capacitados para saber agir, estar

e ser (Escutismo, 2016-a), promovendo um futuro próspero. Este movimento mundial pretende capacitar os jovens com ferramentas que permitam realizar aquilo que Baden-Powell pede: “deixar o mundo um pouco melhor do que aquilo que o encontraram”.

Sendo um movimento que visa à educação dos jovens este possui diretrizes que orientam as aprendizagens das crianças, como a ideologia da aprendizagem pelo jogo. Porém, sendo um movimento não-formal a sua ação pedagógica não se centra na típica educação realizada em sala de aula. A pedagogia escutista centra-se nos princípios do método escutista e na sua organização e estrutura (Escutismo, 2016-b). A par com o método escutista e a organização escutista, este movimento ainda se rege por quatro pilares de intervenção que apenas funcionam, pois, a criança e o grupo são o centro de toda a ação pedagógica da pedagogia escutista (World Organization of the Scout Movement (WOSM), 2019): (i) Aprender a Ser; (ii) Aprender a Fazer; (iii) Aprender a Saber; (iv) Aprender a Viver em conjunto.

4.2.1. O Método Escutista

O método escutista possui orientações específicas do que deve ser trabalhado com os diferentes grupos de jovens subdivididos em diferentes faixas etárias, nas secções. Assim sendo, este método tem na sua origem educativa um sistema que fomenta a autoeducação, o fortalecimento de relações e saberes, a aprendizagem cooperativa e a aprendizagem entre pares de idades e maturidades diferentes (WOSM, 2019). É aqui que são abordadas as Oito Maravilhas do Método, que são o veículo que constrói e orienta as crianças e jovens no seu processo de aprendizagem dos pilares da pedagogia escutista, enquanto são promovidas experiências educativas, divertidas, agradáveis, nas quais todos os intervenientes se podem sentir seguros a nível físico e emocional (WOSM, 2019). Segundo o Corpo Nacional de Escutas (CNE) – Região de Lisboa (2019), em Portugal, estas maravilhas denominam-se de (1) Lei e Promessa; (2) Mística e Simbologia; (3) Aprender Fazendo; (4) Vida na Natureza; (5) Sistema de Patrulhas; (6) Sistema de Progresso; (7) Relação Educativa; (8) Envolvimento na Comunidade.

Existem inúmeras aplicações e processos diferenciados dentro de cada uma das oito maravilhas. Contudo, para efeitos do presente estudo, irá apenas ser abordado a

Segunda Maravilhas do Método Escutista – Mística e Simbologia – uma vez que é nesta que se integra o Imaginário.

4.2.2. Segunda Maravilhas do Método Escutista – Mística e Simbologia.

Denominado de “Symbolic Framework” pela WOSM (1998; 2019), a segunda Maravilha do Método Escutista é considerada a alma ou o “Espírito” da sua pedagogia (CNE – Secretaria Nacional Pedagógica, 2010, p. 80). É por meio deste “Espírito” que Lorde Baden-Powell propôs conduzir **jogo escutista**⁴ (Benard et al., 2012), permitindo que as crianças sejam os principais agentes e motores do seu desenvolvimento pessoal.

O CNE – Secretaria Nacional Pedagógica (2010), refere que este “Espírito” do movimento é baseado em “(...) histórias, ambientes, pessoas/heróis, símbolos” (p.80) e que a este desenvolvimento da maravilha se pode chamar de Imaginário. Para ser mais concreto, o Imaginário, segundo a WOSM (1998), é: (a) o modo familiar de comunicar conceitos abstratos ou complexos que vão para além do seu significado literal; (b) a utilização de símbolos que apelam à imaginação e às experiências das crianças sem a necessidade de uma linguagem complexa; (c) o conjunto de elementos, transmitido por meio de símbolos, instrumentos, linguagens, teatros, expressões, jogos, atividades, dinâmicas que visam a promover o desenvolvimento dos jovens e crianças e que estão em concordância com os valores morais inerentes ao movimento e à sociedade.

O Imaginário não é um conceito estanque nem meramente lúdico. Na sua essência, ele educa pelo envolvimento que atribui entre o material e os conceitos a ser trabalhado. Por isso mesmo, varia consoante a idade sendo que no escutismo existe um Imaginário específico para cada uma das **secções**, exceto para os Caminheiros. Este elemento da pedagogia escutista pretende levar as crianças de uma perspectiva de “magical thinking” (p.34) (pensamento mágico, baseado no uso da imaginação) para uma perspectiva de “logical thinking” (p.34) (pensamento lógico, baseado no uso da razão e da experiência pessoal) à medida que a faixa etária aumenta a caminho da idade adulta (WOSM, 1998).

⁴ Elemento transversal da pedagogia escutista que, segundo Benard et al. (2012) é um “fenómeno espontâneo de intermediação que se observa na criança e não adolescente” (p.33). É a manipulação, exploração e descoberta da realidade e das suas práticas, centrada na ação dos jovens e no cumprimento das regras inerentes a esta dinâmica.

Uma tradução simplista do significado de Imaginário é a que é atribuída por Completo (2020) quando refere que o Imaginário é o “(...) tema que ajuda a conduzir o que pretendes fazer” (p.149). No entanto, o Imaginário corresponde ao quadro simbólico que as crianças possuem que é inspirado em contos, fábulas, mitologias, heróis lendários, períodos de histórias, histórias fantasiadas ou até mesmo histórias inventadas na sua totalidade pelas crianças e/ou adultos. Este conceito não se prende à história ou à temática, uma vez que, tanto Completo (2020), como Benard et al. (2012) e WOSM (1998) retratam que o Imaginário tem uma expressão física, que passa pela criação de instrumentos ou momentos que levam todos os participantes a envolverem-se com os conteúdos inerentes às dinâmicas de uma forma mais eficaz e imergente. O Imaginário pode ser retratado por meio de nomes, locais, objetos alusivos à temática e, segundo estes mesmos autores, ainda inclui a própria ação das crianças ao longo da tarefa ou dinâmica: o que é que eles vêm, fazem e criam, podendo ir até ao mais ínfimo detalhe da dinâmica, como utilizar decorações, disfarces, ou até mesmo o que é que se vai comer. Este elemento da pedagogia escutista envolve as crianças e jovens numa experiência que imerge os intervenientes pela inspiração no quadro de imaginação deles, transmitindo as competências, valores sociais e conhecimentos científicos inerentes aos objetivos expectados pela sociedade, que podem ser observados no PASEO (Martins et al., 2017).

O Imaginário ainda promove e constrói as capacidades de imaginar, inventar e ser criativo, características que são naturais ao próprio ser humano, uma vez que (WOSM, 1998): (i) estimula o seu desenvolvimento nas suas várias dimensões, criação de história e de instrumentos e momentos que a guiam; (ii) auxilia à criação de uma identidade pessoal e de grupo, pelo desenvolvimento dos valores intrínsecos ao escutismo e às dinâmicas; (iii) estimula a coesão e solidariedade dentro e fora do grupo.

As crianças embarcam numa jornada imaginária, que as ajudam a lidar com o mundo e a explorá-lo, resolvendo e ultrapassando as dificuldades da vida ou os *escolhos do caminho*⁵ (Baden-Powell, 2015, p.15). A utilização do Imaginário não visa a condicionar os jovens a um mundo artificial e fictício. Pretende sim a utilização de

⁵ Termo utilizado por Lorde Baden-Powell no seu livro “A Caminho do Triunfo” fazendo referência aos **obstáculos do caminho** e às **dificuldades da vida**.

ferramentas naturais e inerentes às crianças, como a capacidade de criar, inventar e imaginar, para enriquecer as suas experiências da vida, para resolver problemas e ultrapassar dificuldades. Por isso mesmo, este elemento da pedagogia escutista tem de se adaptar à faixa etária e ao grupo na qual se aplica, indo de um “mundo de faz-de-conta” para um mundo mais realista com uma “(...) pinch of imagination added” (WOSM, 1998, p. 35), ou seja, com a imaginação como base do Imaginário e da aprendizagem.

Esta prática escutista, desenvolve, em pareceria com as outras sete maravilhas, um inúmero leque de competências nas crianças. A utilização de símbolos, imagens, objetos e dinâmicas apelativas promovem uma compreensão clara de conceitos abstratos, o que acaba por desenvolver o nível intelectual dos sujeitos. Isto também promove o desenvolvimento da criatividade e imaginação (o lado direito do cérebro) e as competências de raciocínio e análise (o lado esquerdo do cérebro) (Corballis, 2014). A nível emocional, esta prática promove o desenvolvimento dos valores da história inerente, normalmente a relação com um ambiente bom e promotor de aprendizagens. Isto constrói uma boa autoestima e liberta a criança da pressão do crescimento, atribuindo ao mesmo tempo, ferramentas para saber lidar com o mundo. A nível físico e social, o Imaginário promove atividades, muitas vezes de cariz físico, o que desenvolve hábitos saudáveis de exercício e realiza-os com a cooperação entre colegas em prol de um objetivo comum.

De um modo coloquial, pode-se afirmar que o Imaginário é o “fio colorido” (WOSM, 1998, p. 39) que está cosido no tecido que é o programa juvenil dos escuteiros.

4.3. Imaginário e Imaginação

Ao longo do subcapítulo anterior foi possível constatar qual a definição de “Imaginário”. Contudo, existe uma disparidade de definições entre este conceito e o conceito “Imaginação”. Conceitos similares, no entanto, têm significados divergentes.

Segundo Rosefeldt (2019) a imaginação é a competência humana de retratar imagens ou conceitos na mente de algo que não é necessariamente observado e é um elemento central da Teoria da cognição de Kant. Nesta abordagem, Rosefeldt (2019) descreve que a imaginação é um ingrediente essencial na maneira como se percebe e interpreta o mundo e que esta parte da intuição de cada um. Esta competência funciona, segundo o mesmo autor, com base na modelagem e visualização de algo que se constrói na mente e

ainda se pode considerar esta competência, como uma ferramenta valiosa na formação de conhecimento. Aliado a esta visão, Silva (2012) afirma que a imaginação é a “capacidade do Homem de criar, mesmo que baseando-se na experiência passada, elementos novos.” (p. 20). Segundo esta autora, Vygotsky afirma que o desenvolvimento da imaginação está aliado ao processo de experimentar e de criar. Ainda afirma que esta competência está ligada aos processos criativos que levam a humanidade a evoluir.

Assumindo como verdade o que Silva (2012) e Rosefeldt (2019) indicam então pode-se declarar que o desenvolvimento da imaginação nas crianças ajuda-as no seu processo pessoal de construção de conhecimento e desenvolve-as ao ponto de poderem auxiliar o ser humana a evoluir.

Paralelamente, o Imaginário trabalha sobre a imaginação (Benard et al., 2012). Isto, segundo os autores, quer dizer que, a base de muitas das histórias e temáticas desenvolvidas é a imaginação individual e/ou de coletiva das crianças e jovens. É a partir do quadro de saberes de cada um que se conseguem criar as ferramentas necessárias para trabalhar o Imaginário. E estas ferramentas não se prendem necessariamente à criação de histórias e temáticas, mas de todos os instrumentos inerentes para as trabalhar.

Mais do que desenvolver as competências gerais das crianças, a imaginação e o Imaginário, desenvolvem as competências suas criativas (WOSM, 1998), em especial na criação dos momentos, instrumentos e atividades utilizadas para trabalhar o Imaginário.

Pode-se apresentar uma relação forte entre o conceito de imaginação e Imaginário uma vez que a imaginação promove o Imaginário, mas também se pode relacionar estes dois à criatividade e à “inventiveness” (WOSM, 1998, p. 34) uma vez que esta competência também está aliada à criação do Imaginário e suas formas de ser trabalhado.

4.4. Imaginário e Educação

Ao longo dos subcapítulos anteriores tem-se vindo a conceptualizar o “Imaginário” como elemento da pedagogia escutista e quais os seus benefícios a nível pessoal e de grupo. Porém a sua aplicação em ambiente formal de educação não é visível em contraste com os vários estudos que apresentam a prática escutista como um elemento que não só beneficia o aluno, como o grupo num todo (Dégi & Asztalos, 2021).

A implementação de estratégias de cariz escutista em sala de aula é um assunto já estudado por pedagogos do passado e do presente, contudo, esta implementação, está normalmente associada à realização de dinâmicas de contacto com a natureza que desenvolvem valores e comportamentos éticos e moralmente corretos, que funcionam em prol de um desenvolvimento pessoal melhor, como se pode observar nos estudos de Dégi e Asztalos (2021), Astuti et al. (2021) e Ramadhani et al. (2021).

A utilização do Imaginário como estratégia em Educação segue o princípio da aplicação de elementos escutistas nas dinâmicas de ensino-aprendizagem e pretendem desenvolver o interesse pelos conteúdos a serem trabalhados, utilizando os interesses dos alunos, como um todo, ou até individualmente (Benard et al., 2012). Também se pode afirmar que se pretende desenvolver um trabalho que imerja os discentes em dinâmicas que disponham de um apelo visual e/ou interativo. Estes apelos promovem um desenvolvimento do ensino em paralelo com as artes. O Imaginário utiliza o desenvolvimento pela arte, devido a estes apelos visuais e interativos, sendo que as artes também devem ser utilizadas para transmitir conceitos e integrar ferramentas utilizadas no ensino (Kisida et al., 2020; Marshall, 2014).

Desta forma, esta prática pretende desenvolver instrumentos, objetos ou promover dinâmicas que atraiam os alunos, por meio daquilo a que Krapp (1999) designa como “Seductive Details” (p.28). Este conceito define uma estratégia que, segundo o autor, aumenta o interesse nas dinâmicas a ser implementadas, pelo acréscimo de fatores não necessariamente essenciais para a compreensão de um determinado contexto, ou conceito, dando exemplos como a utilização de imagens atrativas, anedotas e algo agráveis de ver, ler ou mexer. O autor refere ainda que a utilização desta estratégia permite que os alunos se relembrem com mais eficácia dos conteúdos trabalhados e que ainda promove o foco e a atenção dos alunos. Esta tática promove ainda, segundo o mesmo autor, uma experiência de conexão emocional com os conteúdos, o que provoca um maior envolvimento, uma maior participação e uma maior prontidão para aprender. No entanto, é importante ter-se cuidado com o nível de estímulos que são utilizados nas aprendizagens. O trabalho do Imaginário, funciona muito à base de estímulos proporcionados através de dinâmicas e instrumentos e estes em demasia podem ter efeitos negativos na aprendizagem dos alunos, provocando stress e ansiedade nos mesmos (Staats

et al., 2024). Estes autores afirmam que demasiado estímulo, ou “overstimulation” (p. 2), pode levar à falta de atenção e foco nas tarefas, o que irá, consecutivamente, levar a uma performance mais baixa a nível escolar. Os autores ainda indicam que o contrário, pouco estímulo ou “understimulation” (p. 2), funciona da mesma forma, sendo que é essencial encontrar-se um equilíbrio de estímulo que funcione para aquele grupo de alunos. Assim, deve-se ter cuidado com o grupo no qual se aplica este elemento da pedagogia escutista, para proporcionar os já referidos benefícios da sua utilização que englobam o desenvolvimento holístico dos alunos e também dos professores. Esta prática promove um ambiente seguro e propício para a aprendizagem, que envolve todos os participantes, cria um sentimento de pertença, uma relação com os conteúdos mais afincada e que é essencialmente divertido (CNE, 2009-a).

É importante também conseguir encontrar uma relação entre os benefícios já enunciados da aplicação do Imaginário e as orientações pedagógicas da educação em Portugal. Martins, et al. (2017) explanam no PASEO que os alunos devem de sair do período escolar obrigatório com um leque de competências, conhecimentos, atitudes, valores e capacidades transversais que preparem a criança/jovem para um bom futuro. Pode-se averiguar que alguns dos parâmetros evidenciados por estes autores entram em concordância com a prática do Imaginário, uma vez que descrevem que: os alunos devem ser o centro da aprendizagem; a dinâmica da ação educativa deve ser adaptada ao grupo que a irá realizar; se devem desenvolver competências para pensar de forma criativa e crítica; e a curiosidade e inovação sejam desenvolvidas. Estes parâmetros também podem descrever a ação do trabalho do Imaginário, uma vez que também este se deve adaptar ao grupo, colocando-o no centro da aprendizagem e pretende igualmente promover as competências já mencionadas. De entre as áreas de competências explanadas no PASEO ainda se pode afirmar a que a prática do Imaginário promove: (i) o reconhecimento dos conteúdos por um código simbólico (línguas e textos); (ii) a capacidade de produzir instrumentos e o desenvolvimento de aprendizagens por meio de temas dos interesses dos alunos (informação e comunicação); (iii) capacidades de argumentação, extração e seleção de dados e as competências da criatividade e inovação (pensamento crítico e criativo); (iv) o desenvolvimento de dinâmicas e metodologias diferenciadas (pensamento crítico e criativo); (v) a aquisição de conhecimento, competências, capacidades e atitudes

de forma imaginativa e inovadora (pensamento crítico e criativo); (vi) a manipulação e manuseamento de materiais e instrumentos diversificados (saber científico, técnico e tecnológico); (vii) a realização de atividades motoras (consciência domínio do corpo).

A prática do Imaginário ainda entra em concordância com as orientações do Decreto-lei n.º 55/2018, uma vez que propõem uma dinâmica de aprendizagem que é adaptada ao grupo e que visa à “flexibilidade, inovação e personalização” (p. 2930) que pretendem responder a heterogeneidade do grupo. Ainda se consegue salientar que a prática do Imaginário promove a curiosidade intelectual, e a criatividade dos discentes explanados no artigo 4.º deste Decreto-lei e a realização de atividades “com natureza eminentemente lúdica” (p. 2931), presentes no artigo 6.º. O artigo 21.º sobre as dinâmicas pedagógicas corrobora a prática do Imaginário quando afirma que as equipas educativas e os docentes devem definir dinâmicas de trabalho adequadas ao grupo e que a ação educativa deve assegurar o envolvimento dos alunos.

Tal como qualquer outro elemento da pedagogia escutista, o Imaginário pretende um desenvolvimento holístico e transversal das crianças, em todos os parâmetros da sua vida (WOSM, 1998). Isto entra em concordância com o que está descrito no PASEO (Martins, et al. 2017) e no Despacho n.º 6944-A/2018 que afirma que as Aprendizagens Essenciais (AE) devem de colocar o aluno no centro da aprendizagem, adaptando-se ao grupo. Nas AE ainda se conseguem estabelecer relações com a prática do Imaginário, uma vez que as AE de Matemática (Ministério da Educação, 2022-a, 2022-b, 2022-c, 2022-d) para todo o 1.ºCEB, aconselham a que os momentos de aquisição de conteúdos sejam baseados nos interesses dos discentes e mobilizando os seus saberes em prol da aquisição de novos conhecimentos. As AE de Estudo do Meio (Ministério da Educação, 2018-a, 2018-b, 2018-c, 2018-d), também aconselham que os interesses dos alunos devem ser tomados em conta e que devem ser base das estratégias que desenvolvem o conhecimento.

4.4.1. O Trabalho do Imaginário

Quando se aborda o conceito “Imaginário” as várias fontes relacionadas com o movimento escutista a nível nacional e internacional falam de uma panóplia de elementos que se podem criar. Completo (2020) indica que se podem criar vestuários, dialetos e

instrumentos que nestas dinâmicas, dando o exemplo dos “Índios” com pinturas faciais e adornos corporais. Ainda apresenta o jogo como uma forma de trabalhar o Imaginário. A Secretaria Nacional Pedagógica (2022), na sua edição de livros sobre as funções que cada **cargo**⁶, explana que o Imaginário deve conter elementos visuais e expressivos que possam imergir o grupo nas dinâmicas, como “(...) inventar jogos (...) cantigas, aplausos, disfarces, ou até ornamentar o espaço da atividade com elementos alusivos” (p.10). Algumas das edições da revista Flor de Liz, revista oficial do CNE, também demonstram diferentes maneiras de transpor o Imaginário nas dinâmicas, tais como: (A) a utilização de placares informativos (CNE. 2009-a); (B) a construção de figuras de papel (CNE. 2009-b1); (C) posters (CNE. 2009-b2); (D) atividades de exploração (CNE. 2005); (E) jogos (CNE. 2008). A WOSM (1998) ainda refere que o trabalho do Imaginário pode ser exprimido em instrumentos, linguagens, teatros, jogos, atividades e dinâmicas variadas visando à expansão da temática escolhida e à interação entre dinâmica e elementos. Benard et al. (2012) refere que a construção de elementos interativos leva à realização das tarefas inerentes, transfigurando as temáticas dos textos em ação explícita de trabalho.

Nas diversas descrições das formas de trabalhar o Imaginário, apenas um conceito é comum, a existência de um **tema**. Desta forma, e atendendo às diferentes vertentes e formas de trabalhar o Imaginário, senti a necessidade de criar uma organização, à qual denominei de “Níveis de Trabalho do Imaginário”. Neste caso, “Nível” alude a uma estruturação por campo de ação que permite compreender a materialização do Imaginário na prática pedagógica e não a uma classificação mais ou menos complexa, nem melhor ou pior. Assim sendo, e com base em todos os exemplos de expressão do Imaginário mencionado pelos diferentes autores supramencionados, a tabela 1 explana os diferentes níveis criados e alguns exemplos do que se pode realizar em cada um deles.

⁶ É a função que cada elemento de uma equipa escutista tem. Podem ser guia, sub-guia, animador, cozinheiro, tesoureiro, guarda-material, secretário, socorrista, intendente e relações públicas. O cargo responsável pelo desenvolvimento do Imaginário é o de animador.

Tabela 1:*Tabela dos Níveis de Trabalho do Imaginário.*

Níveis do Trabalho do Imaginário		
Nível	Nome	Descrição
Nível 0	Tema	O nível 0 está presente em todos os Imaginários, sendo que corresponde à história ou temática a ser trabalhada que normalmente contem personagens e símbolos e uma moral ligada aos valores sociais atuais.
Nível 1	Recursos	Associado à definição de recursos educativos de Gomes (2007) e pela Direção-Geral da Educação (SD), corresponde à criação de instrumentos e objetos físicos ou digitais, como guiões, painéis, decoração da sala, objetos alusivos à temática, entre outros.
Nível 2	Expressão	Associado à ideologia das disciplinas de educação artística presentes no currículo de Portugal (Música, Dança, Teatro e Artes Visuais), este nível retrata as possíveis formas de exprimir um Imaginário, como vestuário, músicas, danças, pinturas faceais, construção de objetos, maquetes, instrumentos, adereços ou adornos e até a criação de um dialeto específico.
Nível 3	Jogo	Associado às dinâmicas do jogo escutista de Benard et al. (2012), este nível trata de por em prática a concretização do Imaginário por meio de jogos, atividades ou dinâmicas de cooperação e/ou competição. Neste nível não só se trabalha o jogo em si, mas também as suas regras, as suas possíveis alterações e adaptações, ou até mesmo a criação de um jogo na sua íntegra.

Fonte: Construído pelo autor.

A tabela 1 categoriza e organiza as formas de trabalhar o Imaginário que foram expressas pelos diferentes autores supramencionados, no entanto, para se realizar esta prática não é essencial que todos os níveis do Imaginário estejam presentes. Completo (2020) e Benard et al. (2012) afirmam que o tema do Imaginário é o núcleo da sua implementação e que por isso está sempre presente. O segundo autor ainda afirma que é este “sonho” (p.53) que leva à “aventura” (p.53) inerente à prática. No entanto, as várias Flor de Liz mencionadas (CNE, 2009-a; 2009-b1; 2009-b2; 2005; 2008) e a WOSM (1998; 2019) demonstram que é possível implementar o Imaginário por meio de alguma dinâmica interativa ou algum objeto criado que retrate sempre uma temática inerente.

Assim sendo, para que seja possível a existência de um Imaginário é necessário um tema, que corresponde ao nível 0 do trabalho do Imaginário, em parceria com algum recurso criado, dinâmica implementada ou jogo realizado. Logo, o Imaginário apenas existe se existirem pelo menos dois dos seus níveis, sendo que o Nível 0 existe sempre.

5. METODOLOGIA

| | ' ' | | ' ' |

A metodologia é o processo inerente à investigação que permite delinear como é que se irá alcançar um determinado objetivo. Nas palavras de Koche (2011), a metodologia é o “design” (p. 133) que descreve a amostra, as técnicas e os instrumentos que se irão utilizar na exploração empírica realizada numa investigação científica. A metodologia deve, por isso, explicar todos os parâmetros que orientam a investigação, garantindo a sua fiabilidade, veracidade e dentro dos princípios éticos da investigação.

No presente capítulo irá ser abordada a metodologia utilizada ao longo da prática que proporcionou o presente estudo. Para isso, irá ser apresentado: (a) caracterização dos participantes no estudo; (b) estudo exploratório preliminar realizado no 2.º CEB, para testar as aplicações do Imaginário em contexto formal; (c) descrição da natureza do estudo, informando o seu tipo e quais as metodologias utilizadas; (d) técnicas, instrumentos e procedimentos que se utilizaram para recolher os dados; (e) processos de análise dos dados e a sua orientação; (f) plano de ação implementado no âmbito do OG’s; (g) os princípios éticos inerentes a qualquer processo de investigação.

5.1. Caracterização dos participantes do estudo

A exploração explanada nas páginas deste relatório foi executada numa turma de 3.º ano do 1.º CEB, no contexto da unidade curricular da PES II, promovida no 2.º ano do Mestrado do 1.º CEB e de Matemática e Ciências Naturais no 2.º CEB. A turma em questão é composta por 21 alunos, entre os 8 e os 11 anos de idade, sendo que oito dos alunos estão sobre o abrigo do Decreto-Lei n.º 54/2018, com medidas universais, três beneficiando de medidas seletivas, devido às condições individuais de cada um: (A) perturbações do Espectro do Autismo; (B) glaucoma ocular; (c) transtorno do défice de atenção com hiperatividade. De entre estes oito alunos, existe um que possui um problema genético raro, sob acompanhamento médico, e outro que possui dislexia.

Por forma a realizar de um estudo fiável, foi delineado um público alvo composto apenas por cinco dos vinte e um alunos. Isto porque a definição do público alvo de uma determinada prática é fulcral para garantir a fiabilidades dos dados, uma vez que têm que ser adequado à exploração a ser realizada (Cohen et al., 2007; Gundumogula, 2020). Indo ao encontro ao que Check e Schutt (2012) declaram, os alunos selecionados para pertencerem ao grupo a ser analisado pretendem ir ao encontro dos OG’s delineados, e

foram escolhidos tendo em conta as suas características individuais, neste caso, relacionadas com os seus níveis individuais de envolvimento e participação nas aulas. Os alunos em questão são AN, IS, JO, LE e BE. Os primeiros três discentes foram selecionados devido aos seus elevados níveis de distração, que podem ser observados no registo D.32 e D.64 ([Anexo C](#)) para o AN, no registo D.32, D.57 e D. 64 ([Anexo C](#)) para o JO e nos registos D.66 e D.91 ([Anexo C](#)) para o IS. Apesar das distrações, o AN é um aluno com boa prestação escolar e uma boa capacidade de aquisição de conteúdos, no entanto, tem de ser chamado à atenção nas aulas pois não só perturba a sua concentração, como a dos seus colegas. IS é um aluno com uma prestação escolar média, no entanto apresenta um grau de distração elevado, sendo igualmente chamado à atenção por perturbar a sua concentração e a dos seus colegas. Já JO é um aluno com algumas dificuldades na aquisição dos conteúdos, normalmente tentando esquivar-se da realização das tarefas, principalmente nos momentos de Tempo de estudo Autónomo (TEA). LE foi selecionado devido à sua personalidade e resposta geral ao que a rodeia. Este executa as tarefas com alguma dificuldade, devido também à sua dislexia, contudo são poucas as vezes que demonstra reação para com as dinâmicas implementadas. É muito comum este aluno encolher os ombros como sinal de indiferença ou desconhecimento quando lhe perguntam se está a gostar ou não da tarefa ou se a está a compreender, sendo que é comum excluir-se de algumas dinâmicas, como a Dança (D.05 e D.91, [Anexo C](#)). Por fim, BE foi escolhida como bitola de análise. Isto porque esta aluno envolve-se nas tarefas, participa nas dinâmicas, faz questões, tira dúvidas, demonstra interesse e possui uma forte capacidade de argumentação.

5.2. Estudo exploratório preliminar

Apesar deste estudo ter sido realizado na prática da PES II no 1.º CEB, foi realizada uma testagem exploratória da implementação do Imaginário nas duas turmas do 5.º ano do 2.º CEB na qual se realizou a primeira parte da PES II. O objetivo desta testagem, foi o de averiguar como se poderia realizar o trabalho do Imaginário numa sala de aula, por forma a findar o que realmente pode ser implementado e como é que pode ser feito. E concordância com Marsden e Torgerson (2012) é importante realizar-se uma

pré-testagem daquilo que se pretende implementar, uma vez que permite limar as incoerências, melhorar a aplicação o que assegura a sua qualidade e a fiabilidade.

A pré-testagem realizada em 2.º CEB permitiu a compreensão de como se conseguiria efetivamente implementar a dinâmica do Imaginário, o que igualmente possibilitou a categorização do seu trabalho nos níveis apresentados na fundamentação teórica. Sendo que, no 2.º CEB foi utilizado apenas o nível 1 (recursos) na implementação do instrumento “Passaporte do Biólogo” ([Anexo D](#)).

Apesar de se compreender que os alunos não consideraram este recurso como o mais relevante da implementação, visível nas respostas aos questionários finais feitos às turmas ([Anexo E](#)), é possível observar que alguns tinham vontade de realizar os exercícios do recurso fora do tempo letivo e até ficavam mais tempo na sala para terminar de o preencher (Ca DB 12, Cb DB 10, Cb DB 11, Cb DB 12 e Cb DB 16, [Anexo F](#)).

5.3. Natureza do Estudo

O presente estudo visa a uma recolha de dados num ambiente natural e sem interferência de adultos, por forma a averiguar se o fenómeno em questão (o Imaginário) tem alguma influência no meio em que os alunos estão inseridos, neste caso a nível da sua participação e envolvimento nas dinâmicas das aulas. Segundo Aspers e Corte (2019), esta forma de investigar apresenta-se com uma natureza qualitativa, uma vez que é uma investigação na qual a extração de dados é realizada num contexto natural para o grupo a ser observado e carece de interpretação dos mesmos. Estes autores ainda afirmam que uma investigação qualitativa baseia-se no “Verstehen” (p.147) que significa “entender” ou “compreender” os comportamentos de um determinado público alvo e o que significam esses comportamentos. Assim sendo, o presente estudo possui uma natureza qualitativa, uma vez que pretende fazer a interpretação descrita pelos autores anteriores, permitindo, segundo Gundumogula (2020) e Swift (2022), permite recolher dados detalhados que se podem adaptar à necessidade do estudo consoante a sua implementação.

Um estudo qualitativo pode ser formulado de inúmeras maneiras, contudo a presente investigação irá seguir o design de um estudo de caso. Esta escolha, deve-se ao facto de este tipo de abordagem promover, segundo Starman (2013) e Yin (2009), uma análise mais detalhada e profunda do fenómeno a ser investigado. Este tipo de

implementação deve ser aplicado a um grupo específico no qual não se pode manipular o comportamento nem a ação dos alunos, sendo que este design de estudo pretende compreender a razão do comportamento e das respostas dos alunos (Baxter & Jack, 2008).

A investigação sobre a prática no formato de estudo de caso pretende compreender a influência que o imaginário tem um grupo específico de alunos escolhidos de entre os discentes da turma. Segundo Borgdan e Biklen (1994) este tipo de estudo apresenta-se como um funil no qual se pretende analisar um conjunto específico de situações que permitem focalizar os dados recolhidos.

5.4. Técnicas, instrumentos e procedimentos de recolha de dados

A escolha das técnicas, instrumentos e procedimentos de recolha de dados apresenta-se como uma tarefa de alta relevância numa investigação, isto porque, são estes que garantem o registo dos acontecimentos ao longo da prática e que garantem a viabilidade dos dados recolhidos (Cohen et al., 2007). Estes autores ainda afirmam que não existem estudos que sejam 100% válidos, no entanto, é papel do investigador, de procurar ou criar instrumentos diversificados, que consigam extrair os dados de diferentes maneiras, com foco na investigação e no público alvo em questão.

A técnica “Observação participante” é normativa na investigação em educação, uma vez que coloca o investigador no papel de instrumento de observação e captação de dados, podendo ter acesso imediato às perspetivas dos alunos (Sousa & Baptista, 2011). É a “Observação participante” ainda uma técnica que permite a extração imediato dos acontecimentos de uma dada situação, por meio do seu registo em algum tipo de instrumento, que permite que o observador possa refletir sobre a abordagem pedagógica, assim como identificar necessidades de quem está a ser observado, podendo melhorar a sua prática (Correia, 2009). A utilização desta técnica permite, no presente estudo, realizar o registo dos acontecimentos das aulas, o que permite caracterizar o envolvimento dos alunos, assim como descrever a ação dos alunos para se poder analisar posteriormente. Para realizar a recolha de dados por meio desta técnica, foram utilizados três instrumentos. O Diário de Bordo, permite o registo dos acontecimentos da intervenção que possibilitam a futura reflexão e análise da prática que provem dos registos executados (Simões et al., 2022).

Os grelhas de observação (GO), foram outro instrumento utilizado para esta técnica, que submeteu a observação a indicadores específicos pré-definidos que pressupõem o objetivo do estudo. No caso das GO desenvolvidas para o presente estudo (Anexos [G](#) e [I](#)), estas foram desenvolvidas para observar o envolvimento dos alunos nas tarefas das aulas, tentando observar o grau de envolvimento dos discentes. Estes graus de envolvimento foram baseados em estudos de diferentes autores. O **grau 0 – Inativo** – corresponde à inexistência de envolvimento. O **grau 1 – Passivo** – corresponde a um tipo de envolvimento do mesmo nome que o grau, proposto por McDonald, et al. (2020), no qual os alunos assumem um papel com interesse reduzido e menos estimulante, o que diminui a conexão emocional, pessoal e social com a prática e os conteúdos. Neste grau o aluno, segundo os mesmos autores, apresenta-se algo atento, mas com participação diminuta. O **grau 2 – Ativo** – segundo os mesmos autores, representa o envolvimento do mesmo nome, no qual os discentes assumem um papel de participação e motivação elevada, tendo uma atitude “hands-on” (p.26), ou seja, mais prática e participativa, para com as dinâmicas. O **grau 3 – Proativo** – expressa um envolvimento que é a junção dos três tipos de envolvimento propostos por Fredricks et al. (2005), o **comportamental, emocional e cognitivo**, que leva a que haja uma aprendizagem interativa e eficaz, por meio da interação e participação nas dinâmicas com motivação e interesse.

Os graus de envolvimento anteriormente explanados visam a compreender o estímulo pelo interesse dos alunos nas atividades implementadas que viabilizem a participação e a motivação para a aprendizagem (Brunner, 1997; Willms et al. 2009)

A tabela 2 demonstra os indicadores de observação criados, assim como a descrição em cada um dos graus de envolvimento já descritos, tendo por base as descrições dos diferentes tipos de envolvimento salientados pelos autores.

Tabela 2:

Indicadores presentes nas GO's, suas descrições por grau de envolvimento e suas classificações por grau.

Indicadores a ser observados	Graus de Envolvimento			
	Grau 0 - Inativo	Grau 1 - Passivo	Grau 2 - Ativo	Grau 3 - Proativo
1. Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	Não coloca nenhuma questão.	Coloca entre 1 e 2 questões.	Coloca entre 3 e 4 questões.	Coloca mais de 4 questões.
2. Participa/realiza a dinâmica.	Não participa.	Participa com pouco entusiasmo.	Participa com algum entusiasmo.	Participa com muito entusiasmo.
3. Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	Não manifesta a opinião ou demonstra indiferença.	Manifesta desagrado na sua opinião.	Manifesta uma opinião neutra.	Manifesta agrado na sua opinião.
4. Responde às questões colocadas em grande grupo.	Não responde a nenhuma questão.	Responde entre 1 a 2 questões.	Responde entre 3 a 4 questões.	Responde a mais do que 4 questões.
5. Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	Não realiza registos adicionais.	Realiza 1 registo adicional.	Realiza 2 registos adicionais.	Realiza 3 ou mais registos adicionais.
6. Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	Não demonstra entusiasmo (Realiza a tarefa contrariado(a)).	Demonstra pouco entusiasmo (Realiza porque lhe é pedido).	Demonstra algum entusiasmo (Realiza porque quer fazê-lo).	Demonstra muito entusiasmo (Realiza porque quer fazê-lo e demonstra-o com as suas expressões corporais).
7. Está atento à explicação da tarefa	Não está atento (está distraído).	Está atento, mas tem de ser chamado à atenção algumas vezes.	Está atento, mas sem qualquer tipo de reação.	Está atento com reação positiva visível.
8. Realiza a tarefa com facilidade	Apresenta muitas dificuldades.	Apresenta algumas dificuldades.	Apresenta alguma facilidade.	Apresenta muita facilidade.
9. Demonstra resiliência na realização da tarefa	Desiste de realizar assim que se depara com uma dificuldade.	Chama um adulto ou um colega constantemente assim que encontra uma dificuldade.	Chama um adulto ou um colega ocasionalmente assim que encontra uma dificuldade.	Tenta resolver sozinho as dificuldades.
10. Verifica o trabalho que realiza.	Termina o trabalho sem rever.	Termina o trabalho e apenas o revê por insistência do adulto.	Termina o trabalho e revê alguns parâmetros/questões (até 50% da tarefa).	Termina o trabalho e revê-o (entre 51% até 100% da tarefa).
CODIFICAÇÃO	0	1	2	3

Fonte: Construído pelo autor com base nas definições envolvimento de McDonald, et al. (2020) e Fredricks et al. (2005).

Foram realizadas quatro GO's ([Anexo G](#)) no período de observação, correspondente às duas primeiras semanas da PES II no 1.º CEB. Estas foram executadas por forma a identificar o envolvimento dos alunos e para identificar os alunos que iriam participar no estudo. Também foram executadas GO's por cada momento no qual se implementaram dinâmicas com recurso ao Imaginário ([Anexo I](#)), no período de intervenção. Estas pretendiam averiguar a variação de grau de envolvimento dos alunos perante a realização das dinâmicas idealizadas para o presente estudo.

A “Observação participante” ainda possui um outro instrumento, o Notas de Campo ([Anexo H](#)). Este instrumento, segundo Bogdan e Biklen (1994) corresponde a um “Relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiência e pensa no decurso da recolha” (p.150) no qual também se reflete sobre os dados recolhidos. Estes autores ainda indicam que as notas de campo podem conter as estratégias, ideias e palpites sobre a prática observada. Para efeitos do presente estudo, as notas de campo encontram-se sob o formato de “Livro de Ouro”. Este instrumento não normativo na prática investigativa, corresponde a um recurso utilizado dentro da pedagogia escutista que possui grandes similaridades às notas de campo, visto que a sua escrita pretende o registo dos “momentos mais marcantes” (Lontro & Monteiro, 2017, p. 43) das dinâmicas em questão de uma forma descritiva e apresenta similarmente uma escrita reflexiva sobre esses mesmos momentos, a prática pedagógica presente e futura, visando ao registo da ação o que, segundo Correia (2009), possibilita o melhoramento da ação pedagógica. Lontro e Monteiro (2017) ainda afirmam que, o Livro de Ouro pode conter registos de imagens, desenhos e esboços, para melhor representar as descrições.

Para efeitos da prática escutista, o Livro de Ouro é o retrato da patrulha⁷ ou indivíduo que o escreve (Lontro & Monteiro, 2017). Por isso utilizei este instrumento para realizar registos com reflexão dos vários momentos implementados ao longo da prática nos quais o Imaginário esteve presente. Estes autores ainda indicam que este instrumento é o local no qual se apontam as intenções, ambições e vontades de quem o escreve tendo em conta os objetivos idealizados para alguma atividade ou momento. No caso do movimento escutista, está associado à subunidade, que está encarregue do seu registo. Para a transposição para a prática exercida na PES II, em prol desta investigação, este instrumento retrata o investigador e o seu formato está a cargo do mesmo, uma vez que, em concordância com os autores supramencionados, “(...) não há nenhum formato especial para o Livro de Ouro (...)” (p.45) e que se a sua construção é subjetiva à imaginação de quem o executa. Desta forma, este instrumento obedece às características fulcrais das Notas de Campo, assumindo-se como uma ferramenta de eleição que permite

⁷ Refere-se à sub unidade de uma secção. Uma pequena equipa de entre 4 a 8 elementos.

o registo das observações e a realização de reflexões decorrentes do processo da investigação e da prática executada (Simões & Sapeta, 2018).

A utilização das “Produções dos alunos”, instrumento da técnica “Análise documental” permite obter dados detalhados sobre as perspetivas e aquisições dos alunos perante uma determinada temática ou assunto (Bogdan & Biklen, 1994). Esta análise possibilita a orientação da ação pedagógica, uma vez que a informação recolhida baliza dificuldades, necessidades e/ou vontades dos alunos (Lessard-Hébert et al., 2005). No caso específico do presente estudo, a análise das produções dos alunos permitiu orientar a elaboração dos recursos inerentes à prática, nomeadamente a ficha de trabalho de texto (FTT) sobre a casa assombrada ([Anexo K](#)) e a FTT do Sol desaparecido ([Anexo L](#)).

O (C) “Inquérito por questionário” corresponde à última técnica utilizada para a recolha de dados, sendo que a aplicação do instrumento “questionário” ([Anexo J1](#)) inerente a esta técnica permite identificar as características ou factos de uma população, pretendendo a verificação de hipóteses e a análise de variáveis em estudo (Santos & Henriques, 2021). A utilização deste instrumento e consequente análise dos dados permitiu realizar um tratamento estatístico que facilita a análise dos dados recolhidos e contribuiu para a resposta à questão de investigação e aos seus OG’s. Desta forma, e segundo os mesmos autores, a ferramenta utilizada nesta técnica corresponde a um documento que tem por base uma sequência de questões escritas, dirigidas ao público alvo em prol da extração de dados sobre a prática em estudo. A construção do “questionário” permitiu orientar as perguntas para permitira a extração de informação sobre a opinião dos alunos tendo em conta os instrumentos e dinâmicas realizadas em prol do trabalho do Imaginário. O questionário ([Anexo J1](#)) é possível observar que a maioria das questões apresentam uma dualidade de naturezas uma vez que contém uma parte na qual a pergunta é de natureza fechada, com opções pré-selecionadas para a escolha dos alunos, permitindo assim informações mais focadas nos objetivos inerentes ao estudo (Sá et al., 2021). Mas, segundo os mesmos autores, estas questões também apresentam uma componente de natureza aberta, na qual se requer que os discentes justifiquem a opção que selecionaram, para se poder obter dados relacionados com os pensamentos e opiniões dos alunos.

A tabela 3 explana as técnicas previamente mencionadas, assim como os instrumentos utilizados para a recolha de dados.

Tabela 3:

Técnicas e instrumentos utilizados para a recolha de dados, tendo em conta os OG's.

OG	Recolha de dados	
	Técnicas	Instrumentos
OGA: Explorar o envolvimento e participação dos alunos nas tarefas das aulas.	(A) Observação participante;	(a1) Diário de Bordo (Anexo C); (a2) Grelhas de Observação (Anexo G).
OGB: Analisar os efeitos do trabalho do Imaginário como prática pedagógica nas tarefas das aulas.	(A) Observação participante;	(a3) Livro de Ouro (Anexo H); (a4) Grelhas de Observação (Anexo I);
	(B) Análise documental.	(b1) Produções dos alunos (nos recursos criados: fichas; guiões; ...).
	(C) Inquérito por questionário;	(c1) Questionário aos alunos (Anexo J).

Fonte: Construído pelo autor.

5.5. Processo de análise dos dados

A realização de uma investigação promove a recolha de dados em prol de um objetivo específico. No entanto “(...) os dados por si só nada dizem, é preciso que o cientista os interprete” (Marconi & Lakatos, 2003). Estes autores afirmam que a compilação de um leque de dados em nada serve se estes não forem interpretados e analisados pelo investigador. Por isso mesmo, é importante a realização de uma análise de dados, visando a compreender os resultados do estudo em questão.

Bogdan e Biklen (1994) indicam que o processo de análise de dados tenciona dar um sentido ao que foi recolhido, promovido pela procura de padrões e a “descoberta dos aspetos importantes” (p.205). Estes autores ainda indicam que a análise de dados é a forma de interpretar e compreender a informação recolhida que permite um processo de extração de informação eficaz. Dependendo do instrumento utilizado para recolher dados, a sua análise, segundo os autores já mencionados, deve permitir o afunilamento da informação por forma a dar resposta à ou às questões de investigação, sendo que a criação de categorias para a análise dos dados permite a eficácia da sua leitura.

Apesar de Bradley et al. (2007) serem investigadores do ramo da saúde, apresentam três abordagens diferentes que podem guiar uma análise de dados. A primeira, a “**Grounded Theory Approach**” ilustra uma criação de categorias puramente indutivas

o que implica que vão surgido à medida que se vai realizando a releitura dos dados. A isto chamam de “Ground-up” (p. 1763). A segunda, a “**Deductive Approaches**”, demonstra uma categorização da análise de dados, com base em categorias ou codificações pré-idealizadas e fixas. A esta denominam de “Start list” (p. 1763). Já a terceira teoria “**Integrated Approach**”, pretende unir o trabalho das duas teorias anteriores, afirmando que existem categorias pré-concebidas, mas que estas são mutáveis e acompanham o avanço da análise. A teoria “Ground-up” foi utilizada para a análise das respostas dos questionários e dos registos do Livro de Ouro e a teoria “Start list” para a interpretação das GO, uma vez que estas obedecem a quatro categorias inalteráveis: o envolvimento inativo, passivo, ativo e proativo.

A compilação das diferentes análises realizadas aos diferentes instrumentos de recolha de dados permitiu a triangulação dos dados. Este processo filtra informação de naturezas diferentes obtidos através das várias ferramentas e rastreia uma categorização que permite tipificar a informação, possibilitando a interpretação dos dados que são gradualmente enriquecidos (Bardin, 1977). Desta forma, e em concordância com Esteves (2006), a triangulação dos dados irá proceder-se pela análise individual dos dados recolhidos por cada instrumento, criando categorias e extraíndo inferências e resultados e pela interpretação das categorias com base na origem e relação entre análises.

A análise individual de cada um dos instrumentos levou a um levantamento de algumas categorias, nomeadamente na análise realizada às respostas dadas aos questionários (Anexo J2) implementados aos alunos. Bardin (1977) indica que as categorizações das respostas dadas aos questionários correspondem a uma das técnicas que pretendem filtrar a informação proveniente dos dados que permite, de uma forma mais fácil, compreender os dados. Esta autora ainda indica que é a partir destes agrupamentos que é possível realizar um rastreio categorizado que tipifica a informação que é possível a interpretação inferencial o que enriquece a triangulação dos dados. No fundo, a análise de conteúdos é um processo que agrupa informação e interpreta as respostas, tendo em conta o seu contexto, por forma a se poder extrair conclusões. Esteves (2006) indica que a categorização se realiza em três fases: (i) a pré-análise; (ii) a categorização; (iii) a redução de dados, na qual se transforma a informação e se afunilam categorias.

Algumas das questões do questionário foram elaboradas para extrair quais os aspectos que os alunos consideravam mais positivos e negativos de uma determinada dinâmica ou instrumento implementado. Para facilitar a extração dos dados foram criadas categorias que abrangem as características dos instrumentos implementados com recurso ao Imaginário por forma a compreender o que é que os discentes mais e menos gostaram. Estas categorias foram implementadas em algumas questões de natureza aberta como fechadas e foram pré-idealizadas, uma vez que estão diretamente relacionadas com os aspectos inerentes da prática do Imaginário. Estas são: (1) “Temática”, alusão ao tema inerente; (2) “Interação com o Recurso”, referindo o manuseamento do ou dos materiais e a execução de exercícios subjacentes; (3) “Recurso”, que aborda os aspetos estéticos do instrumento; (4) “Expressões”, interpelando os momentos das dinâmicas nas quais foram implementadas ações relacionadas com o nível 2 do trabalho do Imaginário. Para as questões 1.3. b) e 1.4. b) que pretendiam compreender os aspetos dos instrumentos implementados que os alunos menos gostaram, para além das categorias já mencionadas, também se utilizaram: (5) “Elementos da história”, alusivo a elementos específicos da história, não necessariamente ligados com a temática; (6) “Escrever”, referente a respostas que indicam que um dos aspetos negativos foi a ação de escrever, fator externo ao instrumento. Os restantes dados extraídos foram submetidos a análises e categorizações específicas, uma vez que abordavam elementos concretos próprios de cada dinâmica.

5.6. Plano de Ação

Tendo como ponto de partida os aspetos supramencionados, foi delineado um plano de ação no qual estão incorporadas algumas estratégias e dinâmicas que se pretendem implementar ao longo da prática. Como o trabalho para o presente relatório final foi realizado em parceria com o estágio da PES II, o plano de ação contém algumas dinâmicas que foram formuladas para implementar nos momentos rotineiros que a turma já possuía, por forma a não desregular o fluxo da aprendizagem dos alunos. Assim sendo, a tabela 4 demonstra algumas as dinâmicas implementadas em prol do trabalho do Imaginário, incluindo o nível a que pertencem as dinâmicas ou instrumentos

implementados. A tabela 4 não inclui o nível 0 do trabalho do Imaginário, uma vez que este é transversal a todas as implementações.

Tabela 4:
Dinâmicas planeadas para serem executadas ao longo da prática.

Momento	Nível do trabalho do Imaginário	Instrumento ou dinâmica
Trabalho de texto ⁸	Nível 1 – Recursos	01. Criação de duas FTT alusivas às temáticas dos seus textos. “Casa Assombrada” e “Sol Desaparecido”.
Verificação Semanal ⁹	Nível 1 – Recursos	02.1. Criação de instrumentos físicos, como powerpoint e cartões de jogo que orientam a dinâmica.
	Nível 3 – Jogos	02.2. Realização de uma dinâmica de testagem de conhecimentos por meio de um jogo interativo.
Estudo do meio	Nível 1 – Recursos	03. Criação de um ou mais momentos com instrumentos e vestuário específico e dramatizações que obedeçam a uma temática.
	Nível 2 – Expressões	

Fonte: Construído pelo autor.

Salienta-se ainda que os momentos descritos na tabela 4 tentaram obedecer à rotina semanal da turma sendo que alguns são elementos característicos da prática pedagógica do MEM, como o **trabalho de texto**, e outros são da autoria e prática da PC, como **Verificação Semanal**.

De entre os vários momentos de trabalho de conteúdos por meio do Imaginário, é possível salientar: **(01.A)** a FTT alusiva à temática “A casa assombrada” ([Anexo K](#)) implementada em momento de TEA; **(01.B)** a FTT alusiva à temática “O dia em que o Sol desapareceu” ([Anexo L](#)) implementada em momento de TEA; **(01.C)** o recurso criado para implementar no processo de trabalho de texto da segunda FTT, denominado de “Hospital das palavras” ([Anexo M](#)) que não pode ser implementado; **(02.A)** o momento de verificação semanal que utilizou a temática “Concurso da Sabedoria” ([Anexo N](#)), para promover um jogo no qual os alunos respondiam a perguntas sobre conceitos já trabalhados em aula; **(03.A)** a dinâmica realizada em três aulas, nas quais os alunos realizaram uma exploração sobre os países da Europa, com a temática “Vamos Viajar pela Europa” ([Anexo O](#)), tendo de preencher malas de viagem e apresentar os países “por onde viajaram” à turma, ou seja, os países que exploraram; **(03.B)** a dinâmica realizada em três aulas, nas quais os alunos realizaram uma exploração sobre os distritos e regiões

⁸ **Trabalho de Texto:** Momento semanal, no qual se realiza uma fixa de trabalho sobre um texto lido pela turma, ou escrito por um aluno e melhorado pela turma.

⁹ **Verificação Semanal:** Momento de fim da semana, no qual se realiza uma verificação das aprendizagens dos alunos.

autónomas de Portugal, com a temática “Missão Portugal – Código 00P” ([Anexo P](#)), tendo de preencher guiões de exploração, cartões de espiões e cartas da missão, todas incorporadas dentro da “pasta da missão”. Ao contrário da atividade anterior, esta foi orientada pelo nível 2 do trabalho do Imaginário, uma vez que quando a implementei vesti-me de “diretor de espiões” e apenas abordava os alunos como “espiões”.

5.7. Princípios éticos do processo de investigação

A investigação que foi levada a cabo teve por base os princípios éticos presentes na Carta Ética da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE) publicada em 2020, na qual são referidas orientações éticas e morais para a prática investigativa. Por consequência, a realização deste estudo teve em conta o anonimato de todos os participantes na investigação, sejam eles discentes ou docentes, por forma a “garantir a sua segurança, integridade, licitude e transparência.” (Regulamento Europeu de Proteção de Dados Pessoais, 2016, citado por SPCE, 2020, p. 12). Desta forma, todos os discentes presentes têm o seu nome codificado.

A presente investigação obedeceu aos princípios éticos do bem-estar pessoal e de grupo que visavam a promover um ambiente seguro e sem riscos, que tentaram construir uma relação digna e de respeito entre todos os intervenientes.

A título da conceção do presente relatório, também se respeitou a propriedade intelectual dos autores citados e até das práticas utilizadas, sempre que estas não eram da autoria do autor do presente documento.

6. RESULTADOS

| | | | |

Ao longo da prática, foi possível recolher dados que vão ao encontro da questão de investigação delineada e aos seus OG's inerentes. O presente capítulo pretende fazer uso desses dados, apresentando-os e analisando-os. A análise dos dados irá fazer jus aos ensinamentos de Esteves (2006), uma vez que se irá triangulá-los, por forma a obter informação mais fidedigna e coerente. O capítulo iniciará por demonstrar o envolvimento e participação que os discentes possuíam antes da implementação das dinâmicas com recurso ao Imaginário e irá apresentar cada uma das dinâmicas, pela ordem que foram implementadas, fazendo uma análise dessa dinâmica por meio das diversas fontes de extração de dados.

6.1. Apresentação e Análise dos Dados

6.1.1. Envolvimento dos alunos antes da prática do Imaginário

No decorrer das duas semanas de observação executadas na PES II do 1.º CEB foi possível observar os alunos da turma e a maneira como estes interagem com as dinâmicas realizadas em aula, por forma a responder ao *OG A “Explorar o envolvimento e participação dos alunos nas tarefas das aulas”*. Assim sendo, foi registado em GO's ([Anexo G1](#)) quatro tarefas distintas realizadas em sala de aula que permitiram compreender o grau de envolvimento dos alunos. De entre estas quatro atividades podem ser enunciadas a atividade: (GO 1) “Detetive do Português”¹⁰; (GO 2) exploração de figuras equivalentes, momento no qual a turma foi dividida em grupos de quatro e lhes foram entregues 24 quadrados de borracha para explorarem, numa folha quadriculada, as áreas de uma figura retangular preenchida na totalidade com esses quadrados (D.55, [Anexo C](#)); (GO 3) Verificação Semanal, dinâmica realizada a pares; (GO 4) escrita, leitura e votação de texto; sendo que o primeiro passo da dinâmica, a escrita, foi individual e a leitura e votação foram realizadas para e em turma, respetivamente. Estes momentos foram escolhidos devido à natureza dinâmica e interativa que possuem, tanto com materiais ou recursos criados, como com o docente que os orienta.

¹⁰ Momento semanal, no qual se enunciam palavras desconhecidas em grande grupo para que os discentes, em pares de trabalho, respondam a uma tabela na qual têm de indicar o que acham que significa a palavra, o que realmente significa a palavra, a sua divisão silábica e a sua classe (D.14, [Anexo C](#))

Tendo por base as GO ([Anexo G1](#)) foi conduzida uma análise ([Anexo G2](#)) na qual se pode observar os graus de envolvimento por atividade e o envolvimento médio de cada aluno. Ao longo da realização das quatro atividades supramencionadas foi possível observar o comportamento dos discentes perante as dinâmicas e retratar o grau de envolvimento dos mesmos, tendo em conta a tabela criada. Alunos como JO e LE, demonstraram participar na dinâmica apenas porque a tinham de realizar, não demonstrando entusiasmo, tendo em conta o indicador 2 das GO. Segundo Fredricks et al. (2005), este tipo de comportamento apresenta-se com uma baixa conexão comportamental, o que pode bloquear o desenvolvimento cognitivo. Estes dois alunos, em par com IS, também não participaram nos momentos de questões em grande grupo em praticamente nenhum dos quatro momentos, sendo que, correspondendo ao indicador 4 das GO e ao que afirmam McDonald et al. (2020), isto implica que os discentes não se envolvem com a turma em prol da resolução das tarefas. Perante a observação dos indicadores 7 e 8, no qual se refere à atenção dos alunos para a explicação da tarefa e a facilidade que estes tiveram em a resolver, respetivamente, é possível observar-se que alguns dos discentes apresentaram um envolvimento passivo ou inativo, o que, segundo Fredricks et al. (2005), indica que os estudantes não possuíam uma ligação emocional com a dinâmica suficientemente forte para os motivar à sua realização. Desta forma, consegue-se identificar que a média do grau de envolvimento dos cinco alunos escolhidos para o caso deste estudo ao longo das quatro dinâmicas é **passiva**, em contraste com a turma que é **ativa**. Isto implica que alguns destes alunos apresentam um interesse reduzido na prática que os pode levar a uma desconexão emocional e pessoal com a prática e os conteúdos abordados (McDonald, et al., 2020).

No entanto, estes cinco alunos têm uma disparidade de envolvimento muito espectral. Sendo que dois dos mesmos (LE e JO) apresentam um grau de envolvimento médio inativo, o que já corresponde à desconexão com as dinâmicas. Os outros três alunos, IS, AN e BE têm um grau de envolvimento médio passivo, ativo e proativo, respetivamente. BE foi selecionada para este grupo de alunos para servir de bitola do grau de envolvimento, uma vez que se pode observar nas GO que possui um envolvimento proativo em todas as atividades.

6.1.2. Dinâmica da FTT sobre a Casa Assombrada

Por forma a trabalhar o texto escolhido pelos alunos para a dinâmica do Trabalho de Texto, foi idealizado e criado um recurso que pretendia a imersão na temática do mesmo por meio da interação física com o recurso. Para tal, foi elaborada a FTT Casa Assombrada ([Anexo K](#)) que esboça exercícios interdisciplinares, contendo conteúdos de Português, Matemática e Estudo do Meio. O recurso em si, foi criado por forma a que os alunos conseguissem “abrir” a casa assombrada, ler o texto, “entrar” mais fundo na casa e “andar” pelas suas divisões enquanto realizavam as tarefas propostas. Estes verbos que indicam ações humanas (“abrir”, “entrar” e “andar”) aludem à utilização e manipulação da FTT. Na realidade este recurso é um desdobrável de vários níveis, que os alunos manipulam para visualizar o texto e realizar as tarefas inerentes em TEA, logo, em pares.

No desenrolar dos vários momentos nos quais a FTT sobre a Casa Assombrada foi elaborada, foi possível observar que LE ficou de imediato entusiasmada, uma vez que disse “Anda lá CA, vamos fazer a casa assombrada toda, depois podes ver o resto” ([Anexo H](#), subcapítulo 1.2., linha 37), referindo-se à estética do instrumento. AN também demonstrou o seu agrado para com o mesmo, uma vez que, quando o manuseou disse ao seu colega “Uau, dá para entrar na casa” ([Anexo H](#), subcapítulo 1.2., linha 43). Já JO e IS demonstraram interesse no recurso, em especial na parte estética, contudo, tal como é possível observar no Livro de Ouro o primeiro continuou distraído e o segundo focou-se em pintar a casa e não nos exercícios. Esta observação é corroborada pelas GO realizadas nesta atividade (GO.CA, [Anexo I1](#) e GO.CA_Analise, [Anexo I2](#)), uma vez que é possível observar que todos os alunos estavam ativamente atentos à explicação da tarefa (indicador 7) e manifestaram a sua opinião de forma positiva para com o instrumento (indicador 2), o que demonstra um envolvimento emocional forte entre a criança e o recurso (Fredricks et al., 2005). Porém IS e JO participaram de forma pouco envolvida na resolução da dinâmica, apresentando uma desconexão maior com os exercícios inerentes ao instrumento. Em contraste, LE, que apresentou um envolvimento inativo nas quatro dinâmicas iniciais, foi uma aluna mais participativa e envolvida na globalidade da tarefa. Desta forma, consegue-se afirmar que dois dos alunos apresentaram um grau de envolvimento ativo (AN e LE), enquanto outros dois (JO e IS) um grau de envolvimento passivo. BE possuiu mais uma vez um grau de envolvimento proativo.

No questionário realizado no final da implementação ([Anexo J2](#), questão 1.1.) pode observar-se que os participantes no estudo indicaram que esta FTT e a FTT sobre o Sol Desaparecido como os instrumentos de trabalho de texto que mais gostaram de realizar, sendo que a categoria “**Temática**” foi a base de motivação para a realização do recurso. Ao longo do período de implementação na prática da PES II no 1.º CEB, foram implementados quatro instrumentos de Trabalho de Texto. De entre estes podem-se apontar as duas FTT’s já mencionadas, mais dois guiões de trabalho de texto (GTT) um sobre o livro o livro “A melhor mãe do mundo” de Maria João Lopo de Carvalho ([Anexo Q](#)) e outro sobre o poema “O planeta azul” de Luísa Ducla Soares. De entre estes e segundo as respostas às questões 1.1. e 1.2. do questionário ([Anexo J2](#)) os alunos indicaram que os GTT foram os que menos apreciaram, em especial o GTT sobre o livro.

Na análise realizada às respostas da pergunta 1.3. do questionário, ainda foi possível averiguar que os aspetos que os discentes mais apreciaram da FTT sobre a Casa Assombrada foram a “Temática” o “Recurso” e a “Interação com o Recurso”, sendo que quatro dos cinco alunos selecionaram aspetos relacionados com esta última categoria. Apesar desta apreciação, apenas três dos cinco participantes no estudo afirmaram que a maneira como este recurso foi construído os incentivou a fazer os exercícios subjacentes.

Por fim, também se consegue indicar que apenas AN afirmou não ter gostado de nenhum aspeto deste instrumento, indicando que “os exercícios eram muito complicados” ([Anexo J2](#)). Mesmo com esta apreciação, este aluno realizou a totalidade do instrumento, tal como LE e BE. Já JO e IS apenas realizaram dois exercícios.

6.1.3. Dinâmica do Concurso da Sabedoria

Para a dinâmica “Concurso da Sabedoria”, foi elaborado um powerpoint que expressava oito questões que serviam de questões do concurso para os alunos e cada um destes possuía um cartão de jogo ([Anexo N2](#)) no qual registava as respostas que atribuía individualmente. O objetivo desta dinâmica é a realização de um jogo no qual os alunos possam divertir-se a responder a questões que abordam conteúdos já trabalhados em sala de aula de entre todas as áreas do saber. Esta dinâmica segue os objetivos da atividade “Verificação Semanal” uma vez que foi criada para o mesmo propósito, no entanto

introduz a temática “Concurso da Sabedoria” em prol de um maior envolvimento com a dinâmica e os conteúdos por ela abordada.

No decorrer da atividade AN mais uma vez expressou o seu agrado para com a estética dos recursos utilizados dizendo “UAU, isso está muito giro” ([Anexo H](#), subcapítulo 3.2., linha 24). Já IS demonstrou algum apego pelas suas respostas, não necessariamente relacionado com a dinâmica, uma vez que foram várias as vezes que este escondeu as suas respostas da colega para que, segundo o aluno, esta não copiasse dele. IS também afirmou que apreciava a realização deste tipo de jogos em sala de aula. O interesse deste aluno pela dinâmica foi observado tanto nele como nos seus colegas AN, BE e LE, uma vez que estavam todos atentos à explicação da tarefa (indicador 7) e participaram na dinâmica com entusiasmo e resiliência (indicadores 2 e 9). Isto demonstra que estes discentes estavam ativamente envolvidos na dinâmica, participando na mesma e conseguindo superar dificuldades (McDonald, et al., 2020). No entanto, apesar de LE apresentar mais características de envolvimento, tanto ela como JO colocaram poucas questões em relação à dinâmica (indicador 1), não manifestaram opinião nem positiva nem negativa (indicador 3) e demonstraram-se liminarmente indiferentes para a atividade (indicador 6), o que, segundo os autores previamente mencionados, corresponde a uma participação mais superficial para com a tarefa. O conjunto dos graus de envolvimento destes e dos outros indicadores, atribuiu um grau de envolvimento passivo a ambos os alunos, em contraste com o ativo de AN e de IS e do proativo de BE.

Na análise às questões 2.1. e 2.2. do questionário ([Anexo J2](#)) é possível averiguar que a atividade “Concurso da Sabedoria” não foi votada como a dinâmica que os alunos mais ou menos gostaram, sendo que nenhum dos participantes do estudo votou nela, mesmo que quatro destes tenham completado a totalidade da dinâmica, excetuando LE, que teve de sair mais cedo da sala por motivos externos.

6.1.4. Dinâmica da FTT sobre o Sol Desaparecido

O instrumento FTT sobre o Sol Desaparecido foi executado como mesmo propósito que a FTT sobre a Casa Assombrada, tanto a nível interdisciplinar como na sua forma de materializar a temática inerente (WOSM, 1998), de modo a realizar uma dinâmica de trabalho de Imaginário, tendo a sua construção por base o ideal “Seductive

Details” (p.28) (Krapp, 1999). Ao contrário da FTT anterior, esta não “abria” da mesma forma. A sua estrutura foi realizada com base no “Sol” da história, sendo que assume o formato de um livro no qual cada página é o mesmo “Sol”. Visto que o recurso foi igualmente introduzido em momento de TEA, este foi realizado em pares de trabalho.

Segundo as notas presentes no Livro de Ouro ([Anexo H](#)), AN, no momento de implementação da FTT, voltou mais uma vez a afirmar palavras de agrado para com o instrumento, referindo a estética do recurso, tal como “Parece um livro”, “O Sol está mesmo giro” e “Olha a Terra dentro do Sol” (subcapítulo 4.2., linha 22 – 23). LE indicou ao seu parceiro de trabalho que queria fazer os exercícios deste recurso pois gostou da FTT da semana anterior, referindo-se à FTT sobre a Casa Assombrada. IS demonstrou a sua vontade de querer realizar o recurso e o seu desapontamento quando lhe foi dito, pela PC, que teria de iniciar o TEA por outro instrumento. Na interação com este recurso, também foi possível observar que JO gostou muito dele, uma vez que lhe fez carícias com a mão e a cara, no entanto, se BE, sua parceira de trabalho, não o estivesse a focar na tarefa, ele não teria realizado o número de exercícios que realizou, sendo que este aluno foi o único dos quatro que não completou esta FTT, tal como pode ser observado na seguinte nota realizada no Livro de Ouro:

A BE conseguiu concluir a fixa na própria aula em que a iniciou, já o JO não tanto. Apesar de demonstrar o seu agrado para com a estética do recurso, dando carícias ao “Sol” com a mão e a bochecha e folheando o recurso, continuou distraído e a realizar a ficha apenas com o apoio da sua colega que, se não estivesse em cima dele, ele não tinha realizado a quantidade que realizou, sendo que não a chegou a terminar. A certa altura, o JO trocou de tarefas do PIT pois afirmou “Esta ficha é muito difícil”.

(Livro de Ouro, [Anexo H](#), subcapítulo 4.2, p. 12)

A análise às GO’s desta dinâmica (GO.SD_Análise, [Anexo I2](#)) entra em harmonia com os registos do Livro de Ouro, uma vez que JO demonstrou pouco entusiasmo para a realização da FTT, quando todos os seus colegas apresentaram um maior entusiasmo para a mesma. Este também foi o único aluno que esteve menos atento à explicação da tarefa

e que mais facilmente desistiu de a tentar realizar, uma vez que também não a terminou. De acordo com os graus de envolvimento já referidos, foram registados três graus de envolvimento para esta dinâmica. São estes o grau de envolvimento: (i) ativo, para AN, IS e LE, uma vez que estavam empenhados na resolução das tarefas estando a realizar um trabalho “hands-on” (p.26) (McDonald, et al., 2020) com os seus parceiros de TEA; (ii) passivo, para JO, que apesar de seu interesse pela estética do instrumento, promovida pelo princípio do “Seductive Details” (p.28) de Krapp (1999), esteve desatento na explicação da tarefa e demonstrou pouco entusiasmo para a realizar; (iii) proativo para BE.

Tal como foi referido anteriormente e segundo às respostas dadas às perguntas 1.1. e 1.4. do questionário ([Anexo J2](#)), é possível observar que esta FTT em par com a anterior, ambas implementadas com recurso ao Imaginário, foram os instrumentos de trabalho de texto que os discentes mais gostaram de realizar, indicando que a “Temática” e a “Interação com o Recurso” foram os elementos que mais os motivaram para a realização dos exercícios inerentes.

Este instrumento, ao contrário da FTT sobre a Casa Assombrada, não possui nenhum comentário negativo, sendo que quatro dos cinco discentes em estudo afirmaram que não havia nada a apontar como negativo neste recurso. Porém, quando questionados sobre se a maneira como o recurso estava construído influenciava a sua resolução, três dos alunos afirmaram que não havia influência, uma vez que, segundo estes, fariam os exercícios com ou sem as características do Imaginário. É ainda relevante salientar que um destes três alunos afirmou que o recurso não tinha influência para a resolução dos exercícios, pois tinha medo de o estragar, o que, segundo Fredricks et al. (2005), apresenta-se como uma vontade de preservação relacionada com o envolvimento emocional que este aluno estabeleceu com o instrumento.

6.1.5. Dinâmica da Atividade Vamos Viajar pela Europa

A quarta dinâmica executada em prol do trabalho do Imaginário, corresponde a uma atividade de exploração na qual os alunos, em trios de trabalho, foram confrontados com a tarefa de ir “Viajar pela Europa”. Nesta os discentes foram desafiados a analisar documentos (panfletos, [Anexo O3](#)) para extrair informação sobre dois países da Europa, para os quais eles iriam “viajar” com os seus colegas. Tal como na primeira dinâmica, a

FTT sobre a Casa Assombrada, os verbos utilizados para descrever as ações desta atividade, como “viajar”, aludem a ações humanas por forma a indicar a tarefa subjacente à atividade, a de pesquisar e reunir informação sobre os países por forma a depois apresentá-las à turma ([Anexo S](#)). Para promover tal tarefa, foi apresentado um powerpoint alusivo ao tema ([Anexo O4](#)) e foi entregue aos alunos um Bilhete de avião ([Anexo O1](#)) no qual eles tinham de escrever os países para onde iriam “viajar” assim como os colegas com que para lá “iam”.

Ao contrário das dinâmicas anteriores, esta possuiu vários recursos que, na sua globalidade, pretendiam incentivar a realização da dinâmica. É possível observar nas GO (GO.VVE_Análise, [Anexo I2](#)) que para esta atividade, todos os discentes em estudo possuem um grau e envolvimento igual ou acima do ativo. Isto é observável quando, logo desde o início, uma vez que LE, AN e IS, antes de lhes ser indicado o que teriam de concretamente realizar, começaram a indicar quais os países para onde queriam “viajar”:

- “Mas vamos mesmo viajar pela Europa toda?” (BE).
- “Eu quero ir a Espanha” (LE e AN).
- “Eu quero ir a França” (EN e IS).
- “Eu já fui a Espanha. Professor posso ir a Espanha por favor?” (LE).

(Livro de Ouro, [Anexo H](#), subcapítulo 5.2, p. 15)

Neste momento, estes alunos, em par com BE, também demonstraram espanto pelos recursos criados assim como pela ideia de ir “viajar” pela Europa. Foi perceptível, segundo as GO (GO.VVE_Análise, [Anexo I2](#)), que os cinco participantes do estudo estavam visivelmente atentos e com reações positivas para com as instruções, com menos reações de JO (indicador 7), o que é observável nos registos do Livro de Ouro:

Ao receberem as mochilas alguns alunos disseram:

- “Uau isto está mesmo giro” (AN).
- “Vamos viajar com esta mala? Isto é mesmo giro” (CO).
- “Boa, assim consigo escrever as coisas de Espanha” (LE).

Quando receberam os panfletos houve uma aluna que disse: “Ah! então é por aqui que vamos viajar” (CO). O seu colega VI respondeu: “Claro, e escrevemos tudo aqui na mala”.

(Livro de Ouro, [Anexo H](#), subcapítulo 5.2, p. 16)

Também foi possível observar que os cinco alunos participaram na dinâmica dando as suas opiniões positivas para com a mesma e realizando a tarefa com alguma ou muita facilidade (indicadores 2, 3 e 8). Ao longo da realização da atividade, todos os participantes do estudo findaram o preenchimento dos recursos da atividade, sendo que a terceira aula, que corresponde à GO.VVE.3 ([Anexo II](#)), demonstra que JO, em par com o seu trio, teve mais dificuldades em realizar a tarefa da aula, que foi a planificação e apresentação das pesquisas, sendo que o entusiasmo geral deste grupo de alunos iniciou numa média proativa e baixou para ativa na aula das apresentações das explorações dos trios de trabalho. Tendo em conta as respostas à pergunta 2.5. do questionário ([Anexo J2](#)), o momento da apresentação dos trabalhos apresentou uma média de apreciação mais baixa que os restantes elementos da dinâmica, sendo que mesmo assim ainda se mantem na categoria “Gostei Muito”. É ainda possível observar que os aspetos desta atividade que melhores apreciações tiveram por foi a “Interação com os recursos” e a própria estética dos instrumentos.

Nas respostas à questão 2.1. do questionário também é possível observar que, de entre as oito atividades realizadas ao longo da prática pedagógica, a atividade “Vamos Viajar pela Europa” é uma das três que os alunos mais gostaram, em parceria com as atividades “Diário Gráfico lá fora” e a atividade “Missão Portugal – Código 00P”, sendo que as razões para tal apreciação, segundo os alunos, foi devido à atividade ser “**divertida**” e uma “**novidade**”. De entre as atividades que os alunos menos gostaram, pode-se encontrar a atividade “Exploração do Globo” ([Anexo T](#)) e “Texto com Dados” ([Anexo U](#)), sendo que a atividade “Vamos Viajar pela Europa” não foi selecionada por nenhum aluno.

De um modo geral, esta dinâmica assumiu-se como uma das que os discentes mais gostaram e melhor se envolveram, uma vez que todos os alunos estão com um envolvimento ativo ou superior. No momento final da dinâmica, tal como está descrito

no Livro de Ouro, foi entregue a cada um dos alunos da turma uma ficha síntese para anotar as informações sobre os países no período de apresentações ([Anexo O5](#)). Contudo, apenas alguns discentes estavam a realizar estes registos, sendo que LE e BE estavam a realizar registos escritos nessa síntese, JO apenas desenhou as bandeiras dos países que os seus colegas foram apresentando e AN e IS, não preencheram o documento de todo. Este comportamento dos alunos, alinha-se com a definição de envolvimento comportamental de Fredricks et al. (2005), uma vez que é uma ação concreta que os alunos tomaram perante a dinâmica.

6.1.6. Dinâmica da Atividade Missão Portugal – Código 00P

A quinta dinâmica realizada em prol do trabalho do Imaginário, corresponde, tal como a dinâmica anterior, a uma atividade de exploração a pares na qual os alunos foram confrontados com uma história que lhes exigia procurarem informação sobre os distritos de Portugal ou as suas Regiões Autónomas e posteriormente apresentar as suas descobertas à turma. O trabalho deste imaginário diferenciou-se das restantes dinâmicas, uma vez que incorporou o segundo nível do Imaginário “Expressões” de uma maneira mais presente. Para isto, como guia da dinâmica, foi utilizada a personagem “Senhor Diretor” para interagir com os alunos e os incentivar a quererem resolver a “missão” que lhes foi atribuída, sendo que este era eu e que estava mascarado de “diretor de uma agência de espões. Esta dinâmica pretendia cumprir com os objetivos da atividade, presentes na planificação da mesma ([Anexo V](#)): (1) Reconhecer a existência de semelhanças e diferenças entre os distritos de Portugal, valorizando a sua diversidade; (2) Pesquisar e seleccionar informação pertinente, através da análise de documentos. Tal como foi descrito na atividade anterior, alguns dos verbos utilizados para indicar as tarefas das dinâmicas estão ditas em prol do Imaginário, incorporando as suas ações, como “vamos fazer uma missão” que faz alusão à ação de realizar a tarefa.

O grau de envolvimento e participação dos discentes nesta atividade foi de tal forma elevado, que quatro dos cinco alunos apresentaram um grau de envolvimento proativo, sendo que apenas JO apresentou um grau de envolvimento ativo (GO.MP_Análise, [Anexo I2](#)). Este envolvimento provém do facto de estes cinco discentes participarem com muito entusiasmo na totalidade da dinâmica (indicador 2) e

demonstrando com o corpo e a voz o seu entusiasmo para a mesma (indicador 6). Estes também estiveram atentos com reações positivas à explicação da dinâmica (indicador 7), realizando as tarefas com extrema facilidade e não necessitando nunca de recorrer ao adulto, sendo resiliente na sua realização das tarefas (indicadores 8 e 9).

O entusiasmo para esta atividade é igualmente visível nas notas de campo realizadas no Livro de Ouro, tal como as seguintes:

No final dos 15 segundos entrei na sala e alguns alunos, como JO, BE, (...) e AN fizeram um suspiro audível de surpresa. O AN, ainda em pé, esperneou e IS olhou para a professora com um sorriso na cara. (...) Quando me coloquei, em personagem, em frente à turma, não falei logo. ED, LE, AN, DE e DZ começaram a fazer o som “shiu” pedindo silêncio aos seus colegas. Quando o silêncio se estabeleceu, comecei a falar: “O meu nome é senhor diretor”. Ao ouvir isto a turma demonstrou entusiasmo, sendo que LE, BE, DZ e CL deram um pequeno salto no lugar, esboçando um sorriso e olhando para os colegas.

(Livro de Ouro, [Anexo H](#), subcapítulo 6.2, p. 23)

Este entusiasmo ocorreu ao longo de toda a intervenção de diferentes formas. Como por exemplo, no momento de entrega das “Cartas da Missão” que continham o cartão de espião ([Anexo P2](#)) no qual os alunos escreviam o seu nome o do seu parceiro e a carta indutora ([Anexo P3](#)) que explicava o que se iria fazer, assim como a história:

“As missões vou distribuí-las agora” disse eu e ED e a BE disseram “ui”.

No momento da distribuição das cartas, o estagiário disse “Vou pedir a um dos agentes que venha aqui buscar a carta e LE, IS, BE, ED e CA levantaram-se do lugar em direção a mim dizendo “eu” com entusiasmo na voz. DE, HI e JO também disseram “eu” e levantaram igualmente o braço, mas ficaram no lugar.

(Livro de Ouro, [Anexo H](#), subcapítulo 6.2, p. 24)

Os cinco alunos participantes do estudo, ao longo desta atividade, sempre me chamaram de “Senhor Diretor” e alguns deles, como AN, fazia questão de me abraçar

quando passava por ele, sendo que houve uma vez em que ele disse “Estás muito giro. Gosto do chapéu e do casaco. Posso [usar] o chapéu?” (p. 25). Também ocorreram outras conversas com outros alunos, como JO e sua parceira CA e BE:

JO: Sabias que CA vai aqui? (apontando para os Açores)

Sr. Diretor: Sabia sim.

CA: É verdade, vou aqui daqui a dois dias.

JO: Eu não sabia que havia tantas ilhas nos Açores.

Sr. Diretor: Boa. Estão a gostar de explorar?

JO e CA: SIM!

JO: E gosto da tua roupa.

Sr. Diretor: Obrigado. Continuem. Se precisarem chamem.

(...)

BE: (com a tesoura na mão) Temos de cortar tudo ou só o que queremos?

Sr. Diretor: Cortem aquilo que vão colar, se cortarem a mais, ponham o resto no envelope.

BE: Qual envelope?

Sr. Diretor: O da carta que colaram na pasta.

BE: Ah! Olha aqui a nossa pasta. Está gira não está?

Sr. Diretor: Está sim!

(Livro de Ouro, [Anexo H](#), subcapítulo 6.2, p. 26)

Esta atividade também levou a alunos como AN a entusiasmar-se pela pesquisa dos países, como os monumentos que este discente encontrou sobre Évora que com grande entusiasmo comentou com o colega de trabalho IS. A alta participação e envolvimento dos alunos também se retratou quando todos os pares de trabalho terminaram a exploração da informação sobre os distritos de Portugal, antes da primeira aula terminar, algo que só se esperava a meio da segunda aula uma vez que foi o que tinha acontecido nas explorações da atividade “Vamos Viajar pela Europa”.

Tal como foi referido no subtópico anterior, esta atividade foi uma das três que os discentes afirmaram mais gostar, segundo as respostas dadas na pergunta 2.1. do

questionário ([Anexo J2](#)). No entanto, o elemento das “Expressões” desta atividade (a interação com o “Senhor Diretor”) demonstrou-se como um dos mais votados motivos de se ter gostado da atividade, devido às reações já descritas dos alunos, assim como à apreciação que os alunos atribuíram a este momento, que corresponde a “Adorei” ([Anexo J2](#), questão 2.5, “Missão Portugal – Código 00P”).

6.1.7. Evolução da motivação e envolvimento dos alunos ao longo das atividades com o Imaginário

Se forem comparadas as GO realizadas antes da prática ([Anexo G2](#)) com as implementadas durante a prática ([Anexo II](#)) é possível compreender que a utilização de atividades com Imaginário promoveu um maior envolvimento dos alunos, sendo que alunos como LE e JO que apresentavam um envolvimento inativo nas dinâmicas da aula, acabaram por apresentar um envolvimento proativo e ativo, respetivamente, na última atividade implementada, a “Missão Portugal – Código 00P”.

Para compreender o envolvimento dos alunos nos momentos e dinâmicas em que se utilizou o Imaginário, também se pode observar a tabela 5, na qual é possível compreender o envolvimento médio de cada um dos discentes em estudo ao longo das dinâmicas implementadas com recurso ao Imaginário.

Tabela 5:

Tabela da geral das observações que inclui as médias do envolvimento de cada aluno para cada uma das atividades implementadas com o Imaginário.

Grelhas de observação (GO) Geral						Frequência absoluta					Frequência Relativa										
Código: GO - GERAL																					
3º ano						0	1	2	3	TOTAL	0	1	2	3	TOTAL						
Dinâmicas com Imaginário																					
	AN	BE	IS	JO	LE																
1	Ficha de Trabalho de Texto da Casa Assombrada	2	3	1	1	2	0	2	2	1	5	0%	40%	40%	20%	100%					
		Ativo.	Proativo	Passivo	Passivo	Ativo.															
3	Concurso da Sabedoria	2	3	2	1	1	0	2	2	1	5	0%	40%	40%	20%	100%					
		Ativo.	Proativo	Ativo.	Passivo	Passivo															
4	Ficha de Trabalho de Texto do Sol Desaparecido	2	3	2	1	2	0	1	3	1	5	0%	20%	60%	20%	100%					
		Ativo.	Proativo	Ativo.	Passivo	Ativo.															
5	Atividade: Vamos Viajar pela Europa	2	3	2	2	2	0	0	4	1	5	0%	0%	80%	20%	100%					
		Ativo.	Proativo	Ativo.	Ativo.	Ativo.															
6	Atividade: Missão Portugal - Código 00P	3	3	3	2	3	0	0	1	4	5	0%	0%	20%	80%	100%					
		Proativo	Proativo	Proativo	Ativo.	Proativo															
Média numérica do aluno						2	3	2	1	2											
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Ativo.	Proativo	Ativo.	Passivo	Ativo.											
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO						2	Ativo.														

Fonte: Construído pelo autor.

Na tabela 5 é possível observar que AN, JO e IS tiveram um aumento gradual do seu envolvimento nas dinâmicas, o que por sua vez aumenta a sua participação e motivação para a aprendizagem (Willms et al. 2009). É curioso denotar que as últimas duas dinâmicas implementadas (atividades 5 e 6) possuem um aumento do grau de

envolvimento destes alunos. Uma possível justificção foi a quantidade de estímulos utilizados nestas dinâmicas. Ambas eram atividades de exploração focadas na descoberta interpares de informação e ambas tinham recursos alusivos para com as tarefas. No entanto, existe uma divergência fulcral que pode tentar justificar a diferença de 60% de envolvimento proativo entre as duas atividades, uma vez que a atividade 5 teve 20% de envolvimento proativo e a atividade 6 teve 80%. Esta diferença, pode observar-se na maneira como foi executado o nível 2 do trabalho do trabalho do Imaginário em ambas as atividades ([Anexo H](#) – subcapítulos 5.1. e 6.1.). Na atividade 5, as expressões que se utilizaram não passaram do discurso adequado à temática e de um pequeno vídeo alusivo à viagem de um avião, aquando a atividade 6, foi utilizado um vestuário específico e foi feita a representação de uma personagem que interagia com os discentes em todos os momentos da dinâmica. Este fator acrescido, pode ter elevado o entusiasmo dos alunos, o que pode ter levado à sua participação e envolvimento, sendo a dramatização um fator que envolve e promove o interesse dos discentes (Filgona et al., 2020).

A tabela 5 também explana que JO teve um período de envolvimento passivo superior aos colegas, em especial na realização das FTT's. No Livro de Ouro ([Anexo H](#)) observa-se que IS e JO tiveram um maior grau de distração especialmente na implementação das FTT, sendo que uma deles o JO só realizou pela insistência de terceiros, não terminando a tarefa. Contudo, no questionário implementado aos alunos, é possível averiguar que os instrumentos de trabalho de texto implementado que tiveram uma melhor apreciação por parte dos alunos, foram os criados com recurso ao Imaginário, logo as FTT sobre a Casa Assombrada e sobre o Sol Desaparecido (Anexos [K](#) e [L](#)). O que demonstra que o Imaginário teve alguma influência na apreciação dos alunos.

As duas últimas atividades implementadas com recurso ao Imaginário tiveram um envolvimento e participação exponencial de todos os discentes. No questionário ([Anexo J2](#), questão 2.5.) é possível observar que a categoria “Adorei” foi a mais utilizada para descrever os elementos da atividade, sejam estes instrumentos ou dinâmicas (tabela 6).

Tabela 6:

Apreciação média da turma e dos alunos em estudo, perante os diferentes elementos das atividades “Vamos Viajar pela Europa” e “Missão Portugal – Código 00P”.

Atividade “Vamos Viajar pela Europa”				Atividade “Missão Portugal - Código 00P”			
Elementos da Dinâmica	Grau de apreciação	Categorias dos Elementos da Dinâmica	Grau de apreciação	Elementos da Dinâmica	Grau de apreciação	Categorias dos Elementos da Dinâmica	Grau de apreciação
Avião	3	Expressões	3	Interagir Diretor	4	Expressões	4
Bilhete de Viagem	4	Recurso	4	Carta da Missão	4	Recurso	4
Mala de Viagem	4			Pasta da Missão	4		
Panfletos dos Países	4			Guião da Missão	4		
Procurar informação sobre países	4			Chaves dos Distritos	4		
Preencher a Mala de Viagem	4	Interação com o Recurso	4	Procurar Info Distritos	4	Interação com o Recurso	3
Explorar o mapa da Europa	3			Preencher Guião	4		
Apresentar o país	3			Apresentar Distritos	3		
Escrever a informação síntese	4			Preencher Mapa	3		

Fonte: Construído pelo autor.

Na tabela 6, também é possível observar que o campo das “Expressões” corresponde a “Adoro” na atividade “Missão Portugal – Código 00P” e a “Gostei Muito” na atividade “Vamos Viajar pela Europa”. Este fator pode ter desencadeado um maior envolvimento, participação e entusiasmo para a atividade, tal como já foi descrito, devido também ao fator novidade que representa para o processo de ensino-aprendizagem a que os alunos estão habituados. Alunos como AN e IS realizaram a totalidade das tarefas requisitadas nestas atividades, sendo que também criaram uma relação afetiva com o “Senhor Diretor” da dinâmica, uma vez que sempre que passava pela mesa dele, abraçava-o ([Anexo H](#) – Subcapítulo 6.2., linha 131). Já IS gostou tanto da temática que no intervalo foi brincar aos “espões” com um colega dele ([Anexo H](#) – Subcapítulo 6.4.).

7. CONCLUSÃO

| | ' ' | | ' ' |

Brunner (1997) afirma que o estímulo pelo interesse é algo que consegue fazer com que a criança consiga estar mais predisposta para aprender. Já McDonald et al. (2020) e Willms (2003) indicam que o aluno consegue estar envolvido e com vontade de participar também pode depender da maneira como as dinâmicas lhes são apresentadas.

Os dados recolhidos ao longo da intervenção realizada na PES II no 1.º CEB, permitem formular hipóteses que venham responder aos OG's do presente estudo e à questão de investigação.

A nível do **OG A “Explorar o envolvimento e participação dos alunos nas tarefas das aulas”**, foi possível compreender que os alunos, de um modo geral reagem de maneira diferente a dinâmicas diferentes. Tanto no período de observação como no de implementação, foi possível compreender que os alunos, nomeadamente o JO, apresentam um envolvimento mais reduzido em atividades que exijam puramente a escrita. As duas FTT implementadas tiveram um envolvimento mais baixo de JO, devido à escrita e, atendendo ao recurso, também apresentaram um envolvimento mais baixo de IS e LE. Comparando o envolvimento dos discentes nestas atividades para com as tarefas de exploração, em pares ou trios, nas dinâmicas “Vamos Viajar pela Europa” e “Missão Portugal – Código 00P”, é possível compreender que estas dinâmicas de exploração possuem um envolvimento mais elevado que as outras dinâmicas. É possível que isto aconteça devido à característica prática e “hands-on” (p.26) (McDonald, et al., 2020) das atividades, uma vez que segundo estes autores e Fredricks et al. (2005) a característica prática da realização em ação de exploração e ou criação promove um envolvimento ativo que está correlacionado com o envolvimento corporal, emocional e cognitivo que fazem com que o aluno faça, goste e pense na tarefa.

No que toca ao **OG B “Analisar os efeitos do trabalho do Imaginário como prática pedagógica nas tarefas das aulas”**, pode-se observar que existe um efeito incentivador na realização das tarefas, mesmo quando os participantes do estudo afirmam não haver incentivo para a sua resolução por meio da transformação da temática em materiais alusivos (Benard, et al., 2012). É possível afirmar isto, uma vez que os instrumentos de trabalho de texto com recurso a um Imaginário, as FTT, foram os recursos que os discentes mais gostaram de realizar, em contraste com os GTT, sendo que os participantes do estudo afirmaram que estes últimos recursos não eram divertidos,

elemento fundamental do Imaginário (Benard, et al., 2012; Completo, 2020). Assim sendo, consegue-se compreender que o nível 1 do trabalho do Imaginário, Recursos, enriquece a dinâmica das atividades, promovendo um maior incentivo para a realização das tarefas inerentes aos recursos. Também é possível compreender que, no que toca às atividades realizadas com a turma, as dinâmicas que foram implementadas com os níveis 1 e 2 do trabalho do Imaginário, Recursos e Expressões, respetivamente, apresentam-se como duas das três atividades que os discentes mais gostaram de realizar, sendo os fatores “**divertido**” e “**novidade**” os mais salientados pelos alunos. É possível que se coloque em debate que o cariz exploratório destas atividades foi a que atribuiu os elevados níveis de envolvimento dos alunos nas dinâmicas. Contudo, a atividade “Exploração Globo” foi a que os discentes indicaram que menos gostaram e também corresponde a uma dinâmica de exploração em grupo, com acesso a recursos materiais. A diferença desta atividade para as outras duas é o recurso ao trabalho do Imaginário por meio da temática desenvolvida, dos recursos criados e das introduções e acompanhamentos das atividades por meio das dramatizações utilizadas, respetivamente os níveis 0, 1 e 2 do trabalho do Imaginário. Os fatores novidade, surpresa e desafio propostos por Filgona et al. (2020), elementos inerentes à prática do Imaginário, fortemente contribuíram para que os alunos demonstrassem um maior envolvimento, interesse e participação nestas duas dinâmicas. Este envolvimento foi mais notório na atividade que recorreu a uma dinâmica mais presente do nível 2 do trabalho Imaginário, as Expressões, uma vez que foi utilizada a dramatização para integrar os alunos e proporcionar uma experiência mais envolvente e positiva (Marshall, 2014) que coloca a personagem da história a interagir com os discentes. Esta influência foi de forma tal, que os alunos terminaram todos de realizar a tarefa, antes do tempo esperado.

No entanto, ainda se salienta que a dinâmica implementada em prol do nível 3 do trabalho do Imaginário, Jogo, não evidencia resultados positivos nem negativos. Isto pode dever-se ao facto deste grupo de alunos estar habituado à realização semanal de dinâmicas em estilo de um jogo, para realizar os momentos de Verificação Semanal, o que pode levar a que esta atividade tenha sido acatada como algo habitual.

Atendendo a todos os resultados obtidos, e tentando responder à questão de investigação do presente estudo “**Será que a utilização do Imaginário tem influência**

no envolvimento e participação dos alunos do 1.º CEB nas tarefas das aulas?”, é possível compreender que a implementação do Imaginário nas dinâmicas em aula aumentou o envolvimento e participação dos discentes nas tarefas. Este facto é observável na evolução que os discentes apresentaram ao longo da implementação, uma vez que, alunos como LE e JO que possuíam um envolvimento inativo no início da intervenção, acabaram por, na última atividade, demonstrar um envolvimento proativo e ativo, respetivamente (tabela 5, p. 61). Também se consegue observar que os discentes IS e AN, apesar de terem demonstrado diferentes graus de envolvimento no início da intervenção, passivo e ativo, respetivamente, ambos tiveram um envolvimento proativo na última dinâmica implementada. BE sempre esteve com um grau de envolvimento proativo, o que corrobora a sua função de bitola para este estudo.

Desta forma, é possível afirmar que a utilização do Imaginário como estratégia de ensino tem uma influência positiva nestes alunos do 1.º CEB a nível do seu envolvimento e participação das tarefas em sala de aula, em especial nas dinâmicas que utilizaram estratégias de dramatização, inerentes ao nível 2 do trabalho do Imaginário.

8. REFLEXÃO FINAL

| ' ' | | ' ' |

A realização da unidade curricular PES II apresenta-se como uma etapa crucial na minha formação e na formação de qualquer futuro docente, representando um momento de transição entre a teoria adquirida e a prática efetiva do contexto escolar. Este período proporciona uma oportunidade única para desenvolver competências profissionais e sociais, enfrentar desafios reais e em contexto e refletir sobre a prática docente.

Durante o meu período de prática profissional dentro desta unidade curricular, tive a oportunidade de trabalhar com três turmas distintas, cada uma com os seus próprios desafios, potencialidades e fragilidades que contribuíram significativamente para o meu crescimento pessoal e profissional. No primeiro ciclo, foi colocado numa turma desafiante, mas que era relativamente fácil de motivar através de dinâmicas interessantes. Esta experiência permitiu explorar diversas estratégias pedagógicas, compreender a importância de adaptar a metodologia de ensino às necessidades e interesses dos alunos e proporcionar momentos de trabalho autónomo fulcrais para o desenvolvimento de futuros adultos capazes e competentes (Serralha, 2009). Isto permitiu realizar atividades que pretendiam captar a atenção dos alunos, fomentando o ambiente de aprendizagem positivo e envolvente. Este contexto ainda me proporcionou uma valiosa aprendizagem sobre a gestão de turma e a criação de um ambiente em sala de aula que promova a participação ativa e eu entusiasmo pela aprendizagem.

Em contraste, a minha experiência com as turmas do segundo ciclo revelou-se mais complexa do que aquilo que estava à espera. Os alunos apresentavam comportamentos mais divergentes, tornando o processo de ensino um verdadeiro desafio. Esta situação exigiu de mim uma abordagem mais assertiva e paciente, assim como a implementação de estratégias de gestão comportamental mais rigorosas. Através desta experiência, desenvolvi competências essenciais e necessárias à profissão docente como a resiliência, a capacidade de adaptação e a gestão eficaz de conflitos, de momentos e de vontades tanto dos alunos como dos professores. A necessidade de criar um plano de ação individualizado para saber lidar com os diferentes comportamentos dos alunos e com as diferentes fragilidades que eles apresentavam fez-me compreender a importância da existência de uma abordagem diferenciada e inclusiva no ensino que tenta aproveitar os momentos de sala de aula e as opiniões dos alunos para proporcionar uma aprendizagem eficaz e significativa.

Para além das várias aquisições relacionadas com a prática pedagógica, a intervenção também me proporcionou a oportunidade de realizar uma aprendizagem ao nível da investigação científica, aprofundando os meus conhecimentos sobre a teoria e a prática educativa e adquirindo competências de análise e interpretação de dados, fulcrais para a prática investigativa (Bradley et al., 2007). As investigações realizadas focaram-se na eficácia das estratégias pedagógicas utilizadas em contexto real com alunos com diferentes necessidades. Foi através deste processo que desenvolvi competências de investigação como a recolha e análise de dados, a reflexão crítica e a capacidade de conduzir uma investigação relevante para o ensino da atualidade. Estas experiências não só enriqueceram o meu conhecimento académico, como também contribuíram para a melhoria do meu contínuo processo de ensino e aprendizagem. É através da investigação que se pode promover a inovação e a experimentação de novas estratégias e técnicas, como o Imaginário, o que vai, de certo modo, tentando aprimorar o mundo da educação e a criar novas estratégias de permitam chegar de formar mais eficazes aos alunos. A investigação ainda permite o constante confronto entre a educação do passado, do presente e do futuro, que leva a uma reflexão sobre a prática e sobre o tipo de professor que quero ser.

Os aspetos positivos e significativos para o meu desenvolvimento pessoal e profissional durante a prática pedagógica são numerosos. A intervenção direta com os alunos permitiu-me desenvolver uma maior empatia e compreensão das suas necessidades e dificuldades, aproveitando sempre as suas potencialidades. A colaboração com a minha parceira de estágio e com os meus mentores locais de cada intervenção também possibilitou a aquisição de valiosas lições sobre o trabalho em equipa, a partilha de boas práticas, a importância de um ensino em cooperação e colaboração, e a importância do apoio mútuo na comunidade escolar.

Listar as inúmeras competências que pude desenvolver no decorrer da prática pedagógica realizada na PES II É um trabalho inglório devido a enorme quantidade de competências que consegui desenvolver e adquirir. No entanto é possível afirmar que a capacidade de adaptação, planificação e organização do currículo foram algumas destas competências, a par com a capacidade de utilizar estratégias diversificadas e motivadoras para as aprendizagens dos alunos, incluindo a utilização de recursos materiais e digitais.

Porém reconheço que ainda existem áreas nas quais necessito de continuar a trabalhar, como a gestão de conflitos e processos de avaliação formativa eficazes.

Em suma, a prática pedagógica foi uma experiência transformadora que me preparou de forma mais completa para o exercício da profissão docente. Permitiu-me um desenvolvimento pessoal e profissional de um modo holístico, melhorando as minhas capacidades e competências pedagógicas, ao mesmo tempo que reforçou a minha vocação e paixão pelo ensino. A experiência com turmas desafiantes e a realização de investigação científica foram elementos cruciais neste percurso e ambos contribuíram para minha formação como um docente mais reflexivo, preparados para enfrentar os desafios da profissão e de um modo geral mais competente.

Só com o desenvolvimento das diversas competências pessoais e a constante reflexão a nível da prática e teoria aplicadas no ato da profissão é que se consegue melhorar as competências pessoais para lecionar de uma forma eficaz, motivadora e significativa. Esta prática quer, nos meus olhos, promover aquilo que Baden-Powell pede a todas as crianças, a todos os jovens e a todos os adultos do mundo:

Procurar e deixar o mundo um pouco melhor do que o encontrastes.

(Baden-Powell, 2008, p. 333)

REFERÊNCIAS

| | ' ' | | ' ' |

- Agrupamento de escolas. (2023). *Projeto Educativo*.
- Arends, R. I. (2008). *Aprender a ensinar*. (7.a ed.). Lisboa: mcgraw-Hill.
- Asensio-Ramon, J., Álvarez-Hernández, J. F., Aguilar-Parra, J. M., Trigueros, R., Manzano-León, A., Fernandez-Campoy, J. M., Fernández-Jiménez, C. (2020). The influence of the scout movement as a free time option on improving academic performance, self-esteem and social skills in adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*. 17, 5215. <https://www.mdpi.com/1660-4601/17/14/5215>.
- Aspers, P., & Corte, U. (2019). *What is Qualitative in Qualitative Research*. *Qualitative Sociology*. 139 – 160. <https://link.springer.com/article/10.1007/s11133-019-9413-7>.
- Astuti, N. Khairani, F., Destini, F., & Sulistyawati (2021). The role of scout activities and learning environment at school toward students' characters. *International Journal of Education in Social Sciences*. Vol. 1. Nº 1, 28 – 37. <https://www.lighthouse-pub.com/ijesss/article/view/135/85>.
- Azevedo, R., & Aleven, V. (Eds.). (2013). *International handbook of metacognition and learning technologies*. Springer International Handbooks of Education.
- Baden-Powell, R. (2008). *Escutismo para Rapazes por B-P*. Corpo Nacional de Escutas.
- Baden-Powell, R. (2015). *A Caminho do Triunfo*. Corpo Nacional de Escutas.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Baxter, P., & Jack, S. (2008). *Qualitative Case Study Methodology: Study Design and Implementation for Novice Researchers*. *The Qualitative Report*. Vol. 13. 544 – 599.
- Benard, D., Charles, N., Cottreau, P., Gausset, E., Grosskopf, P., Pages, A., Saint-Aubin, G., Seyrat, M., Valroff, M., & Visseaux, E. (2012). *Baden Powell Hoje: Pistas para um educador no escutismo*. Corpo Nacional de Escutas.
- Bender, B. (2003). Student-Centered Learning: A Personal Journal. *Center for Applied Research – Research Bulletin*. Volume 2003, Issue 11. <http://studentcenteredlearning.pbworks.com/f/Student+Centered+Learning+A+Personal+Journal.pdf>.

- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação. Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Bradley, E. H., Curry, L. A., & Devers, K. J. (2007). Qualitative Data Analysis for Health Services Research: Developing Taxonomy, Themes, and Theory. Health Research and Educational Trust. 1758 – 1772. <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17286625/>.
- Bruner, J. (1977). *The Process of Education: A Landmark in Educational Theory*. Harvard University Press.
- Check, J., & Schutt, R. K. (2012). *Research methods in education*. SAGE Publications.
- Corballis, M. C. (2014). Left Brain, Right Brain: Facts and Fantasies. Plos – Biology, Volume 12, Issue 1. https://www.academia.edu/48779492/Left_brain_right_brain_One_brain_two_brains.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2007). *Research methods in education*. Routledge.
- Corpo Nacional de Escutas. (2005). Flor de Liz. *EUROJAM em caminho: Consegues Imaginar?* Janeiro – Ano LXXIX/ No 1138.
- Corpo Nacional de Escutas. (2008). Flor de Liz. *Destacável de animação O UIVO Equipa Nacional dos Lobitos: A Selva foi feita por Tha, o Primeiro dos Elefantes – Vamos Jogar?* Setembro/Outubro – Ano LXXXII/ No 1182/1183.
- Corpo Nacional de Escutas. (2009-a). Flor de Liz. *Destacável de animação O UIVO Equipa Nacional dos Lobitos: Renovação da Ação Pedagógica*. Setembro/Outubro – Ano LXXXIII/ No 1194/ 1195.
- Corpo Nacional de Escutas. (2009-b1). Flor de Liz. *Destacável de animação A CHAMA Equipa Nacional dos Caminheiros: Kit de São Paulo*. Janeiro – Ano LXXXII/ No 1186.
- Corpo Nacional de Escutas. (2009-b2). Flor de Liz. *Destacável de animação O UIVO Equipa Nacional dos Lobitos: Tigre! Tigre! – 2.ª Parte*. Janeiro – Ano LXXXII/ No 1186.
- Corpo Nacional de Escutas – Região de Lisboa. (2019). *Ferramenta 8M: As 8 Maravilhas do Método Escutista – 8M*. Secretaria regional – Adultos.

- Corpo Nacional de Escutas – Secretaria Nacional Pedagógica. (2010). C2. Mística e Simbologia, Projeto Educativo – *Manual do Dirigente* (p. 79 – 126). Corpo Nacional de Escutas.
- Correia, M. (2009). *A Observação participante enquanto técnica de investigação*. Vol. 12, 30 – 36. https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/23968/1/2009_13_2_30-36.pdf.
- Escutismo. (2016-a). *Proposta Educativa*. <https://escutismo.pt/programaeducativo/finalidade/proposta-educativa/proposta-educativa:2170>.
- Escutismo. (2016-b). *Iniciação à Pedagogia Escutista*. <https://escutismo.pt/adultos/percurso-inicial/ipe/iniciacao-a-pedagogia-escutista:2460>.
- Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. In Lima J.A., & Pacheco J.A., *Fazer investigação* (pp. 105-126). Porto Editora.
- Fernandes, D. (2020). *Projeto de monitorização, acompanhamento e investigação em avaliação pedagógica – Avaliação sumativa*. ISCTE e Escola de Sociologia e Políticas Públicas.
- Filgona, J., Sakiyo, J., Gwany, D. M., & Okoronka, A. U. (2020). *Motivation in Learning*. Asian Journal of Education and Social Studies. Vol. 10(4): 16 – 37. <http://eprints.go4mailburst.com/id/eprint/334/1/Filgona1042020AJESS60760.pdf>.
- Folque, M. A. (2012). Perspetivas socioculturais da aprendizagem. In M. A. Folque, *O aprender a aprender no pré-escolar: o Modelo pedagógico do movimento da escola moderna* (pp.65-75). Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Fredricks, J., Blumenfeld, P., Friedel, J., & Paris, A. (2005). School Engagement.
- Gomes, A. (2007). *Recurso Educativo/Recurso Didático*. Síntese Reflexiva: Recursos Educativos. https://blackmirror.wordpress.com/wp-content/uploads/2007/07/sr_recurros.pdf.
- Gundumogula, M. (2020). *Importance of Focus Groups in Qualitative Research*. International Journal of Humanities and Social Science. <https://hal.univ-lorraine.fr/hal-03126126/document>.

- Harrington, J. (2018). *The Commonwealth of Oceana*. Global Grey.
- Keeler, V. (2015). *Knowledge and the Public Interest, 1575 – 1725*. Cambridge University Press.
- Kisida, B., Goodwin, L., & Bowen, D. (2020). *Teaching History Through Theater: The Effects of Arts Integration on Students' Knowledge and Attitudes*.
<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/2332858420902712>.
- Koche, J. (2011). *Fundamentos de Metodologia Científica. Teoria da ciência e Iniciação à pesquisa*. Editora Vozes.
- Krapp, A. (1999). Interest Motivation and Learning: An Educational-psychological perspective. *European Journal of Psychology of Education*. Vol. XIV, 23 – 40.
https://www.researchgate.net/publication/227194036_Interest_motivation_and_learning_An_educational-psychological_perspective_European_Journal_of_Psychology_of_Education_14_23-40.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2005). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Instituto Piaget.
- Lockhart, A. S. (2016). Non-formal and informal programs and activities that promote the acquisition of knowledge and skills in areas of Global Citizenship Education (GCED) and Education for Sustainable Development (ESD). *Global Education Monitoring Report*. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000245625>.
- Lontro, M., & Monteiro, P. (2017). *Ideias Para a Patrulha*. Coleção Hipopótamo.
- Lopes, J., & Silva, H. (2019). Planificar o ensino para promover o pensamento crítico. In J. P. Lopes, H. S. Silva, C. Dominguez, & M. M. Nascimento, *Educar para o pensamento crítico na sala de aula - planificação, estratégias e avaliação*. PACTOR. http://agrupamento-lapias.pt/brg_101.pdf.
- Marconi, M., & Lakatos, E. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. 5.^a Edição. Editora Atlas.
- Marsden, E., & Torgerson, C. J. (2012). *Single group, pre- and post-test research designs: Some methodological concerns*. *Oxford Review of Education*. Vol. 39. No 5. 583 – 616.
<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/03054985.2012.731208>.

- Marshall, J.(2014). *Trasdisciplinarity and Art Integration: Toward a new understanding of Art-Based Learning Across the Curriculum* (55(2), 104-127. *Studies in Art Education: A Journal of issues and research*.
<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/00393541.2014.11518922>.
- McDonald, D., Holmes, Y., & Prater, T. (2020). *The Rules of Engagement: A test of instructor inputs and student learning outcomes in active versus passive learning environments*. *Journal of Business Education & Scholarship of Teaching*. Vol. 14.
<https://files.eric.ed.gov/fulltext/EJ1276424.pdf>.
- Oliveira-Formosinho, J. (2003) O modelo curricular do M.E.M. – Uma gramática pedagógica para a participação guiada. *Escola Moderna*, no18, pp.5-9.
https://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/dt/1_2_0_mod_pedag_mem/120_a_15_mod_curric_mem_joformosinho.pdf.
- Pinto, J. (2002). *A avaliação formal no 1o ciclo do ensino básico: Uma construção social*. [Tese de doutoramento, Universidade do Minho]. Repositório do ISPA,
<http://hdl.handle.net/10400.12/1675>.
- Ramadhani, K., Masrukhi, & Suharini, E. (2021). *The Effect of Scout Extracurricular to the Integrity of the Sudents in Elementary School*. *Journal of Primary Education*. 10 (3): 304 – 310. <https://journal.unnes.ac.id/sju/jpe/article/view/35348/14588>.
- Regulamento Europeu de Proteção de Dados Pessoais (2016). Citado por Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação (SPCE) (2020). *Carta Ética*. 2ª Edição.
- República portuguesa – Educação. (2021). *Projeto Educativo: Sustentabilidade para o sucesso e para a inovação*.
- Rodrigues, L. P., Luz, C., Cordovil, R., Bezerra, P., Silva, B., Camões, M., & Lima, R. (2019). *Normative values of the motor competence assessment (MCA) from 3 to 23 years of age*. *Journal of science and medicine in sport*, 22(9), 1038-1043.
- Rosefeldt, T. (2019). *Kant on the epistemic role of the imagination*. S.I.: The current relevance of Kant’s method in philosophy.
<https://link.springer.com/article/10.1007/s11229-019-02100-4>.
- Santos, J. N. (2022) *Entrevista: “O escutismo é o maior movimento jovem do mundo”*. *Jornal de Proença*. <https://jornalproenca.pt/entrevista-o-escutismo-e-o-maior-movimento-jovem-do-mundo/>.

- Santos, J. R., & Henriques, S. (2021). *Inquérito por questionário: Contributos de conceção e utilização em contextos educativos*. Universidade Aberta.
- Sarkowi, Wahid, A. H., Umami, S., & Astriani, S. A. (2023). *Enhancing Science Knowledge in Early Childhood through Environmental Exploration-Based Learning*. *Al-Tanzim: Jurnal Menajemen Pendidikan Islam*. Vol. 07. No. 04: 1077 – 1089. <http://repository.uin-malang.ac.id/16280/1/6192-18313-1-PB.pdf>.
- Secretaria Nacional Pedagógica (2022). *Caderno de Cargos – Animador*. Corpo Nacional de Escutas.
- Serralha, F. (2009) Caracterização do Movimento da Escola Moderna. *Escola Moderna*, 35, 5-51.
https://centrorecursos.movimentoescolamoderna.pt/em/rev/serie5/rev_em_35/2009_em35_fserralha_caratmem_p5.pdf;
- Silva, D. (2012). *Imaginação, criança e escola*. Imaginar/Criar na educação infantil. Summus Editorial.
- Simões, A., & Sapeta, A. (2018). Entrevistas e Observação. Instrumentos científicos em investigação qualitativa. Grupo de Interés Especial en Investigación Cualitativa en Español y Portugués International Association of Qualitative Inquiry. *Investigación Cualitativa*. 43 – 57. https://www.researchgate.net/profile/Angela-Simoes/publication/326160654_Entrevista_e_Observacao_Instrumentos_Cientificos_em_Investigacao_Qualitativa/links/5b3bdf564585150d23f6606b/Entrevista-e-Observacao-Instrumentos-Cientificos-em-Investigacao-Qualitativa.pdf.
- Simões, C., Valente, P., Torres, R., & Santos, S. (2022). *A (in)existência do pensamento crítico em diários de bordo: uma análise categorial no contexto de investigação qualitativa*. *Latent Corpis Journal*. Vol. 11. 50 – 65.
<https://proa.ua.pt/index.php/ilcj/article/view/25321>.
- Sousa, M. J., & Baptista, C. S. (2011) *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios, segundo Bolonha*. Pactor.
- Staats, H., Collado, S., & Sorrel, M. A. (2024). Understimulation resembles overstimulation: Effects on school children’s attentional performance, affect, and environmental preference. *Journal of Environmental Psychology* 95.

https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0272494424000537?ref=pdf_download&fr=RR-2&rr=898607564be06936.

- Starman, A. (2013). *The case study as a type of qualitative research*. Journal of contemporary educational studies. 28 – 43. https://www.researchgate.net/profile/A-Biba-Rebolj-2/publication/265682891_The_case_study_as_a_type_of_qualitative_research/links/54183f560cf25ebee988104c/The-case-study-as-a-type-of-qualitative-research.pdf.
- Swift, A. (2022). *The SAGE Handbook of Qualitative Research Design. Being Creative with Resources in Qualitative Research*. SAGE Publications Ltd. <https://sk.sagepub.com/reference/the-sage-handbook-of-qualitative-research-design/i2408.xml>.
- Willms, J. D. (2003). Student Engagement at School. A sense of belonging and participation. Results from PISA 2000. Organisation for Economic Co-Operation and Development. <https://cendoc.esan.edu.pe/fulltext/e-documents/ocde/studentengagement.pdf>.
- Willms, J. D., Friesen, S. Milton, P. (2009). *What did you do in school today?* Canadian Education Association. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED506503.pdf>.
- World Organization of the Scout Movement. (2019). *The Essential Characteristics of Scouting*. World Scout Bureau Inc. Scouting Development. Scouts Creating a Better World. https://wosmlzs3.s3.eu-west-1.amazonaws.com/2023-03/The%20Essential%20Characteristics%20of%20Scouting_EN.pdf
- World Organization of the Scout Movement. (1998). *Scouting: An Educational System*. World Scout Bureau. https://www.scout.org.hk/article_attach/16488/scouting_an_educational_system.pdf.
- Yin, R. K. (2003). *Case study research: Design and methods* (4th ed.). Sage.

Documentos Oficiais da Educação em Portugal

Decreto-Lei n.º 241/2001, de 30 de agosto. Diário da República, I Série A– N.º 201.

Decreto-Lei n.º 54/2018, de 6 de julho. *Diário da República*, Série I - N.º 129.

Decreto-Lei n.º 55/2018, de 6 de julho. *Diário da República*, Série I - N.º 129.

Dégi, Z., & Asztalos, A.(2021). *Scouts' and educational stakeholders' perceptions of integrating scouting methods into formal education*. *Central European Journal of Educational Research*, 3(2), 98–109.

<https://ojs.lib.unideb.hu/CEJER/article/view/9365/8733>.

Despacho n.º 6944-A/2018, de 19 de julho. *Diário da República*, 2.ª Série - N.º 138.

Direção-Geral da Educação. (SD). *Recursos educativos*.

<https://www.dge.mec.pt/educacao-para-o-empendedorismo/recursos-educativos>.

Martins, G. et al. (2017). Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória.

Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação.

https://dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidad_e/perfil_dos_alunos.pdf.

Ministério da Educação (2018-a). *Estudo do Meio - 1.o Ano. 1.o Ciclo do Ensino Básico*. República Portuguesa. Educação.

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/1_estudo_do_meio.pdf.

Ministério da Educação (2018-b). *Estudo do Meio - 2.o Ano. 1.o Ciclo do Ensino Básico*. República Portuguesa. Educação.

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/2_estudo_do_meio.pdf.

Ministério da Educação (2018-c). *Estudo do Meio - 3.o Ano. 1.o Ciclo do Ensino Básico*. República Portuguesa. Educação.

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/3_estudo_do_meio.pdf.

Ministério da Educação (2018-d). *Estudo do Meio -43.o Ano. 1.o Ciclo do Ensino Básico*. República Portuguesa. Educação.

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/4_estudo_do_meio.pdf.

Ministério da Educação, (2022-a). *Matemática - 1.o Ano. 1.o Ciclo do Ensino Básico*. República Portuguesa. Educação.

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/ae_mat_1.o_ano.pdf.

Ministério da Educação, (2022-b). *Matemática - 2.o Ano. 1.o Ciclo do Ensino Básico*. República Portuguesa. Educação.

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/ae_mat_2.o_ano.pdf.

Ministério da Educação, (2022-c). *Matemática - 3.o Ano. 1.o Ciclo do Ensino Básico*. República Portuguesa. Educação.

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/ae_mat_3.o_ano.pdf.

Ministério da Educação, (2022-d). *Matemática - 4.o Ano. 1.o Ciclo do Ensino Básico*. República Portuguesa. Educação.

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/ae_mat_4.o_ano.pdf.

ANEXOS

| | ' ' | | ' ' |

Anexo A – Tabela das potencialidades e fragilidades

Anexo A1 – Tabela de Potencialidades e Fragilidades da PES II do 1.º CEB

	Potencialidades	Fragilidades
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> • Facilidade na comunicação do raciocínio; • Facilidade em resolver problemas; • Gosto pela exploração de conteúdos através de materiais manipuláveis. 	<ul style="list-style-type: none"> • Pouca rapidez no cálculo mental
Português	<ul style="list-style-type: none"> • Facilidade em argumentar; • Facilidade na compreensão de texto; • Facilidade na utilização do dicionário; • Facilidade em relacionar palavras para encontrar sinónimos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Tendência para escrever da mesma forma que comunicam verbalmente.
Estudo do Meio	<ul style="list-style-type: none"> • Curiosidade pelo meio envolvente. 	<i>Não observado.</i>
Educação Física	<i>Não observado.</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Dificuldade em realizar habilidades motoras fundamentais (correr, realização de rolamentos à frente, equilíbrios...); • Poucos hábitos de atividade física; • Desinteresse pela disciplina de Educação física.
Artes Visuais	<ul style="list-style-type: none"> • Gosto por desenhar; • Gosto por criar/construir. 	<i>Não observado.</i>
Competências Transversal	<ul style="list-style-type: none"> • Têm espírito de grupo; • Têm regras; • Têm sentido crítico; • Dedicção nos trabalhos a serem desenvolvidos; • Facilidade em trabalhar em grupo; • Gosto em ajudar o outro; • Valorização de momentos presentes na rotina existente, como o TEA, o Conselho de turmas e as responsabilidades. 	<ul style="list-style-type: none"> • Têm poucas experiências pessoais, sociais e culturais (normalmente realizadas em núcleo familiar); • Alguma dificuldade em resolver conflitos sem o apoio do adulto; • Brincadeiras ou jogos com baixa cinesia em tempo de recreio/livre.

Anexo A2 – Tabela de Potencialidades e Fragilidades da PES II do 2.º CEB

Turma A e B	Potencialidades	Fragilidades
Matemática	<ul style="list-style-type: none"> Compreendem melhor os conteúdos pela manipulação de materiais e recurso ao corpo; 	<ul style="list-style-type: none"> Dificuldade em compreender conhecimentos basilares;
		<ul style="list-style-type: none"> Dificuldade na compreensão e interpretação de problemas;
		<ul style="list-style-type: none"> Dificuldades ao nível da aplicação e aquisição de conhecimento;
		<ul style="list-style-type: none"> Dificuldades na comunicação oral e escrita a nível da mobilização de vocabulário matemático;
Ciências Naturais	<ul style="list-style-type: none"> Curiosidade pelo mundo; 	<ul style="list-style-type: none"> Dificuldade em compreender conhecimentos basilares;
		<ul style="list-style-type: none"> Dificuldade na compreensão e interpretação de problemas;
	<ul style="list-style-type: none"> Interesse em partilhar experiências pessoais. 	<ul style="list-style-type: none"> Dificuldades ao nível da aplicação e aquisição de conhecimento;
		<ul style="list-style-type: none"> Dificuldades na comunicação oral e escrita a nível da mobilização de vocabulário científico;
Competências Transversais e Sociais	<ul style="list-style-type: none"> Interesse por vídeos; 	<ul style="list-style-type: none"> Falta de autonomia na realização de tarefas;
		<ul style="list-style-type: none"> Dificuldade na resolução de conflitos entre pares;
		<ul style="list-style-type: none"> Aversão à escrita;
	<ul style="list-style-type: none"> Interesse pelas tecnologias. 	<ul style="list-style-type: none"> Medo de errar;
		<ul style="list-style-type: none"> Dificuldade na autorregulação do comportamento;
		<ul style="list-style-type: none"> Baixa autoestima;
		<ul style="list-style-type: none"> Desinteresse pelos conteúdos e pelas aulas;
		<ul style="list-style-type: none"> Não resolução dos trabalhos para casa.

Anexo B – Entrevista à professora cooperante da PES II no 1.º CEB

Anexo B1 – Guião do Inquérito por Entrevista

GUIÃO DE ENTREVISTA – PROFESSORA COOPERANTE		
Objetivos gerais:		
- Caraterizar o contexto educativo; - Caraterizar a professora cooperante; - Caraterizar a turma; - Identificar preocupações por parte da professora cooperante face às aprendizagens dos alunos; - Compreender de que forma é realizada a organização e a gestão curricular; - Compreender a relação escola-família.		
Blocos	Objetivos específicos	Formulações de questões
I. Legitimação da entrevista	– Legitimar a entrevista e motivar a entrevistada; – Garantir a confidencialidade e o anonimato da entrevistada.	a) Dar informações sobre o tema e os objetivos do trabalho, explicando o que se pretende estudar. b) Solicitar a colaboração da entrevistada, justificando o valor da sua contribuição para o estudo. c) Pedir autorização para gravar a entrevista, assegurando o caráter confidencial das informações e o anonimato da entrevistada.
II. Caracterização da entrevistada	– Recolher dados pessoais e profissionais da entrevistada.	1. Pode-nos falar um pouco sobre o seu percurso académico e profissional? a) Há quantos anos é professora de 1.º Ciclo do Ensino Básico? b) Lecionou sempre nos mesmos contextos? 2. Para além de Professora titular: a) Tem mais alguma função no/na agrupamento/escola? b) Já teve alguma outra função no/na agrupamento/escola? 3. Dentro das suas funções como professora titular, relativamente ao: a) Domínio pedagógico-curricular? b) Domínio administrativo-burocrático? c) Domínio relacional?
III. Caracterização do contexto educativo	– Conhecer o contexto educativo.	4. Como descreve o contexto em que a escola se insere? 5. Que ofertas apresenta este contexto educativo? 6. Como carateriza o meio envolvente? 7. Dos espaços envolventes, considera que exista alguns com potencialidade pedagógica? Quais e porquê?
IV. Caracterização da turma	– Caracterizar os alunos enquanto turma; – Conhecer a gestão da professora face a alunos com medidas seletivas/adicionais; – Identificar as fragilidades e potencialidades da turma;	8. No que se refere à turma, como a caracteriza a nível sociodemográfico e socioeconómico? 9. Pode-nos caracterizar de forma breve a sua turma? 10. Na turma, existem alunos com medidas seletivas. Será que nos podia falar um pouco sobre essas medidas? 11. Pode-nos indicar algumas das fragilidades da turma, nas diversas áreas curriculares (Português, Matemática, Estudo do Meio, Educação Física, Educação Artística e Tecnologias)? 12. Quais as maiores potencialidades da turma nessas mesmas áreas? 13. Quais as maiores fragilidades e potencialidades da turma a nível de competências sociais?
V. Ação da Professora e Currículo Pedagógico	– Conhecer os princípios orientadores da prática pedagógica; -Conhecer as maiores intencionalidades pedagógicas; – Conhecer a gestão e organização do currículo; – Conhecer a gestão de materiais e espaços de aprendizagem.	14. Quais os princípios orientadores da sua prática pedagógica? a) Utilizou sempre a mesma abordagem pedagógica? 15. Quais as suas maiores intencionalidades pedagógicas com a turma? 16. Como planifica a sua intervenção em sala de aula? 17. Tendo em conta a sua planificação e intenção pedagógica, como: a) Gere os diferentes tempos semanais? b) Gere os conteúdos, a sua introdução e articulação? c) Utiliza os materiais e espaços ao seu dispor? d) Realiza a avaliação dos alunos? e) Realiza a diferenciação do seu trabalho pedagógico?
VI. Interação entre professores e entre salas	– Conhecer a interação entre professores na gestão do currículo.	18. Existe interação curricular entre os alunos das diferentes turmas? Se sim, como? 19. Existe articulação curricular entre as disciplinas lecionadas por si e pelos diferentes professores coadjuvantes? Se sim, como? 20. Existe articulação com o seu trabalho e o que é trabalhado nas AEC's? Se sim, como?
VI. Relação Escola-Família	– Conhecer a relação que a família estabelece com a escola	21. De que modo é que a escola envolve a família na vida escolar dos alunos?
VII. Encerramento da entrevista	– Finalizar a entrevista.	22. Estamos a chegar ao fim da nossa entrevista, tem algo mais para acrescentar? a) Gostaríamos de expressar o nosso agradecimento pela disponibilidade demonstrada, a colaboração prestada, assim como, pela informação fornecida.

Anexo B2 – Transcrição do Inquérito por Entrevista

Ao longo da transcrição, ir-se-ão utilizar as seguintes abreviaturas:

E1: David Santiago

E2: Joana Reis

PC: Professora Cooperante

E1: Muito bom dia, professora. Daqui é o David Santiago, aqui está a Joana Reis comigo. Queríamos saber, antes de mais, se podemos utilizar a sua voz para este...

PC: Sim.

E1: Gostávamos de lhe fazer algumas perguntas sobre o contexto daqui da escola, sobre os alunos sobre tudo aquilo que nos conseguir dizer para primeiro caracterizar a turma, caracterizar a sua prática, caracterizar aqui o contexto e para nos ajudar também a perceber o que é que podemos fazer para ajudar os alunos.

Para começar gostávamos de saber um bocadinho sobre si. Se nos poderia falar um bocadinho sobre o seu percurso académico, o seu percurso profissional, se sempre foi professora no 1.º Ciclo, se já foi noutros ciclos, se lecionou sempre nos mesmos tipos de contexto.

PC: Ok. Então, eu tenho 45 anos. Sempre quis ser professora, desde pequena, de Matemática. Porque foi sempre a minha área de eleição. Se bem que, também, às tantas, depois ali na escola secundária eu tinha uma veia muito de jornalismo, também era outra opção que podia dar. Depois, estive sempre em desporto, na área de desporto, que eu também queria ser professora de Educação Física, a par de matemática, estive ali, porque como fiz sempre desporto de competição. Mas depois quando cheguei lá, dei assim um segundo e pensei não, eu não quero passar a minha vida de fato de treino. Hoje passo. Então, pensei, não, não é esse tipo de aulas que eu quero dar, então se calhar eu acho que vou escolher Matemática. Mas também, a enfermagem puxou-me ali numa altura, não percebo muito bem porquê. Até fui fazer pré-requisitos para enfermagem. Mas depois, entretanto o meu pai teve um problema de saúde e disse, nem penses, tu não tens jeito nenhum para aquilo. Portanto, esquece. E eu aí tive a certeza que ia seguir a via de ensino. Pronto, então, fui para a Faculdade de Ciências, tive um ano e meio em Matemática pura. Só que fiquei muito desiludida com tudo, porque ou eu achava que tinha uma opinião muito romântica sobre aquilo, não é? Que era a matemática que eu tinha aprendido, mas não. Nós chegamos ali e somos bombardeados com Matemática pura, crua, dura, que

nada está relacionada com as nossas salas, com aquilo que eu gostava de ensinar aos meninos. Entretanto, estudava muito, muito, muito e não conseguia ter muito boas notas, porque aquilo era uma Matemática, era grupóides, anéis, integrais duplos, triplos e eu não estava piada nenhuma àquilo. Na altura, falaram-me da ESE de Lisboa, que eu não fazia a mínima ideia. Depois fui-me informar e disse, ok, então eu quero ir para o 2.º ciclo. É isto que eu quero, 2º ciclo, Matemática e Ciências. Até fiquei um bocadinho triste quando percebi que era também 1.º. Eu só queria 2.º. Então, foi a minha única opção. Entrei passado 1 ano e meio. A minha turma já era uma turma também de alguns trabalhadores estudantes, não éramos novos. Portanto, havia pessoal mais novo, mas havia uma colega que tinha 40, havia já muita gente que era da tropa e que estava ali a fazer um segundo curso, foi muito engraçado, havia muitos rapazes, então era um grupo muito equilibrado. Pronto, interessante, sempre a pensar no 2.º Ciclo, sempre o 2.º Ciclo. Adorei o meu tempo da ESE de Lisboa, adorei estar lá 4 anos. Acho que tive muita sorte com os professores, muitíssimo bons, nomeadamente a parte dos modelos e processos pedagógicos, tive sorte com os estágios. Mas, no último ano, estagiei no 1.º ano com uma professora que é a minha colega agora deste agrupamento, que se vai reformar. Éramos um grupo de três, e ela disse-me: mas olha, as coisas tinham corrido bem, ela estava a dar um *feedback* dela e disse, mas tu vais me permitir que tu vais para o 1.º Ciclo, porque tu és do 1.º Ciclo. Pronto, e aquilo foi assim um... E eu fui-me apaixonando pelo 1.º Ciclo, mas sempre a querer o 2.º. Até que fui estagiar no X e trabalha com o Movimento e aquilo para mim fez assim um “uuh”. O que é isto? Calma lá, se calhar então eu quero é estar aqui. Depois tive uma prática de 2.º Ciclo aqui na nesta zona. Estagiei quase sempre nesta zona, com turmas se calhar um bocadinho parecidas às vossas e aquilo mexeu assim com as minhas entranhas, nomeadamente a idade, dava para fazer um outro tipo de trabalho no 1.º Ciclo.

Então, acabei a ESE, fui convidada, antes de acabar o curso, para ir para um colégio, um colégio. Eu fui. Tinha lá a minha melhor amiga também, que tinha entrado no ano anterior, que também era da Matemática e Ciências. Eu pensei, meu Deus, as duas, isso vai ser lindo. Estive lá só um ano. Porque fui para lá, os miúdos eram bons, os pais

dos miúdos eram pais de miúdos de colégios, não é? Estávamos sempre a exigir, mas eu estabeleci uma relação espetacular com eles. Mas cheguei um dia ao pé da diretora e disse, olhe, estou a gostar imenso de estar aqui. Eu já podia estar efetiva, não é? Porque passado um ano nós efetivávamos. Eu disse, olha, estou a gostar de me assinar aqui, mas eu sinto que eu preciso de outro tipo de miúdos. Portanto, estes miúdos aprendem com o bom e com o mau professor e eu preciso, tenho um chamamento para trabalhar com miúdos mais desfavorecidos e em contextos socioeconómicos um bocadinho mais extremos, digamos assim.

E2: Outro tipo de desafio.

PC: Exato. E ela ficou muito chocada, os pais queriam-me manter lá. Queria mesmo era experimentar a escola pública e trabalhar em contextos mesmo específicos. Então, depois vim para esta zona. No 2.º ano consegui ficar aqui numa escola em contratação de escola, aqui, neste agrupamento, como professora de apoio. Fui para o Mestrado em Didática da Matemática na Faculdade de Ciências, 1.º e 2.º Ciclos. Comecei a fazer, fiz o ano curricular, correu super bem, estava tudo certo. Depois, parei três meses, fui para o Brasil viver três meses, abdiquei de estudo e fui só, depois voltei. Essa parte é aquela parte que eu precisava. Quando voltei, fiquei em quadro de zona noutra escola desta zona, mas numa escola num contexto muito bom, com miúdos também muito bons, cujo ambiente entre colegas não era bom. Eu já trabalhava assim. Foi péssimo porque as pessoas criticavam muito que eu trabalhava assim, não me achavam bem, mas eu continuava sempre a trabalhar assim. Só que depois, normalmente nas escolas onde os miúdos são muito bons, o ambiente entre colegas não é assim tão bom. E vocês um dia vão perceber isso! Parece que há um espírito de mais competição. A minha turma é melhor que a tua. E eu não gosto nada disso. Então, por opção, comprei casa na altura ao pé do agrupamento e, por opção, este agrupamento ligou-me e disse-me, olha, anda lá trabalhar connosco. Gostámos tanto de ti, não sei quê, bora lá. Temos quatro vagas para efetivar. Antigamente, fazia-se uma entrevista para efetivar, há muitos anos, e eram quatro vagas, só ficaram preenchidas duas, imagina, para efetivar, duas vagas ficaram preenchidas. E disse está bem, eu também gostaria de trabalhar convosco, bora lá. Fui à entrevista e fiquei. Isto sempre a fazer a minha tese do mestrado. Mas,

entretanto, mudei para este agrupamento, que é um agrupamento TEIP. Vocês sabem o que é? Com autonomia e na altura havia o bairro, ou seja, os miúdos com que eu estava a trabalhar eram miúdos do bairro. Desde pais presos, mães toxicodependentes, famílias destruturadíssimas. Então, eu, foram três coisas bombásticas, foi: viver sozinha, ter esse contexto e fazer a tese. O que é que ficou para trás? A tese. Pronto, já estava meio escrita, na altura era com a professora Lourdes Serrazina, que foi a minha professora de sempre. Eu gostava muito dela. Era sobre modelos matemáticos, mas não consegui, tive mesmo que parar. Então, dediquei-me só à escola e a tentar ensinar esses miúdos. A par disto tudo, fui sempre, desde cedo, desde que saí da ESE, comecei a fazer congressos, a apresentar comunicações, porque houve professores que eram meus da ESE que me puxavam para essas coisas. Fui ao encontro do 1º Ciclo, fomos ao PROFMAT. Havia um encontro na ESSE de Lisboa, na altura, que eu acho que já não há, que era um encontro de Matemática e Língua portuguesa. E eu gosto muito de relacionar as histórias com a matemática, então fazíamos muito isso. A par disto, sou professora cooperante há 14 anos. É uma função, digamos assim, que eu gosto muito, sempre gostei, mas canso-me um bocado, porque ser um bom cooperante dá trabalho. Acho que eu acho que às vezes as pessoas acham “Ah que fixe, recebeste estagiários”. Não é só receber. Nós temos de os ajudar, porque eles estão aqui para experimentar e aprender. Mesmo que eu não tenha uma prática daquela maneira, eu tenho que deixar que os estagiários façam, tenho que os acompanhar, tenho que os questionar, tenho que os colocar a refletir. Isso é a função de um cooperante. E é difícil ser assim, não é? Mas sempre quis. Depois, tento sempre fazer também muitas formações, formações às quais eu sinto que possa ter aqui alguma lacuna no meu processo enquanto professora, ou que me possa ajudar a trabalhar com esta turma que eu tenho agora, que é o caso. Há pouco tempo fiz uma formação sobre a inclusão em ambientes inovadores. Também porque tenho aqui muitos miúdos da educação inclusiva e quis tentar perceber o que é que aquilo também me poderia trazer. Faço formação em áreas que me possam ser úteis. Fiz manuais, mas deixei para trás. Era muito trabalho. Então achei que aquilo era uma coisa muito rígida e não me dava margem de manobra. E eu também não sou muito

apologista dos manuais. Ou seja, para mim o manual é um recurso, não é a bíblia. E o que acontece é que é um recurso. Tanto que nós agora estamos a fazer esta atividade e, a seguir, vamos para o manual, perceber então que isto que nós estivemos a fazer são figuras equivalentes. Então, vamos lá, temos ali uma atividade no manual, mas o ponto de partida não é o manual, nunca! O manual, para mim, funciona assim, como mais um recurso para fazer o TEA ou para eles pesquisarem ou estudarem alguma coisa que eles precisem. Ah, depois criei o Instagram, no sentido de partilhar com os colegas que é possível trabalhar de maneira diferente e ter uma turma cujos princípios são baseados ou fundamentados pelo Movimento.

E2: E também incentivar as pessoas a fazer diferente e ir mais além.

PC: Sim, a fazer diferente e mais além. Às vezes as pessoas têm muita vontade, mas só precisam de um empurrão ou de um foco. Adoraria, mais tarde, largar a turma e durante 2 ou 3 anos fazer um trabalho de mentoria junto de professores. Por exemplo, pegar em professores da escola e ir às salas para eles perceberem, por exemplo, como se faz uma atividade deste género. Ir implementar com eles, trabalhar com os alunos deles para eles perceberem que é possível trabalhar de outra maneira. Claro que aqui eles têm de querer. Depois quis ingressar no Mestrado, para acabar a minha tese. Mas estava grávida e não consegui. Mas agora quero muito terminar, mas noutra área. Provavelmente na supervisão, também tem a ver com a minha função de cooperante. Entretanto, a par disto tudo, tenho sempre muita gente na minha sala. Tenho pessoas que estão a fazer estudos para doutoramento. Acho que esta turma está muito habituada a trabalhar com pessoas crescidas, não estranham e eu adoro ser professora. Não conseguia fazer outra coisa na vida. Pode haver aqui alguma variante. Alguma coisa que eu possa mudar, mas a minha vida vai ser o ensino. Não vai ser a aposentação que me vai fazer parar, porque eu ainda gostava de fazer muitas coisas. Também queria, há uns anos, dar aulas na ESE, mas já desisti. Porque o que eu gosto mesmo é de ser cooperante e de estar em sala. Porque eu acho que tudo é diferente com pessoas crescidas.

Eu gosto muito de ajudar os professores e de tentar que eles acreditem que é possível mudar, mas ensinar. Olha vamos tentar fazer desta maneira. Tentar ajudar.

O meu objetivo, enquanto professora com os meus alunos, é que eles sejam detentores do conhecimento, mas eu prefiro que os alunos sejam muito boas pessoas e bons alunos, do que muito bons alunos e não sejam boas pessoas. O meu objetivo é que eles saiam daqui e sejam pessoas a valer, com valores, que tenham sentido de grupo e que saibam estar na sociedade, fazer trabalhos de grupo, que tenham valores. E eu acho que isso eu estou a conseguir com esta turma. Sinto que tenho trabalhado tanto os valores, atitudes e a parte das emoções.

E2: Há quantos anos é que está neste agrupamento?

PC: Aqui neste agrupamento estou desde 2009. E já fui coordenadora de escola daqui, coordenadora de ano, do agrupamento todo, do ano em causa, sou do Conselho geral, que é o órgão máximo de um Agrupamento. É um órgão que decide tudo, somos atualmente para aí 15. Somos nós que decidimos quem é o diretor do Agrupamento.

E2: Há quantos anos é que é?

PC: 4 ou 5 anos. Só me falta ser do Departamento.

E2: Nós temos aqui uma questão acerca das suas funções enquanto professora titular, nomeadamente no domínio pedagógico-curricular, administrativo-burocrático e relacional.

PC: Sou professora titular desta turma, sou a professora máxima desta turma. A parte burocrática e administrativa, sou eu que trato. Portanto, mails institucionais que vêm do Agrupamento, faço a comunicação com os pais. Neste momento, o meu cargo pedagógico não existe, porque por exemplo, ser coordenadora de ano é um cargo pedagógico. Não sou eu, é rotativo. Agora não sou, mas já fui. Cargo administrativo, é coordenadora de escola, também já fui durante 2 anos, antes de pegar nesta turma. Eu fui coordenadora nesta escola na altura da COVID. Agora, neste momento, sou eu que trato de tudo, pedagógico, didático e administrativo da turma. Depois posso é ter algum cargo com colegas, mas neste momento não tenho. Só tenho em termos do Agrupamento, do Conselho Geral. Digamos que é um órgão gestor que decide, que tem estatutos próprios. No Conselho Geral estão professores, representantes de pais do Agrupamento, está a Câmara Municipal desta zona, a Santa Casa da Misericórdia, que é quem funciona com o ATL, estão dois funcionários da secretaria, está a representante das auxiliares e o representante da secretaria. Basicamente

há sempre um representante de todas as valências. E está a psicóloga também.

E2: Mas enquanto professora titular, quais as principais funções a nível administrativo-burocrático?

PC: Faço matrículas no final do ano.

E2: Como é, por exemplo, a questão das faltas dos alunos?

PC: Justifico no INOVAR. Temos uma plataforma que é o INOVAR. Sou eu que faço os sumários, sou eu que faço as faltas. Tem lá o justificado, não justificado e sou eu que ponho. (...) Almoços já não é do nosso Peloro, é diretamente com a plataforma, mas eu marco almoços. Sou eu que marco almoços da minha turma, todos os dias de manhã. A parte mais burocrática é o quê... são as matrículas, os papéis que eu tenho de dar aos pais para eles autorizarem fotografias, visitas de estudo (...) no início de todos os anos, no final de alguns anos, quando eles fazem a renovação. Computadores... sou eu que lhes digo “podem levantar o equipamento” ou “podem colocar o equipamento para arranjar”. Basicamente, quando o Agrupamento quer falar com os pais, passa por mim. O Agrupamento diz-me e eu digo aos pais. Não há uma conversa direta entre Agrupamento e pais (...). Nós é que vamos fazer a condução aos pais.

E2: E aqui a questão das avaliações?

PC: As avaliações sou eu que faço, estão no INOVAR. Os pais depois vão à plataforma ver e depois temos reuniões... Antigamente, tínhamos sempre reuniões, tínhamos intercalares e semestrais, mas, a partir deste ano, estipulámos que só fazíamos semestrais. Ou seja, temos uma reunião no final de janeiro, quando acaba o primeiro semestre e temos uma reunião final de segundo semestre.

E2: E no início...

PC: E no início... é sempre, quando começam as aulas. Antigamente, tínhamos seis. (...) Se houvesse pais que quiséssemos falar, como também temos atendimentos, falar os pais no atendimento.

E2: Qual é o período de atendimento aos encarregados de educação?

PC: É uma vez por semana, no horário de Inglês. (...) Mas sempre que justifique ... vamos imaginar que eu nessa hora já tenho um pai, quero falar muito com uma mãe, tendo de acordar outro horário.

E1: A nível da disciplina de coadjuvante... a professora é que põe as notas dos alunos no INOVAR?

PC: São eles, não... São os professores das AEC's que colocam tudo. Eles têm acesso ao INOVAR. A professora de Inglês tem acesso ao INOVAR. Eles é que fazem tudo. Porque depois aquilo há lá uma parte em que nós importamos as notas. Eu importo. Importo e automaticamente aquilo fica tudo.

E1: Em relação agora ao contexto em si (...) Como descreves o contexto aqui envolvente da escola e o contexto dos miúdos e todo o meio circular?

PC: Eu tenho a mais valia de ter crescido nesta zona e de dar aulas nesta zona. Ou seja, eu trato esta zona por tu. (...) Isso também me permite conhecer muito bem este contexto, esta realidade, saber dizer-vos exatamente quais são as escolas que têm que tipo de miúdos. Esta escola era uma escola, há 10 anos, era a melhor escola do Agrupamento. Ao longo destes 10 anos, aqui à volta que eram pessoas mais velhas ... esta freguesia é velha... as pessoas são mais velhas ... houve muita casa para alugar. Então, foram-se estabelecendo aqui pessoas doutros países, doutras zonas, cujas rendas eram muito mais baratas. Até porque foram crescendo outros bairros nesta zona mais caros. (...) Ou seja, inverteu-se (...) Esta aqui era uma escola muito boa e, graças às pessoas que foram começando a viver aqui nesta zona, uma zona mais barata, casas mais velhas, degradadas, algumas, fomos recebendo aqui este tipo de miúdos. Há muitos miúdos também que aqui é a zona dos avós. Portanto, os pais vivem na linha de Sintra, foram viver para a Linha de Sintra, mas os avós estão aqui fixos. E o que nós começámos a ver nesta escola é que começámos a ter diferentes nacionalidades, que é o normal hoje em dia e a inclusão faz parte, mas estamos a receber miúdos com muitos problemas associados. (...)

Aqui, os meus alunos, a maior parte não teve JI, porque o JI deles coincidiu com a altura da pandemia. Quando eu cheguei aqui, eu fiquei um bocado assustada, porque este grupo era muito diferente do meu grupo atual. O meu grupo atual era o grupo da irmã do AN.. Eu fui professora da irmã do AN. Era um grupo excelente (...) E de repente vejo-me com miúdos que não sabem falar (...) motricidade, muito pouca (...)

Os pais são pais que maioritariamente trabalham em setores da limpeza, setores operários, não têm cursos superiores. Aliás, eu até nem sei se a maior parte tem o 12.º ano. Depois, temos aqui 3 ou 4, um é advogado, outro é sociólogo, pronto... Pessoas que também andaram

comigo na escola. Os pais também andaram comigo na escola (...)

E2: Podemos associar a classe média-baixa?

PC: Sim, sim, sim ... Não conseguem, quando lhes é pedido algum dinheiro, para ir aqui ou ali, é um sufoco. É raro todos trazerem (...) Percebi muito rapidamente que os miúdos não liam muito em casa, como também não tiveram pré-escolar, esta parte não estava desenvolvida. Ou seja, foi muito difícil arrancar para a escrita, muito difícil arrancar para a leitura. Não há muito acompanhamento em casa. Eu estou sempre a pedir a ajuda dos pais, por isso é que criámos a ClassDojo, para haver esta articulação. Para os pais perceberem o que é que nós vamos fazendo na sala. É uma plataforma onde eu mostro o que nós vamos fazendo, é tipo um facebook. (...)

É tipo uma aplicação como a do continente, eu tenho, os pais também têm. Por exemplo, hoje, o pai do J. enviou uma mensagem por aqui a dizer que não podia vir.

E2: E mandam sempre por aí?

PC: Ou por e-mail. O e-mail é a via formal. Quando eu tenho de enviar coisas muito importantes, envio no e-mail, mas escrevo aqui no diário (...) escrevo no moral a dizer “estimados pais, enviei-vos um e-mail importante, por favor assim que puderem vão ver”. Dou aqui o toque, porque eles têm isto... (...) Eu vou partilhando o que nos fazemos e os pais vão acompanhando, os pais vão comentando. E isto é assim, isto protege muito o professor. Os pais só comentam se eu quiser, se eu tiver essa opção. Eu posso desativar os comentários.

E2: É um meio de comunicação que privilegia.

PC: É um meio de comunicação, mas é mais do que um meio de comunicação. É um meio também dos pais se responsabilizarem sobre atitudes e comportamentos dos alunos, porque assim que eu dou os pontos da ClassDojo, os pais recebem aquilo. (...) é uma maneira também de por os miúdos a falar com os pais sobre aquilo que se passou. Pronto, então, os pais aderiram muito bem a isso, eu fiz uma reunião de pais logo em setembro, que demorou 2 horas. Porque eu expliquei a minha metodologia, porque nessa reunião também expliquei aos pais que eles tinham sido ensinados com o método tradicional e que eu não ia ensinar assim. Expliquei como é que eu ia fazer, expliquei para confiarem em mim, que eu já sou uma pessoa experiente e que já ... sempre trabalhei assim e que eles, quando começarem a ler, vão

logo ler tudo, mas por favor para não lhes ensinarem com o P e o A, PA, por favor. E eles assim o fizeram. Quando têm alguma dúvida, eles mandam-se um e-mail. Nestas férias recebi e-mail a dizer “professora, por favor, como é que ensinou as contas de dividir? É que eu perguntei e ele ou ela não me está a saber explicar. Pode dizer como é que fez?”. Às vezes, mando tutoriais, às vezes filmo-me em tutoriais, vídeos pequeninos meus, às vezes escrevo “não se preocupe que vou voltar a trabalhar isso com ela”.

E2: Já revelam algum interesse em acompanhar...

PC: Sim, algum. Ou então há miúdos que andam na explicação e é para mostrar ao explicador como é que a professora faz, porque a professora diz que quando é assim, para não haver aqui... não entrar em conflito entre a maneira como o explicador explica e eu. Então, os pais tentam ser aqui um elo de ligação entre a explicadora e a professora.

E1: Portanto, a ClassDojo é mesmo uma ferramenta que ajuda em toda a parte.

PC: Sim, é espetacular. (...) Percebi que estes miúdos precisavam de trabalhar muito a parte da terapia da fala, muito regras de grupo, socializações ... socialização, aliás ... interações, lidavam pessimamente com o “não”, frustração, estavam muito centrados neles próprios, porque estavam em casa com os pais, os pais estavam a trabalhar e eles podiam fazer o que quisessem e estavam quase sempre ou no tablet ou a ver televisão. Alguns deles falavam brasileiro, sendo portugueses. Portanto, estavam sempre expostos ... o G. falava brasileiro. Diziam “cachorro”. Mas tens de escrever “cão”. (...)

E2: Então, o G. não é brasileiro.

PC: Não, mas fala brasileiro, porque está sempre no Youtube. (...) E eu chamei a mãe. (...)

E2: Portanto, aqui temos 3 instrumentos de comunicação.

PC: O e-mail, a ClassDojo e o INOVAR. Sendo que o INOVAR é mais, é um meio de comunicação de avaliação (...) de uma avaliação mais sumativa, digamos assim.

E2: Sendo que a ClassDojo é formativa.

PC: É formativa, sim.

E2: Há aqui algum espaço que consideras que tem maior potencialidade ...

E1: Mesmo no exterior do estabelecimento...

PC: Sim, temos aqui o parque, mas o problema é que nós, quando saímos da escola, temos de ter um rácio de 1

adulto para 10 crianças. Eu não posso sair sozinha com eles. Por exemplo, agora podemos. Os três. Mas eu tenho sempre de ir buscar alguém ou uma professora de apoio.

E2: E tens de avisar com alguma antecedência, os pais? Como é que funciona?

PC: Sim, posso ... Por exemplo, agora, posso avisar na véspera, “Olha amanhã vamos ao parque fazer...”

E2: Ok, porque já tens autorizações no início do ano ...

PC: Tenho autorizações de visita de estudo. Penso que para ir ali ao parque não preciso... mas sim, isso é um bocado “visita de estudo”. Mas, não costumo muito sair com eles, porque também como há aqui miúdos que têm dificuldade em cumprir regras nesses espaços, eu prefiro não fazer isso, porque tenho receio que aconteça alguma coisa. (...) Então aqui numa dinâmica, porque são miúdos que não têm essas experiências. (...) Quando eu perguntei no outro dia quem é que já tinha a Lisboa a um sítio qualquer, só dois. Portanto, estes miúdos não têm muitas experiências. Isso foi outra das coisas que eu percebi no 1.º ano, quando peguei nesta turma ... foi ... estes miúdos não têm experiências.

E2: A nível de quê?

PC: A nível de saídas, de cinema, de desporto. Não fazem desporto.

E2: Contacto com a cultura?

PC: Com a cultura.

E2: Portanto, é lazer. Eles não têm...

PC: Ir ao parque, vão ao parque. Há um grupo aqui que sai todos os dias da escola e vai ao parque. Ainda ontem foram. Há aqui uns miúdos que vão com os pais, mas o resto... Um Museu, um teatro ... esqueçam... não há.

E2: Poucos praticam desporto...

PC: Muito poucos. Só tipo 2 ou 3.

E1: Portanto, existe aqui mesmo uma necessidade que às vezes eles têm de querer fazer estas coisas que os outros fazem.

PC: Eu não sei se eles querem fazer, porque eles não sabem. Eles são felizes como eles são. A questão é ... os próprios pais também não têm noção que lhes devem dar, eu acho, estas experiências. Quer dizer... está bom assim ... (...) o pai está ali a trabalhar e ele está ali a ver televisão. Não encara estas experiências como uma mais-valia para a educação do filho. (...) é um investimento e, para eles, estão cansados do trabalho. (...) Sinto que esta turma tem muito isto. É a turma, talvez, que eu tenha apanhado que tem muito isso... que é mais assim. Não há muito

investimento nas experiências, na cultura. Não há. Também, lá está, porque a formação dos pais está focada para outros campos. Alguns estão a passar mal, em termos monetários, por exemplo o G. já me veio dizer que se calhar vai para o Brasil. O ED. esteve sem luz durante 2 meses em casa.

E percebe-se. Eu sou professora deles e percebe-se que, por vezes, há miúdos que vêm preocupados com a condição também dos pais. E depois emocionalmente, o que eu notei ao início, é que é uma turma muito instável. Com muitos problemas associados emocionais, com famílias com pais separados. Muitos pais separados e não só com pais separados, mas com processos difíceis. Outros separaram-se já, enquanto estavam aqui comigo.

E2: Não há nenhum aluno aqui que esteja numa instituição?

PC: Não, não. Mas há poucos alunos que estejam com os pais. Se calhar mais de metade da turma tem pais separados. Depois também muito ligados aos avós. Já houve avós que faleceram e temos de fazer essa ponte, porque quem tratava dos miúdos eram os avós. Pronto então acaba por... eu sempre trabalhei esta parte mais da emoção, do estado de espírito deles. Porque percebi, desde cedo, que havia aqui este *gap*, digamos assim, na vida deles. Portanto, as experiências, tentei ... está bem que não saímos muito para a rua, mas mesmo aqui dentro, eu acho que criámos um espaço no 1.º ano, em que eles pudessem falar deles, da vida deles, do é que os atormentava. Todas as atividades que nós fazemos, mais livres, ou que não sejam diretamente relacionadas com a Matemática ou Português, especificamente, eles podem falar do que lhes vai na alma, as tertúlias, os textos que nós vamos lendo. “Eu gostei desta parte, porque me faz lembrar a minha tia ou a minha avó”, “no outro dia aconteceu alguma coisa na minha casa”. Ou seja, deixo falar, não sou “vá... isso agora não interessa nada”. Não! Eu deixo! Sei que vou prejudicar o tempo, mas estou a ganhar. Estou a ganhá-los. Eles sentem-se bem aqui, são felizes aqui. Tenho miúdos que dizem que vêm de casa chateados e que entram aqui e ficam felizes. Eu tenho ali uma avaliação que eu fiz agora no final da intercalar, vocês podem ver, que eu tenho ali vários parâmetros, e diz “venho feliz para a escola – nunca, às vezes, sempre” e tive 2 miúdos que puseram “nunca”. E eu fui lá, “então, mas não vens feliz, porquê?”. E eles responderam-me, “não, eu só fico feliz quando entro na escola”. Portanto... são este tipo de ferramentas que eu também gosto de

investir e perceber. Gosto muito de trabalhar as famílias, quando elas deixam de ser trabalhadas, porque há famílias que não deixam. E eu também não quero ir além daquilo que me compete. (...)

E2: De uma forma breve, como é que caracteriza a turma?

PC: É uma turma heterogénea, muito. Temos aqui muitos meninos do 54. Portanto, com medidas seletivas. São 7 com medidas seletivas. Agora, já perdi a conta. Acho que são 7 com medidas seletivas, 3 com medidas universais. Tem aqui dificuldades que eu considero graves na aprendizagem. Temos 1 autista, temos 1 perturbação de hiperatividade com défice de atenção, depois temos também o DE. com um glaucoma, portanto, é cego de um olho, com algumas questões também da compreensão inerentes a isso, que foram descobertas depois. Ele não vinha sinalizado. Eu é que tive de construir o processo dele. Ele não tinha sinalização nenhuma. A I. tem um problema genético, que ainda não se sabe muito bem o que vai acontecer. Os médicos não sabem como é que ela vai evoluir, porque (...) há muito poucos estudos. Ou seja, estamos aqui a fazer um acompanhamento progressivo e a perceber quais são os problemas que ela vai tendo, das dificuldades, articulando com os médicos.

E2: Portanto, há uma parceria muito grande. Um trabalho de equipa com os médicos, professores e encarregados de educação.

PC: Sim. Os médicos ... é difícil, porque ... eu gostava que os médicos falassem mais connosco. Há uma barreira entre a escola e os médicos. Os médicos pedem à escola, mas a escola não pode pedir muito aos médicos. (...) Nós às vezes precisamos de relatórios para sinalizar os miúdos, para os enviar para as equipas e não temos isso do nosso lado. Depois, tenho miúdos muito bons, excelentes, que eu utilizo muito também para ajudar os outros, para fazer este trabalho de parcerias. Sinto que é uma turma que foi muito difícil ao início, mas que, se me perguntares agora, eu acho que já está uma turma muito à minha medida que é uma turma feliz, gosta de aprender, gosta da escola, gosta de se ajudar, tem as regras muito bem trabalhadas, espírito de grupo. É uma turma que aceita muito bem a opinião contrária, do outro, sabe argumentar, percebem que existe democracia dentro da sala. Sinto também que os circuitos de comunicação estão muito bem estabelecidos e eles gostam, muito, de opinar e de criar os seus momentos. Sentem que podem planificar as tarefas, que a opinião deles é valorizada por mim.

Portanto, eu sou mais uma dentro da sala (...) Sinto que eles gostam muito de mim e que eles nunca me vão esquecer.

E2: Evidenciaste aqui algumas, várias potencialidades da turma, nomeadamente o gosto por aprender, o espírito de grupo, o saber argumentar... há mais alguma potencialidade que querias... mesmo ao nível do Português, Matemática, Estudo do Meio?

PC: Eu acho que uma potencialidade deles, aqui ao longo destes 3 anos, foi mesmo a entrega que eles tiveram no trabalho. Isto é uma coisa muito geral, mas isto é mesmo assim. Que é, imagina... eles quando entraram aqui, eles nem uma frase articulavam bem, eles não articulavam a frase e neste momento tenho miúdos a opinar como gente grande e a argumentar como gente grande. Portanto, sinto que todas as tarefas, o facto de haver esta liberdade para comentar e falar do que é feito, Diário de Turma, também, de darem opinião, Conselho de turma, debatermos as opiniões. Criou neles um sentido crítico e argumentativo, perante o processo de aprendizagem. Eles conseguem... raramente ficam calados. Às vezes, podem ficar calados quando há uma pergunta mais técnica, mas quando eu lhes dou mais algum desbloqueador ... desbloqueio... eles conseguem ir. Portanto, acho que resolvem muito bem problemas. São miúdos que explicam muito bem as estratégias, têm facilidade. Na Matemática e na vida, eles resolvem problemas. Eles conseguem estender apropriar-se do Modelo da resolução de problemas para a vida. Conseguem na cabeça deles... por exemplo... (...) Mas era Artístico, mas houve alguém que disse assim “professora, dá-me uma folha branca” e eu disse “mas tens aí a folha branca”, foi o AF.. “Então, mas tens aí a folha branca”. E ele “não, não, mas eu preciso de planear o meu trabalho como um trabalho de texto”. Ou seja, eles já se estão a aperceber que para fazerem um trabalho artístico também tem de haver uma planificação. E eu não lhes ensinei essa parte. Portanto, eles já se apropriaram. E isso é bom! Porque eu estou-lhes sempre a dizer. “Nós somos os arquitetos do nosso próprio conhecimento. Nós desenhamos o nosso conhecimento. Portanto, nós é que vamos arquitetar aqui o nosso plano para depois construirmos o texto”. E no desenho é igual. Arquitetamos para depois fazer o produto final. (...) Mas também há fragilidades. Fragilidades, a motricidade grossa, em termos de Educação Física. Sinto que eles são

miúdos que, como não têm essas experiências de desporto, de ir ao parque, de praticar ... há muitos deles que têm dificuldade em saltar à corda, bater bolas, jogar, correr ... alguns parece que são um bocado trôpegos. (...)

E2: Aqui no jogar, em que sentido?

PC: Jogos em que tem de haver uma certa destreza. Por exemplo, pega na bola, jogar o piolho. Se calhar, eles têm dificuldade em agarrar logo a bola. De regras não, porque partem da sala. Agora, tudo o que é mais físico... cambalhotas, equilíbrios. Têm mais dificuldade. Depois, dificuldades aqui na sala ... têm dificuldades, porque sinto que escrevem como falam. Ainda há miúdos que, por exemplo, o V., “minino”. Apropriam-se muito ... a maneira como eles falam é a maneira como eles constroem as frases quando estão a fazer um texto. (...) É uma questão de dialeto.

E2: Algumas muitas vezes culturais.

PC: Exato, culturais! Sinto que poderiam ter um pouco mais de cálculo mental. Se bem que acho que eles têm muito, mas ser um bocado mais rápidos, mas eu acho que isso também é treino da tabuada. Ah, sinto que o trabalho de casa não lhes serve para muito. Ou seja, percebem, não é?! “Olha, vão ter este trabalho” ... eu cada vez que dou um trabalho, eu nunca dou um trabalho muito extenso, porque eu sei que, das duas uma, ou aquilo vai ser feito pelo tio, ou vai ser feito pelo pai, que é o que acontece. Mesmo com a letra dos pais ou o tio vai, escreve, depois ele apaga levezinho e faz por cima. Portanto, eu às vezes penso assim “ok, eu tenho de dar de vez em quando trabalho de casa, para os pais também perceberem o que é que estamos a trabalhar”, mas vou-lhes dando coisas leves. Porque sinto que não é em casa que o trabalho está, é aqui na sala.

E2: Costumas ter alguma rotina nesse aspeto?

PC: Costumo. Eu este ano mudei, mas eu, no 1.º e no 2.º ano, nós tínhamos o PIT de trabalhos de casa. Era tipo um plano semanal. Dou trabalho à 2.ª e vem à 6.ª e eles organizam-se consoante as atividades que têm fora da escola. Imagina, porque têm... um joga futebol, os poucos que fazem desporto... um joga futebol, a outra está na natação e a outra está no hip hop, depois um que vai para a festa da prima, outro que vai para a festa da tia (...)

E2: Quem é que faz hip hop?

PC: A B. fazia hip hop. Não sei se faz ainda. (...). O IS. começou a jogar ténis este ano, porque eu ... fomos ao

Amadora Educa, estava lá o clube de ténis desta zona e ele foi bater umas bolas. E o rapaz veio falar comigo disse-me “este miúdo tem de ir para o ténis”. Eu estive 1 ano atrás da mãe. (...)

E2: E a C. é o basquetebol?

PC: (...) A C. começou no futebol, passou para o basquetebol. O irmão dela também joga basquetebol. Eu acho que a B. já saiu do hip hop. O AF. joga futebol e não há mais. Eu queria tentar por o ED. na dança (...) O EN. já dissemos ao pai, porque o EN. tinha de ir para o atletismo. O EN. corre muito bem. É muito bom fisicamente. Ou para o basquetebol.

(...)

PC: São muito bons na parte artística. (...) Era um foço enorme entre a parte artística e a parte de criatividade nos textos, mas sinto que agora estão melhores.

E2: Mas, por exemplo, em educação artística, colagens, manipulação de objetos que tenham por exemplo, arames, ou uma coisa assim?

PC: São muito bons.

E2: Ok, a nível de construção.

PC: São bons, tanto que eles nas provas de aferição, eles tinham de construir animais 3D. Foi espetacular. Aliás, eu fiquei com eles até há pouco tempo aqui. Construíram coisas muitíssimo boas.

E1: E a nível do teatro?

PC: Também são bons, são muito bons. Não têm vergonha nenhuma, zero, de se expor, de falar. Ninguém goza com ninguém, essa parte está toda muito bem estruturada aqui na minha sala, eles sabem. Aliás, nós, eu não sei se vocês viram no insta mas, nós estivemos aqui a dramatizar as notícias, eles foram repórteres. O GU. fez de cozinheira da escola, porque dramatizou um incêndio, ele era a cozinheira. Pôs um lenço na cabeça, espetacular. Foram buscar objetos aqui da sala, portanto, eles como miúdos são criativos. Eles conseguem...

E1: Eles conseguem pegar num assunto e transformá-lo...

PC: Conseguem, conseguem. Exato. Eles conseguem experienciar isso e construir isso, com base nas regras da sala. As tais regras que eu digo sempre, que no 1.º ano têm de ser trabalhadas, por tempo infinito. Por que só assim, nós ganhamos a turma.

E2: Podemos considerar com potencialidade também a questão da curiosidade? São alunos curiosos?

PC: Sim. Só não são mais também, porque não têm muitas experiências. Mas sim, acho que são curiosos.

E1: Então podemos considerar como fragilidade, mesmo individual, eles terem poucas experiências?

PC: Sim, acho que sim. Aliás, eu acho que esta turma é a turma que menos experiências tem.

E2: A nível de princípios orientadores da tua prática pedagógica. Usaste sempre a mesma abordagem? Quais são os princípios?

PC: Sempre trabalhei desde o início do 1.º ano desta maneira. São os princípios do Movimento. É a questão da gestão participada, princípio da democracia, inclusão, aqui vocês... Agora já sabem quem é que são. Quando entraram aqui não perceberam quais eram os meninos que tinham dificuldade. Por acaso, no outro dia, estava cá o professor das estagiárias, e no final, eu disse “olhe, há aqui meninos” e ele disse “Não sei, não sei quem são.”. É muito esse trabalho que eu gosto. Porque a inclusão não é só incluir os miúdos na turma e está bom, não. É integrar os alunos relativamente a esses e esses relativamente ao grupo. Digamos assim, que o desenho universal da aprendizagem, ou DUA, no fundo, temos que dar a todos as ferramentas que eles necessitam para que todos consigam ter sucesso. E aí, essa questão da inclusão, lá está, outro princípio que é o princípio da diferenciação pedagógica, as estratégias devem ser diversificadas consoante o aluno que nós temos à frente. Não são todos iguais, eu não posso trabalhar tudo da mesma maneira. Por vezes, apesar de estar na mesma tarefa. Às vezes, basta só eu dizer alguma coisa aquele miúdo, que eu sei que o vai ajudar a seguir em frente. Isso já é diferenciar, não é preciso uma ficha “XPTO”, não, basta às vezes um feedback (...), estar sentada, dar um toque a um... isso para mim é o quanto basta às vezes para desbloquear e para promover também, aqui, o sucesso do aluno. Depois é a parte de conhecer muito bem os miúdos, eu acho que isso é muito importante para mim. Depois é, enquanto professora, (...) eu dominar o currículo, ser a detentora do conhecimento, porque nós temos de saber muito e tentar encadear todas as áreas, ou seja, “eu estou a fazer isto, vou ligar com aquilo mas também com estudo do meio, com português”, portanto, fazer aqui um desenho de todo o processo envolvente, sendo eu a pessoa que detém esse conhecimento vou tentar encontrar maneiras e estratégias para que, esse meu conhecimento passe para os miúdos e os miúdos aprendam a aprender. E depois, conseqüentemente, alguns a ensinar os outros. Que também é o meu objetivo

enquanto professora, é que, com a questão das parcerias todos passem pelo processo de ensinar os outros, porque mesmo os miúdos que têm um ritmo de trabalho mais lento que os outros conseguem ensinar. (...) Portanto, é eu perceber também as dinâmicas deles e entre eles e colocá-lo no papel de “ele está a aprender com o outro, mas esse outro também vai aprender com o outro”. Lá está, é conhecê-los e ter jogo de cintura para quando for preciso deixar a planificação na gaveta... Por exemplo, eu vou ter de deixar uma planificação na gaveta agora para fazer Tempo de Estudo Autónomo, não vou poder continuar a fazer o “25 de abril”. Tenho que optar. Eu pensei, “o que é que é mais importante para eles, neste momento? É o TEA.”, porque eu sei que se lhes vou perguntar o que é que eles preferem, eles vão todos dizer, queremos fazer o PIT e eu tenho que negociar com eles agora, porque se eu não vou cumprir com o que planifiquei, o plano do dia, eu tenho que lhes dizer “olhem vai haver aqui uma mudança, eu vou fazer desta maneira. O que é que vocês preferem? Fazer o “25 de abril” ou vamos para o PIT?”

E2: Como é que tu planificas a intervenção? Como é que geras isto?

PC: Tenho as AE's sempre na cabeça e no computador, em tabelas de conteúdo, quer dizer, não é bem tabelas, eu vou mesmo às AE's da internet, faço um levantamento e, depois, é como se fosse espiral, vou percebendo o que é que estamos a trabalhar esta semana, então vamos lá ver o que é que posso trabalhar na próxima semana. O Português é mais fácil, porque, se trabalhei agora os verbos, obviamente que trabalhar um sujeito e um predicado tem de ser depois de trabalhar os verbos. É tudo um bocadinho mais encadeado. Na Matemática, vou tentando sempre trabalhar a par, os números e a geometria. (...) Tento fazer aqui sempre um trabalho muito articulado, porque eu acho que não se pode dissociar uma coisa da outra. OTD também, a questão dos dados. Mas o meu trabalho é muito semanal. Depois vou consultando as AE's e percebendo “olha, isto faz sentido aqui, então vou trabalhar esta semana”. É um trabalho que me dá muito trabalho, porque eu tenho de estar sempre em cima, mas acho que faz muito sentido assim.

E2: Como é que fazes a associação entre áreas curriculares?

PC: Por exemplo, vou trabalhar uma história. Novidades. Escrita de texto. Vou tentar perceber se posso tirar

alguma coisa desse texto para trabalhar, seja Estudo do Meio, seja Matemática. Se conto uma história, como fiz na semana passada, tento logo articular o livro com trabalho artístico, trabalhamos as emoções. Também falamos do que nos vai na cabeça, das nossas preocupações.

No 1º ano, há sempre a hora do conto que é um momento semanal e a partir da hora do conto sai sempre matemática, português, estudo do meio, artes, é sempre. 1.º ano é sagrado, até 2.º ano é sempre, hora do conto, lemos um livro todas as semanas. A partir desse livro sai outras coisas para trabalharmos nas diferentes áreas. A par disto, sai a novidade da semana que fazemos desenvolvimento disto e melhoramento de texto. Ou seja, é sempre um trabalho que sai muito da minha cabeça, mas também que pode sair do conselho de turma, de alguma coisa que eles ficaram a fazer. Por exemplo, este ano eu sinto que estou a deixar um bocado para trás o Estudo do Meio e muito em parte é devido ao estágio, às vossas práticas, porque nenhum par está a privilegiar muito o Estudo do Meio, então o Estudo do Meio está a cair muito em cima de mim. Eu vou ter que avançar, vai ser às quartas-feiras. Se calhar não vai ser com tarefas muito espetaculares, mas vou ter que avançar.

E2: E normalmente trabalhas através dos projetos mais, o Estudo do Meio?

PC: Sim. Mas agora já não vai dar, porque eu preciso de avançar.

E2: Ok. As tuas maiores intencionalidades com a turma? Portanto, é a questão da inclusão, dos valores que estão presentes desde logo...

PC: Sim, desde início.

E2: Há alguma coisa que te foques mais, de forma geral, ou numa determinada área?

PC: Não, as áreas tento privilegiar todas da mesma maneira, sendo que a carga horária é sempre maior no Português e na Matemática. Sinto que, se calhar, não trabalho muito a parte físico-motora, até porque como eles têm AFD e movimento, pronto, já têm 3 áreas por semana, 4, portanto já têm essa parte. Eu tento ficar com esse bocadinho para fazer outras coisas. Sinto que o meu trabalho incide muito na questão da inclusão e todos os princípios que a inclusão traz, na questão também da equidade. Acho que basicamente é esse o meu combustível.

E2: De uma forma geral como é que realizas a avaliação dos alunos. Já vimos aqui que está presente uma avaliação principalmente formativa.

PC: Sim.

E2: Mas quais são assim, como é que de uma forma geral avalias?

PC: Normalmente, todas as rotinas que eu faço têm uma avaliação grelha. Com códigos. Depois, há também um feedback que os alunos me vão dando da sua autoavaliação. Quando trabalhamos em grupo há também a questão da heteroavaliação, que é isso que vamos fazer a seguir. Vamos perceber como é que correu o trabalho. Não é só o fazer, mas também o como é que correu o trabalho. Do conselho de turma, fico também a perceber a dinâmica das parcerias. Portanto, as parcerias são escritas, como é que correram, o trabalho do TA. Comigo também, no apoio, eu avalio os miúdos que estiveram a trabalhar comigo. Ou seja, vão sempre havendo momentos de trabalho e de escrita em que eles podem escrever no que é que tiveram mais dificuldades, como é que se sentiram a trabalhar. Mas depois também pode haver grelhas minhas, com códigos meus, que eu tenha. Por exemplo, a verificação semanal. Eu costumo apontar o desempenho deles na verificação semanal para perceber então, “olha, houve aqui 5 miúdos que erraram isto, então para a semana se calhar, durante o Tempo de Estudo Autónomo, vamos fazer aqui outra atividade deste género.

E2: Nós ainda não vimos a questão de sexta-feira. Como é que geres esse momento, porque à sexta-feira eles têm... todas as sextas...

PC: É uma verificação semanal, pode ser física, pode ser uma folha com algumas questões sobre a semana. Pode ser um Kahoot, pode ser o GoConqr, um quiz, pode ser quadros, os quadros, aqueles ali, em que eles respondem nos quadros.

E2: Mas tentas dar logo o feedback, logo a seguir.

PC: Sim, logo, tem que ser logo. Como se fosse um jogo com várias questões da semana. E depois há uma avaliação sumativa, que para mim é a menos fidedigna que é, mas tem de ser feita, que são os testes, não é. O que para mim causa muita ansiedade, porque eu não gosto nada de ter de colocar capas ali no meio, porque ... o que é que eles fazem? Eles ajudam-se. Eles ajudam-se, porque estão habituados a ajudar-se. E eu agora digo “Olhem, ninguém se pode ajudar”. (...) O que eu digo é “Vamos

testar. É nesta hora, neste dia. Vamos fazer esta ficha individual. Cada um de vocês tem de estar...” pronto é isso. Ias fazer alguma pergunta?

(...)

E1: Temos três perguntas só, mas duas delas acho que se podem fazer ao mesmo tempo. Tem a ver com a integração curricular e a articulação que é possível, se é que é feita entre turmas? Se existe alguma articulação entre as turmas? Se existe algum trabalho entre as turmas?

PC: Não. Existe.... Não, não existe.

E1: E com as AEC's. Existe algum trabalho com eles?

PC: Às vezes, quando é assim Dia da Mãe, Dia do Pai. Por exemplo, o F., das expressões veio me perguntar o que e eu achava que ele devia trabalhar com os miúdos. Eu disse-lhe “Olha, eles são muito bons a fazer projetos.”. Então acho que ele anda aí com uns projetos. Um teatro. Pronto, percebeu que os miúdos têm essa potencialidade então pegou nisso. Opa, mas não, não existe. Não há muito.

E2: E com a professora coadjuvante, neste caso a professora de inglês, que é a única, não é?

PC: Ela não é coadjuvante. Ela é mesmo professora do Inglês curricular. O Inglês é curricular. Faz parte mesmo do currículo. Se eles tiverem negativa a Português, Estudo do Meio e Inglês, eles ficam no mesmo ano. O Inglês

conta para nota. 3º e 4º ano conta para nota, 1º e 2º não conta. Portanto, o Inglês é curricular.

E1: Mas existe algum trabalho articulado com essa professora?

PC: Não, não existe. Eu sinto um bocado falta, só que é assim... é...

(...)

E1: Assim sendo, a última pergunta que nós temos é sobre o envolvimento familiar, mas como já falamos um bocado sobre isso, se calhar não...

PC: Já. Vocês já perceberam, não é?

E2: A única coisa que nós poderíamos ainda, só, pronto. Era a nível de materiais e de espaços, portanto, daquilo que nós vemos dentro da sala vai sendo alterado tendo em conta...

PC: Tudo o que está aqui é meu, fui eu que comprei, fui eu que fui ao longo dos tempos fazendo o enxoval. Alguns materiais de desgaste são eles que trazem, ficam material cooperativo, ficam para a sala.

E2: Material cooperativo, no início do ano eles trazem?

PC: Eles trazem, eu peço sempre coisas a mais e eu guardo. E vocês já viram alguém “Ah professora posso ir tirar um lápis? Ah professora posso ir tirar uma caneta?”. Nós temos ali as coisinhas, eles vão lá tirar. As colas, tudo e tudo, o excesso eu vou dando. Há sempre uma que é deles e depois há o todo da turma.

(...)

Anexo C – Diário de Bordo da PES II do 1.º CEB

N.º DO REGISTO	LOCAL	TEMA DO REGISTO	REGISTO DAS OBSERVAÇÕES
DATA: quarta-feira – 10 de abril de 2024			N.º DE ALUNOS PRESENTES: 20 alunos (1 em falta)
PRIMEIRA PARTE DA MANHÃ (9H00 - 11H00)			
D.01	Sala de aula	Entrada Relações	A campainha de entrada toca e os alunos começaram a aparecer à porta da sala. A professora vai até à entrada e cumprimenta os alunos. Estes dirigem-se a uma sala que se encontra ao fundo da sala de aula, a “ <u>casinha</u> ”, onde <u>deixam os seus pertences</u> e, posteriormente, regressam à sala para se sentarem. À medida que os alunos entravam, <u>alguns vinham ter connosco</u> e diziam o seu nome e davam-nos um abraço.
D.02	Sala de aula	Disposição da sala	A sala contém <u>vários instrumentos e produção de materiais nas paredes</u> . A sala contém <u>cinco ilhas, três em que os alunos se sentam e duas que ficam livres</u> . Das três ilhas, uma delas é composta por sete mesas, uma por duas mesas e outra por três mesas.
D.03	Sala de aula	Leitura do Plano do Dia	A professora projeta o plano do dia no quadro. Um dos <u>alunos foi ao quadro e lê o plano</u> .
D.04	Sala de aula	Apresentações	Após a leitura do plano do dia, cada aluno prosseguiu para dizer o seu nome, a sua idade e algo que gostavam ou que queriam partilhar. Grande parte dos <u>rapazes</u> da turma disseram <u>gostar de jogar futebol</u> . O <u>EN disse gostar de arranjar</u> , sendo que a professora cooperante salienta que este aluno arranjou o globo da sala. Muitos dos alunos também afirmaram gostar do <u>jogo online “MATAZOMBIES”</u> . Já a BE., a HI. e a DZ. afirmaram gostar de <u>desenhar</u> e cerca de 15 alunos afirmaram <u>gostar imenso da professora cooperante</u> . No final, ambos os estagiários apresentaram-se e pode-se averiguar que <u>2 dos alunos são escuteiros</u> (IS. e EN.). Houve também um momento no qual a aluna DZ. salientou que gostava de estudar e da tabuada do nove e um dos estagiários comentou que conseguia ensinar um truque para aprender a tabuada do nove, utilizando as mãos.
D.05	Sala de aula	Dança	Após o momento das apresentações, os alunos foram quase todos para o quadro, para <u>dançar ao som de músicas reggae e da música “vamos” do Fernando Daniel</u> . Os alunos dançaram e cantaram as músicas colocadas, o que pode indicar que esta prática é regular. Apenas dois alunos não foram logo para a frente da sala, dançar e cantar. Uma delas foi a <u>LE.</u> , que foi para um quadro branco que existe no fundo da sala, fazer a tabuada do 9. (provavelmente proveniente da interação anterior sobre a tabuada). A aluna chamou o estagiário que falou sobre a tabuada e mostrou-lhe o truque que conhecia para a tabuada. No final de ela demonstrar o que sabia, o estagiário ensinou-lhe o truque com as mãos.
D.06	Sala de aula	Tarefa professor	Uma auxiliar foi à sala entregar um papel à professora cooperante. A professora preencheu o <u>documento, dizendo respeito aos almoços e lanches da tarde dos alunos</u> .
D.07	Sala de aula	Português Avaliação da Leitura	Todos os alunos abriram o <u>manual de Português na página 161</u> . A professora sentou-se num canto da grande “ilha” presente na sala, de frente para os alunos, com uma <u>grelha referente à avaliação da leitura</u> . Referiu que ia chamar aleatoriamente os alunos para realizarem a leitura de uma parte do texto. Questionou os alunos sobre os <u>“critérios de avaliação da boa leitura”</u> , tendo-se chegado a critérios como: ler <u>alto</u> , ler com <u>fluência</u> , ler para todos entenderem (<u>dicção</u>) e ler com <u>entoação</u> (respeitando os sinais de pontuação). Os alunos procederam a ler, sempre que chamados, partes do texto, sendo que se leu 2 vezes o texto com a turma. No final das leituras, a <u>professora questionou o grupo sobre o que acharam do tipo de leitura que cada discente tinha realizado</u> e muitos disseram que leram muito bem. Promovendo a argumentação, a professora perguntava a tais discentes a razão pela qual achavam tal coisa. A professora procedeu a justificar o registo que tinha feito para cada aluno, ao nível da proficiência de leitura.
D.08	Sala de aula	Português Diferenciação pedagógica	A professora perguntou ao <u>ED</u> , se queria que <u>escrevesse no quadro frases para ele ler</u> , ao que o aluno referiu que sim. A professora levanta-se e escreve, no quadro preto, a giz, várias frases: “A menina vê a janela”, “Eu fui ao parque com o meu pai”, “Aquele caneta é minha”. O aluno teve maior <u>dificuldade na leitura da última frase, nomeadamente no som “que”, “ne” e “nha”</u> . A professora perguntou que letra era “n” e “m” e o aluno trocou-as.
D.09	Sala de aula	Português Título do texto	A professora questionou os alunos acerca do <u>título que escolheram para o texto</u> . Um dos alunos refere “A ensinar o meu avô”. A professora reforça que normalmente <u>não se colocam verbos nos títulos</u> , pedindo sugestões de melhoramento à turma. Assim, surgiu “a aprendizagem do avô”. Um outro aluno menciona que escreveu “a distração do avô”, ao que a professora pergunta se foi feito com ajuda ou sem ajuda. Já outro aluno refere que escreveu “para aprender nunca é tarde”. A professora menciona que é uma moral e questiona a turma sobre o significado do que acabara de dizer, remetendo para a fábula “Lebre e a Tartaruga”. A professora também refere que existe a palavra “endereço” no texto, questionando o significado da palavra. Um outro aluno partilha o título escolhido, “o avô põe os olhos no computador”. A professora reforça que é um título muito extenso e pede sugestões de melhoramento.
D.10	Sala de aula	Matemática Pensa rápido (10 minutos)	Foi realizado um desafio com os alunos, no qual eles tinham de responder a seis questões de Matemática, em <u>10 minutos</u> . Neste momento, os estagiários deram apoio a alguns alunos, sendo que o <u>J.</u> teve alguma <u>dificuldade em conseguir compreender a diferença entre 5x2 e 2x5</u> , e a conseguir transformar uma imagem numa expressão aritmética. Este aluno ainda foi auxiliado na realização da operação “O dobro de 24” por meio de uma árvore de decomposição, na qual se descrevia que 24 se decompõem em 20 mais 4. o dobro de 20 é 40 e o dobro de 4 é 8. 40 mais 8 é 48. À medida que os alunos iam <u>terminando o exercício, a professora ia circulando e colocando certos ou chamando a atenção para alguns aspetos a pensarem melhor</u> . No final, a <u>turma corrigiu os seis exercícios e apenas quatro alunos realizaram-nos sem erros</u> .

D.11	Sala de aula	Matemática Pensa rápido Diferenciação pedagógica	Durante o momento do “pensa rápido”, o ED, tinha uma tabela que continha escrito “dezena” e “unidade” e os materiais MAB. Inicialmente, o ED, escreveu 99 e manipulou o material. De seguida, um dos estagiários escreveu o número e o aluno tinha de o representar através do material e vice-versa.
INTERVALO DA MANHÃ (11h00 - 11h30)			
D.12	Recreio	Visita pela escola	Os estagiários foram ao intervalo com os discentes e 4 destes fizeram uma pequena visita guiada pela escola. Mostraram onde é o refeitório, o recreio do pré-escolar, o ginásio, as casas de banho e algumas das salas da escola, como a sala da psicóloga ou de apoio. Os alunos ainda disseram que o recreio da pré e uma rampa no fundo do recreio, foram interditos e que eles não podiam ir lá.
D.13	Recreio	Lanche no recreio	No momento no qual se esteve a lanchar, os alunos encontravam-se numa parte específica do recreio (na entrada) para comerem. Só no final é que podiam brincar. No entanto, poucos foram os alunos que saíram do local do lanche, estando a falar, brincar, conviver e a fazer várias perguntas aos estagiários.
2.ª PARTE DA MANHÃ (11h30 - 13h00)			
D.14	Sala de aula	TEA Potencialidades Autonomia	Os alunos entraram na sala e, após a professora referir que iam para TEA, começaram a <u>organizar-se</u> na sala, a pares, e a abrir os seus cadernos de TEA. <u>Alguns alunos reuniram-se no final da sala</u> , nas duas mesas que não estavam a ser utilizadas no início da manhã. Estes alunos estiveram em <u>apoio com a professora cooperante</u> . A medida que os alunos tinham dúvidas, chamavam a professora ou os estagiários. Alguns alunos estavam a realizar uma ficha de trabalho de Estudo do Meio, referente a instrumentos de localização e aos movimentos de rotação e translação da Terra. Ao questionar os estagiários acerca do que era para ser respondido, <u>encaminhou-se a que pesquisassem no seu manual</u> . No TEA, houve um aluno, com o apoio do estagiário, que realizou uma <u>ficha de palavras ditadas</u> e em 10 apenas teve 1 erro, na palavra “esquisito”. Um outro par de alunos realizou uma leitura em voz alta para um dos estagiários. Apesar de uma das alunos ler melhor que a outra, <u>ambas precisam de trabalhar na fluidez</u> .
D.15	Sala de aula	Português Detetive das palavras	Neste momento da aula, os alunos foram desafiados a pensarem e registarem o significado de 2 palavras. <u>Procurarem o seu significado no dicionário e registá-lo. Dividirem a palavra a nível silábico e depois dizer a sua classe</u> . As palavras eram engenho e recente . Neste exercício, sentiu-se algumas <u>dificuldades</u> , nomeadamente: Os alunos compreenderem que no <u>dicionário há palavras que tinham mais do que um significado</u> , por exemplo engenho que pode ser uma máquina feita por engenheiros ou uma habilidade. No contexto da frase, a segunda opção era a indicada e nem todos os alunos lá chegaram logo. Para a palavra “recente”, grande parte dos alunos compreendeu que esta palavra poderia significar “NOVO”. Porém, houve uma aluna que não viu que o dicionário que tinha indicava a palavra “antigo” como antónimo de recente e por isso respondeu isso.
N.º DO REGISTO	LOCAL	TEMA DO REGISTO	REGISTO DAS OBSERVAÇÕES
DATA: quinta-feira – 11 de abril de 2024			N.º DE ALUNOS PRESENTES: 21 alunos
PRIMEIRA PARTE DA MANHÃ (9h00 - 11h00)			
D.16	Sala de aula	Tarefas dos alunos	A professora retira uma folha que se encontra no exterior da sala, perto da porta, referente aos almoços. Pede ao AN, para preencher os almoços e os lanches. O AN, começa a perguntar aos colegas se almoça e se lancha. A EM, escreve no quadro branco a data: <i>Amadora, 11 (onze) abril de 2024</i> <i>Hoje, quinta-feira.</i> De seguida, <i>com o plano do dia projetado no quadro, o A, vai até ao quadro e lê o plano para a turma.</i> <i>Plano do dia 11-04-2024</i> <i>BOM DIA</i> <i>Coloca a mochila e casaco na casinha → Vamos ouvir a PC</i> <i>Relaxamento → A B, vai relaxar a turma</i> <i>Português → Ficha de trabalho do texto do A.</i> <i>TEA → Trabalhar no que mais precisamos</i> <i>→ Último dia - preencher a avaliação</i> <i>Matemática → Frações equivalentes na reta numérica - problema 3</i> <i>Estudo do Meio → Orientação e localização</i> <i>Avaliação do dia → Classdojo</i> <i>TPC → página 93 do caderno de Matemática</i>
D.17	Sala de aula	Curiosidade	A estagiária está sentada numa das “ilhas” presentes na sala e escreve um apontamento do que estava a acontecer. O VI, olha para o caderno e pergunta o que ela está a escrever e se pode ler. A estagiária explica o que estava a escrever e a razão de o estar a fazer, mostrando o que escreveu.
D.18	Sala de aula	ClassDojo Conflitos	Após a leitura do Plano do dia e do desenvolvimento de algumas tarefas, a PT foi ao <u>software Classdojo</u> para <u>anotar os comportamentos de dos discentes no dia anterior</u> . Para tal, mobilizou-se um momento no qual a PT perguntou aos alunos como tinha corrido o dia anterior e estes descreveram alguns momentos que não correram tão bem: como o facto do AN., o IS, EM, e o ED, terem andado à luta no recreio. Assim que confrontados, todos estes alunos afirmaram ter realizado a ação e foi realizada uma chamada de atenção aos alunos em questão. Após esta conversa, o comportamento dos alunos foi marcado na Classdojo como “Fui violento e não cumpri as regras”, sendo que o ED., ficou cabisbaixo e o colega do lado (o JO.) comentou que ele estava a chorar.

D.18	Sala de aula	Português Matemática Estudo do Meio "Texto do A"	<p>O texto escrito pelo AN. e melhorado pela turma foi utilizado pela professora cooperante como promotora de vários saberes e competências de diferentes áreas curriculares. Nomeadamente de Português, Matemática e Estudo do Meio.</p> <p>Este trabalho foi feito pela resolução de uma ficha de trabalho sobre o texto em questão, que possuía 3 páginas e que incorporava exercícios das três áreas já mencionadas.</p> <p>Antes do trabalho na ficha, a professora cooperante deu nota à turma de possíveis escolhos na resolução da ficha, como a palavra "fronteira" e a necessidade da utilização de "passaporte" como documento para sair da Europa. Também foi salientado qual o único país com o qual Portugal faz fronteira terrestre (Espanha).</p> <p>A título de Matemática, foi conversado sobre o número de quilómetros necessários para ir e voltar da Serra da Estrela, sendo que o número total de quilómetros é o dobro da distância entre os dois locais.</p> <p>Por fim, ainda se abordou o conceito de "descrição" e as diferenças entre a descrição física e psicológica física e psicológica, e os conceitos de "geração" e "relevância". Nestes últimos foi pedido aos alunos para arranjam sinónimos para as palavras ao qual o AF. afirmou que "época" e "importância podiam ser sinónimos bons.</p>
D.19	Sala de aula	Português	<p>Após todos os alunos terem a ficha, composta por três folhas, a professora refere que se irá iniciar a <u>leitura conjunta</u>. Assim, menciona o nome de cada um dos alunos à medida que é para iniciarem a leitura. Após o texto ser lido uma vez coletivamente, por alguns alunos, o AN., <u>autor do texto, vai até ao quadro e lê o seu texto</u>.</p> <p>De seguida, a professora, com a <u>ficha de trabalho projetada</u> no quadro, refere que se encontra <u>destacado a negrito algumas palavras</u> como "enumera". Questiona os alunos acerca do que é para fazer. A CA. refere que é para escrever três coisas que o AN. fez. Também questiona o que é transcrever, ao que um aluno menciona que é tirar uma ideia do texto. A professora reforça que é copiar "exatamente" uma ideia que se encontra no texto e questiona o que devem escrever no início de o fazerem. Alguns alunos referem que são as "aspas". A professora também reforça que quando se tem uma informação antes e se copia uma ideia que não se inicia no início da frase, é apenas uma parte, se deve escrever "...", no início da transcrição. Esta informação é registada no quadro: "....." e "(...).....".</p>
D.20	Sala de aula	Português Fragilidades	<p>Identificação de Classes de palavras</p> <p>Um dos exercícios da ficha consistia em copiar do texto um nome comum, um nome próprio, um adjetivo, um verbo, um determinante artigo definido e um pronome pessoal. Diversos alunos chamaram os estagiários referindo que precisavam de ajuda. A CA. questionou se uma palavra, que era um verbo, era um adjetivo. A LE. escreveu "uma" no determinante artigo definido. Alguns alunos trocaram o nome comum pelo nome próprio ou ao contrário. O VI. escreveu a palavra "Páscoa" em todas as alíneas.</p> <p>Transcrição de um parágrafo</p> <p>Num dos exercícios era pedido que os alunos copiassem do texto o quarto parágrafo. Diversos alunos chamaram os estagiários questionando que não sabiam qual era o quarto parágrafo. Outros alunos demonstraram identificar e transcrever a primeira frase do quarto parágrafo, referindo-se a esta como todo o parágrafo. No texto este parágrafo era composto por duas frases.</p>
D.21	Sala de aula	Português Diferenciação Pedagógica	<p>A professora cooperante mencionou que costuma fazer <u>fichas de trabalho diferentes para os alunos IN. e GU.</u>, mas que neste caso não tinha realizado, pois considerou que iriam conseguir realizá-la com apoio.</p>
D.22	Sala de aula	Português Matemática Estudo do Meio Correção da ficha	<p>A medida que os alunos iam terminando a realização da ficha, a professora cooperante ia circulando pela sala corrigindo os exercícios de cada aluno, individualmente, com uma caneta.</p> <p>Após a professora ter corrigido, <u>o aluno alterava</u> e, depois do exercício estar correto, <u>cortava</u> as folhas e colava-as no seu caderno de Português.</p> <p>No caso de exercícios em que os alunos respondiam de forma incorreta, a professora escreveu um comentário referente ao facto de ser um conteúdo que o aluno deve trabalhar com ela.</p>
SEGUNDA PARTE DA MANHÃ (11h30 - 13h00)			
D.23	Sala de aula	TEA Avaliação	<p>À medida que iam terminando as <u>tarefas obrigatórias do PIT</u>, alguns <u>alunos iam buscar, a uma gaveta presente na sala, uma folha A5 referente à avaliação do PIT</u>. Para a preencherem, os alunos tinham de escrever "o total de tarefas que fiz esta semana".</p> <p>Após essa identificação, teriam de colocar uma cruz, referente a "sim" ou "não", face aos critérios: <u>fiz o trabalho obrigatório, fiz tarefas extra, trabalhei no que mais precisei, n.º de atividades durante o TEA</u> (neste caso colocar o número), <u>corrigi todos os trabalhos, fui organizado/a, trabalhei com colegas, colaborei com os meus colegas e avaliação final cumpri o PIT</u>.</p> <p>De seguida, tinham uma lacuna para preencher a frase "Esta semana trabalhei _____" e "Tive mais dificuldades em _____". Esta folha contempla ainda um espaço intitulado "opinião da professora e colegas".</p>
D.24	Sala de aula	TEA Fragilidades	<p>Motricidade Fina</p> <p>No momento de TEA, foram denotadas algumas <u>dificuldades na fluidez da escrita</u> de alguns alunos. Esta pouca fluidez pode dever-se à competência da motricidade fina associada ao movimento da mão no decorrer da escrita.</p> <p>Sabendo que a maioria dos alunos escreve em letra de imprensa, foram alguns os que a escreviam cada letra de baixo para cima. Ou seja, no caso da letra "r", faziam primeiro a parte que é um "semi n" de baixo para cima e só depois é que faziam a perna do r. Esta movimentação foi anotada em vários alunos, sendo que não foi apenas a letra "r", mas sim todas as que estes alunos visualizados.</p>
D.25	Sala de aula	Português	<p>Motricidade Fina</p> <p>Nesta tarefa, os alunos foram desafiados a recortar 14 verbos conjugados no futuro, presente ou pretérito perfeito (tudo do modo indicativo) e colá-los na coluna do tempo verbal</p>
		Tempos Verbais Fragilidades	<p>correspondente. Nesta tarefa, foram vários os alunos que não conseguiram recordar com eficácia os papeis, havendo alguns a serem rasgados. Maiores <u>dificuldades</u> foram sentidas no ato da <u>colagem</u>, havendo inúmeros alunos com extrema dificuldade em conseguir colocar o papel na cola, ou a cola no papel e depois <u>movimentar o papel</u> com cola para as colunas. Houve vários <u>papeis a irem parar ao chão</u> e vários foram os alunos que ficaram com as <u>mãos cheias de cola</u>, pois levaram o papel à cola com o dedo e não o contrário.</p>

N.º DO REGISTO	LOCAL	TEMA DO REGISTO	REGISTO DAS OBSERVAÇÕES
DATA: sexta-feira – 12 de abril de 2024			N.º DE ALUNOS PRESENTES: 20 alunos (1 em falta)
PRIMEIRA PARTE DA MANHÃ (9h00 - 11h00)			
D.26	Sala de aula	Gestão de conflitos	<p>O início deste dia foi marcado por um momento de gestão de conflitos. Neste, as alunas EM. e BE. foram chamadas à atenção pois andavam a “cobrar” (utilizando as palavras da conversa com os alunos) uns anéis à CA., que os perdeu. Esta cobrança andava a ser insistente e, segundo a aluna CA., andava a deixá-la extremamente incomodada. Esta aluna esteve a chorar grande parte do tempo e a professora afirmou que ela queria sair da escola devido a este conflito.</p> <p>A par com estas duas alunas, EN. e AN. também foram chamados à atenção por andarem a ter comportamentos menos bons no recreio.</p> <p>A professora aproveitou este momento para salientar que o <u>diário de turma não pode ser utilizado para fazer “ameaças aos colegas”</u>. Houve alguns alunos, do último conflito inclusive, que foram ao diário de bordo com uma atitude de afronta e olhar intimidador para outro colega, parafraseando a professora, para fazer com que esse colega se sentisse mal com as suas ações. A PT continuou a conversa dizendo que a escola é um sítio seguro e todos devem contribuir para que assim o seja, se não os meninos mudam da escola.</p> <p>O momento de gestão de conflitos terminou com a professora a dizer que a <u>turma deve ser unida e que todos se devem respeitar uns aos outros</u>: “Podem não ser todos amigos, mas têm de se respeitar. Eu defendo agora a CA. como defenderia qualquer um de vocês. Porque juntos...?” e a turma respondeu “Conseguimos tudo”.</p>
D.27	Sala de aula	Matemática Frações equivalentes Potencialidades	<p>Comunicação - raciocínio matemático</p> <p>Após a escrita da data no caderno, a professora pergunta o que são frações equivalentes e qual é a forma mais fácil para encontrar uma <u>fração equivalente</u> a outra. Através desta questão, conclui-se que será multiplicar ou dividir o numerador e o denominador pelo mesmo número.</p> <p>De seguida, é distribuída uma ficha de trabalho, referente às frações equivalentes. A professora pergunta qual é a fração que representa a parte pintada da figura A e a fração que representa a parte que não está pintada. <u>Questiona igualmente quanto é a soma da fração que representa a parte pintada e da fração que representa a parte não pintada, tendo-se chegado a 1</u>. À medida que os alunos vão mencionando a fração que representa a parte pintada, a professora escreve a giz no quadro a fração.</p> <p>A figura BE. dizia respeito a uma figura dividida em 8 partes iguais, sendo que 5 quadrados estavam pintados. A professora questiona o VI. sobre a fração que representa a parte que não está pintada. O aluno refere que é $\frac{3}{8}$. A CA. refere que é $\frac{5}{8}$ e explica que “estão 8 quadrados e 5 estão pintados”. A professora reforça que o que o VI. referiu é a razão entre o número de quadrados que não estão pintados e os que estão pintados. Refere que irão dar este conteúdo mais à frente, no 2.º ciclo. De seguida, associa o que acabara de dizer ao número de raparigas presentes na turma e ao número de rapazes.</p> <p>Após terem determinado as frações que correspondiam aos quadrados pintados, em cada uma das quatro alíneas, o AF. menciona que a figura que corresponde à fração equivalente a $\frac{4}{5}$ é a DZ. porque “4, o dobro é 8 e 5 o dobro é 10”. A professora regista no quadro $\frac{4}{5} = \frac{8}{10}$, mencionando que se multiplicou tanto de um numerador, como de um denominador, de uma fração para a outra 2.</p> <p>De seguida, a professora <u>questiona</u> a turma acerca de outras frações equivalentes a $\frac{4}{5}$. A CA. menciona que é $\frac{12}{15}$, multiplicando por 3. A CL. refere que o “numerador é 16 e o denominador é 20”. A professora regista no quadro: $\frac{4}{5} = \frac{12}{15} = \frac{16}{20}$.</p> <p>Num momento posterior, a professor pediu para <u>pensarem numa fração equivalente a $\frac{1}{5}$ e multiplicarem por 25 no numerador e no denominador</u>. O VI. menciona $\frac{25}{125}$ e explica que fez “$20 + 20 + 20 + 20 + 20$ que dá 100 e 5×5 que dá 25”. A professora reforça que poderia também ter feito de uma outra forma “$5 \times 20 + 5 \times 5$”.</p>
		Matemática Frações equivalentes	<p>Representação Pictórica</p> <p>No segundo exercício de Matemática, os alunos tinham de indicar as frações equivalentes às indicadas. Contudo, tinham de o realizarem pela <u>visualização de retas numéricas</u>, uma com a fração indicada e outra com a fração a indicar.</p> <p>Para explicar o primeiro exercício e a divisão da reta numérica ($0 - \frac{1}{2} - 1$) a professora disse que esta reta numérica estava dividida em 2 partes iguais. Dessa divisão, a PT afirmou que a soma das duas partes ($\frac{1}{2} + \frac{1}{2}$) dava ($\frac{2}{2}$) o que equivale à unidade que é 1. Seguidamente a professora <u>explicou o mesmo conceito, mas com recurso à imagem gráfica de uma pizza</u>, dizendo: “Se eu tiver $\frac{1}{2}$ de uma pizza, ou seja, metade. E se eu lhe juntar outra metade de uma pizza fico com uma...?”, ao que os alunos responderam “uma pizza inteira”.</p>
			<p>Os restantes exercícios foram realizados com a indicação do dobro. Quando se tem $\frac{2}{4}$, então a fração equivalente era a $\frac{4}{8}$. $\frac{3}{8}$ era a $\frac{4}{6}$ e assim sucessivamente.</p> <p>Acompanhamento individual</p> <p>No decorrer da realização deste exercício, o aluno EN. foi acompanhado por um dos estagiários.</p> <p>No início, o aluno não estava a compreender o que era para fazer e por isso reutilizou-se a estratégia da pizza. O aluno afirmou compreender, contudo, quando tentou resolver o exercício indicava que o valor correto era a unidade. Ai, foi introduzida outra estratégia, na qual se multiplicou os valores da fração pedida por 2 para tentar encontrar uma fração igual na reta numérica. Após a explicação, o discente disse compreender e passou a resolver os exercícios. Contudo, por vezes, enganava-se na resposta <u>afirmando que frações com numeradores iguais e denominadores diferentes eram as frações equivalentes</u>. Por fim, o discente conseguiu, sozinho, compreender que as <u>frações equivalentes eram as que estavam em cima uma da outra no exercício</u>, pois, segundo ele, “elas estão no mesmo sítio da reta”.</p>



D.28	Sala de aula	Gestão Emocional	No decorrer da resolução dos exercícios de Matemática, a temática “Psicóloga” surgiu em conversa e o ED. questionou “o que era a psicóloga”. Isto despoletou uma conversa sobre a <u>definição desta palavra e quais as suas funções profissionais</u> . Sendo que o AF. disse que a psicóloga podia ser “ele ou ela”. No final da conversa, o ED. disse: “não era isso que eu queria dizer. Eu estava a dizer que eu não ia ao psicólogo por causa dos meus sentimentos. Só se fosse por causa do comportamento, porque a minha cabeça é forte”.
D.29	Sala de aula	Motricidade fina	O GA. cortou, com a sua tesoura, o <u>contorno da folha A5</u> , para colar no seu caderno. Depois, <u>começou a manipulá-lo</u> , olhando atentamente para o papel. Após ter deitado o papel no lixo, começou a <u>criar um avião</u> muito pequeno com papel que tinha no estojo.
D.30	Sala de aula	Curiosidade Potencialidades	Exploração de material A CA. chama a estagiária e menciona que vai escrever com a tesoura. A aluna tinha no início da <u>tesoura um bico de um lápis e tentou escrever na ficha com ele</u> , preso à tesoura.
D.31	Sala de aula	Português Verbos	A professora pede aos alunos para abrirem o seu <u>manual de Português</u> nas páginas 102 e 103 e <u>projeta a página 102</u> no quadro. De seguida, menciona que os poemas têm uma organização diferente do texto narrativo e que a poesia é um tipo de texto. Questiona os alunos acerca do nome que se dá a um conjunto de versos de um poema. Posteriormente, após os alunos <u>lerem as estrofes</u> , a professora questiona a turma sobre o <u>significado da página</u> “estrear”. A BE. e o AF. colocam o dedo no ar. De seguida, a professora pede para os alunos <u>sublinharem as palavras em negrito e questiona como classificam essas palavras</u> . Após chegarem à conclusão que são verbos, a professora questiona <u>qual é o tempo verbal</u> a que estes se encontram, bem como a <u>conjugação de determinados verbos</u> , como “dizer”. Posteriormente, pergunta ao JO. <u>como se escreve o verbo “poder”</u> , pedindo que este soe, e questiona se este é um verbo regular ou irregular. Ao lerem as conjugações presentes na página 103, a docente <u>reforça os pronomes pessoais</u> e que no caso da conjugação “vós escreveis”, embora se lê em Lisboa “escrevais”, como se fosse um “a”, escreve-se com “e”. Contudo, em certas zonas de Portugal há pessoas que pronunciam as palavras de outra forma, como na palavra “cereja”. Reforça igualmente a <u>diferença entre -ão e -am</u> . Este momento foi seguido da realização, em grande grupo, da página 103 do manual, referente à <u>conjugação de verbos em diferentes tempos verbais</u> .
SEGUNDA PARTE DA MANHÃ (11h30 - 13h00)			
D.32	Sala de aula	Conselho de Turma	Todos os alunos se <u>reuniram à volta da “ilha”</u> composta por várias mesas. O presidente e o secretário encontravam-se numa das pontas das mesas com diversos documentos à sua frente, como as páginas do diário de turma e as folhas de registo do cumprimento do PIT. <u>Os alunos vão passando entre si um registo de parcerias, onde realizam a avaliação da parceria realizada com o outro colega</u> . No início do Conselho, a secretária, a CL., realiza a <u>leitura da ordem de trabalhos presente na ata do Conselho</u> : 1. <u>Leitura e discussão do Diário de Turma</u> . 2. <u>Avaliação do Plano Individual de Trabalho (atividades feitas e leitura dos PIT’s)</u> . 3. <u>Comportamento da turma</u> . 4. <u>Organização e planificação das atividades da próxima semana</u> . 5. <u>Tarefas</u> .
			De seguida, a AD. explica como funciona o Diário de Turma, referindo que existe o “Gostei” que apenas é lido, o “Não Gostei” que é para ser resolvido, o “Parabéns” que é para informar e o “Quero fazer” que é para implementar. Posteriormente, o presidente, o GA., faz a <u>leitura do “gostei”</u> , dividindo a leitura com a sua secretária. Depois, a <u>leitura do que se encontra no “não gostei”</u> . Após a leitura do primeiro “não gostei”, <u>o aluno que escreveu comenta o que não gostou e o que aconteceu de seguida o aluno envolvido fala e depois outros colegas podem comentar</u> . O presidente e o secretário vão seguindo o momento, <u>dando a palavra aos colegas para falar e perguntando se mais alguém tem mais alguma coisa para falar que não seja do que se falou</u> . Perante a situação, a <u>professora reforça</u> que já se escreveu a regra e portanto ter-se-á de decidir se se irá dar uma nova oportunidade ou o aluno em questão, ou se este terá uma consequência. Decidiu-se, em turma, perante <u>votação</u> que se iria dar mais uma oportunidade ao aluno, contudo, também se decidiu qual a consequência que este ou outro aluno iriam ter caso mexessem nas coisas dos colegas, sem autorização. O secretário <u>lê o que se encontra no diário referente ao “quero”</u> ; “quero fazer o diagrama de caule e folhas” e “Quero saber mais sobre o corpo humano”. Nesta última partilha, a professora questionou a aluna sobre o que gostaria exatamente de saber e direcionou este interesse para a realização de um projeto, que a aluna escolheu realizar individualmente. No momento seguinte, a docente pediu para todos <u>abrirem o PIT e terem à sua frente a avaliação do mesmo</u> . Cada um dos alunos mencionou se <u>cumpriu o PIT ou não, justificou, no caso de não o ter cumprido e ainda informou do número de atividades realizadas</u> . A secretária registava num documento o número de atividades e o presidente registava num outro documento, a verde se o PIT tinha sido cumprido e a vermelho se não tinha. Os alunos que não cumpriram o PIT, justificaram o <u>porquê de não o terem conseguido</u> . Perante o não cumprimento do PIT, a <u>professora mencionava alguns alunos que iriam trabalhar em parceria com ela na próxima semana</u> . Durante este momento, a docente também chama a atenção de aspetos que alguns alunos necessitam de melhorar: HI. - melhorar os erros ortográficos; JO. - esteve distraído; AN. - esteve distraída; GU. - melhorar a leitura e escrita de palavras com [r] e [R]. VI. - ser mais rápido na realização das tarefas. Num momento seguinte, os alunos que cumpriram o PIT e que quisessem ser <u>trabalhadores da semana</u> proponham-se a tal, referindo que <u>cumpriram o PIT e as razões para serem escolhidos</u> . De entre várias razões surgiu: - estive concentrado; - ando a melhorar a letra; - ajudei a/o ... A professora <u>escreve no quadro o nome dos alunos que se promoveram a trabalhador da semana, cada aluno vota oralmente e a professora regista no quadro</u> . Após se ter decidido o aluno que ficaria como trabalhador da semana, o <u>presidente escreveu o nome do colega e a razão de ter sido escolhido num cartão</u> . Esse aluno foi escolher um objeto de entre um boião com brindes.

			Num último momento, <u>leram-se os elogios que os colegas tinham escrito uns aos outros e distribuíram-se os <i>post it's</i></u> aos colegas a que se destinavam. O Conselho terminou com a <u>leitura de toda a Ata</u> , que contemplava todas as decisões tomadas.
D.33	Sala de aula	Conselho Regras	Ao longo do Conselho foram vários os momentos nos quais a professora parou o momento para explicar, ou pedir para algum aluno explicar a dinâmica do momento em questão ou algumas das regras do Conselho. Algumas das regras enunciadas foram: - No decorrer do Conselho, os alunos não podem ir à casa de banho; - Caso algum aluno se comporte desadequadamente no Conselho, isto <u>pode dar direito a expulsão</u> , o que resulta na <u>impossibilidade desse aluno participar no próximo Conselho e de reter qualquer tipo de tarefa da semana</u> . Isto também <u>inviabiliza as candidaturas ao "Trabalhador da semana"</u> e qualquer tipo de votação realizada. O discente em questão fica excluído das dinâmicas da turma <u>durante uma semana</u> .
RECREIO - HORA DE ALMOÇO OBSERVADA (14H30 - 15H00)			
D.34	Recreio	Brincadeiras	Bonecas Assim que os estagiários chegaram ao recreio, estão a CA. e a AD. a brincar com outras duas colegas de uma outra turma com marcador próprio e uma boneca, pintando-lhes o cabelo de diferentes cores. Dança O GA. pergunta à estagiária se sabia que existe uma música com o seu nome. Durante a conversa, a estagiária refere que até pode ser uma música que se poderá colocar para se dançar no momento inicial do dia. A BE. e a EM. dizem que a <u>professora já lhes ensinou uma coreografia</u> . De seguida, <u>à medida que cantam também a realizam ao mesmo tempo</u> . Brincar às escondidas O GA. senta-se no parapeito de uma janela e tapa a cara com o capuz do seu casaco. O AN. esconde-se dele. Cavalitas e Cadeiras no ar Os alunos por várias vezes saltaram para as cavalitas de um dos estagiários, sendo que muitos também pediram para ser elevados no ar, como o JO., a DZ., a CO. e o ED. A certa altura, eles estavam a levantar-se uns aos outros no ar e, por isso, um dos estagiários ensinou-lhes uma maneira de fazerem uma cadeira que conseguia elevar uma pessoa, utilizando a força conjunta de duas pessoas sem esforçar as costas de ninguém. Denomina-se da cadeira da amizade e resulta da interligação das mãos de duas pessoas. Ginástica A EM. começa a fazer a ponte e a espargata no chão. A aluna refere que não faz ginástica e, quando a estagiária lhe pergunta como aprendeu, esta responde que aprendeu em casa. Brincar com carros Alguns alunos estavam a brincar com carros na relva ao longo de grande parte do tempo que os estagiários lá estiveram.
D.35	Recreio	Resolução de problemas	Brincar com carros No decorrer da brincadeira, houve um aluno que deixou o seu carro cair para fora do gradeamento da escola. Um dos discentes chamou um dos estagiários para ajudá-los a resolver o problema, contudo, o EN. já o estava a fazer. <u>Ele e outros colegas tentaram trepar o gradeamento para ir buscar o carro</u> , mas foram chamados à atenção. Depois o EN. <u>foi buscar uma vassoura para tentar recolher o carro</u> . Depois de algumas tentativas não sucedidas o aluno <u>foi buscar um outro cabo de vassoura que se estende e com este conseguiu reaver o carro</u> . Não só reaveu o carro, como uma pequena consola do jogo das bolhas que também estava do outro lado e o ED. e o AN. <u>foram entregar o objeto ao dono</u> .
D.36	Recreio	Gostos - Animais	O AF. refere que <u>tem um gato</u> com 4 anos, que é branco e preto. A estagiária diz que também tem. A BE. refere que a sua tia também tem uma gata e que ela vive no Alentejo. De seguida, refere que a <u>casa tem uma horta</u> e tem várias <u>árvores de fruto</u> . De seguida, menciona que tem um <u>cão muito pequeno</u> . O GA. diz que vai ter um husky.
D.37	Recreio	Curiosidades	No intervalo, um dos estagiários perguntou à DZ. e à CO. o que gostavam de trabalhar com os estagiários e elas disseram que queriam fazer <u>natação</u> . Quando lhes foi pedido para dizer algo que pudesse ser feito dentro da sala, elas afirmaram querer fazer <u>Expressões</u> , sendo que em conversa elas disseram querer <u>montar coisas e fazer trabalhos</u> .
N.º DO REGISTO	LOCAL	TEMA DO REGISTO	REGISTO DAS OBSERVAÇÕES
DATA: segunda-feira – 15 de abril de 2024		N.º DE ALUNOS PRESENTES: 21 alunos	
PRIMEIRA PARTE DA MANHÃ (9H00 - 11H00)			
D.38	Sala de aula	Momento do Pano do Dia Interdisciplinaridade	No momento inicial da aula foi realizada a <u>leitura do Plano do Dia</u> e neste promoveu várias conversas nas quais foram mobilizados diversos conhecimentos de várias áreas curriculares. Posteriormente à leitura do Plano do Dia, no qual se falou do trabalho de <u>texto que se ia fazer sobre a temática do 25 de Abril</u> , a professora aproveitou para indicar que uma das tarefas do final do dia ia ser a de pintar um <u>cravo vermelho</u> . No seguimento disto, foi falado das <u>partes constituintes de uma planta e suas funções</u> . Seguidamente, falou-se de que as <u>plantas têm a cor maioritariamente verde</u> devido a uma <u>célula que as constitui, a clorofila</u> . Em comparação com esta foi falado da <u>melanina</u> que é uma das células responsáveis pela coloração da pele humana. Com isto falou-se das <u>diferentes regiões do mundo e as cores das pessoas</u> , tendo em conta estas regiões, terminando a conversa na <u>importância de se colocar protetor solar para proteger a pele e não a danificar</u> . Em conversa posterior com a PT, compreendeu-se que este tipo de conversa indutora de vários conhecimentos, é uma prática regular dela e que é algo que utiliza para conseguir relacionar os alunos com os vários conteúdos e por vezes também aproveita este momento para a realização de <u>revisões de conteúdos e extensão de conhecimentos</u> , como palavras sinónimas, tipos de frases, partes da planta, zonas do globo, entre outras.

D.39	Sala de aula	Relaxamento Respiração	Após a conversa já mencionada, foi colocada uma música de relaxamento com imagens de corais e peixes a nadar e foi promovido um momento, por uma das alunas, no qual foram realizados alguns exercícios de respiração, como: <ul style="list-style-type: none"> - A árvore: No qual os alunos estão de pés juntos, vão com as mãos de baixo para cima num movimento lento e gradualmente aberto, fazendo o desabrochar de uma flor; - Quadrado da Respiração: Uma pessoa realiza no ar um quadrado e quando esta desenha uma das arestas a subir, os alunos inspiram, quando a aresta muda no vértice e desloca-se para o lado os alunos aguentam a respiração, depois desce e expira, e depois vira para o lado e aguenta e o ciclo recomeça. - Sacudir o ar: No qual os alunos levam as mãos fechadas de baixo para a sua frente, com os braços esticados. Quando os punhos fechados chegam à altura dos olhos, os discentes sacodem as mãos ao mesmo tempo que sacodem o ar com a boca. 																																																																																																														
D.40	Sala de aula	Relaxamento Voz	No seguimento do relaxamento, foram realizados, pela professora, 3 exercícios de voz que promovem a dicção e a fluência . Foram estes: <ul style="list-style-type: none"> - Brrrr: Sacudir os lábios com o som a passar por eles realizando o som “Brrrr”; - Ma Me Mi Mo Mu: Fizeram as sílabas ma, me, mi, mo e mu e depois fizeram duas vezes com nha e uma vez com lha; - Mónica Máquina: Por fim, disseram a expressão “Mónica Máquina” 2 vezes só uma vez e 3 vezes a expressão repetida 3 vezes. 																																																																																																														
D.41	Sala de aula	Português Texto “25 de abril” Interdisciplinaridade	Com o texto “25 de Abril” projetado no quadro, a professora menciona que <u>retirou o texto de um site e que não foi ela que o escreveu</u> . De seguida, <u>questionou o que se tem de fazer quando se copia algo de alguém</u> . Um dos alunos menciona que se tem de dizer que é de outra pessoa. A professora reforça que são <u>direitos de autor</u> e que são feitos nas obras artísticas, como a música, esculturas, construções, livros e cerâmica. Nas construções, a professora dá o exemplo de um artista que a turma já trabalhou, o Bordalo II, concluindo-se assim que é importante preservar a fonte de onde se tira a informação. Após a apresentação do tema do texto, a docente explica que existem diversos exercícios que irão servir como revisão de conteúdos. De seguida, ocorreu a leitura do texto, por parte de vários alunos. Após a leitura do 2.º parágrafo, a professora <u>questiona a turma sobre o que é uma Ditadura e qual é o contrário de Ditadura. Questiona o que é necessário para se viver em Democracia</u> , sendo que o GA. responde “dar a nossa opinião”. Ao longo da leitura do texto, a professora vai questionando os alunos sobre o <u>significado de diversas palavras</u> , como “elegendo”, “severos”, “independentes”, “aplaudir”, “receio” e “progrediu”. Também pergunta à turma como se chamam as pessoas que não sabem ler, nem escrever, referindo que são “analfabetos”. A medida que se ia lendo o texto e desconstruindo o significado de determinadas palavras, alunos partilhavam o que os pais lhes contavam do seu tempo. O GA. referiu que a mãe dizia que a polícia batia nas pessoas. A professora reforça que nessa altura não havia Conselho, ao que o ED. questiona se havia diário de turma e a CA. ClassDojo. À medida que os alunos iam realizando a leitura, <u>a professora ia fazendo algumas questões</u> , como: se a frase “Muitos nem à escola iam” se encontrava na forma positiva ou negativa e o tipo de frase presente em “e voltou a ser possível beber coca-cola!”.																																																																																																														
D.42	Sala de aula	Leitura	Ao longo da leitura do texto sobre o 25 de abril, foi possível averiguar como está o estado de leitura de cada aluno, pensando numa ótica de fluidez (F) (capacidade de ler rápido), entoação (E) (capacidade de ler com expressão), dicção (D) (capacidade de ler com articulação) e projecção (P) (capacidade de ler alto). <table border="1" style="width: 100%; text-align: center;"> <thead> <tr> <th>Aluno</th> <th>Fluidez (rápido)</th> <th>Entoação (expressão)</th> <th>Dicção (pronúncia)</th> <th>Projeção (alto)</th> </tr> </thead> <tbody> <tr><td>AD.</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>AF.</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>AN.</td><td>Média alta</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>BE.</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>CA.</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>CL.</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>CO.</td><td>Média alta</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>DZ.</td><td>Média alta</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>DE.</td><td>Dificuldade</td><td>Dificuldade</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>ED.</td><td>Média alta</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>EM.</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Média</td></tr> <tr><td>EN.</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Média</td></tr> <tr><td>GA.</td><td>Boa</td><td>Dificuldade</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>GU.</td><td>Dificuldade</td><td>Média</td><td>Média</td><td>Média</td></tr> <tr><td>HI.</td><td>Dificuldade</td><td>Média</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>IN.</td><td>Dificuldade</td><td>Média</td><td>Dificuldade</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>IS.</td><td>Média</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>JO.</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>LA.</td><td>Dificuldade</td><td>Dificuldade</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>LE.</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr> <tr><td>VI.</td><td>Dificuldade</td><td>Dificuldade</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> </tbody> </table> <p>Escala: Dificuldade - Média – Boa</p>	Aluno	Fluidez (rápido)	Entoação (expressão)	Dicção (pronúncia)	Projeção (alto)	AD.	Boa	Boa	Boa	Boa	AF.					AN.	Média alta	Boa	Boa	Boa	BE.	Boa	Boa	Boa	Boa	CA.	Boa	Boa	Boa	Boa	CL.	Boa	Boa	Boa	Boa	CO.	Média alta	Boa	Boa	Boa	DZ.	Média alta	Boa	Boa	Boa	DE.	Dificuldade	Dificuldade	Boa	Boa	ED.	Média alta	Boa	Boa	Boa	EM.	Boa	Boa	Boa	Média	EN.	Boa	Boa	Boa	Média	GA.	Boa	Dificuldade	Boa	Boa	GU.	Dificuldade	Média	Média	Média	HI.	Dificuldade	Média	Boa	Boa	IN.	Dificuldade	Média	Dificuldade	Boa	IS.	Média	Boa	Boa	Boa	JO.					LA.	Dificuldade	Dificuldade	Boa	Boa	LE.					VI.	Dificuldade	Dificuldade	Boa	Boa
Aluno	Fluidez (rápido)	Entoação (expressão)	Dicção (pronúncia)	Projeção (alto)																																																																																																													
AD.	Boa	Boa	Boa	Boa																																																																																																													
AF.																																																																																																																	
AN.	Média alta	Boa	Boa	Boa																																																																																																													
BE.	Boa	Boa	Boa	Boa																																																																																																													
CA.	Boa	Boa	Boa	Boa																																																																																																													
CL.	Boa	Boa	Boa	Boa																																																																																																													
CO.	Média alta	Boa	Boa	Boa																																																																																																													
DZ.	Média alta	Boa	Boa	Boa																																																																																																													
DE.	Dificuldade	Dificuldade	Boa	Boa																																																																																																													
ED.	Média alta	Boa	Boa	Boa																																																																																																													
EM.	Boa	Boa	Boa	Média																																																																																																													
EN.	Boa	Boa	Boa	Média																																																																																																													
GA.	Boa	Dificuldade	Boa	Boa																																																																																																													
GU.	Dificuldade	Média	Média	Média																																																																																																													
HI.	Dificuldade	Média	Boa	Boa																																																																																																													
IN.	Dificuldade	Média	Dificuldade	Boa																																																																																																													
IS.	Média	Boa	Boa	Boa																																																																																																													
JO.																																																																																																																	
LA.	Dificuldade	Dificuldade	Boa	Boa																																																																																																													
LE.																																																																																																																	
VI.	Dificuldade	Dificuldade	Boa	Boa																																																																																																													

D.43	Sala de aula	Colaboração	O GU. <u>leu com ajuda da CA</u> . Após a leitura, este olha para a colega e <u>agradece-lhe</u> .
D.44	Sala de aula	Português Opinião	Após a leitura do texto, a <u>professora questiona a turma sobre a parte que mais gostaram e pede para justificarem</u> . O ED. refere que foi "A partir dessa data, as pessoas voltaram a ter liberdade, a darem a sua opinião à vontade e sem receio". A CA. menciona que foi "Ah! E lembram-se que tínhamos dito que durante a ditadura as mulheres não tinham os mesmos direitos que os homens? Pois isso também mudou", porque era uma menina e acha que as meninas também devem fazer o que os meninos fazem. O GA. reforça que foi "e voltou a ser possível beber coca-cola!", porque não sabia que em 1974 existia coca-cola. Já a LA. menciona que gostou mais do facto de não se poder beber, porque não gosta dessa bebida. Partindo desta partilha, a professora refere que se deve beber algo, mas não são refrigerantes e questiona a bebida que se encontra na roda dos alimentos e a razão desta se encontrar no centro.
D.45	Sala de aula	Relação entre pares	A certa altura, no momento de leitura do texto sobre o 25 de abril, os <u>alunos iniciaram uma discussão na qual estavam a demonstrar os seus pontos de vista e a respeitar os tempos uns dos outros para falarem e poderem dar as suas opiniões</u> . Os alunos em questão foram a CA., o ED. a AD. e o JO. A professora disse: "Muito bem, isto é que é uma discussão saudável!". Os alunos ED. e CA. ficaram intrigados e perguntaram "O que é isso" e "O que é uma discussão saudável?". respetivamente. A professora procedeu a afirmar que esta era uma discussão realizada entre algumas pessoas que respeitam a opinião uns dos outros e se deixam falar. E afirmou que ser saudável parecia comida.
RECREIO			
D.46	Recreio	Brincadeiras	A BE. mencionou que um dos jogos que costumam jogar no recreio é "Que horas são, lobo?". A demonstrou e explicou que um dos alunos está virado de costas para os restantes. Os restantes alunos, que estão longe do aluno que está de costas, questionam "Que horas são, lobo?" e o colega responde. Face à sua resposta, os alunos têm de dar o número de passos correspondente ao número de minutos ou de horas que o colega mencionou. Quando o colega que está de costas disser "horas de almoço", ele vai atrás e tem de apanhar um colega. <u>No recreio, existem jogos pintados no chão</u> . A BE. e a EM. circulam pelo recreio com a estagiária, explicando como cada um dos jogos se joga. Um dos presentes jogos consiste em várias linhas com diferentes cores, desenhadas paralelamente. A BE. diz que aquele jogo consiste em alguém dizer as cores e os alunos terem de mudar de linha, consoante a cor dita e quem se enganar sai do jogo. Um outro jogo é semelhante a uma lagarta feita com circunferências que contém no seu interior letras do abecedário. As alunas demonstram como se joga, explicando que numa ponta começa um jogador e na ponta oposta o outro, até se encontrarem de frente. Ao se encontrarem, terão de realizar "pedra, papel ou tesoura" e quem ganhar continua em frente até encontrar outro colega que estava na fila e volta a realizar "pedra, papel ou tesoura". O objetivo é chegar de uma ponta a outra da lagarta do abecedário. Um outro jogo contém quatro jogos da macaca unidos a um centro. E existe ainda um outro jogo que tem linhas de várias cores, que se iniciam num ponto e terminam noutra, que se interseitam. As alunas referiram que nesse jogo apenas era seguir as linhas. O ED. junta-se ao grupo e refere que são jogos para o jardim de infância, que não costumam fazer, porque são jogos para os pequenos.
SEGUNDA PARTE DA MANHÃ (11h30 - 13h00)			
D.47	Sala de aula	TEA	A professora projeta no quadro o PIT da presente semana e menciona que é o PIT n.º 17. De seguida, lê as tarefas obrigatórias a serem desenvolvidas durante a presente semana e vai projetando-as no quadro. De seguida, os alunos iniciam o seu trabalho autónomo, sendo que o GU. e o JO. ficaram com a professora estagiária, o professor estagiário circulou pela sala e chegou a apoiar a DZ., o AN. e a CA. e a professora titular apoiou a IN., o ED., a AD., o IS. e a HI. e o outro professor estagiário apoiou o ED. e a CL.
PRIMEIRA PARTE DA TARDE (11h30 - 13h00)			
D.48	Sala de aula	Matemática Exercícios	A professora projetou no quadro um vídeo referente a frações equivalentes. De seguida, realizaram em grande grupo as páginas 142 e 143 do manual de Matemática. À medida que se iam realizando os exercícios, a <u>professora questionava os alunos, realizando perguntas como "Como encontro o denominador destas frações?" e "Em quantas partes está dividida a piza da Carolina?"</u> . A professora vai dando resposta às perguntas, escrevendo no computador. A LA. chamou a estagiária para lhe mostrar um dos exercícios e questiona se realizou corretamente. Todo o exercício se encontrava correto. <u>De seguida, a professora pediu para sublinhar a parte do "Aprendo", presente no manual. Nisto, questiona a turma sobre o significado de "sublinhar"</u> . A IN. menciona que é "por uma linha por de baixo das palavras".
SEGUNDA PARTE DA TARDE (11h30 - 13h00)			
D.49		Educação Artística	Ao longo desta aula, os alunos <u>pintaram</u> em folhas de papel manteiga e com tinta de vidro cravos, devido ao 25 de Abril. Nesta aula, cada 4 alunos tinham um copo com tinta verde e outro com tinta vermelha e foi entregue a cada 2 alunos 3 pinceis. As pinturas dos alunos carecem de mais tinta do que aquela que se tinha pensado no início e por isso foram várias as situações nas quais os alunos pediram mais tinta, para poderem acabar os seus desenhos dos cravos.

N.º DO REGISTO	LOCAL	TEMA DO REGISTO	REGISTO DAS OBSERVAÇÕES
DATA: terça-feira – 16 de abril de 2024			N.º DE ALUNOS PRESENTES: 19 alunos (2 em falta)
PRIMEIRA PARTE DA MANHÃ (9h00 - 11h00)			
D.50	Sala de aula	Início do dia	Um dos alunos leu o plano do dia, que se encontrava projetado no quadro. <i>Plano do dia 11-04-2024</i> <i>BOM DIA</i> <i>Coloca a mochila e casaco na casinha → Vamos dançar</i> <i>Plano do dia → O que vamos aprender hoje?</i> <i>Ortografia → Vamos avaliar a ortografia</i> <i>Cálculo → Tique Toque - Cálculos rápidos com tempo</i> <i>Inglês → Miss Lourdes</i> <i>TEA → PIT</i> <i>Matemática → Vamos trabalhar as áreas com minós (quadrados de espuma)</i> <i>Português → Vamos continuar o trabalho sobre o 25 de abril</i> <i>Jogo → Exploração das plantas e animais que existem no nosso recreio</i> <i>Avaliação ClassDojo → Vamos avaliar o nosso trabalho</i> Depois da leitura do plano do dia, foi realizado um momento de dança na qual os alunos se deslocaram para a frente da sala e dançaram ao som da música “Vamos” do Fernando Daniel. Hoje a DZ. e a LE. recusaram-se a dançar.
D.51	Sala de aula	Matemática Cálculo mental	Foi realizada uma atividade de cálculo mental, denominada de <u>Tique Toque</u> , no qual os alunos tiveram <u>10 minutos</u> para fazer <u>24 exercícios</u> de cálculo com uma das 4 operações base da aritmética. Um dos estagiários acompanhou o trabalho do VI. e pode observar alguma dificuldade nos cálculos da subtração de valores de classes diferentes, como 500 - 10 e 5000 - 100. Numa outra observação, foi possível averiguar que a L.E., teve dificuldade no cálculo da multiplicação de valores como 50 x 4 e 2 x 25, afirmando: “Não sei fazer, tenho de contar o 4 muitas vezes”.
D.52	Sala de aula	Português Ortografia	A professora pede para os alunos escreverem a data no seu caderno de Português e “Ortografia” como título. Regista a palavra “Ortografia” em script no quadro a giz e refere que o ditado é para ser realizado a caneta. Também refere que, caso se enganem, devem riscar e não colocar parênteses. No caso dos alunos IN. e GA., a docente distribuiu uma folha onde estavam registadas frases que a professora foi-lhes dizendo especificamente. Como “A escola é muito bonita”, “Eu gosto muito da minha turma” e “Amanhã, vou à praia”. À medida que a professora vai ditando vai chamando a atenção dos alunos para determinados aspetos, referindo “atenção aos casos de leitura”, “ponto final é na linha, não é em cima”, “eu não estou a dizer parágrafo, portanto mudam de linha ou continuam na mesma?” e “se é ponto final, a próxima palavra é como?”. Ao longo da oralidade do ditado, a professora também comunicou com uma leitura pausada, dando tempo a todos para escrever e por várias vezes repetiu o último parágrafo ou período, para dar tempo aos alunos de escreverem. Salienta-se que alguns alunos, nomeadamente a L.A., andaram à procura de algumas palavras nas paredes da sala, aquando da sua escrita.
D.53	Sala de aula	Inglês	No período das 10h às 11h, os alunos têm inglês com uma outra professora. Nesse período, a professora titular faz o atendimento aos encarregados de educação ou corrige trabalhos. Neste período, os estagiários, após observarem como a professora realiza a correção do “Tique Toque”, procederam à correção de cada um deles, bem como realizaram tabelas em excel com os dados obtidos face às resoluções. A professora titular corrigiu os ditados, sublinhando apenas a parte da palavra que continha o erro ortográfico, escrevia por baixo do texto as palavras de forma correta, para os alunos posteriormente copiarem 5 vezes, e registou perto do título o número de erros ortográficos presentes no ditado. De seguida, a docente explicou que tem um registo na sala relativamente à ortografia, com um determinado código. Se o aluno não errar ou tiver 2 erros ortográficos tem azul, se fizer entre 3 a 10 erros tem vermelho e se tiver mais de 10 tem verde.
SEGUNDA PARTE DA MANHÃ (11h30 - 13h00)			
D.54	Sala de aula	EXCEL	Com o regresso dos alunos do intervalo, a acumulação dos dados sobre os desafios Tique Toque realizada pelos estagiários estava no processo de terminar. Neste momento, os alunos ED., GA. e LE. aproximaram-se do estagiário que estava a terminar de colocar os dados no excel e perguntaram o que este estava a fazer. Com isso, o estagiário prosseguiu a explicar o que é o excel, para que serve e como se utilizam algumas fórmulas básicas, como a soma, a multiplicação e a subtração. Com isto, o aluno ED. disse: “Uau isso é bué bom. Assim faz-se tudo mais rápido”.
D.55	Sala de aula	Matemática Atividade de exploração Figuras equivalentes	Materiais A professora distribuiu 24 minós por seis grupos de trabalho, cinco compostos por três elementos e um por quatro elementos. Também se distribuíram uma folha quadriculada A3 e um enunciado por cada grupo. Exploração livre A professora refere que os alunos têm 5 minutos para explorar o material. Alguns alunos empilham os minós, outros dividem o material por cores, outros fazem figuras em 3D. Uma das alunas questiona a estagiária quando é 24 a dividir por 3, sendo que a B. questiona a colega “então, quanto é 24 a dividir por 2” e começa a distribuir os 24 por três grupos. Após esta exploração, trocam-se minós de modo a que cada grupo tenha apenas minós de uma cor. Explicação da atividade - questionamento A professora refere que todos os grupos têm papel quadriculado e que se chama assim porque é formado por vários quadrados. De seguida, questiona a turma sobre o que é um quadrado, se era verdade que um retângulo é um quadrado e se um quadrado é um retângulo. Um dos alunos refere que sim à última afirmação, mencionado que através de dois quadrados consegue formar um retângulo. Já outro aluno menciona que se esticar o quadrado obtém-se um retângulo. De seguida, questiona “se eu quiser construir um pentaminó, quantos quadrados vou precisar?” e “se eu estiver a trabalhar a área, o que vou fazer?”. Chegando-se à conclusão que se teria de cobrir. A docente questiona igualmente o que é o perímetro e qual seria a área do quadrado, considerando o quadrado como a unidade de medida e cada lado como 1. Neste seguimento, a docente lê a primeira parte do enunciado e refere que os grupos têm de arranjar estratégias: 1.º montar um retângulo na mesa e só depois registar no papel, tendo <u>20 minutos</u> para realizar a atividade.


			<p>Desenvolvimento da atividade - acompanhamento</p> <p>À medida que os alunos iam construindo retângulos com os 24 quadrados, a <u>docente ia circulando pelos grupos</u>. Questionava quantos quadrados correspondiam à largura e ao comprimento do retângulo e pedia para os alunos registarem na folha quadriculada que dispunham.</p> <p>Após todos os grupos terem chegado a quatro figuras, a docente pede que contornem as figuras com a cor correspondente à dos minós que o grupo tem.</p>
D.56	Sala de aula	<p>Matemática</p> <p>Atividade de exploração</p> <p>Fragilidades</p>	<p>Resolução dos grupos</p> <p>O grupo da BE., ED. e AN. iam acrescentando quadrados. O AN. referia “podem por estas aqui em cima”. O presente grupo acabou por realizar o contorno de um retângulo. <u>A professora, ao acompanhar os grupos, observou e chamou os restantes grupos para observarem a construção do presente grupo. Nesse momento, questionou se a figura construída era um retângulo.</u> Alguns alunos mencionaram que não, concluindo-se que para ser um retângulo a superfície teria de estar ocupada.</p> <p>O grupo da CA., do DE. e do GU., notou-se alguma <u>dificuldade a nível da distribuição de tarefas pelos elementos do grupo.</u> A CA. acabou por impor aos colegas o que tinham de fazer, desenhar, escrever e fazer os cálculos do perímetro e da área das figuras, mas acabou por realizar grande parte desta tarefa. O GU. acabou por não realizar nenhuma tarefa. Aquando da construção dos retângulos com os minós, o DE. estava a tentar realizar isso com o GU., mas a CA. também quis fazer, o que levou os 3 a explorarem os minós em conjunto e isto mais tarde levou a que o GU. não fizesse a manipulação dos materiais.</p>
PRIMEIRA PARTE DA TARDE (15h00 - 16h00)			
D.57	Sala de aula	<p>Matemática</p> <p>Síntese das aprendizagens</p>	<p>Todos os trabalhos realizados pelos grupos afixaram-se no quadro. A <u>professora vai fazendo uma síntese coletiva sobre as descobertas dos grupos</u> de alunos, referentes a cada pergunta presente no guião orientador da atividade. Conclui-se que todos os retângulos construídos eram diferentes, mas que a área era igual, porque todas as figuras tinham 24 quadrados. A <u>professora reforça que há um grupo que descobriu um aspeto que mais nenhum conseguiu, lê o que escreveram e pede ao grupo que o fez para explicar.</u> A CL. refere “a gente pensou nas tabuadas que multiplicadas dá 24”. A docente menciona que os lados do retângulo multiplicados dão 24 e que o valor de cada lado corresponde a divisores de 24, ou seja, números que dão para dividir o 24.</p> <p>Relativamente à segunda pergunta do guião, após a professor questionar o DE., este refere que “o perímetro muda, porque a forma é diferente”. Neste seguimento, a professora questiona “Qual é o perímetro maior”, sendo que a CA. refere que é a figura que é só uma linha.</p> <p>Quando a professora pergunta ao ED. o que é uma figura equivalente, este refere que são figuras que têm a mesma área e perímetros diferentes. A docente reforça que a definição corresponde a figuras que têm a mesma área e que a figuras com a mesma área e perímetros iguais se denominam por figuras exatamente iguais.</p> <p>A professora relaciona as figuras equivalentes às frações equivalentes, mencionando que no caso das figuras equivalentes estas têm a mesma área. Reforça o que é a área e questiona como se chama quando se ocupa espaço.</p>
D.58	Sala de aula	<p>Matemática</p> <p>Heteroavaliação do trabalho de grupo</p>	<p>A professora indica que apenas um elemento do grupo irá dizer como correu o trabalho de grupo. O AF. refere “eu acho que correu mais ou menos, porque a DZ. e o IS. discutiram e quando se fazia uma figura e se desmontava um pouco, o IS. ficava irritado”.</p> <p>A BE. diz “eu acho que correu bem, mas o AN. não estava a trabalhar bem”. Neste momento, a professora questiona o AN. sobre o que aconteceu.</p> <p>A CA. menciona que “correu mais ou menos, porque o GU. não ajudava e estava a brincar”. O GU. refere que também quer dizer uma coisa, referindo que o colega se chateou e que não houve uma distribuição das tarefas.</p> <p>O ED. diz que “correu bem, mas na hora de escrever foi difícil”.</p> <p><u>Os alunos têm uma boa capacidade de expressão e análise de trabalho em grupo.</u></p>
D.57	Sala de aula	<p>TEA</p>	<p>A estagiária apoiou o GU. e o JO. O GU. escolheu realizar uma tarefa de verbos, tendo identificado o verbo “saltar” como um verbo regular e o verbo “ser” como sendo irregular. De seguida, leu em voz alta as conjugações dos dois verbos no presente do indicativo. Posteriormente, após colar a tarefa e registar a sua realização no PIT, foi autonomamente buscar uma outra tarefa obrigatória, mas referente ao diagrama caule-e-folhas. Iniciou-se a tarefa com a leitura em voz alta do enunciado e pelo questionamento do que se encontraria presente no diagrama caule-e-folhas, bem como do maior e menor número de saltos à corda realizado pelos alunos. O aluno mencionou que o maior número era o último, mas mencionou-o de forma isolada, 4, e não 54. Também demonstrou <u>dificuldade</u> em perceber o que era o “máximo” e o “mínimo”, bem como a definição de “moda”.</p> <p>O JO. saía diversas vezes do lugar, querendo ir à casa de banho ou beber água. Sempre que não estava o adulto só para ele começava a explorar outras páginas do manual. Demonstrou <u>dificuldade</u> em identificar verbos regulares e irregulares, bem como na sua conjugação.</p> <p>O estagiário acompanhou o ED. e a CL. A CL. esteve a fazer uma ficha de matemática e uma de português. Na tarefa de português a aluna esteve a classificar palavras quanto à sua sílaba tónica (Esdrúxula, Grave e Aguda) e esteve a identificar frases quanto ao seu tipo (interrogativo, exclamativo, declarativo e imperativo). A aluna não teve <u>dificuldades</u> nesta tarefa. Já nas tarefas de matemática, nas quais escreveu frações equivalentes e comparou frações, teve mais dificuldade. A <u>dificuldade</u> prendeu-se na escrita de frações equivalentes. A aluna não estava a conseguir compreender o significado das frações e por isso tinha resultados a afirmar que $\frac{2}{3}$ era equivalente a $\frac{9}{10}$.</p> <p>Já o ED. esteve a trabalhar a conjugação verbal de dois verbos diferentes e a realizar a mesma ficha de português que a colega, contudo, teve mais dificuldades na ficha de português pois não sabia conjugar todas as pessoas no presente do indicativo. Uma <u>dificuldade</u> deste aluno foi ele ter lido “Pretérito perfeito” em vez de “presente do indicativo”.</p>
SEGUNDA PARTE DA TARDE (16h30 - 17h30)			
D.58	Sala de aula	<p>Resolução de Conflitos</p>	<p>Ao regressar do intervalo da tarde, os alunos começaram a falar de vários conflitos que ocorreram no recreio, conflitos estes que os estagiários sentiram necessidade em ter de conversar com a turma, para que os alunos conseguissem promover um ambiente seguro e calmo na sala, promovendo a uma melhor predisposição para a leitura.</p> <p>Os conflitos foram mediados pelos professores estagiários e a lógica de mediação foi: “Os alunos envolvidos no conflito falam primeiro. Depois, se alguém quiser acrescentar algo à conversa, os restantes alunos podiam fazê-lo.</p> <p>As discussões foram promovidas, tentando dar espaço aos alunos para conversarem sempre com o seu tempo sem ninguém interromper. Contudo, demorou-se 30 minutos para se resolver os 3 conflitos entre os alunos.</p> <p>No entanto, houve um assunto extra que aconteceu no decorrer desta conversa. Um aluno caiu alguns degraus no corredor, mas foi rapidamente resolvido.</p>

D.59	Sala de aula	Atividade Exploração da Natureza	Dobragem - construção do diário gráfico Após a explicação da dobragem da metade da folha A3 dada a cada aluno, a maioria dos alunos realizaram as dobragens sozinhos, apenas alguns questionaram se estava realizado de forma correta.
D.60	Recreio	Atividade Exploração da Natureza	Após os alunos chegarem ao recreio, começaram a separar-se. Duas alunas começaram a olhar e questionaram como tinham de desenhar, se era numa folha ou outra, se podiam escrever o que iam desenhar na folha do lado direito e depois representarem o que viam do lado esquerdo. Uns alunos começaram a observar e a desenhar perto do muro, observando o canteiro, outros foram diretamente para a zona da relva, sentando-se em círculo e falando do que observavam. Alguns alunos apenas desenhavam o que identificavam, mas não voltavam a olhar para o que encontrava à sua frente, apenas desenhavam. Outros escreveram o elemento natural ou o animal que desenharam, sendo que duas alunas descreveram o que desenhavam.

N.º DO REGISTO	LOCAL	TEMA DO REGISTO	REGISTO DAS OBSERVAÇÕES
DATA: quarta-feira – 17 de abril de 2024			N.º DE ALUNOS PRESENTES: 19 alunos (2 em falta e 2 chegaram atrasados)
PRIMEIRA PARTE DA MANHÃ (9H00 - 11H00)			
D.61	Sala de aula	Início do dia Tique-Toque assinado	Alguns dos alunos tiraram das suas mochilas a folha do tique-toque assinada pelo encarregado de educação e colocaram numa mesa no final da sala. Juntaram-se todas as folhas assinadas e colocaram-se numa única mica.
D.62	Sala de aula	Português Temática do texto	A docente refere que irão continuar a realizar a ficha sobre o 25 de abril. Questiona a turma sobre a temática do texto. A CL. refere "Do dia da liberdade", a LA. diz "Como eram as escolas. Como se resolviam os problemas", o ED. refere que diz respeito à "Ditadura". Sobre a liberdade". A BE. diz que é sobre a "democracia". A professora menciona que o texto é composto por três partes, pedindo a participação dos alunos: o tempo de ditadura, o que foi a revolução do 25 de abril e o que foi viver depois da ditadura - viver em democracia. Com a ficha projetada no quadro, a professora lê a pergunta "Consideras que era fácil viver antes da revolução? Dá a tua opinião.". Neste seguimento, reforça que os alunos têm de responder sim ou não e justificar a sua resposta. Após dar um tempo para todos os alunos responderem à questão, alguns alunos leram as suas respostas.
D.63	Sala de aula	Português Intradisciplinaridade	Ao longo dos exercícios da ficha sobre o texto do 25 de Abril, a professora lembrou conceitos de Português que iam ser trabalhados na ficha e de outros conceitos já falados e estudados pela turma que também são importantes. São estes: Sinónimos e antónimos; Género dos nomes; número dos nomes; determinantes artigos definidos e indefinidos; Tipos de frase; Formas da frase; tempos verbais; verbos regulares e irregulares; prefixo "re" (significado). Sempre que um destes temas era abordado, a professora fazia uma pergunta à turma e pedia a alguns alunos para responderem. Também foi dado foco a definições de palavras, como "reescrever" e à diferença entre sinónimos e definir palavras. Por fim, houve ainda um exercício sobre a ordenação alfabética de palavras e, para este, foi revisto o alfabeto.
			O ED. esteve a terminar os exercícios do TEA do dia anterior, logo, esteve a realizar os exercícios de matemática, terminando o das frações e comparação de frações e avançando para um exercício do diagrama de caule e folhas. O último este fez sem dificuldades, já os sobre as frações foi feito com alguma dificuldade. Segundo o aluno, este já não se lembrava do que eram frações equivalentes e na comparação de frações, ele conseguia representá-las bem no desenho, mas nem sempre conseguia compreender qual era a maior ou a menor. ED. também demonstrou alguma necessidade de ter apoio constante ao seu lado, pois, por várias vezes, disse "Professor vem aqui para o meu lado" e quando assim o fazia, ele começava a abraçar e agarrar-se desfocando-se por completo dos exercícios. Neste TEA os alunos AN. e ED. por várias vezes se distraíam, conversando um com o outro.
D.65	Sala de aula	Português Verbos	A professora recorda os tempos verbais oralmente e distribui três folhas, uma referente à conjugação de um verbo no presente, outra no pretérito perfeito e outra no futuro. Os alunos colam essas folhas no caderno de Português. Posteriormente, os alunos colaram uma folha de exercícios sobre os tempos verbais no final dos tempos verbais, sendo que os discentes tinham de ler as frases, procurar o verbo mal conjugado e corrigi-lo.
N.º DO REGISTO	LOCAL	TEMA DO REGISTO	REGISTO DAS OBSERVAÇÕES
DATA: quinta-feira – 18 de abril de 2024			N.º DE ALUNOS PRESENTES: 21 alunos
PRIMEIRA PARTE DA MANHÃ (9H00 - 11H00)			
D.66	Sala de aula	Início do dia	A AD. foi ao quadro ler o plano do dia. <i>Plano do dia 18-04-2024</i> <i>BOM DIA</i> <i>Coloca a mochila e casaco na casinha → Vamos dançar</i> <i>Plano do dia → O que vamos aprender hoje?</i> <i>Correção do trabalho de casa</i> <i>Matemática → Pensa rápido - correção coletiva</i> <i>TEA → PIT</i> <i>Matemática → Áreas - geoplano</i> <i>Português → Saber utilizar porque e por que</i> <i>Artes → Vamos escrever uma palavra nos cravos e fazer um cravo gigante</i> <i>Avaliação ClassDojo → Vamos avaliar o nosso trabalho</i> Tal como noutros dias, este foi iniciado com música e dança. Os alunos foram chamados à frente da sala para dançar uma música. Acabaram por ser colocadas 3 músicas, no entanto, hoje houve mais abstenções de alunos a dançar. Como é habitual a LE. e a DE. não dançaram e o IS., o VI., a BE., a CL., o EN. e a ED. fizeram-lhes companhia. O JO. e a LA. só foram para perto do quadro, porque foram chamados a participar e acabaram por vir com um adulto. O DE. e o AN. foram os alunos que mais dançaram.

D.67	Sala de aula	Português Correção do TPC Dificuldades	Para iniciar os momentos de trabalho curricular, foi realizada a correção oral do trabalho de casa no qual se conjugou o verbo ser no presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo e futuro do indicativo. Foi possível observar que as maiores dificuldades prendem-se nas conjugações da 2.ª pessoa do plural (vós) de qualquer tempo verbal, e que alguns alunos, como o AF, o GU, e a CO, têm mais dificuldade com o pretérito perfeito. De todos os exercícios que foram para trabalho de casa, denotou-se maiores dificuldades na identificação de pronomes pessoais em determinada pessoa e número.
D.68	Sala de aula	Negociação	A professora questiona a turma acerca da extensão do PIT para a próxima semana, visto esta ser mais pequena em termos de dias, pois apanha um feriado e outro dia em que não terão aulas. O DE, não concorda, referindo que está quase a terminar o PIT. A professora menciona que assim dará para ele desenvolver mais atividades, neste caso extra, e que também poderá deixar mais atividades obrigatórias para realizarem. Para além disso, reforça que assim os colegas que não terminaram esta semana, terão mais dias para o terminar. O VI, questiona a professora se haverá Conselho amanhã, demonstrando não concordar caso não houvesse.
D.69	Sala de aula	Matemática Pensa Rápido	O desafio “Pensa rápido” promoveu a resolução de 6 desafios matemáticos que se prendiam nas dezenas, nas posições dos números em retas numéricas, comparação de pesos e cálculo da multiplicação. Após o tempo terminar, 13 minutos, a professora questiona quem teve dificuldades na realização dos exercícios e pergunta exercício a exercício e os alunos colocam os braços no ar. Neste desafio, os alunos indicaram que o exercício 4, a comparação de pesos, foi o mais complexo. No entanto, houve algumas dificuldades a nível das dezenas. Alunos como o GU, e a CO, não sabiam indicar qual a dezena mais próxima de 48, afirmando “47”. Ainda se pode salientar que o GU, tem um baixo ritmo de leitura e escrita. Uma outra dificuldade foi na identificação do número que se situa no meio entre 10 e 20 e entre 50 e 70. Após a correção, realizou-se a avaliação, sendo que a professora reforça o código de cores: tudo certo, meio certo ou 1 errado é verde; acertou metade ou acertou 3 ou 4 é rosa e não conseguiu resolver é amarelo. Através deste momento, surgiu a necessidade da criação de novas parcerias para trabalhar as dificuldades sentidas pelos alunos, nomeadamente no caso da CO.
D.70	Sala de aula	Cravos Potencialidades	No momento antes do intervalo, foi distribuído pelos alunos um dos desenhos dos cravos que eles fizeram no início da semana. Neste, foi-lhes indicado que tinham de escrever algo sobre o que para eles era “ser livre”. Esta tinha de ser escrita a lápis para se poder corrigir os erros e depois os alunos teriam de passar a caneta para expor os desenhos. Ao início alguns alunos ficaram confusos sobre o facto de os desenhos dos cravos não corresponderem às pessoas que os desenharam, mas rapidamente compreenderam que era este o objetivo. No entanto, o EN, estava a recusar-se a fazer a frase. Só com alguma negociação e a ajuda da aluna B, é que se conseguiu convencer o aluno a participar na atividade. No entanto, pode ser observada uma potencialidade da turma, quando o GA, afirmou não ter cravo para escrever. Quando se percebeu o problema, o VI, afirmou quase de imediato, que podia partilhar o seu cravo com o GA. Assim se pode observar que os alunos entreeajudam-se e apoiam-se mutuamente.
D.71	Sala de aula	Matemática Exploração livre Geoplano	A docente deu quinze minutos para os alunos explorarem os geoplanos a pares. O Grupo AN, e LE, esticaram elásticos até ao máximo que conseguiam no geoplano, construindo diversas figuras à medida que as nomeavam corretamente. A determinada altura, o AN, disse “eu acho que estou a fazer uma bola”. Manipulou por diversas vezes o elástico, mas acabou por o deixar e construir outra figura. O JO, referiu que ia fazer uma casa e, posteriormente, mostrou aos seus colegas do lado o que tinha feito. A CL, e a DZ, estavam a manipular os elásticos no Geoplano e uma delas disse “A gente está a fazer macarrão”. Ao que a outra diz “Não, uma tarde de lasanha”. A DZ, acrescenta “os verdes é a massa, os brancos é os legumes, amarelos é carne e a rosa é a fita”. A AD, e o GA, estavam a manipular os elásticos e a AD, diz “a gente pode fazer uma lupa, tipo detetive”. O GA, faz uma figura constituída por dois retângulos, explicando que não dá para fazer uma lupa redonda, porque só dá para fazer quadrados e não figuras redondas. O VI, diz que está a construir uma casa. A DE, e a CL, representaram várias figuras, afirmando não saber o que tinham feito, até dizerem que fizeram a geometria.
RECREIO - HORA DE ALMOÇO OBSERVADA (11H35 - 12H05)			
D.73	Recreio	Conflitos	Na hora do recreio, 5 alunos entraram em conflito, sendo que 2 deles (o EN, e o IS,) estiveram, segundo os alunos CA, DE, e GA., a chateá-los. Isto levou ao ponto de a aluna CA, ficar de tal forma chateada que queria bater em alguém, o que levou a DZ, a refilar com os outros dois colegas. Salienta-se que um dos professores estagiários promoveu uma conversa na sala (no regresso) sobre o comportamento da turma.
SEGUNDA PARTE DA MANHÃ (11H30 - 13H00)			
D.74	Sala de aula	Matemática Exploração orientada do Geoplano	Após o regresso à aula, os alunos tiveram mais um minuto para poderem explorar livremente o geoplano e depois foi realizada uma tarefa orientada sobre as áreas. Foi pedido aos alunos para fazerem no geoplano uma figura com 6 quadrados de área. Depois de o terem feito, foi realizada uma partilha, em grande grupo, sobre as descobertas feitas. Foi realizado 4 exemplares de figuras no quadro, sendo que uma era um retângulo de 1x6, outra era um retângulo de 2x3, outra uma figura convexa e no final uma figura composta por 12 triângulos em linha. Isto promoveu a exploração de figuras equivalentes (com a mesma área) e de figuras iguais (com a mesma forma). Esta exploração também denotou que estas figuras tinham todas a mesma área, mas não o mesmo perímetro.

D.75	Sala de aula	Matemática Estimativa	A professora pede para abrirem o manual na página 164. De seguida, pede para os alunos imaginarem que vão a um concerto e que olham à sua volta e questiona se conseguem contar quantas pessoas se encontram no espaço. Um aluno refere que conta as cadeiras. A professora reforça que não há cadeiras, as pessoas estão todas de pé e pergunta se conseguem ter um número exato. A BE. refere “não, damos a nossa opinião” e outra aluna “dizemos um número aleatório”. A docente reforça que têm de encontrar um valor real aproximado, fazer uma previsão, um valor aproximado, mas que não podem contar. Numa primeira leitura, quantos achamos que estão presentes e, para confirmar, é que se conta.
			<ul style="list-style-type: none"> - Coloca a mochila e casaco na casinha → Vamos dançar - Verificação semanal → Vamos verificar conteúdos que fizemos esta semana e avaliar. - Português → Por que e porque - Auto-avaliação → Registo - PIT → Avaliação PIT - próxima semana - Conselho de turma → Balanço semanal
D.80	Sala de aula	Dança	Neste momento de início, apenas a LA., a CL., o VI. que não dançaram sendo que o EM. e a LE., não dançaram, mas estavam à frente com os colegas.
D.81	Sala de aula	Verificação semanal	A verificação semanal foi realizada em estilo Kahoot, sendo que foi entregue a cada par de alunos uma ficha para eles responderem ao kahoot em papel. Também foram bem estabelecidas as regras da dinâmica no início: <ol style="list-style-type: none"> 1. É para realizar a pares; 2. Os dois participam, não é um a fazer e o outro não; 3. Se um achar que é uma resposta e o outro a outra, devem de chegar a um compromisso; 4. Existem rasteiras, por isso leiam tudo com muita atenção; 5. As perguntas não estão por ordem por isso estejam atentos a isso; 6. Quando escrevem uma resposta, mesmo que ela esteja mal, não a podem alterar.
D.82	Sala de aula	Português	Foi demonstrado um poema da página 143 do manual de português e este foi lido por um dos alunos, em seguimento a o ouvirem duas vezes na escola virtual. Este poema tinha como objetivo demonstrar a diferença entre o porque e o por que. Para marcar esta diferença, foi lida as indicações que o manual tinha, sobre as diferenças e, em seguida, foi colocado um vídeo sobre esta diferença. No fim do vídeo, os alunos realizaram os 3 primeiros exercícios do manual, em grande grupo.
SEGUNDA PARTE DA MANHÃ (11h30 - 13h00)			
D.83	Sala de aula	Conselho de Turma importância	O Conselho de turma iniciou-se com a explicação por parte da CO., da HI. e da AD. acerca do que é o Conselho de Turma a uma professora, que se encontra a realizar doutoramento sobre Comunidades de Aprendizagens, que esteve em sala durante toda a manhã. A presente professora questiona o grupo acerca da importância daquele momento. <p>“Para discutir o que acontece como hoje” (ED);</p> <p>“Porque se as coisas não ficarem resolvidas, ficam todas baralhadas” (LE.);</p> <p>“Fazer a avaliação do PIT” (DZ.);</p> <p>“Porque nós aprendemos mais coisas e podemos trabalhar a pares e grupos” (LE.);</p> <p>“Porque resolve professores” (ED);</p> <p>“Dá para a professora ver o que todos nós fazemos” (LE.);</p> <p>“O PIT é importante, porque dá para trabalhar o que quisermos”, “tenho mais dificuldades e depois o que gosto mais”, “para vermos o que fizemos mais e o que queremos fazer” (AN.).</p>
D.84	Sala de aula	Conselho de Turma “Não gostei”	Após a secretária, a CO., dizer o número da ata, a data, se faltava alguém e a ordem de trabalhos, a presidente, a HI., lê o diário, o “gostei” e posteriormente o “não gostei”. <ul style="list-style-type: none"> • A CA. escreveu que não gostou de trabalhar com o VI., porque ele gritou com ela. A colega diz que já foi resolvido, por isso é que tinha escrito no “gostei” que gostou da honestidade do VI. • O GA. escreveu que os colegas não o entendem. A professora questionou o que o colega queria dizer por não o entenderem, se era não perceberem alguma coisa que ele tenha dito ou mesmo não ouvi-lo. O aluno menciona que no recreio não fala da mesma forma que na sala e que diz coisas em brasileiro, como “beleleu”. A professora sugere que se construa algo na sala para ter essas expressões. O GA. menciona que o VI. também utiliza essas palavras, porque também nasceu no Brasil. A CO., secretária, escreve o que ficou decidido na ata do Conselho. <p>“Decidimos que quando o GA. falar uma expressão diferente os colegas devem perguntar-lhe o seu significado. A LE. sugeriu que devemos fazer isso para todas as pessoas.”</p> • O ED. comenta com a LE., “como eu, sou de S. Tomé, posso falar outra palavra”. • Após a leitura de um “não gostei”, que envolvia o IS., este menciona que “eu às vezes fico irritado e não consigo controlar”, “eu queria que vocês me ajudassem para não ficar irritado”, “a turma estava a tentar ajudar, mas eu não sabia porque estava chateado” e “eu às vezes fico irritado na fila e não sei porque”. Decidiu-se que “quando um de nós estiver irritado ou descontrolado vamos pedir ajuda à Patrulha valente ou aos colegas”.
N.º DO REGISTO	LOCAL	TEMA DO REGISTO	REGISTO DAS OBSERVAÇÕES
DATA: segunda-feira – 22 de abril de 2024		N.º DE ALUNOS PRESENTES: 21 alunos	
PRIMEIRA PARTE DA MANHÃ (9h00 - 11h00)			
D.85	Sala de aula	Plano do dia	A aula iniciou-se com a projeção do plano do dia e com a leitura do mesmo, por parte da AD. <p>Plano do dia 22-04-2024</p> <p style="text-align: center;">BOM DIA</p> <p>Coloca a mochila e casaco na casinha → Vamos ouvir a R.</p> <p>Vamos ouvir a Joana → A Joana vai explicar-nos uma coisa</p> <p>Português → Escrita de texto, leitura dos textos, votação</p> <p>TEA → Preenchimento do PIT e tarefas obrigatórias</p> <p>Estudo do Meio → Vamos falar do globo, da localização de países e bandeiras.</p> <p>Conselho de turma → Vamos terminar o Conselho de turma de 6.ª feira</p> <p>Balanço do dia → ClassDojo</p> <p>Após a leitura do plano do dia, a estagiária explicou o que iria acontecer no tempo de TEA, a aplicação de uns desafios, para um estudo que estava a realizar, da importância da colaboração dos alunos, de não poderem partilhar, quando regressassem à sala, o que estava nos desafios, de modo a que os próximos colegas não soubessem.</p>


D.86	Sala de aula	Português Escrita de texto Votação	<p>Foi distribuído a cada aluno uma folha A4, com a forma de uma cabeça, de modo a que estes escrevessem as suas ideias principais, do lado direito, e do lado esquerdo fizessem ilustrações alusivas ao que escreveram e imaginaram. A docente reforça que a temática do texto é livre e relembra as diferentes partes que constituem um texto.</p> <p>Alguns alunos recorreram a indutores, presentes em papeis, como o ED., o GU., a CA., o DE. e o AN.. Estes papéis com indutores foram colados por debaixo da cabeça preenchida.</p> <p>Posteriormente, cada aluno, individualmente, escreveu as suas ideias e, após colar esta folha no caderno de Português, começaram a escrever os seus textos.</p> <p>Às 10h25, a professora referiu que iriam apresentar os textos à turma. Realçou que não se escolhem os textos pelos nossos amigos, mas sim pelo tema.</p>																																																																																																																																				
			<p>A docente seleciona cinco alunos para irem ao quadro ler o seu texto. Estes alunos levantam-se com os seus cadernos nas mãos. Após lerem o texto, a professora questiona os restantes alunos sobre a temática de cada texto ouvido, pede a todos os alunos para se sentarem e escreve os seus nomes no quadro. Cada aluno vota no texto que mais gostou e destes é selecionado um. Este processo repete-se até todos os alunos terem lido o seu texto. No final, ficaram selecionados 4 textos que foram novamente a votação. Caso um texto já tivesse sido melhorado anteriormente, dá-se prioridade ao trabalho de texto de outro colega, com mais votos.</p>																																																																																																																																				
D.87	Sala de aula	Português Oralidade Tema/Tipo de texto	<p>Ao longo da leitura do texto sobre o 25 de abril, foi possível averiguar como está o estado de leitura de cada aluno, pensando numa ótica de fluidez (F) (capacidade de ler rápido), entoação (E) (capacidade de ler com expressão), dicção (D) (capacidade de ler com articulação) e projeção (P) (capacidade de ler alto).</p> <table border="1" data-bbox="635 696 1220 1462"> <thead> <tr> <th>Aluno</th> <th>Temática</th> <th>Entoação (expressão)</th> <th>Dicção (pronúncia)</th> <th>Fluência (fluido)</th> <th>Pronúncia (articulação)</th> </tr> </thead> <tbody> <tr><td>AD.</td><td>Pirata Tito</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>AF.</td><td>Raposa longe dos pais</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Média</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>AN.</td><td>Portão João</td><td>Média</td><td>Boa</td><td>Média</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>BE.</td><td>A aventura na casa assombrada</td><td>Boa</td><td>Média</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>CA.</td><td>Um animal misterioso</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>CL.</td><td>Casa dos sonhos</td><td>Média</td><td>Média</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>CO.</td><td>Bailarina que encontrou um baú do tesouro com animais com super poderes.</td><td>Média</td><td>Média</td><td>Média</td><td>Média</td></tr> <tr><td>DZ.</td><td>Uma aventura mágica - princesa que vivia num castelo e que encontrou uma árvore mágica</td><td>Boa</td><td>Média</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>DE.</td><td>Viagem de sonhos - Estados Unidos</td><td>Média</td><td>Média</td><td>Boa</td><td>Média</td></tr> <tr><td>ED.</td><td>O super-herói</td><td>Média</td><td>Boa</td><td>Média</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>EM.</td><td>A minha turma (descrição)</td><td>Média</td><td>Boa</td><td>Média</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>EN.</td><td>-</td><td>-</td><td>-</td><td>-</td><td>-</td></tr> <tr><td>GA.</td><td>Roubo dos gémeos</td><td>Média</td><td>Média</td><td>Média</td><td>Média</td></tr> <tr><td>GU.</td><td>O menino que se perdeu dos pais</td><td>Média</td><td>Dif.</td><td>Dif.</td><td>Média</td></tr> <tr><td>HI.</td><td>Fim de semana (descrição)</td><td>Média</td><td>Boa</td><td>Média</td><td>Média</td></tr> <tr><td>IN.</td><td>Fim de semana - brincou a ser professora</td><td>Média</td><td>Média</td><td>Dif.</td><td>Média</td></tr> <tr><td>IS.</td><td>-</td><td>-</td><td>-</td><td>-</td><td>-</td></tr> <tr><td>JO.</td><td>O Cavaleiro e o Rei</td><td>Média</td><td>Boa</td><td>Média</td><td>Média</td></tr> <tr><td>LA.</td><td>A princesa e os gatinhos</td><td>Média</td><td>Média</td><td>Boa</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>LE.</td><td>Floresta assombrada</td><td>Boa</td><td>Boa</td><td>Dif.</td><td>Boa</td></tr> <tr><td>VI.</td><td>Fim de semana - futebol e UBBO</td><td>Média</td><td>Média</td><td>Média</td><td>Média</td></tr> </tbody> </table> <p>Escala: Dif.(dificuldade) - Média - Boa.</p>	Aluno	Temática	Entoação (expressão)	Dicção (pronúncia)	Fluência (fluido)	Pronúncia (articulação)	AD.	Pirata Tito	Boa	Boa	Boa	Boa	AF.	Raposa longe dos pais	Boa	Boa	Média	Boa	AN.	Portão João	Média	Boa	Média	Boa	BE.	A aventura na casa assombrada	Boa	Média	Boa	Boa	CA.	Um animal misterioso	Boa	Boa	Boa	Boa	CL.	Casa dos sonhos	Média	Média	Boa	Boa	CO.	Bailarina que encontrou um baú do tesouro com animais com super poderes.	Média	Média	Média	Média	DZ.	Uma aventura mágica - princesa que vivia num castelo e que encontrou uma árvore mágica	Boa	Média	Boa	Boa	DE.	Viagem de sonhos - Estados Unidos	Média	Média	Boa	Média	ED.	O super-herói	Média	Boa	Média	Boa	EM.	A minha turma (descrição)	Média	Boa	Média	Boa	EN.	-	-	-	-	-	GA.	Roubo dos gémeos	Média	Média	Média	Média	GU.	O menino que se perdeu dos pais	Média	Dif.	Dif.	Média	HI.	Fim de semana (descrição)	Média	Boa	Média	Média	IN.	Fim de semana - brincou a ser professora	Média	Média	Dif.	Média	IS.	-	-	-	-	-	JO.	O Cavaleiro e o Rei	Média	Boa	Média	Média	LA.	A princesa e os gatinhos	Média	Média	Boa	Boa	LE.	Floresta assombrada	Boa	Boa	Dif.	Boa	VI.	Fim de semana - futebol e UBBO	Média	Média	Média	Média
Aluno	Temática	Entoação (expressão)	Dicção (pronúncia)	Fluência (fluido)	Pronúncia (articulação)																																																																																																																																		
AD.	Pirata Tito	Boa	Boa	Boa	Boa																																																																																																																																		
AF.	Raposa longe dos pais	Boa	Boa	Média	Boa																																																																																																																																		
AN.	Portão João	Média	Boa	Média	Boa																																																																																																																																		
BE.	A aventura na casa assombrada	Boa	Média	Boa	Boa																																																																																																																																		
CA.	Um animal misterioso	Boa	Boa	Boa	Boa																																																																																																																																		
CL.	Casa dos sonhos	Média	Média	Boa	Boa																																																																																																																																		
CO.	Bailarina que encontrou um baú do tesouro com animais com super poderes.	Média	Média	Média	Média																																																																																																																																		
DZ.	Uma aventura mágica - princesa que vivia num castelo e que encontrou uma árvore mágica	Boa	Média	Boa	Boa																																																																																																																																		
DE.	Viagem de sonhos - Estados Unidos	Média	Média	Boa	Média																																																																																																																																		
ED.	O super-herói	Média	Boa	Média	Boa																																																																																																																																		
EM.	A minha turma (descrição)	Média	Boa	Média	Boa																																																																																																																																		
EN.	-	-	-	-	-																																																																																																																																		
GA.	Roubo dos gémeos	Média	Média	Média	Média																																																																																																																																		
GU.	O menino que se perdeu dos pais	Média	Dif.	Dif.	Média																																																																																																																																		
HI.	Fim de semana (descrição)	Média	Boa	Média	Média																																																																																																																																		
IN.	Fim de semana - brincou a ser professora	Média	Média	Dif.	Média																																																																																																																																		
IS.	-	-	-	-	-																																																																																																																																		
JO.	O Cavaleiro e o Rei	Média	Boa	Média	Média																																																																																																																																		
LA.	A princesa e os gatinhos	Média	Média	Boa	Boa																																																																																																																																		
LE.	Floresta assombrada	Boa	Boa	Dif.	Boa																																																																																																																																		
VI.	Fim de semana - futebol e UBBO	Média	Média	Média	Média																																																																																																																																		
D.88	Sala de aula	Português Escrita de texto Diferenciação Pedagógica	<p>A professora foi buscar dados com várias imagens. O EN. lançou os dados e saiu a imagem de uma "bola". O aluno escreveu essa palavra na sua folha que tinha a forma de uma cabeça, igual à dos restantes colegas. De seguida, o aluno observou os dados e selecionou mais palavras para escrever.</p> <p>Após escrever várias palavras, começou a desenhar, recorrendo às imagens que estavam nas faces do cubo.</p> <p>A docente explicou que neste caso, posteriormente, poderia escrever frases com essas palavras.</p> 																																																																																																																																				
SEGUNDA PARTE DA MANHÃ (11h30 - 13h00)																																																																																																																																							
D.89	Biblioteca	Estudo - prova sobre pensamento divergente	<p>A realização da prova foi feita em grupos. A biblioteca já estava preparada com a folha inicial da prova, para quando os alunos entrassem percebessem onde se tinham de sentar. As informações mais importantes já tinham sido previamente explicadas, contudo, após todos os alunos estarem sentados, a estagiária reforçou informações importantes, como a confidencialidade, o facto de não haver respostas certas, nem erradas e ninguém poder falar com outro colega. As tarefas não foram logo dadas aos alunos. Inicialmente, tinham a primeira folha, onde registavam o seu nome e data e só depois é que se entregava o enunciado da primeira tarefa e todos viravam a folha ao mesmo tempo.</p> <p>Mesmo tendo antecipado algumas dúvidas que poderiam surgir, alguns alunos quando já não sabiam o que escrever diziam "já acabei".</p> <p>Na pergunta 2, referente aos objetos com cor verde, muitos alunos olhavam ao seu redor e um dos alunos chegou a questionar se poderia escrever coisas que estavam na sala.</p>																																																																																																																																				

			Diferenciação pedagógica No caso dos alunos que têm dificuldade em escrever, como é o caso do EN. e do GU., estes realizaram a prova no final, tendo-se pedido auxílio a um colega, que já tinha realizado a prova, que os acompanhasse. Esse colega apenas podia escrever o que o aluno lhe dissesse e não podia sugerir respostas.						
N.º DO REGISTO	LOCAL	TEMA DO REGISTO	REGISTO DAS OBSERVAÇÕES						
DATA: segunda-feira – 22 de abril de 2024			N.º DE ALUNOS PRESENTES: 21 alunos						
PRIMEIRA PARTE DA MANHÃ (9H00 - 10H00)									
D.91	Sala de aula	Plano do dia	<p>A aula de hoje foi orientada pelos estagiários e iniciou-se com a projeção do plano do dia e com a leitura do mesmo, por parte da AD.</p> <p><i>Plano do dia 23-04-2024</i> <i>BOM DIA</i> <i>Coloca a mochila e casaco na casinha → Vamos ouvir a Joana e o Santiago.</i> <i>Relaxamento → Dança</i> <i>Português → Melhoria de Texto. Vamos analisar e melhorar o texto da BE.</i> <i>Inglês →</i> <i>Muitos parabéns à filha da professora.</i> <i>TEA → Questionário de Educação Física. Preenchimento do PIT e Tarefas obrigatórias.</i> <i>Matemática → Desafios de áreas e estimativas.</i> <i>Matemática → Revisões.</i> <i>Balanço do dia → ClassDojo</i></p> <p>Após a leitura do plano do dia, foi proporcionado o momento de dança (relaxamento). Foram colocadas duas músicas e apenas a LE, a DZ. e o IS. é que não participaram na dinâmica.</p> <p>Para promover o enriquecimento do texto escolhido pela turma no dia anterior, foi hoje, relido o texto, pela autora, e depois, a pares, os alunos desenvolveram a análise do texto com 3 perguntas de orientação: “Quais os aspetos positivos do texto?”; “Que perguntas tens para fazer ao autor?” e “Quais os aspetos a melhorar do texto?”.</p> <p>Após 10 minutos de trabalho a pares, os alunos partilharam o que escreverem e foram elencados vários aspetos para cada questão:</p> <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th style="width: 33%;">Aspetos positivos</th> <th style="width: 33%;">Perguntas ao autor</th> <th style="width: 33%;">Aspetos a melhorar</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td> <ul style="list-style-type: none"> • Está bem construído, porque tem poucos erros ortográficos; • Tem introdução, desenvolvimento e conclusão; • Tem parágrafos; • Tem título; • Não há muitas repetições. </td> <td> <ul style="list-style-type: none"> • Por que razão o nome da casa é Casa Cravo? R: Porque a família que vivia lá tinha como apelido “Cravo”; • Como é que a família desapareceu? R: Porque ela gostava de estar no quarto a ouvir música. • Por que razão a menina estava no quarto? R: Porque ela gostava de estar no quarto a ouvir música. • Por que razão escreveste José e Zé? R: Porque é um diminutivo. • Em que país era a casa assombrada? R: Portugal. </td> <td> <ul style="list-style-type: none"> • Rer o que escrevemos; • Falta vírgulas. </td> </tr> </tbody> </table> <p>Houve ainda alguns alunos a sugerirem aspetos para a história, como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A filha podia ser um monstro que raptou a família; - A filha podia ser a única que reapareceu depois da família ter desaparecido. 	Aspetos positivos	Perguntas ao autor	Aspetos a melhorar	<ul style="list-style-type: none"> • Está bem construído, porque tem poucos erros ortográficos; • Tem introdução, desenvolvimento e conclusão; • Tem parágrafos; • Tem título; • Não há muitas repetições. 	<ul style="list-style-type: none"> • Por que razão o nome da casa é Casa Cravo? R: Porque a família que vivia lá tinha como apelido “Cravo”; • Como é que a família desapareceu? R: Porque ela gostava de estar no quarto a ouvir música. • Por que razão a menina estava no quarto? R: Porque ela gostava de estar no quarto a ouvir música. • Por que razão escreveste José e Zé? R: Porque é um diminutivo. • Em que país era a casa assombrada? R: Portugal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Rer o que escrevemos; • Falta vírgulas.
Aspetos positivos	Perguntas ao autor	Aspetos a melhorar							
<ul style="list-style-type: none"> • Está bem construído, porque tem poucos erros ortográficos; • Tem introdução, desenvolvimento e conclusão; • Tem parágrafos; • Tem título; • Não há muitas repetições. 	<ul style="list-style-type: none"> • Por que razão o nome da casa é Casa Cravo? R: Porque a família que vivia lá tinha como apelido “Cravo”; • Como é que a família desapareceu? R: Porque ela gostava de estar no quarto a ouvir música. • Por que razão a menina estava no quarto? R: Porque ela gostava de estar no quarto a ouvir música. • Por que razão escreveste José e Zé? R: Porque é um diminutivo. • Em que país era a casa assombrada? R: Portugal. 	<ul style="list-style-type: none"> • Rer o que escrevemos; • Falta vírgulas. 							
SEGUNDA PARTE DA MANHÃ (11H30 - 13H00)									
D.93	Sala de aula	Estudo Questionário Motivação Educação Física	<p>Após a explicação da importância da realização do questionário, do tema do mesmo e do seu objetivo, a estagiária explicou a escala presente.</p> <p>Os alunos realizaram de forma autónoma o questionário. Dois alunos chamaram-na, referindo que existiam afirmações iguais e que estava errado.</p> <p>Os alunos com mais dificuldade apenas assinalavam os extremos e o meio da escala (discordo totalmente, não concordo, nem concordo e concordo totalmente).</p>						
D.94	Sala de aula	Português Trabalho de texto (continuação)	<p>Os alunos colaram o texto analisado no caderno, bem como a outra folha realizada a pares.</p> <p>De seguida, em grande grupo, realizou-se o melhoramento de texto. A maioria da turma identificou a palavra “eles” como um pronome que substitui algo.</p> <p>O ED. referiu que se escrever “eles”, a pessoa que ler talvez não vá achar que são os três amigos e que não vai fazer sentido.</p> <p>À medida que se ia lendo o texto, substituíam-se algumas palavras por pronomes, como “estes” e “eles”.</p> <p>Também se identificou que faltavam vírgulas, mas que estas não podiam ser colocadas em qualquer lugar, sendo que entre vírgulas fica uma informação adicional.</p> <p>Quando foi para referirem um sinónimo de “casa”, uma aluna refere “lar”. O IS. refere que lar é lar de pessoas mais velhas. Os alunos foram ao dicionário procurar e encontraram, associada à definição, a palavra “habitação”.</p> <p>À medida que se ia lendo o texto, também se acrescentavam informações que a autora tinha respondido, face às perguntas dos colegas, como, por exemplo, a razão da moradia se intitular de “Casa Cravo”. Aproveitando essa razão também se acrescentou a informação que era uma família portuguesa.</p>						

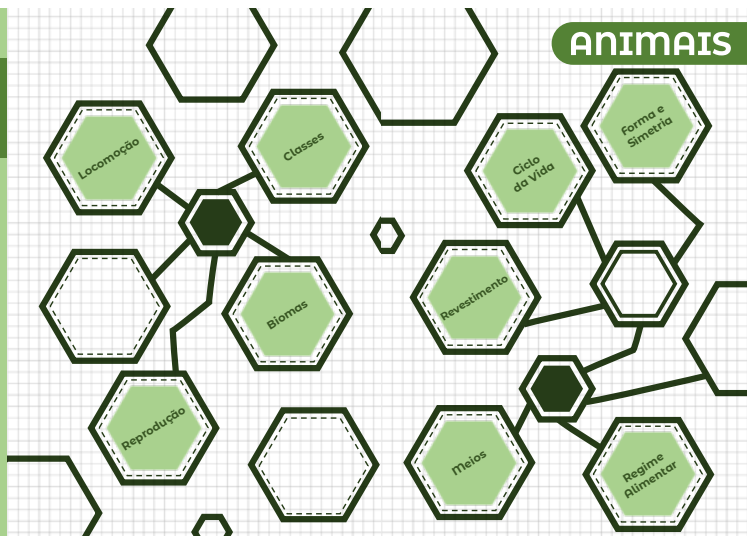
			<p>Ao longo do trabalho de texto, o estagiário mencionou que se pode referir às mesmas personagens e usar-se diferentes palavras, como “ele”, “estes”, “os amigos”. O trabalho de texto permitiu fazer revisões de diversos conteúdos, como tempos verbais, pronomes, sinais de pontuação e muito superficialmente conectores como “então” e “e”.</p>
--	--	--	---

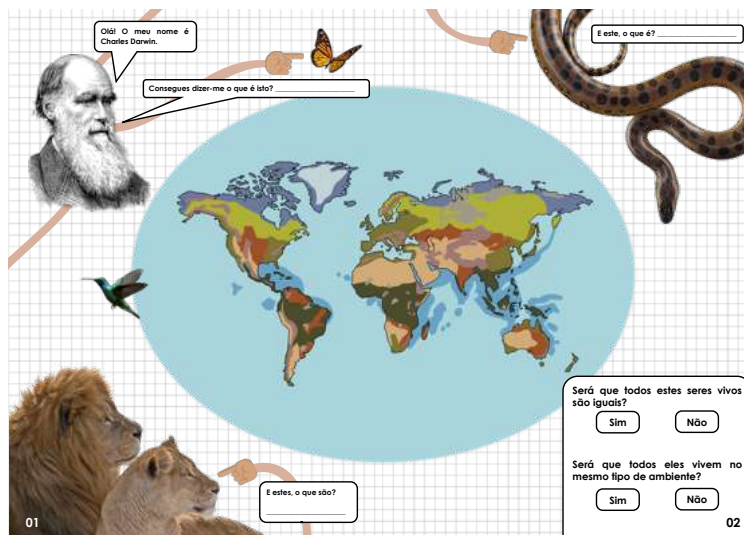
Anexo D – Passaporte do Biólogo, implementado no 2.º CEB

PASSAPORTE DO BIÓLOGO
Animais e as suas características
Realizado pelos professores estagiários David Santiago e Joana Reis



Nome: _____
Turma: _____





Olá! O meu nome é Charles Darwin.

Consegues dizer-me o que é isto?

E este, o que é?

E estes, o que são?

Será que todos estes seres vivos são iguais?

Será que todos eles vivem no mesmo tipo de ambiente?

ANIMAIS VERTEBRADOS

Escreve as características deste grupo de animais

Mamíferos

Aves

Anfíbios

Répteis

Peixes

ANIMAIS INVERTEBRADOS

Escreve as características deste grupo de animais

Invertebrados

Aracnídeos

Crustáceos

Outros Invertebrados

MEIOS e BIOMAS

Pinta uma das bolas dos biomas, tendo em conta o seguinte código de cores

Meio aquático

Meio terrestre



Savana



Recife



Floresta tropical



Floresta temperada



Taiga

Floresta de coníferas

05

MEIOS e BIOMAS



Rio



Deserto



Pântano



Tundra

QUAIS OS BIOMAS QUE PERTENCEM AO

Meio aquático

Meio terrestre

06

FORMAS E SIMETRIAS

Os vários animais que existem no nosso planeta apresentam diversas formas, mas apenas um de três tipos de simetria:

Assimétrica

Definição



Corpo assimétrico

Simétrica Bilateral



Corpo com simetria bilateral

Simétrica Radial



Corpo com simetria radial

07

FORMAS E SIMETRIAS

Os animais também possuem diferentes formas de corpo.

Faz corresponder a sequência correta:

Forma de um tubo, normalmente sem membros	Corpo em forma de fuso que facilita a deslocação na água ou no ar.	Corpo com forma aproximadamente esférica.	Corpo que não tem sempre a mesma forma.
---	--	---	---

Corpo esférico	Corpo cilíndrico	Corpo fusiforme	Corpo amórfio
----------------	------------------	-----------------	---------------



08

REVESTIMENTO

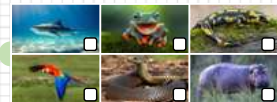
Animais Vertebrados

Os animais vertebrados são todos revestidos por pele, contudo, diferentes espécies e classes têm diferentes revestimentos.

Pele Nua

- Coberta por Muco.
- Mantém corpo húmido.
- Protege da desidratação.
- Permite a respiração cutânea.

Assinala com um X os animais que estão revestidos por pele nua.



Assinala com um X, qual das seguintes classes de animais vertebrados é que têm pele nua?



09

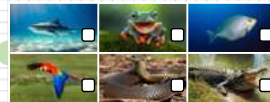
REVESTIMENTO

Animais Vertebrados

Pele com Escamas

- Melhora a adaptação ao habitat.
- Estão de frente para trás.
- Permite deslizar melhor na água.
- São escamas dérmicas nos peixes.
- São escamas epidérmicas nos répteis.
- Diminui a desidratação em ambiente terrestre.
- Permite rastejar melhor no solo.

Assinala com um X os animais que estão revestidos por pele com escamas.



Assinala com um X, qual das seguintes classes de animais vertebrados é que têm pele com escamas?



10

REVESTIMENTO

Animais Vertebrados

Pele com Pelos

- Mantém a temperatura do corpo.
- Permitem a camuflagem.
- Alguns animais têm na sua pele espinhos ou chifres, que servem como proteção.

Caraterísticas

Assinala com um X os animais que estão revestidos por **pele com pelos**.

Assinala com um X, qual das seguintes classes de animais vertebrados é que têm **pele com pelos**?

11

REVESTIMENTO

Animais Vertebrados

Pele com Penas

- Dão forma ao corpo.
- Facilitam o voo.
- Aumentam a superfície de contacto com o ar.
- São leves.
- Protegem o corpo.
- Mantém a temperatura.
- São impermeáveis à água e ao ar.

Caraterísticas

Assinala com um X os animais que estão revestidos por **pele com penas**.

Assinala com um X, qual das seguintes classes de animais vertebrados é que têm **pele com penas**?

12

REVESTIMENTO

Animais Invertebrados

Os animais invertebrados são todos revestidos por epiderme, contudo, diferentes espécies e classes têm diferentes revestimentos.

Epiderme com Cutícula

- Camada fina e flexível segregada pela epiderme.

Epiderme com Exoesqueleto

- Cutícula endurecida por quitina.

Epiderme com Concha

- Estrutura rija calcária, segregada pela epiderme que cresce com o animal.

13

REVESTIMENTO

Animais Invertebrados

Fixa a correspondência entre os animais invertebrados, os seus revestimentos e as suas classes.

•		•	
•		•	
•		•	
•		•	
•		•	

14

LOCOMOÇÃO

A locomoção é o modo como um animal se desloca no seu habitat.
Os animais vertebrados deslocam-se por ação dos músculos, tendões e articulações.

Nadar

Dá 2 exemplos de animais, de classes diferentes, que consigam nadar (desenha-os).

Identifica, com um X, a(s) classe(s) de animais que têm animais que **nadam**.

15

LOCOMOÇÃO

Voar

Dá 2 exemplos de animais, de classes diferentes, que consigam voar (desenha-os).

Identifica, com um X, a(s) classe(s) de animais que têm animais que **voam**.

16

LOCOMOÇÃO

Rastejar

Dá 2 exemplos de animais, de classes diferentes, que consigam rastejar (desenha-os).

Identifica, com um X, a(s) classe(s) de animais que têm animais que **rastejam**.



17

LOCOMOÇÃO

Saltar

Dá 2 exemplos de animais, de classes diferentes, que consigam saltar (desenha-os).

Identifica, com um X, a(s) classe(s) de animais que têm animais que **saltam**.



18

LOCOMOÇÃO

Andar/Correr

Dá 2 exemplos de animais, de classes diferentes, que consigam andar/correr (desenha-os).

Identifica, com um X, a(s) classe(s) de animais que têm animais que **andam/correm**.



19

LOCOMOÇÃO

Escreve, abaixo de cada animal, qual(is) o(s) seu(s) tipo(s) de locomoção.



20

REGIME ALIMENTAR

21

REGIME ALIMENTAR

22

ETAPAS DO CICLO DA VIDA

Grid area for notes on the life cycle stages.

23

ETAPAS DO CICLO DA VIDA

Grid area for notes on the life cycle stages.

24

REPRODUÇÃO

Grid area for notes on reproduction.

25

REPRODUÇÃO

Grid area for notes on reproduction.

26

MAMÍFEROS

Mamíferos

Reino

Classe

Revestimento

Meio pode ser:

Locomoção pode ser:

Regime alimentar pode ser:

Reprodução pode ser

Dá 3 exemplo destes seres vivos

27

AVES

Aves

Reino

Classe

Revestimento

Meio pode ser:

Locomoção pode ser:

Regime alimentar pode ser:

Reprodução pode ser

Dá 3 exemplo destes seres vivos

28

PEIXES

Peixes

Reino

Classe

Revestimento

Meio pode ser:

Locomoção pode ser:

Regime alimentar pode ser:

Reprodução pode ser

Dá 3 exemplo destes seres vivos

29

RÉPTEIS

Répteis

Reino

Classe

Revestimento

Meio pode ser:

Locomoção pode ser:

Regime alimentar pode ser:

Reprodução pode ser

Dá 3 exemplo destes seres vivos

30

ANFÍBIOS

Anfíbios

Reino

Classe

Revestimento

Meio pode ser:

Locomoção pode ser:

Regime alimentar pode ser:

Reprodução pode ser

Dá 3 exemplo destes seres vivos

31

NOTAS

Empty box for notes.

32

NOTAS

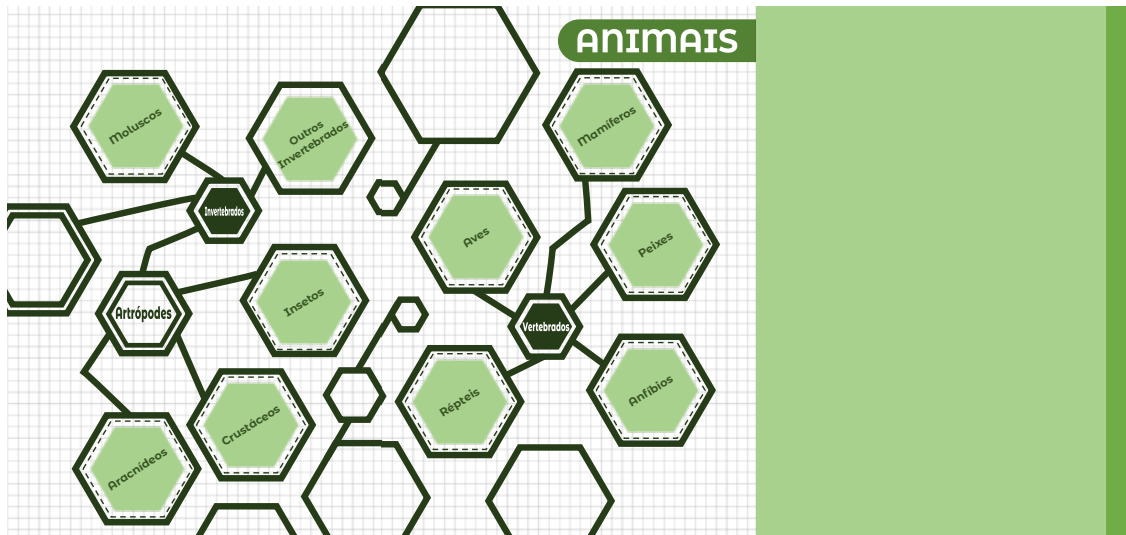
Empty box for notes.

33

NOTAS

Empty box for notes.

34



Anexo D1 – Autocolantes do passaporte do biólogo



Anexo E – Questionários finais implementados às turmas do 2.º CEB

Anexo E1 – Questionários implementados às turmas do 2.º CEB

<p style="text-align: center;">Avaliação do Plano de Intervenção – Ciências Naturais</p> <p>Nome: _____ / / _____</p> <p>1. Atividades/tarefas desenvolvidas</p> <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse; text-align: center;"> <tr> <td style="width: 25%;">3</td> <td style="width: 25%;">2</td> <td style="width: 25%;">1</td> <td style="width: 25%;">0</td> </tr> <tr> <td>Muito importante</td> <td>Importante</td> <td>Pouco importante</td> <td>Nada importante</td> </tr> </table> <p>1.1. Indica de 0 a 3, em frente a cada atividade, se achas que ela foi importante para ti.</p> <table border="1" style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <tr> <td style="width: 80%;">• Brochura das camadas da atmosfera.</td> <td style="width: 20%;"></td> </tr> <tr> <td>• Experiências das propriedades do ar.</td> <td></td> </tr> <tr> <td>• Noção sobre a poluição do ar.</td> <td></td> </tr> <tr> <td>• Kahoot sobre o ar.</td> <td></td> </tr> <tr> <td>• Questão de aula sobre o ar.</td> <td></td> </tr> <tr> <td>• Passaporte do biólogo.</td> <td></td> </tr> <tr> <td>• Cartazes sobre os tipos de revestimento dos animais vertebrados.</td> <td></td> </tr> <tr> <td>• Experiências sobre os revestimentos (penas e pelos).</td> <td></td> </tr> <tr> <td>• Ficha sobre os revestimentos dos animais invertebrados.</td> <td></td> </tr> </table> <p>1.2. Qual foi, para ti, a atividade que achaste mais interessante e justifica.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>1.3. Qual foi, para ti, a atividade que achaste menos interessante e justifica.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p style="text-align: right;">1</p>	3	2	1	0	Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante	• Brochura das camadas da atmosfera.		• Experiências das propriedades do ar.		• Noção sobre a poluição do ar.		• Kahoot sobre o ar.		• Questão de aula sobre o ar.		• Passaporte do biólogo.		• Cartazes sobre os tipos de revestimento dos animais vertebrados.		• Experiências sobre os revestimentos (penas e pelos).		• Ficha sobre os revestimentos dos animais invertebrados.		<p>1.4. Selecciona com uma cruz (X), de entre os seguintes temas, os que gostaste de trabalhar com osco.</p> <table style="width: 100%;"> <tr> <td><input type="checkbox"/> Camadas da atmosfera</td> <td><input type="checkbox"/> Propriedades do ar</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Poluição do ar</td> <td><input type="checkbox"/> Classes dos animais</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Hábitos dos animais</td> <td><input type="checkbox"/> Meios ambientes</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Formas dos animais</td> <td><input type="checkbox"/> Simetria dos animais</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Revestimento dos animais vertebrados</td> <td><input type="checkbox"/> Revestimento dos animais invertebrados</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Propriedades das penas</td> <td><input type="checkbox"/> Célula dos pelos.</td> </tr> </table> <p>2. Estratégias utilizadas</p> <p>As longo da nossa intervenção, fomos utilizando várias estratégias para vos ensinar conteúdos.</p> <p>2.1. Indica, com uma cruz (X), as 3 estratégias que te ajudaram a perceber melhor a matéria.</p> <table style="width: 100%;"> <tr> <td><input type="checkbox"/> Ver vídeos.</td> <td><input type="checkbox"/> Fazer esquemas.</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Fazer sínteses.</td> <td><input type="checkbox"/> Fazer tabelas.</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Fazer experiências.</td> <td><input type="checkbox"/> Investigar em livros.</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Fazer cartazes.</td> <td><input type="checkbox"/> Sublinhar conceitos.</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Utilizar cartaz dos animais.</td> <td><input type="checkbox"/> Rodar conceitos.</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> Realizar esquemas com a matéria toda.</td> <td></td> </tr> </table> <p style="text-align: right;">2</p>	<input type="checkbox"/> Camadas da atmosfera	<input type="checkbox"/> Propriedades do ar	<input type="checkbox"/> Poluição do ar	<input type="checkbox"/> Classes dos animais	<input type="checkbox"/> Hábitos dos animais	<input type="checkbox"/> Meios ambientes	<input type="checkbox"/> Formas dos animais	<input type="checkbox"/> Simetria dos animais	<input type="checkbox"/> Revestimento dos animais vertebrados	<input type="checkbox"/> Revestimento dos animais invertebrados	<input type="checkbox"/> Propriedades das penas	<input type="checkbox"/> Célula dos pelos.	<input type="checkbox"/> Ver vídeos.	<input type="checkbox"/> Fazer esquemas.	<input type="checkbox"/> Fazer sínteses.	<input type="checkbox"/> Fazer tabelas.	<input type="checkbox"/> Fazer experiências.	<input type="checkbox"/> Investigar em livros.	<input type="checkbox"/> Fazer cartazes.	<input type="checkbox"/> Sublinhar conceitos.	<input type="checkbox"/> Utilizar cartaz dos animais.	<input type="checkbox"/> Rodar conceitos.	<input type="checkbox"/> Realizar esquemas com a matéria toda.		<p>3. Lê o seguinte texto.</p> <p>O João e a Maria foram ao jardim zoológico fazer um trabalho sobre os revestimentos dos animais e descobriram que existem revestimentos diferentes. Existe, para os animais vertebrados, a pele com pelos, a pele com escamas dérmicas, a pele com escamas esqueléticas, a pele com penas e a pele nua. Já para os animais invertebrados, existem outros tipos de revestimento, como a cutícula, o exoesqueleto, o concha e muitos mais.</p> <p>3.1. Qual é o tema do texto?</p> <p>_____</p> <p>3.2. Salienta no texto os vários tipos de revestimentos.</p> <p>3.3. Organiza os vários tipos de revestimentos da maneira que, para ti, é mais fácil.</p> <div style="border: 1px solid black; height: 100px; width: 100%;"></div> <p>Obrigado por terem respondido. Nós gostámos muito de ter estado com vocês e esperamos que também tenham gostado.</p> <p style="text-align: right;">David Sarifago e Joana Reis</p> <p style="text-align: right;">3</p>
3	2	1	0																																																	
Muito importante	Importante	Pouco importante	Nada importante																																																	
• Brochura das camadas da atmosfera.																																																				
• Experiências das propriedades do ar.																																																				
• Noção sobre a poluição do ar.																																																				
• Kahoot sobre o ar.																																																				
• Questão de aula sobre o ar.																																																				
• Passaporte do biólogo.																																																				
• Cartazes sobre os tipos de revestimento dos animais vertebrados.																																																				
• Experiências sobre os revestimentos (penas e pelos).																																																				
• Ficha sobre os revestimentos dos animais invertebrados.																																																				
<input type="checkbox"/> Camadas da atmosfera	<input type="checkbox"/> Propriedades do ar																																																			
<input type="checkbox"/> Poluição do ar	<input type="checkbox"/> Classes dos animais																																																			
<input type="checkbox"/> Hábitos dos animais	<input type="checkbox"/> Meios ambientes																																																			
<input type="checkbox"/> Formas dos animais	<input type="checkbox"/> Simetria dos animais																																																			
<input type="checkbox"/> Revestimento dos animais vertebrados	<input type="checkbox"/> Revestimento dos animais invertebrados																																																			
<input type="checkbox"/> Propriedades das penas	<input type="checkbox"/> Célula dos pelos.																																																			
<input type="checkbox"/> Ver vídeos.	<input type="checkbox"/> Fazer esquemas.																																																			
<input type="checkbox"/> Fazer sínteses.	<input type="checkbox"/> Fazer tabelas.																																																			
<input type="checkbox"/> Fazer experiências.	<input type="checkbox"/> Investigar em livros.																																																			
<input type="checkbox"/> Fazer cartazes.	<input type="checkbox"/> Sublinhar conceitos.																																																			
<input type="checkbox"/> Utilizar cartaz dos animais.	<input type="checkbox"/> Rodar conceitos.																																																			
<input type="checkbox"/> Realizar esquemas com a matéria toda.																																																				

Anexo F – Diário de Bordo da PES II no 2.º CEB

Ca DB 12	Ciências Naturais	50 minutos	segunda-feira 04/03/2023
Lição n.º 48			
Sumário: - Continuação das formas e simetrias do corpo dos animais.			
Presenças: 17 alunos (2 chegaram atrasados)		Falta: 2 aluno	
RESPOSTA AOS OBJETIVOS DO PI			
<ul style="list-style-type: none"> • Sínteses - Tabelas/Esquemas - revisões 			
<ul style="list-style-type: none"> - No decorrer da resolução do exercício de aula sobre a atribuição das simetrias e formas corretas aos animais expostos no quadro, a professora desenhou um pequeno esquema no qual os alunos poderiam observar os vários tipos de formas e simetrias (imagem seguinte). 			
<p>(O esquema ficou tapado com informação do ppt, mas quando foi feito ele não tinha as imagens à frente)</p>			
<ul style="list-style-type: none"> - Antes da realização deste esquema foi feita uma tabela com os alunos, para rever quais os tipos de simetria e forma que existem, que os alunos passaram para o caderno: 			
<p>(Registo de alunos da tabela)</p>			
<ul style="list-style-type: none"> - Foi também pedido aos alunos para realizarem uma tabela (estratégia de metacognição) que permite associar a simetria e forma de cada animal que estava representado no quadro. 			

	Simetria	Forma
Estrela do mar		
Cobra		
Pinguim		
Limho Ca		
Águia		
Coral		
Ouriço do mar		
Raia		

- Interesse - Passaporte

- No início da exploração da aula, na qual se começou a falar sobre as simetrias e as formas dos animais, Z_D e Jai_D estavam a desenvolver a tarefa sobre os biomas do passaporte. Realizaram em conjunto a tarefa dos biomas, sendo que Z_D esteve a ajudar o Jai_D pois este não esteve na aula. A conversa deles começou assim:
 - Jai_D: Olha, como é que se faz isto (apontando para o exercício dos biomas do passaporte).
 - Z_D: Tens de pintar as bolas e dizer se é de terra ou de água.
 - Jai_D: Ah. E qual é qual.
 - Z_D: Este é de terra porque tem terra aqui (apontando para o deserto) e este é de água porque tem água aqui (apontando para o rio).
 - Jai_D: Ah. obrigado.
 - (Os alunos procederam a pintar as cores de cada bioma para indicar se o meio era terrestre ou aquático).
- No final da aula, N_D, começou a fazer o exercício sobre as formas e as simetrias presente no passaporte, sendo que o realizou porque terminou mais cedo a tarefa de aula e o professor estagiário disse-lhe: "sabes que há um exercício sobre as formas e as simetrias no passaporte", ao que a aluna respondeu "ai é?". Ela procedeu a abrir o passaporte e começar a fazer o exercício. Ela foi pedindo ajuda para validar o que estava a fazer, no entanto, não saio da sala enquanto não terminou os exercícios do passaporte. Sendo que normalmente os alunos querem sair mais cedo, isto demonstra um grande entusiasmo com o recurso por parte da aluna, que ficou mais 5 minutos na aula, para terminar os exercícios.

- **Interesse - Aula**

- A aluna N_D teve uma conversa com o professor estagiário que se sentou ao lado dela, após se ter falado da cobra em sala de aula:
 - N_D: “professor, posso fazer uma pergunta?”
 - Professor: “claro que sim”
 - N_D: “O que é aquilo na cobra?” (apontando para o capuz na cabeça da cobra)
 - Professor: “Isso é uma um gênero de capuz que algumas serpentes têm.”
 - N_D: “E elas são perigosas?”
 - Professor: “Como assim?”
 - N_D: “Todas matam?”
 - Professor: “Nem todas. Existem algumas cobras que têm veneno e que podem seriamente magoar o ser humano, algumas até matar. Mas em Portugal não há muitas cobras venenosas. Aliás, só me lembro de uma, a víbora.”
 - N_D: “O professor já foi mordido?”
 - Professor: “Já, sim”
 - N_D: “E docu?”
 - Professor: “Claro que sim. Ela podia não ter veneno, mas dói na mesma”
 - N_D: “E como são os dentes delas?”
 - Professor: “Normalmente têm duas presas mais longas na frente da boca, mas depende da cobra.”

- **Participação - Questionamento**

- Lu_D perguntou: “achatada é o que?”, “Como é que os peixes têm bebê?” e “Como é que ele faz para ter ovos?”

COMPORTAMENTO

- Nesta aula, os alunos estavam um pouco mais desafiantes que na de matemática. Sendo que N_D estava sempre a chamar nomes à Lu_D, dizendo coisas como “banana”, “as bananas não falam, por isso eu não oiço a Lu_D”, “és uma batata”. Várias foram as vezes em que estas alunas falaram diretamente uma com a outra, dizendo coisas como: N_D dizia “Cala boca, ninguém falou contigo” e a Lu_D “tás a pedi-las tás.”. Ambas foram chamadas inúmeras vezes à atenção, por vários dos professores, sendo que um dos estagiários teve de se ir sentar ao lado de N_D para tentar controlar o comportamento. No entanto, esta aluna

continuou a provocar a Lu_D e ainda o Jai2_D, sendo que este estava mais a “brincar” com a colega, uma vez que estavam a trocar papelinhos um com o outro. Para tentar focar a atenção da N_D na aula e nos conteúdos, o estagiário que estava com ela começou a desenhar as tabelas e esquemas do quadro no seu caderno e a explicar a informação à aluna. a partir do momento em que isto começou a ser feito, a aluna focou-se na tarefa e não nos colegas. Focou-se de tal forma, que acabou a tarefa de aula mais cedo que os outros, e quando o estagiário lhe disse “sabes que há um exercício sobre as formas e as simetrias no passaporte”, ao que a aluna respondeu “ai é?”. Ela procedeu a abrir o passaporte e começar a fazer o exercício. Ela foi pedindo ajuda para validar o que estava a fazer, no entanto, não saio da sala enquanto não terminou os exercícios do passaporte. Sendo que normalmente os alunos querem sair mais cedo, isto demonstra um grande entusiasmo com o recurso por parte da aluna, que ficou mais 5 minutos na aula, para terminar os exercícios.

REFLEXÃO

- À segunda-feira, os alunos da presente turma começam a ter aulas desde as 8h e tal até às 16h. Este último bloco é mais desafiante a nível de comportamento do que o anterior, de Matemática. Os alunos encontram-se mais cansados e logo que entram perguntam se podem sair mais cedo. Antecipando este comportamento, tentei terminar a aula de Matemática e calmamente referir para fecharem os livros e cadernos de Matemática e abrirem os de Ciências Naturais. Sinto que há alunos na turma com ritmos muito diferentes de trabalho, levando a que alguns já tenham terminado e outros nem começaram. Isto, porque se distraem constantemente e alimentam conversas dentro da sala, nomeadamente que desafiam outros discentes e levam a conflitos entre pares.
- Na presente aula, senti que os alunos não se recordavam do que falaram na aula anterior, tendo sido necessário reforçar as simetrias e as formas abordadas com o professor estagiário, através do registo no quadro. Através desse registo, lancei um exercício em que tinham de associar a simetria e as formas aos animais presentes na imagem. Para que não tivessem dificuldade na realização do exercício no caderno, sugeri construir uma tabela de dupla entrada. Contudo, ao escrevê-la no quadro senti que não tinha espaço para a preencher. Assim, acabei por escrever a simetria e a forma dos animais a uma cor diferente, vermelho e azul, respetivamente, de modo a diferenciar cada um deles, por baixo de cada animal. Já no final da aula, em conversa com a professora cooperante, apercebemo-nos que é importante termos, nos slides, uma parte branca de modo a que consigamos fazer esquemas

sínteses ou resoluções de exercícios ao lado do exercício projetado. Esta questão levou-me a refletir sobre a importância da organização dos registos feitos no quadro por parte do professor para a organização mental do aluno, bem como para a organização do seu caderno diário. Pois, a tabela que sugeri que construissem não foi preenchida por mim, porque não tinha espaço no quadro para o fazer.

- O momento de trabalho individual, de identificação de simetrias e formas no corpo dos animais foi significativo para a maioria dos alunos. O facto de ter ido circulando pelos alunos levou-me a perceber algumas dificuldades sentidas e a ajudá-los a perceber determinados aspetos, como o que era um corpo com a forma fusiforme, tendo recorrido ao desenho e a um esquema para o explicar.

Cb DB 10	Ciências Naturais	50 minutos	quinta-feira 29/02/2023
Lição n.º 44			
Sumário: - Continuação da aula anterior. - Formas e simetrias do corpo de um animal.			
Presenças: 17 alunos		Falta: 1 aluno	
RESPOSTA AOS OBJETIVOS DO PI			
Síntese			
<ul style="list-style-type: none"> No início da aula realizou-se uma síntese do que se abordaram nas aulas: 			
Condições			
Meio Terrestre		Meio aquático	
<ul style="list-style-type: none"> - Vegetação; - quantidade de água; - temperatura; - luz. 		<ul style="list-style-type: none"> - sais minerais; - luz. 	
Interesse			
<ul style="list-style-type: none"> Esta foi a aula em que os passaportes do biólogo foram entregues e alguns dos alunos demonstraram estar entusiasmados pela sua receção: “professor ainda não tenho” (S_E), “eu também quero professor” (L_E), “que animal é este?” (S_E/A_E) - “É uma borboleta e uma leoa” (T_E). Alguns alunos ainda perguntaram se, nas páginas 1 e dois do manual, era para escrever o nome do animal ou da sua classe, sendo que a maioria dos alunos escreveu os dois. Na apresentação do passaporte, antes de se dizer alguma coisa, o T_E comentou logo que a pessoa que estava na primeira página numerada era o Charles Darwin, dizendo “ele foi o cientista que descobriu a evolução”, sendo que a professora pergunta “a evolução do que?” e o aluno responde: “dos animais”. No momento de exploração das primeiras páginas do passaporte, os alunos S_E, T_E, G_E, A_E e P_E, estavam todos a ver páginas à frente. Sendo que quando a professora começou a falar das classes dos animais, todos foram para essa página menos o P_E. Este continuou a ler o recurso e a explorar até às páginas dos revestimentos da pele com escamas. 			

- Quando se estava a falar dos biomas, em específico na Tundra, a X_E disse: “Mas tundra não tem terra, porque é que é terrestre?”. Este comentário, veio da aluna observar uma imagem exemplo de um ambiente de Tundra, que estava coberto de neve, e, em conversa, compreendemos que a aluna associa a neve a um meio aquático, porque neve é água no estado sólido.

IMPREVISTOS E COMPORTAMENTOS

- Nesta aula a DT dos alunos veio falar à turma devido aos seus maus comportamentos e às faltas disciplinares que alguns dos alunos têm. Um dos alunos com quem a professora retilou, o M_E, ficou de tal forma afetado que não quis fazer mais nada a aula toda. Não colou o passaporte no caderno como os colegas e devolveu-o no final da aula.
- A S_E e a X_E também passaram a aula a falar de tal forma que a PC teve de se colocar entre elas para que parassem.
- A X_E, mesmo com a intervenção da DT a dizer que os alunos deviam passar os sumários e passar a matéria do quadro, ela não passou nada do quadro, recusou-se a tirar o caderno e o estojo e dizia “Ná, não vou fazer nada. Eu não quero estar aqui”. Nem quando a PC lhe disse para abrir o caderno ela o fez. Também passou a aula toda a responder de forma indelicada dizendo coisas como “Mas o que é que eu fiz”, “Ná, professora. Também. Credo” e “Vocês também estão sempre a chamar” (gesticulado o braço de baixo para cima).

REFLEXÃO

- A aula de hoje passou muito rápido, com a entrada tardia de muitos alunos que estavam a brincar no recreio e, posteriormente, com a visita da diretora de turma que abordou diversas temáticas, uma delas o comportamento desviante por parte de muitos elementos. Este facto acabou por levar a que não conseguisse chegar aos conteúdos até onde estava a pensar. Efetivamente todas as aulas têm os seus imprevistos, aliás, a vida é um constante resultado de imprevistos. Todavia, penso que consegui gerir bem o momento de aula, com a introdução do passaporte e de revisões sobre os conteúdos que estavam a ser trabalhados.
- Um apontamento a ter em conta nas próximas aulas será pedir aos alunos, no final da aula, que leiam em casa determinadas páginas do manual, referente ao que foi abordado em aula. Assim, estes conseguem guiar-se pelo manual em casa, podendo estudar pelo mesmo.
- Durante a aula, surgiram questões interessantes como: “mas Tundra não tem terra, porque é terrestre?” e “Taiga é terrestre e aquático porque tem neve e ela derrete”. Estes

comentários são muito interessantes e demonstram claramente dúvidas que podem surgir por parte dos alunos. Pois, ao observarem neve consideraram que existia terra, mas a realidade é que existem diferentes tipos de terra. O segundo comentário também foi interessante pois demonstra a relação que a aluna criou com conhecimentos prévios, de que a neve derrete e ao derreter transforma-se em água líquida, contudo, esta água não é suficiente para um animal viver.

Cb DB 11	Ciências Naturais	50 minutos	sexta-feira 01/03/2023
Lição n.º 45			
Sumário: - Continuação da aula anterior.			
Presenças: 17 alunos		Falta: 1 aluno	
<p>RESPOSTA AOS OBJETIVOS DO PI</p> <p>Interesse no Passaporte</p> <ul style="list-style-type: none"> O P_E, que se recusou a passar alguma coisa nesta aula, disse: “Eu não quero passar, quero fazer isto.”, enquanto apontava para o passaporte. E passou o resto da aula a fazer os exercícios do passaporte. <p>Interesse - Partilhas</p> <ul style="list-style-type: none"> O M_E passou a exibição do vídeo sobre as formas e simetrias dos animais a sorrir. A I_E estava acompanhada pela professora de educação especial e esteve vários momentos a comentar o que estava a aparecer no ecrã. Em conversa, surgiu o conceito de “predadores” e quando questionado o M_E disse: “São pessoas que fazem mal aos animais” (confundindo com o termo “caçadores”). O G_E ajudou o colega e disse: “São animais que caçam outros animais para comer”. O P_E colocou o braço no ar e referiu que os animais precisam de comer e por isso atacam os animais. No meio da conversa, os alunos focaram-se muito no termo “camuflagem” e vários estavam a intervir em prol de partilhar ou perguntar algo sobre este termo. A Al_E afirmou, no contexto das formas do corpo, que: “amorfa significa que não é uma vez. São tipo plantas do recife”. Com isto, a professora estagiária continuou afirmando que o coral é um animal e não uma planta. Com esta afirmação do professor, a A_E diz: “mas o coral nem come professor”. Este comentário é excelente para uma possível exploração de conceitos e conteúdos. <p>IMPREVISTOS E COMPORTAMENTOS</p> <ul style="list-style-type: none"> O P_E, não passou nada do que foi trabalhado no decorrer da aula. 			

189

<ul style="list-style-type: none"> No decorrer da exibição do vídeo sobre as formas e simetrias dos animais, os alunos, por várias vezes, utilizavam os animais que apareciam para dizer coisas do género: “porque é que a S_E está ali” ou “Aquele é o R_E”. No final da sessão, alguns alunos ficaram um pouco depois do toque na aula a passar as tabelas sobre as formas e as simetrias para o caderno. Isto porque, estes alunos, recusaram-se a passar a tabela ao longo da aula, dizendo coisas como: “Não vou passar” (F_E), “Eh, não quero mesmo” e “Ná, não consigo” (S_E). O aluno F_E, foi quem despoletou a necessidade de os alunos ficarem a passar na sala, porque arrumou a mochila para sair, 10 minutos antes da aula terminar. Foi então pedido ao aluno para tirar as coisas para passar, ao que ele respondeu “Me obriga”. Então, foi dito a todos os alunos que não tinham passado para ficarem a passar e o F_E, apesar da resistência, ficou. Este aluno ainda disse “quando tocar vais ver se não saiu”. No processo dos alunos que ficaram depois do toque, estarem a passar os conteúdos do quadro, o P_E recusou-se a passar fosse o que fosse, chegando ao ponto de começar a bater com os pés no chão, a bater na mesa com o punho e a levantar a mesa e bater com ela no chão afirmando: “Injusto, injusto, injusto.”. Após todos os colegas saírem, o P_E ainda ficou na sala a recusar-se a fazer alguma coisa. Pouco depois começou a chorar a dizer: “o meu pai vai-me bater”. Este comentário foi nos explicado, pela DT, que diz que o pai deste aluno observa os cadernos dele e vê se ele fez as coisas das aulas e passou os sumários e quando o P_E não o faz, o pai aplica a ação que lhe é adequada. Após uma conversa com a DT, foi dito ao aluno que podia sair e que tratava do assunto com ela, mas o aluno não disse mais nada, até bater o toque do final do intervalo. Foi aí que ele saiu da sala sem dizer nada. <p>REFLEXÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> A presente aula foi mais desafiante a nível de comportamento, sendo que vários alunos responderam aos estagiários e desafiaram-nos.

190

Cb DB 12	Ciências Naturais	50 minutos	segunda-feira 04/03/2023
Lição n.º 48			
Sumário: - Continuação da aula anterior.			
Presenças: 17 alunos		Falta: 1 aluno	
RESPOSTA AOS OBJETIVOS DO PI			
Interesse no Passaporte			
<ul style="list-style-type: none"> No início da aula, o P_E perguntou “Professor, vamos fazer alguma coisa no livrinho?”; No decorrer da aula, o P_E esteve a escrever e a fazer os exercícios presentes no livro, nomeadamente para desenhar os animais com determinadas características, referente à locomoção e revestimento dos animais. 			
Participação - Interesse			
<ul style="list-style-type: none"> Quando se falou sobre a forma, o M_E reforça que é algo como uma coisa que existe em França, referindo-se à Torre Eiffel. 			
Participação - partilha de conhecimentos/conceções			
<ul style="list-style-type: none"> “O pinguim voa, eu já vi” - diz o T_E. “Todos os animais andam” - diz o M_E. O T_E questiona “a cobra anda?”. A AL_E vira-se para trás e diz “Ela rasteja”. O T_E responde, referindo “Ela rasteja, não anda”. 			
Participação - questionamento			
<ul style="list-style-type: none"> “O animal radial também não é bilateral?” - pergunta o T_E. “Professor, agora esqueci. O que é amorfa” - pergunta o G_E. “Qual é a diferença para cilíndrico e esférico” - questiona a AL_E; “O cilindro é isto?” - questiona a V_E, levando um tubo de cola, sentada no seu lugar. 			
REFLEXÃO			
<ul style="list-style-type: none"> Esta aula foi marcada por um pouco mais de desordem que a de matemática. Senti os alunos mais agitados que na outra aula, no entanto, também os senti bastante interessados. Várias perguntas foram feitas sobre os conteúdos que estavam a ser trabalhados. Várias foram as 			

participações dos alunos a tentarem responder às perguntas “qual a forma e o revestimento do animal projetado?”. Houve de tal forma intervenção de alguns alunos, como o T_E, o P_E e o M_E, que tive de lhes pedir para dar oportunidades aos seus colegas, para outros tentarem responder.

- Houve, no entanto, um momento de comportamento mais desafiante, por parte do F_E e da X_E. Estes alunos, ao longo da aula trocaram frases como “cala boca” e “mete-te na tua vida”. Quando X_E regressou da casa de banho, F_E tirou o esquadro para bater na sua colega. Por várias vezes pedi ao F_E para guardar o esquadro, pois aquele não tinha sido o primeiro momento em que o aluno ameaçou a colega de lhe “dar com o esquadro”, colocando nas palavras do aluno. Então, neste momento, pedi mais uma vez a F_E para guardar o material, no entanto ele não o fez e quando a sua colega passou por ele, ele esticou o braço para lhe “dar com o esquadro”. Porém, eu travei-lhe o movimento, segurando no braço dele e dizendo-lhe “Eu disse-te para não fazeres isso”. Larguei-lhe o braço e o aluno refilou para ele mesmo o seguinte: “é, como assim. não és o meu pai, não tens de me agarrar o braço”. Confesso que não sei bem como eu de lidar com estes dois alunos. Sinto que a X_E se se sentir predisposta a aprender, ela não incomodará ninguém, mas em todas as aulas tenho de chamar o F_E à atenção e sinto que ele não percebe porque é que o faço e não compreende que o seu comportamento perturba a aula. Tenho de aprender a lidar melhor com este aluno. Até porque eu compreendo que seja cansativo para ele estar sempre a ser chamado à atenção. Eu não quero que o F_E acabe por se comprar “mal” porque sente que já esperam isso dele. Quero que também ele se sinta entusiasmado e motivado para aprender.

Cb DB 16	Ciências Naturais	50 minutos	quinta-feira 14/03/2023
Lição n.º 52			
Sumário: - Finalizar os cartazes dos revestimentos dos animais vertebrados.			
Presenças: 18 alunos		Falta: 0	
<p>RESPOSTA AOS OBJETIVOS DO PI</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Interesse - Passaporte <ul style="list-style-type: none"> - Enquanto o professor fazia a revisão das atividades experimentais no quadro, o P_E estava a preencher o passaporte do cientista com a informação acerca da classe de animais dos peixes. ● Interesse - Cartaz <ul style="list-style-type: none"> - No final da aula, a I_E veio ter com a estagiária e mostrou-lhe o seu cartaz. A estagiária perguntou qual era o tipo de revestimento que a aluna pesquisou e questionou-lhe onde tinha pelo no corpo. A aluna mostra a perna e a estagiária mostra que também tem pele com pelos no braço. De seguida, questiona que animais ela descobriu que também têm pele com pelos. A aluna aponta para o cartaz e refere gato e cão. A estagiária refere que tem um gato e que ele deita muito pelo. De seguida, menciona que vai trazer algum pelo para ela sentir. A aluna começa a andar rápido pela sala, fazendo barulhos com a boca, demonstrando estar contente. ● Interesse - livros com animais <ul style="list-style-type: none"> - O T_E questiona se pode usar o “livro grande” que a professora estagiária tinha trazido. Outro grupo tem usado todas as aulas esse livro. O P_E, que era do outro grupo, estava a manipular o livro, observando as imagens e as informações sobre determinados répteis. De seguida, acordámos entre grupos, que se poderia dividir o tempo de utilização do livro, pois o objetivo era os livros irem circulando pelos grupos. ● Interesse - atividades experimentais <ul style="list-style-type: none"> - Três alunas chegam à sala mais cedo, olham para dentro da sala e perguntam “então e as experiências?”. 			

203

<ul style="list-style-type: none"> ● Pouca autonomia - dificuldade no trabalho de grupo <ul style="list-style-type: none"> - O L_E estava com o cartaz à frente e a ver imagens, enquanto que o R_E estava apenas a olhar para o colega e a rir. A estagiária foi até ao grupo e perguntou o que cada um estava encarregue de fazer, como dividiram as tarefas a desenvolver. Os alunos não conseguiram responder à questão, ficando apenas a olhar. - O F_E estava a fazer o contorno de letras, enquanto o M_E e o G_E estavam a olhar para o que o colega estava a fazer. A estagiária refere que trabalhar em grupo não é um fazer e o outro ficar a olhar, todos têm de trabalhar e questiona o que os outros colegas estão a fazer. Os alunos referem que não sabem o que podem fazer. A estagiária pergunta por o que os alunos acham que falta e pergunta dentro do que falou o que cada um irá ficar responsável. <p>COMPORTAMENTOS</p> <ul style="list-style-type: none"> - O F_E esteve a maior parte da aula a comentar o que os adultos diziam, referindo aspetos como “pois, não dão tempo”, “não vou fazer, não planifiquei fazer o trabalho hoje”, “agora vamos à diretora de turma”, “não estou a perturbar os meus colegas” e “é sempre o F_E, é sempre o F_E. Também o professor só me chama a mim”. - O F_E foi atrás do L_E e deu-lhe uma chapada no braço. - O L_E recusou-se a trabalhar em grupo com a AL_E. <p>REFLEXÃO</p> <ul style="list-style-type: none"> ● Hoje sinto que estava um pouco mais embaixo. Talvez seja por ter dado um pequeno sermão à turma por causa do seu comportamento, ou por não ter trazido as experiências para esta aula porque a aula das experiências não foi das melhores. ● O grupo em si também estava agitado, devido a ser uma aula da tarde. ● Nesta aula os alunos também ficaram tristes por não irem fazer experiências devido ao comportamento deles e estavam a refilar um pouco porque acharam que o comportamento deles não foi assim tão desadequado. ● Também demoramos mais tempo na atividade dos cartazes porque os alunos estavam com inúmeras dúvidas na construção dos mesmos. O que fez com que apenas 4 grupos tivessem acabado a tarefa.

204

Anexo G – GO das Semanas de Observação

Anexo G1 – GO das Semanas de Observação no 1.º CEB

Grelhas de observação (GO)		10/04/2024 - Detetive do Português																Código: GO 1						Frequência absoluta						Frequência Relativa					
3º ano		AD	AF	AN	BE	CA	CL	CO	DZ	DE	ED	EN	EM	GA	GU	HI	IN	IS	JO	LA	LE	VI	0	1	2	3	I	TOTAL	0	1	2	3	I	TOTAL	
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	2	2	1	2	2	1	0	0	2	0	-	1	1	0	1	0	0	0	0	0	1	9	6	5	0	0	20	45%	30%	25%	0%	0%	100%	
2	Participa/realiza a dinâmica.	2	2	2	3	3	2	2	2	3	2	-	2	2	2	2	2	2	1	2	1	2	0	2	15	3	0	20	0%	10%	75%	15%	0%	100%	
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	3	2	2	3	3	1	2	1	3	2	-	2	2	1	1	0	0	0	0	0	2	5	4	7	4	0	20	25%	20%	35%	20%	0%	100%	
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	2	2	1	3	3	1	2	1	3	2	-	2	2	1	1	1	0	0	0	0	2	4	6	7	3	0	20	20%	30%	35%	15%	0%	100%	
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20	0	0	0	0	20	100%	0%	0%	0%	0%	100%	
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	2	2	1	3	3	1	2	1	3	1	-	2	2	1	1	0	1	1	1	1	0	2	9	6	3	0	20	10%	45%	30%	15%	0%	100%	
7	Está atento à explicação da tarefa	2	2	1	3	3	2	2	1	2	1	-	3	2	1	1	1	0	0	2	1	1	2	8	7	3	0	20	10%	40%	35%	15%	0%	100%	
8	Realiza a tarefa com facilidade	1	2	3	3	2	2	1	2	2	2	-	3	3	1	2	1	2	0	2	1	2	1	5	10	4	0	20	5%	25%	50%	20%	0%	100%	
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	2	3	2	3	3	2	2	1	3	1	-	3	3	1	2	1	1	0	2	1	2	1	6	7	6	0	20	5%	30%	35%	30%	0%	100%	
10	Verifica o trabalho que realiza.	2	3	2	3	3	3	2	2	3	2	-	3	2	0	1	1	0	0	2	0	1	4	3	7	6	0	20	20%	15%	35%	30%	0%	100%	
Média numérica do aluno		2	2	2	3	3	2	2	1	2	1	-	2	2	1	1	1	1	0	1	0	2	2	7	9	2	0	20	10%	35%	45%	10%	0%	100%	
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO		Ativo.	Ativo.	Ativo.	Proativo	Proativo	Ativo.	Ativo.	Passivo	Ativo.	Passivo	-	Ativo.	Ativo.	Passivo	Passivo	Passivo	Passivo	Inativo	Passivo	Inativo	Ativo.													
ENVOLVIMENTO MÉDIO DA TURMA		2											Ativo.																						

Grelhas de observação (GO)		16/04/2024 - Exploração de Figuras Equivalentes																Código: GO 2						Frequência absoluta						Frequência Relativa					
3º ano		AD	AF	AN	BE	CA	CL	CO	DZ	DE	ED	EN	EM	GA	GU	HI	IN	IS	JO	LA	LE	VI	0	1	2	3	I	TOTAL	0	1	2	3	I	TOTAL	
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	2	2	2	2	2	1	1	0	2	2	-	2	2	0	1	0	0	0	2	0	2	6	3	11	0	0	20	30%	15%	55%	0%	0%	100%	
2	Participa/realiza a dinâmica.	3	3	3	3	3	2	2	2	3	3	-	3	3	2	2	1	3	1	3	2	3	0	2	6	12	0	20	0%	10%	30%	60%	0%	100%	
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	3	3	3	3	3	2	2	2	3	3	-	3	2	1	1	0	0	1	0	1	2	3	4	5	8	0	20	15%	20%	25%	40%	0%	100%	
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	2	2	1	3	3	1	2	0	2	2	-	2	2	1	1	0	0	0	0	0	2	6	4	8	2	0	20	30%	20%	40%	10%	0%	100%	
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	2	2	2	2	2	1	1	1	3	1	-	3	2	1	1	0	0	0	2	1	2	3	7	8	2	0	20	15%	35%	40%	10%	0%	100%	
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	2	2	2	3	3	1	2	1	3	2	-	2	2	1	1	0	2	1	1	0	2	2	6	9	3	0	20	10%	30%	45%	15%	0%	100%	
7	Está atento à explicação da tarefa	2	2	1	3	3	2	2	1	2	1	-	3	2	1	1	1	0	0	2	0	1	3	7	7	3	0	20	15%	35%	35%	15%	0%	100%	
8	Realiza a tarefa com facilidade	1	2	3	3	2	2	1	1	2	3	-	3	3	1	2	1	2	0	2	1	2	1	6	8	5	0	20	5%	30%	40%	25%	0%	100%	
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	2	3	3	3	3	2	2	1	3	2	-	3	3	1	2	1	1	0	2	1	2	1	5	7	7	0	20	5%	25%	35%	35%	0%	100%	
10	Verifica o trabalho que realiza.	2	3	3	3	3	2	2	2	3	2	-	3	2	0	1	0	0	0	2	0	1	5	2	6	7	0	20	25%	10%	30%	35%	0%	100%	
Média numérica do aluno		2	2	2	3	3	2	2	1	3	2	-	3	2	1	1	0	1	0	2	1	2	2	5	9	4	0	20	10%	25%	45%	20%	0%	100%	
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO		Ativo.	Ativo.	Ativo.	Proativo	Proativo	Ativo.	Ativo.	Passivo	Proativo	Ativo.	-	Proativo	Ativo.	Passivo	Passivo	Inativo	Passivo	Inativo	Ativo.	Passivo	Ativo.													
ENVOLVIMENTO MÉDIO DA TURMA		2											Ativo.																						

Grelhas de observação (GO)		22/04/2024 - Verificação Semanal																Código: GO 3						Frequência absoluta						Frequência Relativa					
3º ano		AD	AF	AN	BE	CA	CL	CO	DZ	DE	ED	EN	EM	GA	GU	HI	IN	IS	JO	LA	LE	VI	0	1	2	3	I	TOTAL	0	1	2	3	I	TOTAL	
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	2	2	2	2	2	0	0	0	2	1	-	2	2	0	1	0	0	0	1	0	2	8	3	9	0	0	20	40%	15%	45%	0%	0%	100%	
2	Participa/realiza a dinâmica.	3	3	2	3	3	2	2	2	3	3	-	3	3	2	2	1	2	1	3	1	3	0	3	7	10	0	20	0%	15%	35%	50%	0%	100%	
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	2	3	3	3	3	2	2	2	3	3	-	3	2	1	1	0	0	1	0	1	2	3	4	6	7	0	20	15%	20%	30%	35%	0%	100%	
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	2	2	2	3	3	2	2	1	2	2	-	2	2	1	2	1	1	0	1	0	2	2	5	11	2	0	20	10%	25%	55%	10%	0%	100%	
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20	0	0	0	0	20	100%	0%	0%	0%	0%	100%	
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	2	2	2	3	3	2	2	2	3	2	-	2	2	1	2	1	2	1	1	0	2	1	4	12	3	0	20	5%	20%	60%	15%	0%	100%	
7	Está atento à explicação da tarefa	2	2	1	3	3	2	2	1	2	1	-	3	2	1	1	1	0	0	2	0	1	3	7	7	3	0	20	15%	35%	35%	15%	0%	100%	
8	Realiza a tarefa com facilidade	2	2	1	3	2	2	1	1	2	2	-	3	3	1	2	1	1	0	2	1	2	1	7	9	3	0	20	5%	35%	45%	15%	0%	100%	
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	2	3	2	3	3	2	2	1	3	2	-	3	3	2	2	1	1	1	1	1	2	0	6	8	6	0	20	0%	30%	40%	30%	0%	100%	
10	Verifica o trabalho que realiza.	3	3	3	3	3	2	2	2	3	2	-	3	2	1	1	1	1	0	2	0	1	2	5	6	7	0	20	10%	25%	30%	35%	0%	100%	
Média numérica do aluno		2	2	2	3	3	2	2	1	2	2	2	2	1	1	1	1	0	1	0	2	2	6	10	2	0	20	10%	30%	50%	10%	0%	100%		
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO		Ativo.	Ativo.	Ativo.	Proativo	Proativo	Ativo.	Ativo.	Passivo	Ativo.	Ativo.	Ativo.	Ativo.	Passivo	Passivo	Passivo	Passivo	Inativo	Passivo	Inativo	Ativo.														
ENVOLVIMENTO MÉDIO DA TURMA		2										Ativo.																							

Grelhas de observação (GO)		22/04/2024 - Escrita, leitura e votação de texto																Código: GO 4						Frequência absoluta						Frequência Relativa					
3º ano		AD	AF	AN	BE	CA	CL	CO	DZ	DE	ED	EN	EM	GA	GU	HI	IN	IS	JO	LA	LE	VI	0	1	2	3	I	TOTAL	0	1	2	3	I	TOTAL	
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	2	2	1	2	2	0	0	0	2	1	-	2	2	0	1	0	0	0	1	0	2	8	4	8	0	0	20	40%	20%	40%	0%	0%	100%	
2	Participa/realiza a dinâmica.	3	3	2	3	3	2	2	2	3	3	-	3	3	2	2	1	2	1	3	1	3	0	3	7	10	0	20	0%	15%	35%	50%	0%	100%	
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	2	3	3	3	3	2	2	2	3	3	-	3	2	1	1	0	0	1	0	1	2	3	4	6	7	0	20	15%	20%	30%	35%	0%	100%	
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	2	2	1	3	3	1	2	0	2	2	-	2	2	1	1	0	0	0	0	0	2	6	4	8	2	0	20	30%	20%	40%	10%	0%	100%	
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20	0	0	0	0	20	100%	0%	0%	0%	0%	100%	
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	2	2	2	3	3	1	2	1	3	2	-	2	2	1	1	0	1	1	1	0	2	2	7	8	3	0	20	10%	35%	40%	15%	0%	100%	
7	Está atento à explicação da tarefa	2	2	1	3	3	2	2	1	2	1	-	3	2	1	1	1	0	0	2	0	1	3	7	7	3	0	20	15%	35%	35%	15%	0%	100%	
8	Realiza a tarefa com facilidade	2	2	1	3	2	2	1	1	2	2	-	3	3	1	2	1	1	0	2	1	2	1	7	9	3	0	20	5%	35%	45%	15%	0%	100%	
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	2	3	2	3	3	2	2	1	3	2	-	3	3	1	2	1	1	0	2	1	2	1	5	8	6	0	20	5%	25%	40%	30%	0%	100%	
10	Verifica o trabalho que realiza.	2	3	3	3	3	2	2	2	3	2	-	3	2	0	1	0	0	0	2	0	1	5	2	7	6	0	20	25%	10%	35%	30%	0%	100%	
Média numérica do aluno		2	2	2	3	3	1	2	1	2	2	2	2	1	1	0	1	0	1	0	1	0	2	3	6	9	2	0	20	15%	30%	45%	10%	0%	100%
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO		Ativo.	Ativo.	Ativo.	Proativo	Proativo	Passivo	Ativo.	Passivo	Ativo.	Ativo.	Ativo.	Ativo.	Passivo	Passivo	Inativo	Passivo	Inativo	Passivo	Inativo	Ativo.														
ENVOLVIMENTO MÉDIO DA TURMA		2										Ativo.																							

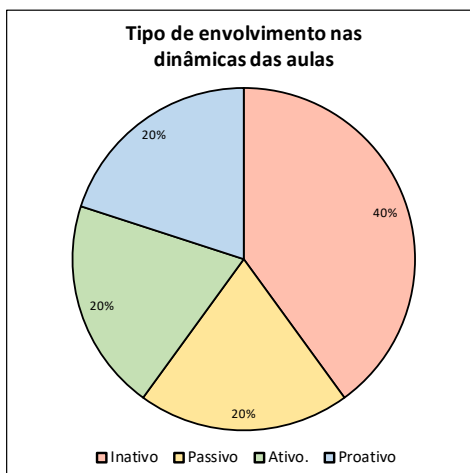
LEGENDA			
Código	Níveis de envolvimento	Cor	Descrição
0	Inativo		Não realiza este indicador
1	Passivo		Tem um envolvimento/participação mínima.
2	Ativo.		Tem um envolvimento/participação elevado.
3	Proativo		Tem um envolvimento/participação energético.

Anexo G2 – Análise das GO das Semanas de Observação no 1.º CEB

Análise das Grellhas de observação (GO) 1, 2 e 3																	Frequência absoluta					Frequência Relativa																	
3.º ano		AD	AF	AN	BE	CA	CL	CO	DZ	DE	ED	EN	EM	GA	GU	HI	IN	IS	JO	LA	LE	VI	0	1	2	3	1	TOTAL	0	1	2	3	1	TOTAL					
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	GO1	2	2	2	2	1	0	0	2	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	4	5	0	0	20	45%	30%	25%	0%	0%	100%					
	GO2	2	2	2	2	2	1	1	0	2	2	1	2	0	1	0	0	0	0	2	0	2	4	3	11	0	0	20	30%	15%	55%	0%	0%	100%					
	GO3	2	2	2	2	2	0	0	0	2	1	1	2	0	1	0	0	0	0	2	0	2	0	3	9	0	0	20	40%	15%	45%	0%	0%	100%					
	GO4	2	2	2	2	2	0	0	0	2	1	1	2	0	1	0	0	0	0	1	0	2	0	3	9	0	0	20	40%	15%	45%	0%	0%	100%					
Média numérica do aluno																	0	3	9	0	20	40%	15%	45%	0%	0%	100%												
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO																	0	3	9	0	20	40%	15%	45%	0%	0%	100%												
2	Participa/realiza a dinâmica.	GO1	2	2	3	3	2	2	3	2	1	3	2	2	2	2	2	1	2	1	2	1	0	2	15	3	0	20	0%	100%	100%	100%	0%	0%	100%				
	GO2	3	3	3	3	2	2	3	3	1	3	3	3	2	2	1	3	1	3	2	3	1	0	2	6	12	0	20	0%	100%	100%	100%	0%	0%	100%				
	GO3	3	3	3	3	2	2	3	3	1	3	3	3	2	2	1	2	1	3	1	3	1	0	3	7	10	0	20	0%	15%	35%	50%	0%	100%					
	GO4	3	3	3	3	2	2	3	3	1	3	3	3	2	2	1	2	1	3	1	3	1	0	3	7	10	0	20	0%	15%	35%	50%	0%	100%					
Média numérica do aluno																	0	3	7	10	20	0%	15%	35%	50%	0%	100%												
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO																	0	3	7	10	20	0%	15%	35%	50%	0%	100%												
3	Manifesta o seu opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	GO1	3	3	2	3	3	2	1	3	2	1	2	2	1	1	0	0	0	0	0	0	2	4	7	4	0	20	25%	20%	35%	20%	0%	100%					
	GO2	2	3	3	3	2	2	3	3	1	3	3	3	2	1	1	0	0	1	0	1	2	3	4	5	3	0	20	15%	20%	25%	40%	0%	100%					
	GO3	2	3	3	3	2	2	3	3	1	3	3	3	2	1	1	0	0	1	0	1	2	3	4	5	3	0	20	15%	20%	25%	40%	0%	100%					
	GO4	2	3	3	3	2	2	3	3	1	3	3	3	2	1	1	0	0	1	0	1	2	3	4	5	3	0	20	15%	20%	25%	40%	0%	100%					
Média numérica do aluno																	0	3	4	6	7	0	0	0	0	0	0	2	4	6	7	0	20	15%	20%	30%	35%	0%	100%
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO																	0	3	4	6	7	0	0	0	0	0	0	2	4	6	7	0	20	15%	20%	30%	35%	0%	100%
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	GO1	2	2	3	3	1	2	1	3	2	1	2	2	1	1	0	0	0	0	0	0	2	4	7	3	0	20	20%	30%	35%	15%	0%	100%					
	GO2	2	2	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	1	0	0	0	0	0	2	4	8	2	0	20	30%	20%	40%	10%	0%	100%						
	GO3	2	2	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	1	0	0	0	0	0	2	4	8	2	0	20	30%	20%	40%	10%	0%	100%						
	GO4	2	2	3	3	2	2	2	2	2	2	2	2	1	2	1	0	0	0	0	0	2	4	8	2	0	20	30%	20%	40%	10%	0%	100%						
Média numérica do aluno																	0	5	11	2	0	0	0	0	0	0	0	2	5	11	2	0	20	10%	25%	55%	10%	0%	100%
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO																	0	5	11	2	0	0	0	0	0	0	0	2	5	11	2	0	20	10%	25%	55%	10%	0%	100%
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	GO1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	20	100%	0%	0%	0%	0%	100%					
	GO2	2	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	20	100%	0%	0%	0%	0%	100%					
	GO3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20	100%	0%	0%	0%	0%	100%					
	GO4	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20	100%	0%	0%	0%	0%	100%					
Média numérica do aluno																	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20	100%	0%	0%	0%	0%	100%	
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO																	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	20	100%	0%	0%	0%	0%	100%	
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	GO1	2	2	3	3	1	2	1	3	1	1	2	2	1	1	0	1	1	1	1	0	2	9	6	3	0	20	10%	45%	30%	15%	0%	100%					
	GO2	2	2	3	3	2	2	1	3	2	1	2	2	1	1	0	1	1	1	1	1	0	2	9	6	3	0	20	10%	45%	30%	15%	0%	100%					
	GO3	2	2	3	3	2	2	2	3	2	1	2	2	1	2	1	0	1	1	1	1	0	2	9	6	3	0	20	10%	45%	30%	15%	0%	100%					
	GO4	2	2	3	3	2	2	2	3	2	1	2	2	1	2	1	0	1	1	1	1	0	2	9	6	3	0	20	10%	45%	30%	15%	0%	100%					
Média numérica do aluno																	0	4	12	3	0	0	0	0	0	0	0	2	9	6	3	0	20	5%	20%	60%	15%	0%	100%
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO																	0	4	12	3	0	0	0	0	0	0	0	2	9	6	3	0	20	5%	20%	60%	15%	0%	100%
7	Está atento à explicação do tarefa	GO1	2	2	3	3	2	2	1	2	1	1	3	2	1	1	0	1	1	0	2	0	1	8	7	3	0	20	10%	40%	35%	15%	0%	100%					
	GO2	2	2	3	3	2	2	1	2	2	1	1	3	2	1	1	0	0	0	2	0	1	8	7	3	0	20	10%	40%	35%	15%	0%	100%						
	GO3	2	2	3	3	2	2	1	2	2	1	1	3	2	1	1	0	0	0	2	0	1	8	7	3	0	20	10%	40%	35%	15%	0%	100%						
	GO4	2	2	3	3	2	2	1	2	2	1	1	3	2	1	1	0	0	0	2	0	1	8	7	3	0	20	10%	40%	35%	15%	0%	100%						
Média numérica do aluno																	0	7	7	3	0	0	0	0	0	0	0	1	8	7	3	0	20	15%	35%	35%	15%	0%	100%
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO																	0	7	7	3	0	0	0	0	0	0	0	1	8	7	3	0	20	15%	35%	35%	15%	0%	100%
8	Realiza o tarefa com facilidade	GO1	1	2	3	3	2	2	1	2	2	1	3	3	2	1	2	0	2	1	2	1	1	5	10	4	0	20	5%	25%	50%	20%	0%	100%					
	GO2	2	2	3	3	2	2	1	2	2	1	3	3	1	2	1	0	0	2	1	2	1	1	6	8	5	0	20	5%	30%	40%	25%	0%	100%					
	GO3	2	2	3	3	2	2	1	2	2	1	3	3	1	2	1	0	0	2	1	2	1	1	6	8	5	0	20	5%	30%	40%	25%	0%	100%					
	GO4	2	2	3	3	2	2	1	2	2	1	3	3	1	2	1	0	0	2	1	2	1	1	6	8	5	0	20	5%	30%	40%	25%	0%	100%					
Média numérica do aluno																	0	7	9	3	0	0	0	0	0	0	0	1	9	9	3	0	20	5%	35%	45%	15%	0%	100%
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO																	0	7	9	3	0	0	0	0	0	0	0	1	9	9	3	0	20	5%	35%	45%	15%	0%	100%
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	GO1	2	3	2	3	3	2	2	1	3	1	1	3	1	2	1	1	0	2	1	2	1	6	7	6	0	20	5%	30%	35%	30%	0%	100%					
	GO2	2	3	3	3	2	2	1	3	2	1	2	2	1	2	1	0	0	2	1	2	1	1	6	7	6	0	20	5%	30%	35%	30%	0%	100%					
	GO3	2	3	3	3	2	2	1	3	2	1	2	2	1	2	1	0	0	2	1	2	1	1	6	7	6	0	20	5%	30%	35%	30%	0%	100%					
	GO4	2	3	3	3	2	2	1	3	2	1	2	2	1	2																								

Análise das Grelhas de observação (GO) 1, 2 e 3						Frequência absoluta						Frequência Relativa								
3º ano						0	1	2	3	4	TOTAL	0	1	2	3	4	TOTAL			
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	AN	BE	IS	JO	LE	9	6	5	0	0	20	45%	30%	25%	0%	0%	100%		
		GO 1	1	2	0	0	0	6	3	11	0	0	20	30%	15%	55%	0%	0%	100%	
		GO 2	2	2	0	0	0													
		GO 3	2	2	0	0	0													
		GO 4	1	2	0	0	0	8	3	9	0	0	20	40%	15%	45%	0%	0%	100%	
Média numérica do aluno						2	2	0	0	0	7	35%	20%	45%	0%	0%	100%			
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Ativo	Ativo	Inativo	Inativo	Inativo										
2	Participa/realiza a dinâmica.	AN	BE	IS	JO	LE	0	2	15	3	0	20	0%	10%	75%	15%	0%	100%		
		GO 1	2	3	2	1	1	0	2	6	12	0	20	0%	10%	30%	60%	0%	100%	
		GO 2	3	3	0	1	1													
		GO 3	2	3	2	1	1													
		GO 4	2	3	2	1	1	0	3	7	10	0	20	0%	15%	35%	50%	0%	100%	
Média numérica do aluno						2	3	2	1	1	0	3	0%	15%	35%	50%	0%	100%		
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Ativo	Proativo	Ativo	Passivo	Passivo										
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	AN	BE	IS	JO	LE	5	4	7	4	0	20	25%	20%	35%	20%	0%	100%		
		GO 1	2	3	0	1	1	3	4	5	8	0	20	15%	20%	25%	40%	0%	100%	
		GO 2	3	3	0	1	1													
		GO 3	3	3	0	1	1													
		GO 4	3	3	0	1	1	3	4	6	7	0	20	15%	20%	30%	35%	0%	100%	
Média numérica do aluno						3	3	0	1	1	3	15%	20%	25%	40%	0%	100%			
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Passivo	Proativo	Inativo	Passivo	Passivo										
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	AN	BE	IS	JO	LE	4	6	7	3	0	20	20%	30%	35%	15%	0%	100%		
		GO 1	1	3	0	0	0	6	4	8	2	0	20	30%	20%	40%	10%	0%	100%	
		GO 2	1	3	0	0	0													
		GO 3	2	3	1	0	0													
		GO 4	1	3	0	0	0	2	5	11	2	0	20	10%	25%	55%	10%	0%	100%	
Média numérica do aluno						1	3	0	0	0	4	20%	30%	40%	10%	0%	100%			
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Passivo	Proativo	Inativo	Inativo	Inativo										
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	AN	BE	IS	JO	LE	20	0	0	0	0	20	100%	0%	0%	0%	0%	100%		
		GO 1	0	0	0	0	0	3	7	8	2	0	20	15%	35%	40%	10%	0%	100%	
		GO 2	2	2	0	0	1													
		GO 3	0	0	0	0	0													
		GO 4	0	0	0	0	0	20	0	0	0	0	20	100%	0%	0%	0%	0%	100%	
Média numérica do aluno						1	1	0	0	0	10	50%	50%	0%	0%	0%	100%			
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Passivo	Passivo	Inativo	Inativo	Inativo										
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	AN	BE	IS	JO	LE	2	9	6	3	0	20	10%	45%	30%	15%	0%	100%		
		GO 1	1	3	1	1	0	2	6	9	3	0	20	10%	30%	45%	15%	0%	100%	
		GO 2	2	3	2	1	0													
		GO 3	2	3	1	1	0													
		GO 4	2	3	1	1	0	1	4	12	3	0	20	5%	20%	60%	15%	0%	100%	
Média numérica do aluno						2	3	2	1	0	2	10%	30%	45%	15%	0%	100%			
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Ativo	Proativo	Ativo	Passivo	Inativo										
7	Está atento à explicação da tarefa	AN	BE	IS	JO	LE	2	8	7	3	0	20	10%	40%	35%	15%	0%	100%		
		GO 1	1	3	0	0	1	3	7	7	3	0	20	15%	35%	35%	15%	0%	100%	
		GO 2	1	3	0	0	0													
		GO 3	1	3	0	0	0													
		GO 4	1	3	0	0	0	3	7	7	3	0	20	15%	35%	35%	15%	0%	100%	
Média numérica do aluno						1	3	0	0	0	3	15%	35%	35%	15%	0%	100%			
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Passivo	Proativo	Inativo	Inativo	Inativo										
8	Realiza a tarefa com facilidade	AN	BE	IS	JO	LE	1	5	10	4	0	20	5%	25%	50%	20%	0%	100%		
		GO 1	3	3	2	0	1	1	6	8	5	0	20	5%	30%	40%	25%	0%	100%	
		GO 2	3	3	2	0	1													
		GO 3	1	3	1	0	1													
		GO 4	1	3	1	0	1	1	7	9	3	0	20	5%	35%	45%	15%	0%	100%	
Média numérica do aluno						2	3	2	0	1	1	5%	30%	50%	15%	0%	100%			
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Ativo	Proativo	Ativo	Inativo	Passivo										
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	AN	BE	IS	JO	LE	1	6	7	6	0	20	5%	30%	35%	30%	0%	100%		
		GO 1	2	3	1	0	1	1	5	7	7	0	20	5%	25%	35%	35%	0%	100%	
		GO 2	3	3	1	1	1													
		GO 3	2	3	1	1	1													
		GO 4	2	3	1	0	1	0	6	8	6	0	20	0%	30%	40%	30%	0%	100%	
Média numérica do aluno						2	3	1	0	1	1	5%	25%	40%	30%	0%	100%			
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Ativo	Proativo	Passivo	Inativo	Passivo										
10	Verifica o trabalho que realiza.	AN	BE	IS	JO	LE	4	3	7	6	0	20	20%	15%	35%	30%	0%	100%		
		GO 1	2	3	0	0	0	5	2	6	7	0	20	25%	10%	30%	35%	0%	100%	
		GO 2	3	3	0	0	0													
		GO 3	3	3	1	0	0													
		GO 4	3	3	0	0	0	2	5	6	7	0	20	10%	25%	30%	35%	0%	100%	
Média numérica do aluno						3	3	0	0	0	4	20%	15%	30%	35%	0%	100%			
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Proativo	Proativo	Inativo	Inativo	Inativo										
Média numérica geral						2	3	1	0	0	2	10%	30%	45%	15%	0%	100%			
ENVOLVIMENTO MÉDIO GERAL						Ativo	Proativo	Passivo	Inativo	Inativo										
ENVOLVIMENTO MÉDIO DA TURMA						1					Passivo									

Tipo de envolvimento nas dinâmicas das aulas dos alunos em estudo		Média
Inativo	2	40%
Passivo	1	20%
Ativo	1	20%
Proativo	1	20%
Total	5	100%



Anexo H – Livro de Ouro do 1.º CEB

LIVRO DE OURO

Fez-me sentido, para os efeitos deste trabalho, registar os vários acontecimentos que vão sendo realizados em prol deste estudo sobre a influência do Imaginário na prática pedagógica. Para tal, o Livro de Ouro parece-me ser a melhor opção para realizar estes registos. Não só porque é um local no qual se “registam os momentos mais marcantes” (Lontro & Monteiro, 2017, p. 43) das atividades em questão, mas também é uma escrita mais informal, reflexiva, e sugestiva para quem o escreve.

Para efeitos da prática escutista, o Livro de Ouro é o retrato da patrulha que o escreve. Por isso utilizarei este instrumento para realizar registos com opiniões dos vários momentos em que o Imaginário é utilizado na prática pedagógica do estágio que decorreu entre Abril e Maio de 2024, pela Escola Superior de Educação de Lisboa.

O Livro de Ouro é também um local no qual se anotam as intenções e ambições de quem o escreve (Lontro & Monteiro, 2017) e por isso, neste documento, irei retratar as minhas intenções, pensamentos, ambições, reflexões e muito mais para cada um dos momentos.

Queria deixar mais uma nota.

O Imaginário é um veículo que permite imergir, interagir e integrar. É uma estratégia que dá vida à aprendizagem. É o espírito e a alma.

Estagiário David Santiago

ÍNDICE

ANÁLISE	I
NÍVEIS DE TRABALHO DO IMAGINÁRIO	II
1. A CASA ASSOMBRADA	1
1.1. INTENÇÃO E PRÉ-CONSTRUÇÃO	1
1.2. MANIPULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO EM TEA	2
1.3. RECURSO MATERIAL	4
1.4. OUTROS MOMENTOS	5
2. O HOSPITAL DAS PALAVRAS	6
2.1. INTENÇÃO E PRÉ-CONSTRUÇÃO	6
3. CONCURSO DA SABEDORIA	7
3.1. INTENÇÃO E PRÉ-CONSTRUÇÃO	7
3.2. MANIPULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO EM TEA	8
3.3. RECURSO MATERIAL	9
4. O DIA EM QUE O SOL DESAPARECEU	11
4.1. INTENÇÃO E PRÉ-CONSTRUÇÃO	11
4.2. MANIPULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO EM TEA	11
4.3. RECURSO MATERIAL	13
5. VAMOS VIAJAR PELA EUROPA	14
5.1. INTENÇÃO E PRÉ-CONSTRUÇÃO	14
5.2. MANIPULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO	15
5.3. RECURSO MATERIAL	18
6. MISSÃO PORTUGAL – CÓDIGO 00P	21
6.1. INTENÇÃO E PRÉ-CONSTRUÇÃO	21
6.2. MANIPULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO	23
Aula 1 - 27/05/2024	23
Aula 2 e 3 – Apresentações – 29 e 31/05/2024	29
6.3. RECURSO MATERIAL	31
6.4. EXTRAS E IMPLEMENTAÇÃO	41

ANÁLISE

Analisar o comportamento de inúmeros alunos ao longo das dinâmicas que se proporcionaram com o trabalho do Imaginário ao longo das várias semanas de intervenção, pode demonstrar-se como algo complicado. Dessa forma, o presente Livro de Ouro irá conter as descrições observadas dos vários momentos que surgirem, no entanto, ir-se-á tentar focar a observação em apenas cinco dos vinte e um alunos da turma. Estes são a AN, IS, JO, LE e BE.

Os primeiros três foram selecionados devido aos seus elevados níveis de distração. AN é um aluno com boas notas e com uma boa capacidade de aquisição de conteúdos, no entanto, tem de ser chamado à atenção com frequência nas aulas pois não só perturba a sua concentração, como a dos seus colegas. IS é um aluno com notas médias, no entanto apresenta um grau de distração elevado, sendo que é igualmente chamado à atenção por perturbar a sua concentração e a dos seus colegas. Já JO é um aluno com algumas dificuldades na aquisição dos conteúdos, normalmente tentando esquivar-se da realização das tarefas, principalmente nos momentos de Tempo de estudo Autónomo. LE foi selecionada devido à sua personalidade e resposta geral ao que a rodeia. Esta executa as tarefas com alguma dificuldade, devido também à sua dislexia, contudo são poucas as vezes que demonstra reação para com as dinâmicas implementadas. É muito comum esta aluna encolher os ombros como sinal de indiferença ou desconhecimento quando lhe perguntam se está a gostar ou não da tarefa ou se a está a compreender. É também comum excluir-se de algumas dinâmicas, como a Dança. Por fim, BE foi escolhido como bitola de análise. Isto porque este aluno envolve-se nas tarefas, participa nas dinâmicas, faz questões, tira dúvidas, demonstra interesse e possui uma forte capacidade de argumentação. Este aluno é a métrica para compreender o efeito do Imaginário nos restantes alunos.

I

NÍVEIS DE TRABALHO DO IMAGINÁRIO

A tabela abaixo demonstra os vários níveis nos quais se pode trabalhar o Imaginário e o que se pode realizar em cada um deles.

Níveis do Trabalho do Imaginário		
Nível	Nome	Descrição
Nível 0	Tema	O nível 0 está presente em todos os Imaginários, sendo que corresponde à história ou temática a ser trabalhada que normalmente contem personagens e símbolos e uma moral ligada aos valores sociais atuais.
Nível 1	Recursos	Associado à definição de recursos educativos de Gomes (2007) e pela Direção-Geral da Educação (SD), corresponde à criação de instrumentos e objetos físicos ou digitais, como guiões, painéis, decoração da sala, objetos alusivos à temática, entre outros.
Nível 2	Expressão	Associado à ideologia das disciplinas de educação artística presentes no currículo de Portugal (Música, Dança, Teatro e Artes Visuais), este nível retrata as possíveis formas de exprimir um Imaginário, como vestuário, músicas, danças, pinturas faceais, construção de objetos, maquetes, instrumentos, adereços ou adornos e até a criação de um dialeto específico.
Nível 3	Jogo	Associado às dinâmicas do jogo escutista de Benard (2012), este nível trata de por em prática a concretização do Imaginário por meio de jogos, atividades ou dinâmicas de cooperação e/ou competição. Neste nível não só se trabalha o jogo em si, mas também as suas regras, as suas possíveis alterações e adaptações, ou até mesmo a criação de um jogo na sua íntegra.

II

1. A CASA ASSOMBRADA

1.1. INTENÇÃO E PRÉ-CONSTRUÇÃO

IMAGINÁRIO	1.	A Casa Assombrada.
MOMENTO:	1.1.	Ficha de trabalho de texto – Construção e Conceção.
DIA:	25/04/2024 – Quinta-feira	
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:	Nível 1 - Recursos	

5 Dia 23 de abril foi o dia em que a ideia surgiu. Foi debatido em turma qual o texto que se iria escolher para ser trabalhado e após as votações dos alunos, concluiu-se que iria ser o texto da BE, denominado de "A Casa Assombrada".

Neste texto, um grupo de amigos foi visitar uma casa abandonada que existe na rua onde eles vivem e ao explorarem encontraram peripécias e ouviram histórias que os assustaram e que levaram o leitor a compreender a razão daquela casa ser "A Casa Assombrada".

10 Para trabalhar esta temática, recorri ao segundo nível do imaginário "Recursos" e decidi utilizar a rotina da "Ficha de trabalho de texto" para trabalhar o imaginário "A Casa Assombrada". Para tal, desenhei o esboço de uma casa assombrada e trabalhei este recurso para que os alunos conseguissem "abrir" a casa, ler o texto, "entrar" mais fundo na casa e "andar" pelas suas divisões para realizarem os exercícios sobre o texto. Estes verbos que
15 indicam ações humanas ("abrir", "entrar" e "andar") estão a ser utilizados como indicadores alusivos à manipulação da ficha. O que na realidade acontece é que este recurso é um desdobrável de vários níveis, que os alunos manipulam para visualizar o texto e realizar os exercícios.

1

1.2. MANIPULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO EM TEA

IMAGINÁRIO	1.	A Casa Assombrada.
MOMENTO:	1.2.	Ficha de trabalho de texto – Tempo de Estudo Autónomo (TEA).
DIA:	30/04/2024 – Terça-feira e 02/05/2024 – Quinta-feira	
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:	Nível 1 - Recursos	

20 Dia 30 de abril, a terça-feira seguinte à escolha do texto, foi o dia em que os alunos interagiram pela primeira vez com o recurso. Este foi colocado como trabalho obrigatório do Tempo de Estudo Autónomo (TEA).

25 Para que a entrega do recurso não aparecesse como algo sem contexto, foi introduzido aos alunos, no início da aula, que o recurso iria estar no TEA e também se explicou como se o manipulava. Desta forma, tentei prevenir o choque ao encontrar esta nova tarefa no armário das tarefas obrigatórias.

30 Neste momento, os alunos têm a autonomia para escolher as tarefas que irão realizar em primeiro lugar. Assim sendo, foi possível observar que os alunos LE, EM, CL, BE, AD, CA, JO e ED, foi retirar a ficha de trabalho sobre a casa assombrada, assim que o TEA iniciou. Houve alguns comentários por parte destes alunos como:

LE: "Isto parece um livro não parece?".

CA: "Pois parece, é bué giro".

LE: "É mesmo"

35 A aluna CA esteve, no primeiro contacto com a tarefa de trabalho, a manipular o recurso para ver a casa assombrada em vez de realizar os exercícios. Ao ver isto, a sua colega de parceria, a LE, começou a insistir com ela para ela realizar o recurso porque, passo a transcrever: "Anda lá CA, vamos fazer a casa assombrada toda, depois podes ver o resto". Outros alunos como o JO, AN, IN, IS e EN, também iniciaram esta tarefa neste dia, apesar dos últimos dois não a terem ido buscar em primeiro lugar. Porém, o IS e o EN estavam muito mais
40 focados em pintar a casa, do que a realizar os exercícios. O JO esteve distraído durante a resolução, tendo de ser chamado à atenção para realizar os exercícios e o AN afirmou para o seu colega: "Uau, dá para entrar na casa" quando manuseou o recurso.

45 Isto demonstra que uma apreciação inicial da interação com este recurso, vários foram os alunos que o acharam interessante, indo-o logo buscar para o realizarem, mas alguns dos alunos que realizaram a tarefa estiveram mais focados em explorar e/ou pintar o recurso, do que propriamente a realizar os exercícios.

2

No dia 2 de maio houve mais um momento de contacto e realização com a ficha de trabalho de texto sobre a Casa Assombrada. Neste dia, o elemento "novidade" já não foi tão evidente, sendo que existiram alguns casos de auto impedimento da realização da ficha. O VI disse que não queria fazer a ficha pois achava que era muito difícil e também disse que não sabia se conseguia ver o texto, visto que este estava dividido ao meio para se poder "entrar" na casa.

Os alunos que terminaram a ficha, como a BE, a EM, a LA, a LE e a CA, perguntaram se podiam colar este recurso no caderno, pois, segundo a LE: "É para ficar com o resto e assim posso voltar para ver". A CO iniciou a realização da ficha neste dia e esteve a mexer nas abas, manipulando-o durante algum tempo. Quando questionada do que estava a fazer, ela disse: "Estou a ver onde vamos na casa. Aqui vamos ao mapa e aqui a perguntas".

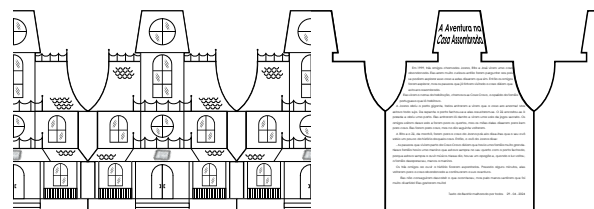
O IS, continuou a querer pintar o recurso ao invés de realizar os exercícios.

A título da realização dos exercícios, notou-se que alguns dos alunos tiveram alguma dificuldade no exercício do cálculo da distância entre o arquipélago dos Açores e os Estados Unidos da América. Isto deve-se, segundo a EM e a LA, ao facto de o mapa ser muito pequeno e de não se conseguir ver bem.

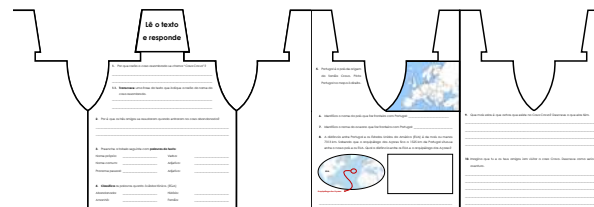
1.3. RECURSO MATERIAL

IMAGINÁRIO	1.	A Casa Assombrada.
MOMENTO:	1.3.	Ficha de trabalho de texto – Recurso Material.
DIA:	
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:	Nível 1 - Recursos	

O instrumento utilizado para trabalhar o Imaginário da Casa Assombrada, foi uma ficha de trabalho desdobrável composto por três folhas A3. Este instrumento de trabalho inicia a sua exploração/realização com a "casa" fechada. Esta depois é aberta e é possível observar-se o texto que é mais uma vez aberto e se observam exercícios. Depois é possível abrir-se a parte esquerda e direita da casa para se realizar novos exercícios.



70



1.4. OUTROS MOMENTOS

IMAGINÁRIO	1.	A Casa Assombrada.
MOMENTO:	1.4.	Ficha de trabalho de texto – Outros Momentos.
DIA:	-----	
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:	Nível 1 - Recursos	

75 No decorrer da semana na qual foi implementado este recurso, também foi realizado um ficheiro no TEA no qual os alunos tinham de utilizar papel vegetal para passar a silhueta de Portugal Continental com a divisão por distritos. Com um papel vegetal a mais o ED. Realizou uma cópia de uma das partes da casa assombrada e entregou-a a mim. No momento de entrega, o JO estava presente e disse: "Eu também fiz um, mas não sei onde o pus". A isto o estagiário disse: "Não faz mal JO".

80

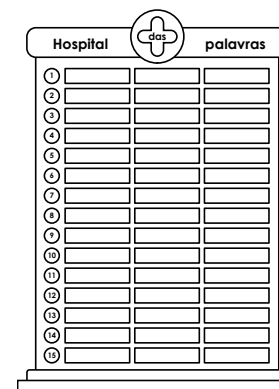
2. O HOSPITAL DAS PALAVRAS

2.1. INTENÇÃO E PRÉ-CONSTRUÇÃO

IMAGINÁRIO	2.	O Hospital das Palavras.
MOMENTO:	2.1.	Trabalho de texto – Intenção e pré-construção.
DIA:	06/05/2024 – Segunda-feira	
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:	Nível 1 - Recursos	

5 Dia 6 de maio foi realizado o momento de rotina do trabalho de texto dos alunos, mais uma vez com o intuito de criar um texto para ser trabalhado em grande grupo. Desta dinâmica surgiu o texto que se iria trabalhar no dia seguinte, denominado de "O dia em que o Sol desapareceu". Este, que também foi palco do trabalho do imaginário, no nível 2 (Recursos) foi, antes disso, sujeito a um trabalho de correção dos erros ortográficos por parte da turma. Com este objetivo em mente, foi criado o recurso "O hospital das palavras" para trabalhar os erros ortográficos do texto em questão. Contudo, não foi possível aplicar este

10 recurso por falta de tempo, mas ele foi criado para uma possível utilização futura.



3. CONCURSO DA SABEDORIA

3.1. INTENÇÃO E PRÉ-CONSTRUÇÃO

IMAGINÁRIO	3.	Concurso da Sabedoria.
MOMENTO:	3.1.	Verificação Semanal – Construção e Conceção.
DIA:		07/05/2024 – Terça-feira
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:		Nível 1 – Recursos Nível 2 – Expressão Nível 3 – Jogo

- Por forma a realizar o trabalho do Imaginário num dos momentos rotineiros a que a turma já estava habituada, criou-se a dinâmica "Concurso da sabedoria", na qual os alunos iriam individualmente responder a oito questões sobre os conteúdos abordados ao longo das semanas de intervenção. A ideia foi utilizar o momento de "Verificação Semanal" que é um momento rotineiro de consolidação e testagem de conteúdos, para proporcionar uma experiência mais imergente.
- Desta forma, o "Concurso da sabedoria" foi criado para ser um género de programa de televisão, no qual o estagiário orientador fazia de locutor e os alunos de participantes. Cada aluno tinha um cartão de jogo a que tinham de responder individualmente e a dinâmica seguia as questões colocadas no powerpoint.
- O retrato do nível 1 do trabalho do Imaginário corresponde ao powerpoint e cartão de jogo criados. O Nível 2 foi abordado na representação do estagiário que guiou a dinâmica. E o nível 3 corresponde ao jogo de perguntas e respostas que foi criado para a dinâmica.

7

3.2. MANIPULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO EM TEA

IMAGINÁRIO	3.	Concurso da Sabedoria.
MOMENTO:	3.2.	Verificação Semanal – Manipulação e Implementação.
DIA:		10/05/2024 – Sexta-feira
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:		Nível 1 – Recursos Nível 2 – Expressão Nível 3 – Jogo

- No dia 10 de maio foi realizado o "Concurso da Sabedoria", um questionário de oito perguntas que seguia esta temática em prol de um concurso com alusão aos concursos televisivos, como o Quem quer ser milionário®. Todos os alunos receberam o seu cartão de jogo e foram instruídos a rodear as respostas corretas quando assim as soubessem.
- Alguns alunos, como o ED, a CA e o AN demonstraram entusiasmo inicial dizendo coisas como "É um concurso, então eu vou ganhar" (ED), ou "Este é diferente do kahoot. Eu gosto" (CA), ou então "UAU, isso está muito giro" (AN).
- Ao longo do jogo, o ED esteve sempre a dizer que sabia as tudo e que "isto é muito fácil", o que se comprovou, visto ter acertado as oito questões. O GA, apesar de ter acertado seis, afirmou que estava a gostar de acertar nas questões. O IS passou alguma parte do jogo a esconder o seu cartão de jogo da IN, dizendo que ela o estava a copiar e que isso era errado. Este aluno também disse: "Gosto de jogar estes jogos".
- No início do jogo o JO esteve distraído, a olhar para os colegas ou para outro lado que não o quadro, sendo que teve de ser chamado à atenção, mas a partir da 3.ª questão, o aluno esteve a olhar para o quadro e para o seu cartão de jogo, sendo que chegou a pedir para não revelar a resposta pois ainda estava a pensar.
- A LE estava atenta ao jogo e a tentar responder às questões como os seus colegas, no entanto, antes das duas últimas questões, foi chamada para ir para o apoio escolar, sendo que saiu da sala com um ar triste, o que pode indicar que queria ter terminado a dinâmica.

8

3.3. RECURSO MATERIAL

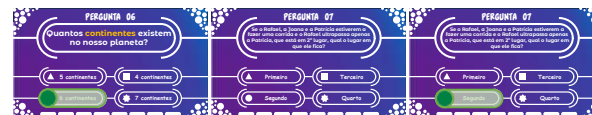
IMAGINÁRIO	3.	Concurso da Sabedoria.
MOMENTO:	3.3.	Verificação Semanal – Recurso Material.
DIA:		
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:	Nível 1 – Recursos Nível 2 – Expressão Nível 3 – Jogo	

Os recursos utilizados para implementar a dinâmica foram:
- Powerpoint do concurso.

40

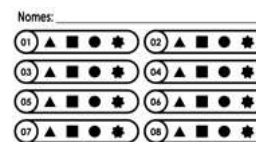


9



45

- Cartão de jogo.



10

4. O DIA EM QUE O SOL DESAPARECEU

4.1. INTENÇÃO E PRÉ-CONSTRUÇÃO

IMAGINÁRIO	4.	O dia em que o Sol desapareceu.
MOMENTO:	4.1.	Ficha de trabalho de texto – Construção e Conceção.
DIA:	07/05/2024 – Terça-feira	
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:	Nível 1 – Recursos	

No tópico anterior descreveu-se a escolha do texto da semana e que este se chama "O dia em que o Sol desapareceu". Este título foi o palco para o terceiro Imaginário trabalhado com esta turma que deu asas à criação de uma nova ficha de trabalho de texto, com alusão à sua temática, neste caso o Sol.

5 Desta forma, após o trabalho final de melhoria do texto realizado no dia 7 de maio, os dias seguintes foram dedicados à construção e compilação desta ficha, em prol da sua resolução no período do TEA da semana seguinte. A ideia deste recurso foi a construção de um Sol como base da própria ficha de trabalho. Desta forma, os alunos conseguiriam manipular o próprio sol e realizar exercícios ao meso tempo.

4.2. MANIPULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO EM TEA

IMAGINÁRIO	4.	O dia em que o Sol desapareceu.
MOMENTO:	4.2.	Ficha de trabalho de texto – Tempo de Estudo Autónomo (TEA)
DIA:	13/05/2024 – Segunda-feira	
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:	Nível 1 – Recursos	

15 No dia 13 de maio foi implementado em TEA a ficha do trabalho de texto com a temática "O dia em que o Sol desapareceu". Vou-me referir a esta como apenas "O Sol Desaparecido". Esta ficha, foi retirada por alguns alunos como primeira execução no TEA, sendo que de entre estes podem-se encontrar: JO, BE, CA, LA, LE, ED, AN, EM, DE, CL e DZ. Após retirarem este recurso, AN disse ao seu par de trabalho, com um ar entusiasmado e de contemplação, o seguinte: "Uau, isto está bué fixe!". Procedeu a desenvolver a ficha com EM, sendo que estes a acabaram neste TEA, com espaço ainda para fazerem outras tarefas. 20 Ao longo do trabalho AN, continuou a verbalizar o seu agrado para com o recurso, dizendo coisas como "Parece um livro" ou "O Sol está mesmo giro" ou então "Olha a Terra dentro do

Sol", fazendo referência a um exercício sobre translação do planeta com a imagem do mesmo dentro de uma das páginas da ficha.

25 ED e LE, estavam a trabalhar juntos sob a tutela da professora estagiária. Ambos foram buscar a ficha de trabalho de texto para ser realizada como primeira tarefa, sendo que a LE disse que queria fazer a ficha porque gostou da que foi realizada na semana passada. ED concordou dizendo "este Sol está muito bonito". Ao longo do TEA semanal estes dois alunos foram realizando a ficha, sendo que ambos tiveram alguma dificuldade em alguns exercícios. 30 LE chegou a dizer ao seu colega "Anda lá, que eu quero acabar a ficha", demonstrando a sua vontade de querer realizar a tarefa.

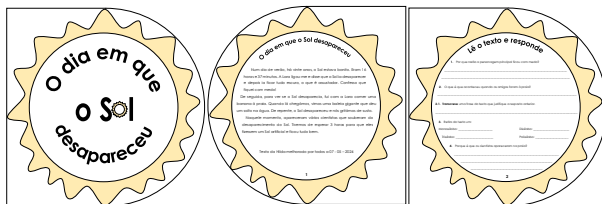
IS teve o apoio com a professora titular da turma e não foi buscar este recurso em primeiro lugar. Este não começou pela fixa, pois foi assim instruído pela professora titular, uma vez que ela queria que o IS começasse a trabalhar por um outro conteúdo. Isto foi possível ser observado, quando, no início do TEA, IS foi logo retirar a "ficha do Sol", como ele se referiu a ela, para a realizar, mas a docente disse-lhe para trocar para a tarefa dos Algoritmos. IS, ao ouvir esta instrução, baixou os ombros e os braços e lançou a cabeça para trás, sendo estas os movimentos normais de quem ficou "desapontado" e começou a andar mais devagar para a estante dos recursos do TEA para trocar de tarefa. Eventualmente ele iniciou o trabalho da ficha. Ao contrário da semana anterior, ele esteve a realizar os exercícios com mais dedicação, não estando tanto focado na estética do recurso, contudo, este fator deve-se à a insistência da professora cooperante que o acompanhou. Numa ocasião em que a professora se ausentou da sala, pude acompanhar o trabalho dele e dos outros alunos que estavam com a professora e foi possível ver que VI, IS e CO demonstraram o seu agrado para com a ficha de trabalho de texto, tendo tido uma conversa sobre a mesma, na qual evidenciavam o facto do Sol ser muito grande e de o recurso parecer um livro onde se vê o interior do astro. 45

A BE e o JO fizeram parceria nesta semana e foram ambos buscar este recurso como primeira tarefa do PIT. A BE conseguiu concluir a fixa na própria aula em que a iniciou, já o JO não tanto. Apesar de demonstrar o seu agrado para com a estética do recurso, dando carícias ao "Sol" com a mão e a bochecha e folheando o recurso, continuou distraído e a realizar a ficha apenas com o apoio da sua colega que, se não estivesse em cima dele, ele não tinha realizado a quantidade que realizou, sendo que não a chegou a terminar. A certa altura, o JO trocou de tarefas do PIT pois afirmou "Esta ficha é muito difícil". 50

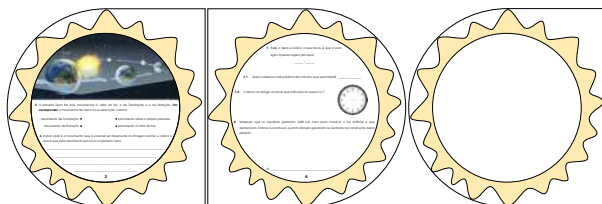
55 4.3. RECURSO MATERIAL

IMAGINÁRIO	4.	O dia em que o Sol desapareceu.
MOMENTO:	4.3.	Ficha de trabalho de texto – Recurso Material
DIA:		
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:	Nível 1 – Recursos	

O instrumento utilizado para trabalhar o Imaginário “O dia em que o Sol desapareceu” foi um género de livro A3 em que todas as páginas eram finhas um Sol e em cada Sol estavam os exercícios que se criaram para analisar o texto ou prolongar conteúdos através do mesmo.



60



5. VAMOS VIAJAR PELA EUROPA

5.1. INTENÇÃO E PRÉ-CONSTRUÇÃO

IMAGINÁRIO	5.	Vamos viajar pela Europa
MOMENTO:	5.1.	Estudo do Meio – Construção e Conceção.
DIA:	10/05/2024 – Sexta-feira	
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:	Nível 0 – Temática Nível 1 – Recursos Nível 2 – Expressões	

Ao longo da terceira semana de estágio, a quarta semana foi sendo planeada e neste planeamento surgiu a exploração dos países da Europa. Para realizar esta atividade, idealizou-se uma dinâmica que levava os alunos a consultarem informações específicas sobre alguns países deste continente e depois apresentar essa informação à turma.

Por forma a realizar uma dinâmica mais interativa e promotora do trabalho do Imaginário, desenvolveu-se a temática do Imaginário “Vamos Viajar pela Europa”. Com este tema, desenvolveram-se os recursos que iriam iniciar e promover a exploração que queriam “levar” os trios de alunos a fazer uma “viagem” a dois países do continente europeu. Assim sendo, foi planeado entregar-lhes um **bilhete de avião** para indicar com quem iriam trabalhar, onde iriam viajar e durante quanto tempo o iriam fazer, uma **maia de viagem** por país, no qual os alunos tinham de escrever a informação sobre os países, e um **panfleto por país** com as informações sobre os países a que os alunos “iriam viajar”

Diferenciando-se dos Imaginários 1 e 4, que foram escolhidos e idealizados pelos alunos nas dinâmicas de trabalho de texto, este Imaginário requereu uma introdução prévia e uma conversa indutora que levasse os alunos a imergirem na dinâmica. Por isso também foi realizado um **powerpoint** que iria acompanhar a explicação inicial com animações e apelos visuais à temática. Este engloba parte do trabalho do nível 2 do Imaginário, uma vez que também requereu uma encenação prévia do que o estagiário tinha de dizer e como o deveria dizer. Assim sendo, o discurso também foi adequado para mais uma vez imergir os alunos na dinâmica. Foram ditas coisas como: “Vamos levar-vos por uma viagem pela Europa” em vez de, “Vamos pesquisar sobre países na Europa”, ou “Vocês vão viajar com os vossos colegas a 2 países e têm de os escrever no vosso bilhete de avião” em vez de “Em grupos têm de pesquisar sobre o país A e B e apresentar a informação à turma”.

O objetivo deste discurso adaptado é levar os alunos a sentirem que a dinâmica é "real" e que eles estão "mesmo" a viajar pela Europa, entrando em concordância do nível 1 do trabalho do Imaginário – Tema.

30 **5.2. MANIPULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO**

IMAGINÁRIO	5.	Vamos viajar pela Europa
MOMENTO:	5.2.	Estudo do Meio – Dinâmica de Exploração.
DIA:		14/05/2024 – Terça-feira, 15/05/2024 – Quarta-feira e 16/05/2024 – Quinta-feira
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:		Nível 0 – Temática Nível 1 – Recursos Nível 2 – Expressões

A introdução da atividade foi realizada com recurso a um powerpoint com animações que levou alguns alunos a fazerem suspiros de surpresa dizendo coisas como "Uau!" (ED, BE, GU e HI) ou "O avião mexe memo" (ED e JO). A expressão na cara de outros alunos, como LE, AF, LA, EM, IS e IN foi notoriamente de interesse, abrindo a boca, levantando as sobrancelhas e sussurrando para os colegas do lado. Quando dito o tema "Vamos viajar pela Europa" o AN disse "vamos mesmo de avião? Vêm eu sabia". Este comentário proveio do contacto prévio que este aluno teve com os conteúdos, pois viu, na hora de almoço, este powerpoint quando foi ter com os professores à sala dos professores.

40 Após o espanto geral com o avião a mexer-se, em gif, no quadro, foi entregue aos alunos um bilhete de avião que estes tinham de colar no caderno e escrever o nome dos alunos com quem iam "viajar", assim como os destinos em si. Mais uma vez, foi audível a expressão de alegria dos alunos, sendo que se pode ouvir alguns a dizer:

- "Mas vamos mesmo viajar pela Europa toda?" (BE).
- "Eu quero ir a Espanha" (LE e AN).
- 45 – "Eu quero ir a França" (EN e IS).
- "Eu já fui a Espanha. Professor posso ir a Espanha por favor?" (LE).

Entre outros.

50 Após as colagens dos bilhetes de viagem, os alunos foram informados dos seus trios de trabalho e juntaram-se de acordo. No processo de formação dos trios houve um aluno que ficou descontente com quem ficou, AN. Ele queria ter ficado com outros colegas para trabalhar, mas acabou por aceitar o grupo que lhe calhou e depois foi realizar o trabalho. Após a formação dos grupos foi-lhes informado, quais os países para onde iriam "viajar". Foi-

lhes entregue os panfletos desses países, assim como as malas de viagem que servem como cartões de registo das informações dos países.

- 55 Ao receberem as mochilas alguns alunos disseram:
- "Uau isto está mesmo giro" (AN).
 - "Vamos viajar com esta mala? Isto é mesmo giro" (CO).
 - "Boa, assim consigo escrever as coisas de Espanha" (LE).

Quando receberam os panfletos houve uma aluna que disse: "Ah! então é por aqui que vamos viajar" (CO). O seu colega VI respondeu: "Claro, e escrevemos tudo aqui na mala".

No decorrer da exploração foi possível averiguar que os alunos estavam entusiasmados a procurar a informação e a escrevê-la nas mochilas. LE esteve constantemente a perguntar se podia dizer que a casa do seu tio era um monumento, e IS interessou-se de imediato pelo facto de uma das pessoas do país que lhe calhou ser um tenista, uma vez que ele pratica ténis. EN e GA ao início da exploração queriam trocar um dos seus países por França, pois, segundo as palavras deles "nós queremos muito ir visitar a França". Contudo acabaram por ficar com a Grécia e a Itália, os seus países originais, uma vez que ninguém trocou com eles.

70 França e Espanha foram os países que os alunos mais pediram para ir "viajar", possivelmente pela sua proximidade com Portugal e pelo facto de alguns dos alunos afirmarem ter famílias nestes países, como a LE, o IS e o EN.

75 Ao longo da atividade, todos os alunos estavam a realizar o preenchimento das malas, optando por estratégias diferentes de trabalho. Alguns dividiram o trabalho e um deles foi procurar informação sobre um país e os outros procuraram sobre o outro. Outros alunos fizeram tudo juntos, lendo à vez o panfleto. Outros faziam as malas individualmente e depois o colega verificava a informação. Vários foram os momentos em que os alunos chamaram um docente, mas não era para tirar dúvidas, era para dizerem factos ou informações sobre o país que estavam a explorar. Houve, no entanto, dúvidas por parte de alguns alunos, mas foram poucas.

80 No dia seguinte da exploração, a aluna CA, que não esteve no primeiro dia, veio à aula e no início da realização do seu trabalho foi introduzida ao Imaginário e à tarefa subjacente pelo docente e pelo seu grupo. Sendo que a aluna disse: "Mas isto é um bilhete a sério? Quer dizer que vamos mesmo viajar?" (CA). Após compreender a dinâmica a aluna disse "Isto vai ser divertido", ao que a sua colega CO respondeu "Vai sim, estamos a viajar por muitos sítios".

Neste segundo dia, as pesquisas dos alunos continuaram de maneira orgânica. A adição à pesquisa dos panfletos, neste dia foi introduzido o mapa mundo. Este estava exposto no quadro e os alunos puderam ir procurar o local do seu país no mapa da Europa, para o poderem evidenciar no mapa que tinham na mala. Todos os alunos foram ao quadro ver e explorar o mapa. Devido à vontade de todos os alunos de irem ver o mapa a certo ponto, tiveram de ser chamados à atenção devido ao barulho que estavam a causar e teve de lhes ser indicado um número limite de pessoas no quadro de cada vez.

A última sessão desta exploração com recurso ao Imaginário foi promovida para que os alunos pudessem preparar apresentações sobre os países para onde "viajaram" e o que lá descobriram. Desta forma os alunos tinham de começar as suas apresentações com "Nós viajamos para..." continuado com "e descobrimos lá...".

A preparação das apresentações foi realizada de uma maneira mais atribulada, sendo que foi sentida a necessidade de entregar aos alunos folhas de papel branco para que estes pudessem estruturar as suas apresentações.

No entanto, os alunos fizeram apresentações muito recheadas e com informação relevante e coerente. O foco de atenção da turma dispersou um pouco durante as apresentações. Poderia e deveria ter pedido aos grupos para realizarem perguntas aos seus colegas para manter o grupo focado, assim como devia ter passado imagens dos locais e pessoas que os discentes estavam a descrever, uma vez que não houve suporte visual às apresentações e falar de locais que os alunos não conhecem sem que eles os vejam, levou a alguns discentes a distraírem-se das apresentações e a perderem o foco da atividade.

Foi também criado um recurso, com uma tabela e um mapa, para os alunos preencherem à medida que as apresentações realizadas, para tentar manter o foco, mas a informação não foi preenchida por todos os alunos. Alguns, como LE, AF, CA, GA e BE, tentaram preencher a informação na tabela que tinham à sua frente. Outros alunos, como CL, HI, DZ e JO, foram pintando o mapa com as bandeiras dos países à medida que estes iam sendo apresentados.



115

5.3. RECURSO MATERIAL

IMAGINÁRIO	5.	Vamos viajar pela Europa
MOMENTO:	5.3.	Estudo do Meio – Recursos materiais.
DIA:	-----	
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:	Nível 0 – Temática Nível 1 – Recursos Nível 2 – Expressões	

Foram criados os seguintes recursos para esta exploração:

Bilhete de viagem:



120

Mala de viagem:



6. MISSÃO PORTUGAL – Código 00P

6.1. INTENÇÃO E PRÉ-CONSTRUÇÃO

IMAGINÁRIO	6.	Missão Portugal – Código 00P
MOMENTO:	6.1.	Estudo do Meio – Construção e Conceção.
DIA:	17/05/2024 – Sexta-feira	
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:	Nível 0 – Temática Nível 1 – Recursos Nível 2 – Expressões	

- No decorrer da prática pedagógica estava planeado lecionar os distritos de Portugal e as suas duas Regiões Autónomas. Para proporcionar uma dinâmica de exploração com o
- aluno no centro da mesma, criou-se a atividade "Missão Portugal – Código 00P".
- Tal como o Imaginário 4, este não foi escolhido pelos alunos, mas sim proposto pelo estagiário e requereu de uma introdução prévia. Esta introdução foi planeada ser realizada por vários recursos aliados à utilização do nível 2 do trabalho do Imaginário. Ou seja, para introduzir esta atividade foram construídos três recursos físicos, um recurso digital (nível 1 do trabalho do imaginário) e também foi criada uma apresentação representada com personagens e vestuário a condizer, denominado pela pedagogia escultista de "foto imaginário", para imergir ainda mais os alunos na tarefa. Assim sendo, o orientador da tarefa vestiu o seu fato imaginário de "Diretor da Agência de Espiões O.R.C.A." e introduziu a dinâmica com esse vestuário, indo introduzindo os recursos criados.
- Para dinamizar esta atividade de uma forma fluida, também foi criada a história do Imaginário que orientou a conversa do "Diretor da Agência". A história é a seguinte:
- Um grupo malvado anda a roubar a cultura de Portugal e a guardá-la numas chaves secretas e nós fomos chamados para resolver este problema.
- Vocês são todos agentes secretos da Agência de Espiões O.R.C.A.
- A vossa missão é simples: "Reaver a informação que está nas chaves, escrevê-la e apresenta-la para os restantes espiões. Existem 20 chaves e só quando toda a informação for reavida e o mapa de Portugal estiver preenchido é que vamos conseguir salvar o nosso país."
- Contamos contigo para esta perigosa missão meus agentes. Boa sorte!!
- Esta história foi apresentada aos alunos, com o apoio de um recurso digital em powerpoint e cada dupla de alunos recebeu cinco instrumentos: (1) um cartão de espião; (2) uma carta com a missão; (3) uma pasta da missão onde se colaram a carta e os cartões de

- cada agente; (4) um guião de exploração para cada agente onde escrevem e colam a informação "roubada" de Portugal sobre dois dos distritos; (5) As chaves seladas (cartas) com a informação que cada dupla tinha de escrever nos guiões. Após a explicação da atividade e da distribuição dos recursos, os alunos iniciaram a sua exploração e preencheram a informação dos guiões. Contudo, cada uma das chaves, para além da informação escrita sobre cada distrito e do mapa de Portugal com as divisões em distritos e regiões, este instrumento ainda tinha fotografias que os alunos tinham de recortar e colar nos seus guiões. Mas não haviam duas fotografias, uma para cada aluno. Haviam sim três fotografias de cada elemento. Duas para cada um dos alunos colar no seu guião e uma terceira para ser colada no mapa de Portugal.

- A realização desta exploração também contou com a presença de duas missões e não apenas de uma. Isto porque existe um aluno na turma que tem necessidades diferentes dos outros e se ele estiver numa parilha de trabalho a sua aprendizagem e envolvimento na tarefa será mais diminuto que os seus colegas. Assim sendo, foi criada a Missão 00M – Mapa de Portugal, na qual o aluno irá desenhar o mapa do país, com as divisões de distritos, servindo de suporte de apoio às apresentações de todas as parilhas de trabalho.

6.2. MANIPULAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO

IMAGINÁRIO	6.	Missão Portugal – Código 00P
MOMENTO:	6.2.	Estudo do Meio – Dinâmica de Exploração.
DIA:		27/05/2024 – Segunda-feira, 29/05/2024 – Quarta-feira e 31/05/2024 – Sexta-feira
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:		Nível 0 – Temática Nível 1 – Recursos Nível 2 – Expressões

Esta atividade decorreu ao longo de três sessões, sendo que a primeira corresponde à introdução e exploração e a segunda e terceira corresponderam à apresentação da mesma. A apresentação demorou mais tempo pois a aula planeada para este efeito realizou-se depois de uma visita de estudo, o que levou a, em vez de se ter 1 hora e meia de aula, se teve apenas 40 minutos.

Aula 1 - 27/05/2024

Foi pedido aos alunos para esperarem um pouco enquanto eu, o dinamizador, ia buscar "alguém" para a atividade dizendo: "Portanto, eu só preciso de levar esta mal e este saco, 5 segundos e já regresso". Assim que o estagiário saiu os alunos começaram a contar. Quando chegaram aos 5 segundos ED disse: "essa não valeu" e os alunos começaram a contar de novo. Quando chegaram ao 5, eu abri a porta e disse: "você contam muito rápido, contem até 15". Alguns alunos riram-se (AN, BE, CA, LE e JO) quando me viram e ED disse "eu sabia, eu sabia". Assim que voltei a sair os alunos começaram mais uma vez a contar em uníssono, sendo que o AN levantou-se com aquilo a que se pode descrever como a ansiedade de querer saber o que vai acontecer de seguida.

No final dos 15 segundos entrei na sala e alguns alunos, como JO, BE, ED, CA, AF, HI, DZ e AN fizeram um suspiro audível de surpresa. O AN, ainda em pé, esperneou e IS olhou para a professora com um sorriso na cara. ED acenou-me, como que a sinalizar um "olá". Quando me coloquei, em personagem, em frente à turma, não falei logo. ED, LE, AN, DE e DZ começaram a fazer o som "shiu" pedindo silêncio aos seus colegas. Quando o silêncio se estabeleceu, comecei a falar: "O meu nome é senhor diretor". Ao ouvir isto a turma demonstrou entusiasmo, sendo que LE, BE, DZ e CL deram um pequeno salto no lugar, esboçando um sorriso e olhando para os colegas.

Com este início de atividade, informei qual era a história do Imaginário. Quando disse que era "Eu sou o Diretor da Agência O.R.C.A. Uma agência de espões de elite" ED fez um suspiro alto e LE e LA disseram "Oh uau!". Quando informado que os alunos eram espões

desta agência, IN fez um movimento com a mão direita como que a dizer, "meu deus, que fixe", DZ disse à sua colega HI "Ooooh, que boooom". Ao longo da explicação IS esteve sempre a mexer-se no seu lugar, fazendo poses de espião. CA perguntou se a turma ia sair da sala e quando lhe foi dito que não ela disse: "Aunnn", com um ar triste.

Quando foi dito que iam existir 5 alunos que iam ficar sozinhos, IS levantou os braços e disse "eu". E CA disse: "eu sei, vão sei do grupo maléfico", fazendo alusão à história que lhe tinha sido acabada de contar. Em retrospectiva este comentário de CA poderia ter sido implementado, houvesse mais tempo para o fazer.

Na formação dos pares de trabalho IS levantou-se do seu lugar e fez poses de espões e a pose do spider-man enquanto dava saltos entre poses.

"As missões vou distribuí-las agora" disse eu e ED e a BE disseram "uii".

No momento da distribuição das cartas, o estagiário disse "Vou pedir a um dos agentes que venha aqui buscar a carta e LE, IS, BE, ED e CA levantaram-se do lugar em direção a mim dizendo "eu" com entusiasmo na voz. DE, HI e JO também disseram "eu" e levantaram igualmente o braço, mas ficaram no lugar.

Quando IS foi chamado ele foi até à frente da sala e levou a mão à cabeça, como se estivesse a saudar alguém.

Ao abrirem as cartas IS foi ter com AN para lhe dar o cartão dele, ficando ao lado dele para lerem e preencherem os cartões.

Quando foi dito que se ia começar a missão, IS disse: "Professor IS Pró" apontando para o cartão e indicando que esse era o seu nome de espião. Depois disso começou a mostrar o seu cartão aos colegas que o rodeavam. Neste processo IS virou-se para trás e AN disse: "Anda, anda, vamos ler todos!".

A carta foi lida em grande grupo pelos alunos da turma e, na vez de BE, ela leu com entusiasmo e entoação. No final da leitura da carta, perguntei ao grupo se aceitavam a missão e todos, menos o ED, disseram "Siíiiiiim!", sendo que DZ, CO, VI, CA, JO, HI, DE, IS, LE, AF e BE colocaram o braço no ar a fazer um fixe com a mão, indicando que queriam participar. ED insistiu que não queria fazer, mesmo quando lhe foi dito que iria ficar a fazer cópias. De seguida foi dito à turma que quem respondeu que sim, poderia já colocar essa opção na carta e DE, BE, LA, JO e CA disseram "Eu já pus" e LE levantou-se do seu lugar para colocar uma cruz na opção "Sim" da carta que tinha o ED.

<p>Continuando a apresentação, foi informado aos alunos sobre as pastas e os conteúdos da mesma (dois guiões de exploração e duas chaves dos distritos). Quando afirmado que as chaves dos distritos estavam seladas DZ, BE, LE, JO e CA fizeram um suspiro.</p> <p>Quando o conteúdo dos guiões de exploração e das chaves dos distritos foi apresentado todos os alunos estavam calados e a olhar para o quadro. No final da explicação ED perguntou, "mas porque é que à várias imagens", ao que o estagiário respondeu "para que tu e a tua parceira consigam, os dois, colar as imagens nos vossos guiões". No seguimento desta conversa, CA perguntou "então para que é que há três imagens?", ao que o estagiário respondeu "isso vemos mais à frente". Com esta resposta CA e JO, que eram um par, olharam um para o outro, fizeram uma cara de intriga e disseram "hummm", sendo que levaram os dois a mão ao queixo, acariciando-o e ambos levantar uma das sobrancelhas.</p> <p>No momento de entrega das pastas LE levantou-se do seu lugar e disse: "Mas senhor diretor, eu preciso da pasta para trabalhar, posso sentar-me com ED?". Nesse mesmo momento ED veio ter comigo e disse "Eu estava a brincar eu quero fazer a atividade". Com isto foi dito à LE para se juntar com ED para fazerem a atividade em conjunto. Um outro aluno disse "Santiago, é para começar a fazer" e a CO afirmou "não é Santiago, é senhor Diretor".</p> <p>Outros cinco alunos, LE, CA, JO, AD e BE, chamaram-me por "Senhor Diretor", sempre que necessitavam de tirar alguma dúvida.</p> <p>Quando AN e IS receberam a sua pasta, eles viram o número das chaves que tinham e começaram a perguntar aos seus colegas quais eram os números que eles tinham. Depois desta conversa estes alunos abriram as chaves seladas e chamaram-me para dizer e mostrar que tinham conseguido abri-las, sendo que se levantaram e mostraram as chaves no ar.</p> <p>LE, IS, AN e ED, retiraram o selo das chaves sem o rasgar e colaram-no na lapela das suas t-shirts ou camisolas, chamando a minha atenção para mostrar tal feito.</p> <p>Os alunos iniciaram a exploração deles e eu e a minha colega de estágio estivemos a supervisionar os grupos em caso de dúvidas ou de conflitos. A certo ponto no início da exploração LE, JO e CA ficaram curiosos sobre a Mala que eu tinha (a mala que trazia os documentos da atividade) e começaram a vasculhá-la. Até que o eu a fui arrumar para eles se focarem na tarefa.</p> <p>A certo ponto, IS e AN necessitaram de ajuda a encontrar alguma da informação nas chaves e por isso fui auxiliá-los. Quando lá cheguei AN deu-me um abraço e disse: "Estás muito giro. Gosto do chapéu e do casaco. Posso o chapéu?". Neste momento IS foi mais uma vez</p>	<p>perguntar aos seus colegas qual tinha sido a chave que eles tinham e percebeu que DE e HI tinham a chave a seguir à dele, o que o deixou feliz, uma vez que disse ao AN, o seu parceiro, "Eu sabia vez. As chaves são seguidas". Os pares BE – GU e JO – CA também me chamaram dizendo "Senhor Diretor, anda cá!". A conversa que se sucedeu foi a seguinte:</p> <p>JO: Sabias que CA vai aqui? (apontando para os Açores)</p> <p>Sr. Diretor: Sabia sim.</p> <p>CA: É verdade, vou aqui daqui a dois dias.</p> <p>JO: Eu não sabia que havia tantas ilhas nos Açores.</p> <p>Sr. Diretor: Boa, Estão a gostar de explorar.</p> <p>JO e CA: SIM!</p> <p>JO: E gosto da tua roupa.</p> <p>Sr. Diretor: Obrigado. Continuem. Se precisarem chamem.</p> <p>BE: (com a tesoura na mão) Temos de cortar tudo ou só o que queremos?</p> <p>Sr. Diretor: Cortem aquilo que vão colar, se cortarem a mais, ponham o resto no envelope.</p> <p>BE: Qual envelope?</p> <p>Sr. Diretor: O da carta que colaram na pasta.</p> <p>BE: Ah! Olha aqui a nossa pasta. Está gira não está?</p> <p>Sr. Diretor: Está sim!</p> <p>ED durante muito tempo, e, vez de me chamar "Senhor Diretor" chamava-me de "Mister Bean". O aluno foi avisado para parar de o fazer, mas insistiu em continuar. Até a sua colega LE o chegou a chamar a atenção dizendo "para com isso". Por isso mesmo, deixei de responder às perguntas do aluno. Quando, mais tarde, ele veio ter comigo a dizer que eu não estava a ir ajudá-lo, eu disse-lhe que só ia se ele me chamasse pelo nome correto e que tivesse mais respeito. A partir daí o aluno começou a chamar-me de "Doutor Eggman" o que resultou no mesmo efeito. Para ir assistir este par, apenas ia quando LE me chamava, que o fazia da maneira correta.</p> <p>IS e AN foram ter com VI e DZ para lhes mostrar as coisas que estavam a explorar e após isso, eles ficaram a ver o trabalho dos seus colegas. AN perguntou "mas o que é isto aqui?" apontando para a imagem da Capela dos Ossos em Évora. E VI disse "é uma casa cheia de ossos", ao que o AN e o IS disseram, ao mesmo tempo "Aaaaaaah" num tom de</p>
<p>25</p>	<p>26</p>

compreensão, voltando para o lugar. A caminho do lugar IS continuou a ler a chave 9, de Coimbra, o seu colega disse "isto é divertido" ao que IS respondeu "Hun?". AN disse de volta: "Nada, anda fazer que eu quero acabar".

170 Sempre que o eu passava pela mesa do AN e do IS, AN esticava a mão para tocar no meu casaco. Numa das vezes, parei para ver como estava a correr o trabalho deles e IS perguntou: "Professor. Nós podemos ser dos maus?". "Dos maus?" perguntei eu. "Sim, do grupo que roubou as chaves" (IS). "Vocês são agentes e têm de recuperar a cultura de Portugal. Por isso não são dos maus" respondi eu. Fui apoiar outro par de alunos, mas ainda
175 consegui ouvir AN a dizer "Nós somos dos maus eheheheh" e ele e o seu colega IS começaram-se a rir. HI, estava perto deles e disse "Vocês são dos maus?". "Sim somos" respondeu AN, ao que ela respondeu "Okeeeeeey" olhando de volta para o seu trabalho.

A certo ponto da atividade, EN ainda não tinha chegado à sala, uma vez que estava na sala de apoio, e por isso a missão que foi criada para ele de cariz de diferenciação pedagógica, foi atribuída às filhas da professora cooperante que se encontravam a assistir à aula. Assim, como todos os alunos da turma estavam a explorar as chaves, elas as duas
180 desenharam o mapa de Portugal em papel manteiga, com auxílio do projetor. Durante este processo, AN foi ter com elas e perguntou-lhes o que estavam a fazer e elas disseram-lhe que estavam a fazer o mapa. AN regressou para o seu lugar, mas sem antes dar com a chave que
185 tinha na mão na cabeça do JO.

Neste momento IS foi à casa de banho, seguido pouco tempo depois por AN.

LE pediu ajuda para saber o que devia de colar no seu guião e foi-lhe dito que ela podia colar o que quisesse desde que fosse uma coisa por categoria, visto que havia mais do que uma. Como ela estava com o Porto, disse que não sabia qual era a festividade. Até que
190 lhe esclareci que o "Fantasporto" é um festival de cinema que acontece neste local. A aluna acabou por colocar dois monumentos, pois dizia, "Mas eu gosto dos dois". Quando confrontada com a possibilidade de tirar um deles. Ainda afirmou "Oh, não... Eu não quero tirar. Quero que fiquem os dois".

Após a conversa, fui auxiliar as filhas da professora com o desenho do mapa e LE foi ter com AF para tirar uma dúvida sobre como se escrevia uma palavra. IS regressou da casa de
195 banho e foi para o seu lugar, não se sentou, foi ao quadro ver o que estava a ser feito e depois foi ter com os colegas JO e CA. Quando lá chegou começou a meter conversa, e ED disse: "JO não é para cortar os dois, é só um". "Não é o quê?" diz IS. "Não é problema teu" responde

200 ED. IS vai ter com ED e diz – "Eu também sou dos maus" – enquanto aponta para o símbolo que está colado na lapela do colega – "Olha aqui" –apontando para a sua lapela.

Só quando AN regressou à sala é que IS regressou ao seu lugar e eles continuaram o trabalho. Isto demonstra que AN está a controlar a distração do IS. IS, no entanto, colou o símbolo dos maus na cara do AN, porque HI disse que o único que era dos maus era IS e AN
205 disse: "não, não, olha aqui". No seguimento desta conversa, AN foi buscar cola à frente da sala e IS mostrou o seu guião à HI, dizendo: "Olha aqui, está mesmo giro isto".

AD saiu chateada do lugar devido a um conflito com ED e a sua parceira IN foi atrás delas para a acalmar, regressaram as duas pouco tempo depois.

A 20 minutos da aula terminar, LE, ED, JO e CA tinham findado as suas explorações, com os elementos da cultura já colados no guião. Neste momento, foi instruído à turma a realização da apresentação destes distritos, iniciada pela leitura das regras de apresentação
210 esplanadas no guião de exploração. Pouco tempo depois BE informou que também ela e GU tinham terminado a exploração e logo a seguir foi AF e CO.

AN veio-me mostrar o que tinha realizado e informou que já tinha acabado, no entanto ele tinha apenas escrito um dos distritos e por isso regressou para ao pé do seu colega e
215 continuou a trabalhar.

DZ e VI, foram colocados juntos nesta tarefa pois são dois alunos muito conflituosos. A ideia estava em deixar dois alunos que têm muitos conflitos juntos para ver se ambos conseguiam trabalhar com uma pessoa parecida consigo. No entanto, eles continuaram a ter vários conflitos, chegando ao ponto de se ter de parar a aula porque DZ insistia em
220 escrever mal o nome de VI no seu guião de exploração, mesmo depois de dois professores já lá terem ido dizer para DZ escrever o nome como deve ser.

Curiosamente, IS e AN são alunos que costumam arranjar conflitos e que também têm alguma dificuldade em manter-se concentrados ao longo da aula. Na realidade existiram momentos em que estes dois alunos se distraíam ou que iam ter com outros colegas para
225 meterem conversa. Contudo, a maioria das vezes que saíram do seu lugar e foram ter com outro colega, foi para falar sobre o trabalho que eles estavam a desenvolver, para mostrar o que tinham feito, ou para ver o trabalho dos outros.

LE perguntou se podia ter uma folha branca para preparar a apresentação visto já ter acabado o guião. A folha foi-lhe dada e ela disse para o seu colega de trabalho "vá, vamos,
230 que temos de derrotar os maus".

<p>A certo ponto da exploração foi necessário explicar à turma quais eram as regiões de Portugal, visto que alguns alunos estavam com alguma dificuldade nesta parte.</p> <p>LE e ED tiveram um desentendimento para o final da aula, no qual estavam a discutir pois LE não queria dar ao ED as imagens que sobraram dos distritos, para ele usar para aquilo</p> <p>235 que mais tarde pude observar como sendo um desenho externo à atividade. Quando lhes foi entregue uma nova folha de apresentação, houve a seguinte conversa:</p> <p>ED: Nãaaaaaa... Eu não quero fazer.</p> <p>LE: Eu quero. Posso professor?</p> <p>Sr. Diretor: Podes, mas têm que planear a apresentação em conjunto e não sozinhos.</p> <p>240 Ouviste LE?</p> <p>LE: Eu ouvi, ele é que não quer fazer nada.</p> <p>ED: Quero, quero.</p> <p>Sr. Diretor: Ótimo. Então trabalhem juntos</p> <p>245 Pouco tempo depois AN e IS tiveram de ser chamados à atenção pois distraíram-se com as filhas da professora que estava a escrever no quadro no fundo da sala. Esta distração pode ter-se devido ao facto de estes alunos também já terem terminado de preencher os seus guiões.</p> <p>DE chamou-me dizendo "Oh professor Santiago?" e a CO disse "Não é Santiago. É</p> <p>250 senhor diretor".</p> <p>A professora ficou com uma curiosidade sobre um dos doces de um dos distritos e quando afirmado que eu já tinha comido todos os doces que estavam em todas as chaves o AN perguntou: "É por isso que tens uma barriga assim?", ao que respondi "É sim senhor agente".</p> <p>255 Para o final da aula, vários foram os grupos que já tinham terminado a tarefa e alguns já tinham terminado a planificação das apresentações. Por isso mesmo, foi pedido à turma que quem já tinha acabado tudo, deveria de colar o guião de exploração no caderno de portugueses.</p> <p>No final da aula foram dadas as instruções para que os alunos pudessem arrumar e ir</p> <p>260 para o almoço.</p> <p style="text-align: center;">Aula 2 e 3 – Apresentações – 29 e 31/05/2024</p> <p>Visto que os alunos conseguiram todos terminar as apresentações na aula passada, o início das apresentações foi realizado de uma forma eficaz e sem problemas.</p> <p style="text-align: center;">29</p>	<p>Após a ida à visita de estudo com a turma, a personagem senhor Diretor reapareceu</p> <p>265 na sala para se poder continuar a Missão. Nesta aula, alguns dos alunos, como ED, JO e DZ disseram que sabiam que o senhor Diretor era o eu.</p> <p>As apresentações correram de forma fácil. BE e GU foram os primeiros, falando sobre Vila Real e Lisboa, sendo que BE falou mais que o seu colega e auxiliou-o quando era ele a falar, pois tinha sido ela a escrever o plano da apresentação. No decorrer da apresentação</p> <p>270 era pretendido que os alunos colassem os quadrados da cultura, presentes nas chaves, no mapa, mas rapidamente se compreendeu que isso iria demorar muito tempo e que os alunos não conseguiam realizar tal feito naquele momento, então acabei por ser eu a fazer isso. No entanto, foram os alunos a escrever o nome dos distritos no mapa de Portugal desenhado na aula anterior.</p> <p>275 Com Bragança e Santarém, AF e CO apresentaram a informação toda. Compensaram o facto de terem perdido as imagens da cultura com 3 perguntas em vez de 2 como tinha sido originalmente pedido.</p> <p>AD e IN seguiram com Aveiro e Setúbal e ambas as alunas participaram de forma igualitária, realizando 2 questões à turma.</p> <p>280 Após estas apresentações teve de se ir para a hora de almoço, pois em vez da hora e meia de aula os alunos apenas tiveram 40 minutos, devido à visita de estudo.</p> <p>Na aula seguinte ED e LE tomaram as rédeas e falaram sobre o Porto e Viana do Castelo.</p> <p>As apresentações correram todas bem e a utilização de um apoio visual em estilo</p> <p>285 powerpoint, do preenchimento do mapa pelos alunos e das questões no final de cada apresentação, fizeram com que os discentes não dispersassem e que estivessem envolvidos na tarefa. Isto, aliado com o facto de todos os alunos, na última aula, chamarem-me de "Sr. Diretor" e de alguns alunos como JO, CA, BE, LE, GU, IN, AD, LA, EM, IS, AF e CO estarem a escrever o nome do distrito no mapa da última folha do guião, fez-me compreender que a</p> <p>290 atividade foi um sucesso.</p> <p style="text-align: center;">30</p>
---	---

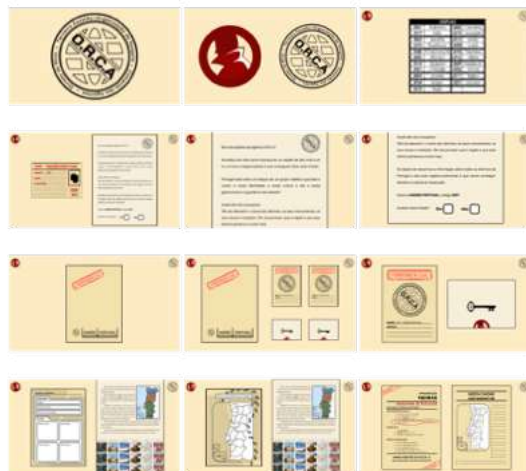
4.3. RECURSO MATERIAL

IMAGINÁRIO	6.	Missão Portugal – Código 00P
MOMENTO:	6.3.	Estudo do Meio – Recursos Materiais.
DIA:		
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:	Nível 0 – Temática Nível 1 – Recursos Nível 2 – Expressões	

Foram criados os seguintes recursos para esta exploração:

295

Apresentação powerpoint indutora da atividade



31

300



Cartões de Espião



Carta indutora da Missão Portugal – Código 00P

Bom dia espionês da Agência DRECA!

Se estás a ler esta carta é porque és um espionês de alto nível e só tu e os teus colegas espionês é que conseguis fazer esta missão.

Portugal está sobre um ataque de um grupo máfico que está a roubar a nossa identidade, a nossa cultura e até a nossa gastronomia e a guardá-la nas chaves!!!

Vocês têm de a recuperar!

Têm de descobrir o nome dos distritos, os seus monumentos, os seus doces e tradições. Têm de perceber qual é região a que esse distrito pertence e muito mais.

Só depois de reavermos a informação sobre todos os distritos de Portugal e das suas regiões autónomas é que vamos conseguir devolver a cultura ao nosso país.

Esta é a MISSÃO PORTUGAL, código 00P!

Aceitam esta missão? Sim Não

305

32

330



37

335



Powerpoint das apresentações finais dos alunos



38

340



345

39

Distintivo da Agência O.R.C.A.



Distintivo do grupo malvado



350

Produção final da turma



40

6.4. EXTRAS E IMPLEMENTAÇÃO

IMAGINÁRIO	6.	Missão Portugal – Código 00P
MOMENTO:	6.2.	Estudo do Meio – Dinâmica de Exploração.
DIA:		31/05/2024 – Sexta-feira
NÍVEL DO TRABALHO DO IMAGINÁRIO:		Nível 0 – Temática Nível 1 – Recursos Nível 2 – Expressões

355 Na sexta-feira, último dia em que foi implementada a dinâmica, o ED e o IS afirmaram após o intervalo da manhã, que estiveram a brincar aos espões no recreio. Isto faz alusão à dinâmica da atividade "Missão Portugal – Código 00P", o que demonstra o impacto que ela teve nos alunos.

Anexo I – GO nas semanas de intervenção no 1.º CEB

Anexo II – GO nas semanas de intervenção no 1.º CEB

Legendas das GO

LEGENDA			
Código	Níveis de envolvimento	Cor	Descrição
0	Inativo		Não realiza este indicador
1	Passivo		Tem um envolvimento/participação mínima.
2	Ativo.		Tem um envolvimento/participação elevado.
3	Proativo		Tem um envolvimento/participação energético.
NA	Não Aplicável		Não realizado este parâmetro ao longo da dinâmica

GO da FTT da Casa Assombrada

Grelhas de observação (GO)						TEA - CASA ASSOMBRADA						Frequência absoluta						Frequência Relativa					
3º ano						Código: GO.CA.1						0	1	2	3	NA	TOTAL	0	1	2	3	NA	TOTAL
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	0	2	1	1	0	2	2	1	0	0	5	40%	40%	20%	0%	0%	100%					
2	Participa/realiza a dinâmica.	3	3	1	1	2	0	2	1	2	0	5	0%	40%	20%	40%	0%	100%					
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	3	3	3	3	2	0	0	1	4	0	5	0%	0%	20%	80%	0%	100%					
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	NA	NA	NA	NA	NA	0	0	0	0	5	5	0%	0%	0%	0%	100%	100%					
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	NA	NA	NA	NA	NA	0	0	0	0	5	5	0%	0%	0%	0%	100%	100%					
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%					
7	Está atento à explicação da tarefa	3	3	2	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%					
8	Realiza a tarefa com facilidade	1	3	1	1	2	0	3	1	1	0	5	0%	60%	20%	20%	0%	100%					
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	2	3	0	0	2	2	0	2	1	0	5	40%	0%	40%	20%	0%	100%					
10	Verifica o trabalho que realiza.	1	3	0	0	0	3	1	0	1	0	5	60%	20%	0%	20%	0%	100%					
Média numérica do aluno						2	3	1	1	2													
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Ativo.	Proativo	Passivo	Passivo	Ativo.			0%	40%	40%	20%	0%	100%					
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO						2																	

Grelhas de observação (GO)						TEA - CASA ASSOMBRADA						Frequência absoluta						Frequência Relativa					
3º ano						Código: GO.CA.2						0	1	2	3	NA	TOTAL	0	1	2	3	NA	TOTAL
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	0	1	0	0	0	2	2	1	0	0	5	40%	40%	20%	0%	0%	100%					
2	Participa/realiza a dinâmica.	3	3	1	1	2	0	2	1	2	0	5	0%	40%	20%	40%	0%	100%					
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	3	3	3	3	2	2	2	1	0	0	5	40%	40%	20%	0%	0%	100%					
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	NA	NA	NA	NA	NA	0	0	0	0	5	5	0%	0%	0%	0%	100%	100%					
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	NA	NA	NA	NA	NA	2	2	1	0	0	5	40%	40%	20%	0%	0%	100%					
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%					
7	Está atento à explicação da tarefa	2	3	2	2	2	2	2	1	0	0	5	40%	40%	20%	0%	0%	100%					
8	Realiza a tarefa com facilidade	1	3	1	1	2	0	3	1	1	0	5	0%	60%	20%	20%	0%	100%					
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	2	3	0	0	2	2	2	1	0	0	5	40%	40%	20%	0%	0%	100%					
10	Verifica o trabalho que realiza.	1	3	0	0	0	3	1	0	1	0	5	60%	20%	0%	20%	0%	100%					
Média numérica do aluno						2	3	1	1	2													
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Ativo.	Proativo	Passivo	Passivo	Ativo.			0%	40%	40%	20%	0%	100%					
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO						2																	

GO do Concurso de Sabedoria

Grelhas de observação (GO)						VS - CONCURSO DA SABEDORIA						Frequência absoluta						Frequência Relativa					
3º ano						Código: GO.CS.1																	
	AN	BE	IS	JO	LE	0	1	2	3	I	TOTAL	0	1	2	3	I	TOTAL						
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	1	2	2	1	1	0	3	2	0	0	5	0%	60%	40%	0%	0%	100%					
2	Participa/realiza a dinâmica.	3	3	3	2	2	0	0	2	3	0	5	0%	0%	40%	60%	0%	100%					
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	3	3	3	1	1	0	3	2	0	0	5	0%	60%	40%	0%	0%	100%					
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	2	3	2	1	1	0	2	2	1	0	5	0%	40%	40%	20%	0%	100%					
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	NA	NA	NA	NA	NA	0	3	2	0	0	5	0%	60%	40%	0%	0%	100%					
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	2	3	2	1	1	0	2	2	1	0	5	0%	40%	40%	20%	0%	100%					
7	Está atento à explicação da tarefa	3	3	2	1	2	0	3	2	0	0	5	0%	60%	40%	0%	0%	100%					
8	Realiza a tarefa com facilidade	2	3	3	1	2	0	1	2	2	0	5	0%	20%	40%	40%	0%	100%					
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	2	3	2	2	2	0	3	2	0	0	5	0%	60%	40%	0%	0%	100%					
10	Verifica o trabalho que realiza.	2	3	2	0	0	2	0	2	1	0	5	40%	0%	40%	20%	0%	100%					
Média numérica do aluno						2	3	2	1	1	0	5	0%	40%	40%	20%	0%	100%					
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Ativo.	Proativo	Ativo.	Passivo	Passivo													
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO						2	Ativo.																

GO da FTT do Sol Desaparecido

Grelhas de observação (GO)						TEA - SOL DESAPARECIDO						Frequência absoluta						Frequência Relativa					
3º ano						Código: GO.SD.1																	
	AN	BE	IS	JO	LE	0	1	2	3	I	TOTAL	0	1	2	3	I	TOTAL						
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	1	2	2	1	2	0	2	3	0	0	5	0%	40%	60%	0%	0%	100%					
2	Participa/realiza a dinâmica.	3	3	3	2	2	0	0	2	3	0	5	0%	0%	40%	60%	0%	100%					
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	3	3	3	2	2	0	2	3	0	0	5	0%	40%	60%	0%	0%	100%					
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%					
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	NA	NA	NA	NA	NA	0	2	3	0	0	5	0%	40%	60%	0%	0%	100%					
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%					
7	Está atento à explicação da tarefa	3	3	2	1	2	0	2	3	0	0	5	0%	40%	60%	0%	0%	100%					
8	Realiza a tarefa com facilidade	2	3	3	1	2	0	1	2	2	0	5	0%	20%	40%	40%	0%	100%					
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	2	3	2	1	2	0	2	3	0	0	5	0%	40%	60%	0%	0%	100%					
10	Verifica o trabalho que realiza.	2	3	2	0	0	2	0	2	1	0	5	40%	0%	40%	20%	0%	100%					
Média numérica do aluno						2	3	2	1	2	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%					
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Ativo.	Proativo	Ativo.	Passivo	Ativo.													
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO						2	Ativo.																

Grelhas de observação (GO)						TEA - SOL DESAPARECIDO						Frequência absoluta						Frequência Relativa					
3º ano						Código: GO.SD.2																	
	AN	BE	IS	JO	LE	0	1	2	3	NA	TOTAL	0	1	2	3	NA	TOTAL						
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	1	2	2	1	2	0	2	3	0	0	5	0%	40%	60%	0%	0%	100%					
2	Participa/realiza a dinâmica.	3	3	3	2	2	0	0	2	3	0	5	0%	0%	40%	60%	0%	100%					
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	3	3	3	2	2	0	2	3	0	0	5	0%	40%	60%	0%	0%	100%					
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%					
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	NA	NA	NA	NA	NA	0	2	3	0	0	5	0%	40%	60%	0%	0%	100%					
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%					
7	Está atento à explicação da tarefa	3	3	2	1	2	0	2	3	0	0	5	0%	40%	60%	0%	0%	100%					
8	Realiza a tarefa com facilidade	2	3	3	1	2	0	1	2	2	0	5	0%	20%	40%	40%	0%	100%					
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	2	3	2	0	2	0	2	3	0	0	5	0%	40%	60%	0%	0%	100%					
10	Verifica o trabalho que realiza.	2	3	2	0	0	2	0	2	1	0	5	40%	0%	40%	20%	0%	100%					
Média numérica do aluno						2	3	2	1	2	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%					
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Ativo.	Proativo	Ativo.	Passivo	Ativo.													
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO						2	Ativo.																

GO da atividade “Vamos Viajar pela Europa”

Grelhas de observação (GO)						EM - VAMOS VIAJAR PELA EUROPA														
						Código: GO.VVE.1														
3º ano						AN	BE	IS	JO	LE	Frequência absoluta					Frequência Relativa				
						0	1	2	3	4	5	TOTAL	0	1	2	3	4	5	TOTAL	
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%		
2	Participa/realiza a dinâmica.	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%		
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	3	3	3	2	2	0	0	2	3	0	5	0%	0%	40%	60%	0%	100%		
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	2	3	3	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%		
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	2	2	2	1	2	0	1	4	0	0	5	0%	20%	80%	0%	0%	100%		
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	3	3	2	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%		
7	Está atento à explicação da tarefa	3	3	3	2	3	0	0	1	4	0	5	0%	0%	20%	80%	0%	100%		
8	Realiza a tarefa com facilidade	3	3	3	2	3	0	0	1	4	0	5	0%	0%	20%	80%	0%	100%		
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	3	3	2	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%		
10	Verifica o trabalho que realiza.	2	3	2	1	1	0	2	2	1	0	5	0%	40%	40%	20%	0%	100%		
Média numérica do aluno						3	3	3	2	2	0	0	0	0	2	3	0	5		
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Proativo	Proativo	Proativo	Ativo	Ativo										
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO						3					Proativo									

Grelhas de observação (GO)						EM - VAMOS VIAJAR PELA EUROPA														
						Código: GO.VVE.2														
3º ano						AN	BE	IS	JO	LE	Frequência absoluta					Frequência Relativa				
						0	1	2	3	NA	TOTAL	0	1	2	3	NA	TOTAL			
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%		
2	Participa/realiza a dinâmica.	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%		
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	3	3	3	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%		
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	2	3	3	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%		
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	2	2	1	1	1	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%		
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	3	3	2	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%		
7	Está atento à explicação da tarefa	3	3	3	2	3	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%		
8	Realiza a tarefa com facilidade	3	3	3	2	3	0	0	1	4	0	5	0%	0%	20%	80%	0%	100%		
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	3	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%		
10	Verifica o trabalho que realiza.	2	3	1	1	1	0	3	1	1	0	5	0%	60%	20%	20%	0%	100%		
Média numérica do aluno						3	3	2	2	2	0	0	0	0	3	2	0	5		
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Proativo	Proativo	Ativo	Ativo	Ativo										
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO						2				Ativo										

Grelhas de observação (GO)						EM - VAMOS VIAJAR PELA EUROPA														
						Código: GO.VVE.3														
3º ano						AN	BE	IS	JO	LE	Frequência absoluta					Frequência Relativa				
						0	1	2	3	NA	TOTAL	0	1	2	3	NA	TOTAL			
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%		
2	Participa/realiza a dinâmica.	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%		
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	3	3	3	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%		
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	2	3	3	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%		
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	1	3	1	2	1	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%		
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	3	3	2	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%		
7	Está atento à explicação da tarefa	3	3	3	2	3	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%		
8	Realiza a tarefa com facilidade	2	2	2	1	2	0	1	4	0	0	5	0%	20%	80%	0%	0%	100%		
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%		
10	Verifica o trabalho que realiza.	2	3	1	1	1	0	3	1	1	0	5	0%	60%	20%	20%	0%	100%		
Média numérica do aluno						2	3	2	2	2	0	0	0	0	4	1	0	5		
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Ativo	Proativo	Ativo	Ativo	Ativo										
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO						2				Ativo										

GO da atividade “Missão Portugal – Código 00P”

Grelhas de observação (GO)						EM - MISSÃO PORTUGAL													
3º ano						Código: GO.MP.1													
	AN	BE	IS	JO	LE	Frequência absoluta						Frequência Relativa							
						0	1	2	3	I	TOTAL	0	1	2	3	I	TOTAL		
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%	
2	Participa/realiza a dinâmica.	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%	
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	3	3	3	2	3	0	0	1	4	0	5	0%	0%	20%	80%	0%	100%	
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	2	3	3	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%	
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	3	3	2	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%	
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%	
7	Está atento à explicação da tarefa	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%	
8	Realiza a tarefa com facilidade	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%	
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%	
10	Verifica o trabalho que realiza.	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%	
Média numérica do aluno						3	3	3	2	3	3								
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Proativo	Proativo	Proativo	Ativo.	Proativo									
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO						3	Proativo												

Grelhas de observação (GO)						EM - VAMOS VIAJAR PELA EUROPA												
3º ano						Código: GO.MP.2												
	AN	BE	IS	JO	LE	Frequência absoluta						Frequência Relativa						
						0	1	2	3	NA	TOTAL	0	1	2	3	NA	TOTAL	
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
2	Participa/realiza a dinâmica.	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	3	3	3	2	3	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	2	3	3	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	3	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
7	Está atento à explicação da tarefa	3	3	3	3	3	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
8	Realiza a tarefa com facilidade	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	3	3	3	3	3	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
10	Verifica o trabalho que realiza.	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%
Média numérica do aluno						3	3	3	2	3	3							
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Proativo	Proativo	Proativo	Ativo.	Proativo								
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO						3	Proativo											

Grelhas de observação (GO)						EM - VAMOS VIAJAR PELA EUROPA												
3º ano						Código: GO.MP.3												
	AN	BE	IS	JO	LE	Frequência absoluta						Frequência Relativa						
						0	1	2	3	NA	TOTAL	0	1	2	3	NA	TOTAL	
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
2	Participa/realiza a dinâmica.	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	3	3	3	2	3	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	2	3	3	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	3	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
7	Está atento à explicação da tarefa	3	3	3	3	3	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
8	Realiza a tarefa com facilidade	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	3	3	3	3	3	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
10	Verifica o trabalho que realiza.	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%
Média numérica do aluno						3	3	3	2	3	3							
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO						Proativo	Proativo	Proativo	Ativo.	Proativo								
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO						3	Proativo											

Anexo I2 – Análise às GO nas semanas de intervenção no 1.º CEB

Análise da GO da FTT da Casa Assombrada

Grelhas de observação (GO)		TEA - CASA ASSOMBRADA					Frequência absoluta						Frequência Relativa						
3º ano		Código: GO.CA. Análise					0	1	2	3	NA	TOTAL	0	1	2	3	NA	TOTAL	
		AN	BE	IS	JO	LE													
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	GO.CA.1	0	2	1	1	0	2	2	1	0	0	5	40%	40%	20%	0%	0%	100%
		GO.CA.2	0	1	0	0	0	0	4	1	0	0	5	80%	20%	0%	0%	0%	100%
2	Participa/realiza a dinâmica.	GO.CA.1	3	3	1	1	2	0	2	1	2	0	5	0%	40%	20%	40%	0%	100%
		GO.CA.2	3	3	1	1	2	0	2	1	2	0	5	0%	40%	20%	40%	0%	100%
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	GO.CA.2	3	3	3	3	2	0	0	1	4	0	5	0%	0%	20%	80%	0%	100%
		GO.CA.2	3	3	3	3	2	0	0	1	4	0	5	0%	0%	20%	80%	0%	100%
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	GO.CA.2	NA	NA	NA	NA	NA	0	0	0	0	5	5	0%	0%	0%	0%	100%	100%
		GO.CA.2	NA	NA	NA	NA	NA	0	0	0	0	5	5	0%	0%	0%	0%	100%	100%
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	GO.CA.3	NA	NA	NA	NA	NA	0	0	0	0	5	5	0%	0%	0%	0%	100%	100%
		GO.CA.2	NA	NA	NA	NA	NA	0	0	0	0	5	5	0%	0%	0%	0%	100%	100%
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	GO.CA.3	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
		GO.CA.2	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
7	Está atento à explicação da tarefa	GO.CA.4	3	3	2	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%
		GO.CA.2	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
8	Realiza a tarefa com facilidade	GO.CA.4	1	3	1	1	2	0	3	1	1	0	5	0%	60%	20%	20%	0%	100%
		GO.CA.2	1	3	1	1	2	0	3	1	1	0	5	0%	60%	20%	20%	0%	100%
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	GO.CA.5	2	3	0	0	2	2	0	2	1	0	5	40%	0%	40%	20%	0%	100%
		GO.CA.2	2	3	0	0	2	2	0	2	1	0	5	40%	0%	40%	20%	0%	100%
10	Verifica o trabalho que realiza.	GO.CA.5	1	3	0	0	0	3	1	0	1	0	5	60%	20%	0%	20%	0%	100%
		GO.CA.2	1	3	0	0	0	3	1	0	1	0	5	60%	20%	0%	20%	0%	100%
Média numérica do aluno			2	3	1	1	2	0	2	2	1	0	5	0%	40%	40%	20%	0%	100%
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO			Ativo.	Proativo	Passivo	Passivo	Ativo.												
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO			2	Ativo.															

Análise da GO da FTT do Sol Desaparecido

Grelhas de observação (GO)		TEA - SOL DESAPARECIDO					Frequência absoluta						Frequência Relativa							
		Código: GO.SD Análise																		
3º ano		AN	BE	IS	JO	LE	0	1	2	3	NA	TOTAL	0	1	2	3	NA	TOTAL		
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	GO.SD.1	1	2	2	1	2	0	2	3	0	0	5	0%	40%	60%	0%	0%	100%	
		GO.SD.2	1	2	2	1	2	0	2	3	0	0	5	0%	40%	60%	0%	0%	100%	
2	Participa/realiza a dinâmica.	GO.SD.1	3	3	3	2	2	0	0	2	3	0	5	0%	0%	40%	60%	0%	100%	
		GO.SD.2	3	3	3	2	2	0	0	2	3	0	5	0%	0%	40%	60%	0%	100%	
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	GO.SD.1	3	3	3	2	2	0	0	2	3	0	5	0%	0%	40%	60%	0%	100%	
		GO.SD.2	3	3	3	2	2	0	0	2	3	0	5	0%	0%	40%	60%	0%	100%	
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	GO.SD.1	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%	
		GO.SD.2	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%	
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	GO.SD.1	NA	NA	NA	NA	NA	0	0	0	0	5	5	0%	0%	0%	0%	###	100%	
		GO.SD.2	NA	NA	NA	NA	NA	0	0	0	0	5	5	0%	0%	0%	0%	###	100%	
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	GO.SD.1	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%	
		GO.SD.2	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%	
7	Está atento à explicação da tarefa	GO.SD.1	3	3	2	1	2	0	1	2	2	0	5	0%	20%	40%	40%	0%	100%	
		GO.SD.2	3	3	2	1	2	0	1	2	2	0	5	0%	20%	40%	40%	0%	100%	
8	Realiza a tarefa com facilidade	GO.SD.1	2	3	3	1	2	0	1	2	2	0	5	0%	20%	40%	40%	0%	100%	
		GO.SD.2	2	3	3	1	2	0	1	2	2	0	5	0%	20%	40%	40%	0%	100%	
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	GO.SD.1	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%	
		GO.SD.2	2	3	2	0	2	1	0	3	1	0	5	20%	0%	60%	20%	0%	100%	
10	Verifica o trabalho que realiza.	GO.SD.1	2	3	2	0	0	2	0	2	1	0	5	40%	0%	40%	20%	0%	100%	
		GO.SD.2	2	3	2	0	0	2	0	2	1	0	5	40%	0%	40%	20%	0%	100%	
Média numérica do aluno		2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%		
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO		Ativo.	Proativo	Ativo.	Passivo	Ativo.														
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO		2	Ativo.																	

Análise da GO da atividade “Vamos Viajar pela Europa”

Grelhas de observação (GO)		EM - VAMOS VIAJAR PELA					
		Código: GO.VVE ANÁLISE					
3º ano		AN	BE	IS	JO	LE	
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	GO.VVE.1	2	3	2	2	2
		GO.VVE.2	2	3	2	2	2
		GO.VVE.3	2	3	2	2	2
2	Participa/realiza a dinâmica.	GO.VVE.1	3	3	3	3	3
		GO.VVE.2	3	3	3	3	3
		GO.VVE.3	3	3	3	3	3
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	GO.VVE.1	3	3	3	2	2
		GO.VVE.2	3	3	3	2	2
		GO.VVE.3	3	3	3	2	2
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	GO.VVE.1	2	3	3	2	2
		GO.VVE.2	2	3	3	2	2
		GO.VVE.3	2	3	3	2	2
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	GO.VVE.1	2	2	1	1	2
		GO.VVE.2	2	2	1	1	1
		GO.VVE.3	1	3	1	2	1
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	GO.VVE.1	3	3	2	2	2
		GO.VVE.2	3	3	2	2	2
		GO.VVE.3	3	3	2	2	2
7	Está atento à explicação da tarefa	GO.VVE.1	3	3	3	2	3
		GO.VVE.2	3	3	3	2	3
		GO.VVE.3	3	3	3	2	3
8	Realiza a tarefa com facilidade	GO.VVE.1	3	3	3	2	3
		GO.VVE.2	3	3	3	2	3
		GO.VVE.3	2	2	2	1	2
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	GO.VVE.1	3	3	2	2	2
		GO.VVE.2	3	3	2	2	2
		GO.VVE.3	2	3	2	2	2
10	Verifica o trabalho que realiza.	GO.VVE.1	2	3	2	1	1
		GO.VVE.2	2	3	1	1	1
		GO.VVE.3	2	3	1	1	1
Média numérica do aluno		2	3	2	2	2	
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO		Alvo.	Proativo	Alvo.	Alvo.	Alvo.	
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO		2	Ativo.				

Frequência absoluta						
0	1	2	3	NA	TOTAL	
0	0	4	1	0	5	
0	0	4	1	0	5	
0	0	4	1	0	5	
0	0	0	5	0	5	
0	0	0	5	0	5	
0	0	0	5	0	5	
0	0	2	3	0	5	
0	0	2	3	0	5	
0	0	2	3	0	5	
0	0	3	2	0	5	
0	0	3	2	0	5	
0	1	4	0	0	5	
0	3	2	0	0	5	
0	3	1	1	0	5	
0	0	3	2	0	5	
0	0	3	2	0	5	
0	0	1	4	0	5	
0	0	1	4	0	5	
0	0	1	4	0	5	
0	1	4	0	0	5	
0	0	3	2	0	5	
0	0	3	2	0	5	
0	0	4	1	0	5	
0	2	2	1	0	5	
0	3	1	1	0	5	
0	3	1	1	0	5	
0	0	4	1	0	5	

Frequência Relativa						
0	1	2	3	NA	TOTAL	
0%	0%	80%	20%	0%	100%	
0%	0%	80%	20%	0%	100%	
0%	0%	80%	20%	0%	100%	
0%	0%	0%	100%	0%	100%	
0%	0%	0%	100%	0%	100%	
0%	0%	40%	60%	0%	100%	
0%	0%	40%	60%	0%	100%	
0%	0%	40%	60%	0%	100%	
0%	0%	60%	40%	0%	100%	
0%	0%	60%	40%	0%	100%	
0%	20%	80%	0%	0%	100%	
0%	60%	40%	0%	0%	100%	
0%	60%	20%	20%	0%	100%	
0%	0%	60%	40%	0%	100%	
0%	0%	60%	40%	0%	100%	
0%	0%	20%	80%	0%	100%	
0%	0%	20%	80%	0%	100%	
0%	0%	20%	80%	0%	100%	
0%	20%	80%	0%	0%	100%	
0%	0%	60%	40%	0%	100%	
0%	0%	60%	40%	0%	100%	
0%	0%	80%	20%	0%	100%	
0%	40%	40%	20%	0%	100%	
0%	60%	20%	20%	0%	100%	
0%	60%	20%	20%	0%	100%	
0%	0%	80%	20%	0%	100%	

Análise da GO da atividade “Missão Portugal – Código 00P”

Grelhas de observação (GO)		EM - VAMOS VIAJAR PELA EUROPA					Frequência absoluta						Frequência Relativa						
		Código: GO.VVE_ANALISE					0	1	2	3	NA	TOTAL	0	1	2	3	NA	TOTAL	
3º ano		AN	BE	IS	JO	LE													
1	Coloca questões relacionadas com o recurso/dinâmica.	GO.MP.1	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
		GO.MP.2	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
		GO.MP.3	2	3	2	2	2	0	0	4	1	0	5	0%	0%	80%	20%	0%	100%
2	Participa/realiza a dinâmica.	GO.MP.1	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
		GO.MP.2	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
		GO.MP.3	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
3	Manifesta a sua opinião positiva para com o recurso/dinâmica.	GO.MP.1	3	3	3	2	3	0	0	1	4	0	5	0%	0%	20%	80%	0%	100%
		GO.MP.2	3	3	3	2	3	0	0	1	4	0	5	0%	0%	20%	80%	0%	100%
		GO.MP.3	3	3	3	2	3	0	0	1	4	0	5	0%	0%	20%	80%	0%	100%
4	Responde às questões colocadas em grande grupo.	GO.MP.1	2	3	3	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%
		GO.MP.2	2	3	3	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%
		GO.MP.3	2	3	3	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%
5	Faz algum registo adicional, para além do que lhe é requerido	GO.MP.1	3	3	2	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%
		GO.MP.2	3	3	2	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%
		GO.MP.3	3	3	2	2	2	0	0	3	2	0	5	0%	0%	60%	40%	0%	100%
6	Demonstra entusiasmo nas dinâmicas da aula.	GO.MP.1	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
		GO.MP.2	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
		GO.MP.3	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
7	Está atento à explicação da tarefa	GO.MP.1	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
		GO.MP.2	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
		GO.MP.3	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
8	Realiza a tarefa com facilidade	GO.MP.1	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
		GO.MP.2	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
		GO.MP.3	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
9	Demonstra resiliência na realização da tarefa	GO.MP.1	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
		GO.MP.2	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
		GO.MP.3	3	3	3	3	3	0	0	0	5	0	5	0%	0%	0%	100%	0%	100%
10	Verifica o trabalho que realiza.	GO.MP.1	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%
		GO.MP.2	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%
		GO.MP.3	2	3	2	1	2	0	1	3	1	0	5	0%	20%	60%	20%	0%	100%
Média numérica do aluno		3	3	3	2	3													
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO		Proativo	Proativo	Proativo	Ativo	Proativo													
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO		3	Proativo																

LEGENDA			
Código	Níveis de envolvimento	Cor	Descrição
0	Inativo		Não realiza este indicador
1	Passivo		Tem um envolvimento/participação mínima.
2	Ativo		Tem um envolvimento/participação elevado.
3	Proativo		Tem um envolvimento/participação energética.
NA	Não Aplicável		Não realizado este parâmetro ao longo da dinâmica

Anexo I3 – Análise geral às GO analisadas

Grelhas de observação (GO) Geral						Frequência absoluta					Frequência Relativa					
Código: GO - GERAL																
3º ano		AN	BE	IS	JO	LE	0	1	2	3	TOTAL	0	1	2	3	TOTAL
Dinâmicas com Imaginário																
1	Ficha de Trabalho de Texto da Casa Assombrada	2	3	1	1	2	0	2	2	1	5	0%	40%	40%	20%	100%
		Ativo.	Proativo	Passivo	Passivo	Ativo.										
3	Concurso da Sabedoria	2	3	2	1	1	0	2	2	1	5	0%	40%	40%	20%	100%
		Ativo.	Proativo	Ativo.	Passivo	Passivo										
4	Ficha de Trabalho de Texto do Sol Desaparecido	2	3	2	1	2	0	1	3	1	5	0%	20%	60%	20%	100%
		Ativo.	Proativo	Ativo.	Passivo	Ativo.										
5	Atividade: Vamos Viajar pela Europa	2	3	2	2	2	0	0	4	1	5	0%	0%	80%	20%	100%
		Ativo.	Proativo	Ativo.	Ativo.	Ativo.										
6	Atividade: Missão Portugal - Código 00P	3	3	3	2	3	0	0	1	4	5	0%	0%	20%	80%	100%
		Proativo	Proativo	Proativo	Ativo.	Proativo										
Média numérica do aluno		2	3	2	1	2	0	1	3	1	5	0%	20%	60%	20%	100%
ENVOLVIMENTO MÉDIO DO ALUNO		Ativo.	Proativo	Ativo.	Passivo	Ativo.										
ENVOLVIMENTO MÉDIO DOS ALUNOS EM ESTUDO		2	Ativo.													

Anexo J – Questionários finais implementados às turmas do 1.º CEB

Anexo J1 – Questionários implementados às turmas do 1.º CEB

Avaliação do Plano de Intervenção





Nome: _____ / /

Ao longo do nosso estágio, fomos fazendo muitas dinâmicas convosco.
Responde às seguintes questões sobre o trabalho que fizemos convosco.

1. Fichas de trabalho de texto

1.1. Indica, com uma cruz (X), a ficha que **mais gostaste** de fazer.

Guião sobre o livro da mãe. Ficha de trabalho do texto da Beatriz. Guião sobre o poema. Ficha de trabalho do texto da Hilda.

Justifica a tua resposta.

1.2. Indica, com uma cruz (X), a ficha que **menos gostaste** de fazer.

Guião sobre o livro da mãe. Ficha de trabalho do texto da Beatriz. Guião sobre o poema. Ficha de trabalho do texto da Hilda.

Justifica a tua resposta.

1.3. Fizeste a ficha de trabalho do texto da Beatriz, sobre a "Casa Assombrada"?

Sim Não

Se tiveres respondido que sim, responde à pergunta abaixo.
Se tiveres respondido que não, passa à pergunta 1.4.

a) Indica, com uma cruz (X), o que **mais gostaste** da ficha sobre a "Casa Assombrada". Escolhe 2 opções.

Imagem da Casa Assombrada. Exercícios da Casa Assombrada
 História da Casa Assombrada Abrir a Casa Assombrada
 Outro: _____

1

b) Houve alguma coisa que não tenhas gostado na ficha sobre "A Casa Assombrada"? Justifica.

c) O facto de a ficha ser uma casa que abre e fecha fez com que quisesses fazer mais os exercícios?

Sim Não

1.4. Fizeste a ficha de trabalho do texto da Hilda, sobre o "Sol Desaparecido"?

Sim Não

Se tiveres respondido que sim, responde à pergunta abaixo.
Se tiveres respondido que não, passa à pergunta 2.

a) Indica, com uma cruz (X), o que **mais gostaste** da ficha sobre o "Sol Desaparecido". Escolhe 2 opções.

Imagem do Sol Desaparecido. Exercícios do Sol Desaparecido.
 História sobre o Sol Desaparecido. Folhear o Sol Desaparecido.
 Outro: _____

b) Houve alguma coisa que não tenhas gostado na ficha sobre "Sol Desaparecido"? Justifica.

d) O facto de a ficha ser um Sol fez com que quisesses fazer mais os exercícios?

Sim Não

Justifica a tua resposta

2

2. Atividades desenvolvidas

2.1. Indica, com uma cruz (X), as 2 atividades que **mais gostaste** de fazer.

<input type="checkbox"/> Diário Gráfico lá fora.	<input type="checkbox"/> Exploração do globo em grupos.	<input type="checkbox"/> Exploração do tangram.	<input type="checkbox"/> Texto com dados.
			
<input type="checkbox"/> Concurso da sabedoria.	<input type="checkbox"/> Vamos viajar pela Europa.	<input type="checkbox"/> Histórias com sólidos.	<input type="checkbox"/> Missão Portugal.
			

Justifica a tua resposta.

2.2. Indica, com uma cruz (X), as duas atividades que **menos gostaste** de fazer.

<input type="checkbox"/> Diário Gráfico lá fora.	<input type="checkbox"/> Exploração do globo em grupos.	<input type="checkbox"/> Exploração do tangram.	<input type="checkbox"/> Texto com dados.
<input type="checkbox"/> Concurso da sabedoria.	<input type="checkbox"/> Vamos viajar pela Europa.	<input type="checkbox"/> Histórias com sólidos.	<input type="checkbox"/> Missão Portugal.

Justifica a tua resposta.

2.3. O que aprendeste na atividade "Vamos viajar pela Europa"?

2.4. O que aprendeste na atividade "Missão Portugal – Código 00P"?

2.5. Assinala com um círculo (O) o número que se identifica com a tua opinião.

"Vamos viajar pela Europa"	Não gostei	Gostei Pouco	Gostei Muito	Adorei
Ver o avião no quadro.	1	2	3	4
Bilhetes de avião.	1	2	3	4
Mala de viagem.	1	2	3	4
Panfletos dos países.	1	2	3	4
Procurar a informação sobre os países.	1	2	3	4
Preencher a mala de viagem.	1	2	3	4
Explorar o mapa mundo no quadro.	1	2	3	4
Apresentar os países para onde fui viajar.	1	2	3	4
Escrever no mapa os países.	1	2	3	4

"Missão Portugal – Código 00P"	Não gostei	Gostei Pouco	Gostei Muito	Adorei
Ver e falar com o diretor da agência de espíões.	1	2	3	4
Carta da missão.	1	2	3	4
Pasta da missão.	1	2	3	4
Guião da missão.	1	2	3	4
Chaves dos distritos.	1	2	3	4
Procurar informação sobre os distritos.	1	2	3	4
Preencher o guião da missão	1	2	3	4
Apresentar os distritos que estive a investigar.	1	2	3	4
Preencher o mapa no quadro.	1	2	3	4

Obrigado! Agradeço muito a tua participação!

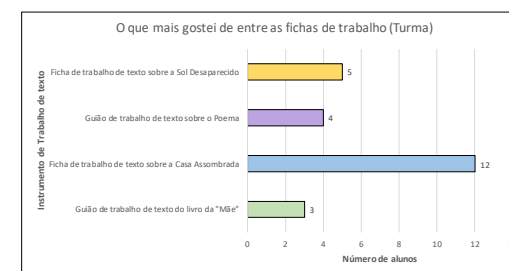
David Santiago

Anexo J2 – Análise aos Questionários implementados às turmas do 1.º CEB

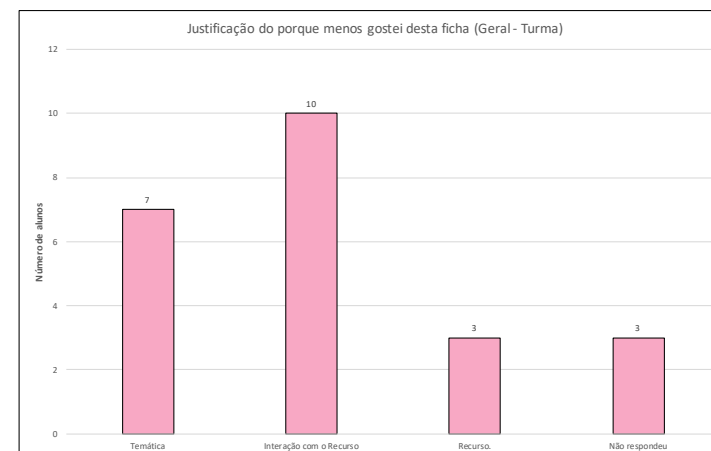
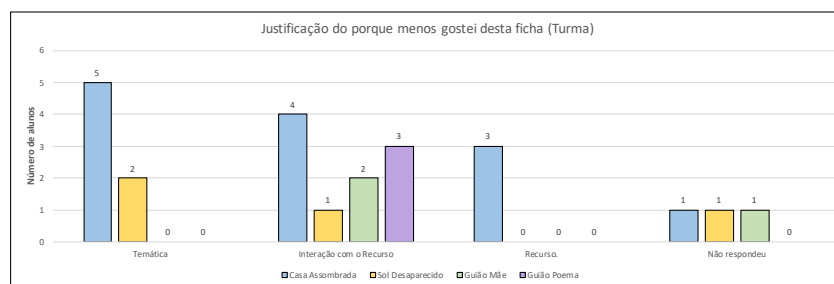
Análise da questão 1.1.

ALUNOS	I.1. MAIS GOSTA	Justifica	Categorias	
1	AD	FTT - Casa Assombrada	O texto é criativo	Temática
6	CA	FTT - Casa Assombrada	Porque foi engraçada, divertida e assustadora	Interação com o Recurso
7	CL	FTT - Casa Assombrada	Porque a Casa Cravo era divertida e assustadora	Interação com o Recurso
11	ED	FTT - Casa Assombrada	Gostei mais da casa porque tinha mais portas e coisas interessantes	Recurso
12	EM	FTT - Casa Assombrada	Porque a ficha está muito gira e é dobrável	Recurso
13	EN	FTT - Casa Assombrada	Porque gostei do texto	Temática
14	GA	FTT - Casa Assombrada	Porque é de EM e eu gosto de EM	Interação com o Recurso
18	IS	FTT - Casa Assombrada	Porque é grande e tem muitas coisas	Recurso
20	LA	FTT - Casa Assombrada	Porque o texto e as perguntas são interessantes	Temática e Interação com o Recurso
21	LE	FTT - Casa Assombrada	Porque o texto era criativo	Temática
22	VI	FTT - Casa Assombrada	Porque é criativo e eu gosto de casas assombradas, mistérios e dar medo	Temática e Recurso
19	JO	FTT - Casa Assombrada	-	Não respondeu
5	BE	FTT - Sol Desaparecido	Gostei dos trabalhos sobre o Sol	Interação com o Recurso
8	CO	FTT - Sol Desaparecido	Porque foi giro	Recurso
10	DE	FTT - Sol Desaparecido	Porque tem o mundo, o Sol e as horas	Temática e Recurso
19	JO	FTT - Sol Desaparecido	-	Não respondeu
4	AN	FTT - Sol Desaparecido	Porque gosto do planeta Terra e do espaço	Temática
15	GU	GTT - Mãe	Porque gostei muito	Interação com o Recurso
17	IN	GTT - Mãe	Porque era fácil	Interação com o Recurso
19	JO	GTT - Mãe	-	Não respondeu
2	AF	GTT - Poema	Gostei do poema. Fica divertida	Interação com o Recurso
9	DZ	GTT - Poema	Porque gosto de rimas e poesia	Interação com o Recurso
16	III	GTT - Poema	Porque aprendi	Interação com o Recurso
4	AN	GTT - Poema	Porque gosto do planeta Terra e do espaço	Interdisciplinaridade

O que mais gostei de entre as fichas de trabalho		
Guião de trabalho de texto do livro da "Mãe"	3	13%
Ficha de trabalho de texto sobre a Casa Assombrada	12	50%
Guião de trabalho de texto sobre o Poema	4	17%
Ficha de trabalho de texto sobre a Sol Desaparecido	5	21%
Total	24	100%

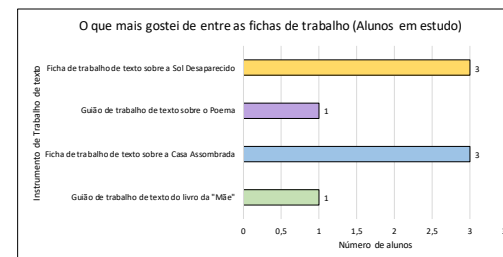


Justificação do que mais gostei desta ficha.	Casa Assombrada	%	Sol Desaparecido	%	Guião Mãe	%	Guião Poema	%	TOTAL	%
Temática	5	38%	2	50%	0	0%	0	0%	7	30%
Interação com o Recurso	4	31%	1	25%	2	67%	3	100%	10	43%
Recurso.	3	23%	0	0%	0	0%	0	0%	3	13%
Não respondeu	1	8%	1	25%	1	33%	0	0%	3	13%
Total	13	100%	4	100%	3	100%	3	100%	23	100%

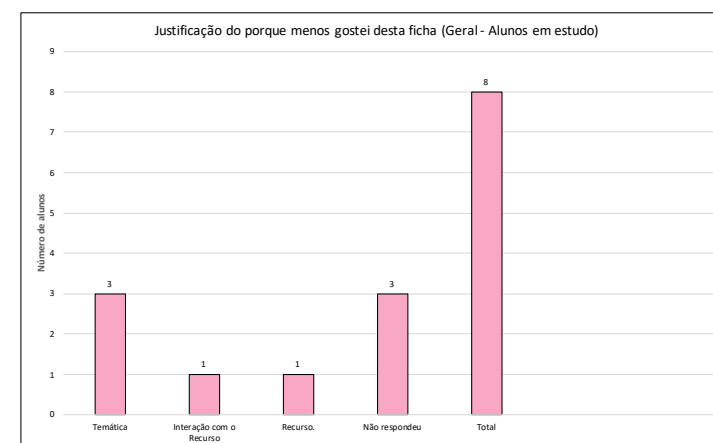
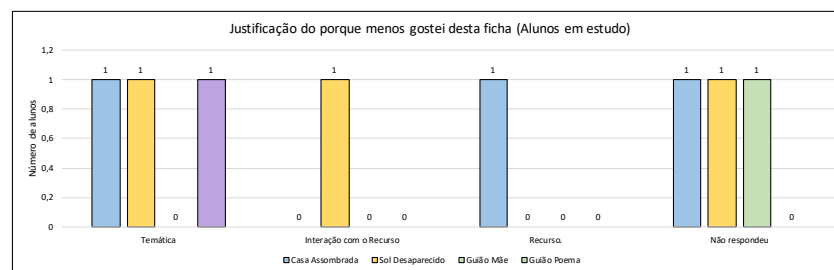


ALUNOS	I.I. MAIS GOSTA	Justifica	Agrupamentos	
18	IS	FTT - Casa Assombrada	Porque é grande e tem muitas coisas	Recurso
19	JO	FTT - Casa Assombrada	-	Não respondeu
21	LE	FTT - Casa Assombrada	Porque o texto era criativo	Temática
4	AN	FTT - Sol Desaparecido	Porque gosto do planeta Terra e do espaço	Temática
5	BE	FTT - Sol Desaparecido	Gostei dos trabalhos sobre o Sol	Interação com o Recurso
19	JO	FTT - Sol Desaparecido	-	Não respondeu
19	JO	GTT - Mãe	-	Não respondeu
4	AN	GTT - Poema	Porque gosto do planeta Terra e do espaço	Temática

O que mais gostei de entre as fichas de trabalho		
Guia de trabalho de texto do livro da "Mãe"	1	13%
Ficha de trabalho de texto sobre a Casa Assombrada	3	38%
Guia de trabalho de texto sobre o Poema	1	13%
Ficha de trabalho de texto sobre a Sol Desaparecido	3	38%
Total	8	100%



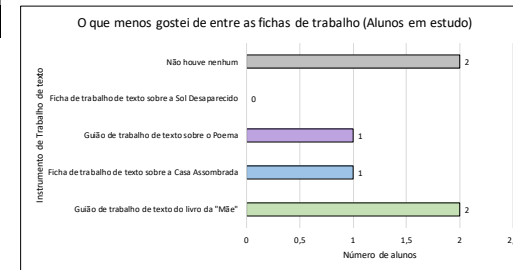
Justificação do que mais gostei desta ficha.	Casa Assombrada	%	Sol Desaparecido	%	Guia Mãe	%	Guia Poema	%	TOTAL	%
Temática	1	33%	1	33%	0	0%	1	100%	3	38%
Interação com o Recurso	0	0%	1	33%	0	0%	0	0%	1	13%
Recurso.	1	33%	0	0%	0	0%	0	0%	1	13%
Não respondeu	1	33%	1	33%	1	100%	0	0%	3	38%
Total	3	100%	3	100%	1	100%	1	100%	8	100%



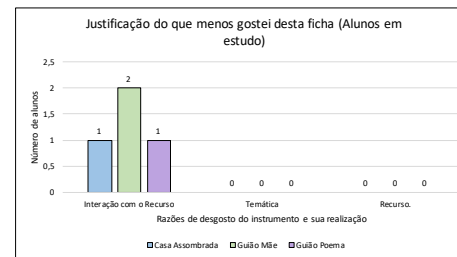
Análise da questão 1.2.

ALUNOS	1.2. MENOS GOSTA	Justifica	Agrupamentos	Agrupamentos	
4	AN	FTT - Casa Assombrada	Porque eram complicados	Exercicios	Interação com o Recurso
4	AN	GTT - Mãe	Porque eram complicados	Exercicios	Interação com o Recurso
5	BE	GTT - Mãe	Não achei divertido	Aborrecido	Interação com o Recurso
19	JO	GTT - Poema	Porque era difícil	Difícil	Interação com o Recurso
18	IS	Nenhum	-	-	-
21	LE	Nenhum	-	-	-

O que menos gostei de entre as fichas de trabalho		
Guião de trabalho de texto do livro da "Mãe"	2	33%
Ficha de trabalho de texto sobre a Casa Assombrada	1	17%
Guião de trabalho de texto sobre o Poema	1	17%
Ficha de trabalho de texto sobre a Sol Desaparecido	0	0%
Não houve nenhum	2	33%
Total	6	100%



Justificação do porque menos gostei desta ficha.	Casa Assombrada	%	Guião Mãe	%	Guião Poema	%	TOTAL	%
Interação com o Recurso	1	100%	2	100%	1	100%	4	21%
Temática	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Recurso:	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	1	100%	2	100%	1	100%	4	21%



Análise da questão 1.3.

1.3. Realizaste a Ficha de trabalho de texto sobre a Casa Assombrada	
AN	Sim
BE	Sim
IS	Sim
JO	Sim
LE	Sim

1.3. Realizaste a Ficha de trabalho de texto sobre a Casa Assombrada		
Sim	5	100%
Não	0	0%
	5	100%

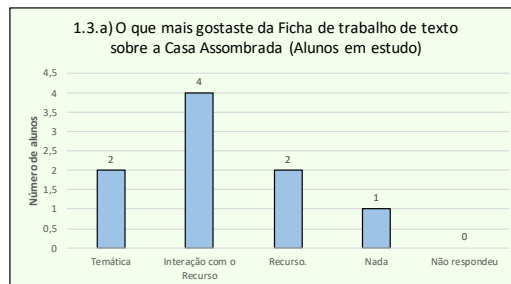


Análise da questão 1.3. a)

	1.3.a) O que mais gostaste da Ficha de trabalho de texto sobre a Casa Assombrada	Outro (Agrupado)
AN	Nada	-
BE	Exercícios da CA - História da CA	-
IS	Imagem da CA - Exercícios da CA	-
JO	Imagem da CA - Abrir a CA	-
LE	Exercícios da CA - História da CA	-

1.3.a) O que mais gostaste da Ficha de trabalho de texto sobre a Casa Assombrada		
Imagem	2	22%
Exercícios	3	33%
História	2	22%
Abrir	1	11%
Divertido	0	0%
Recurso.	0	0%
Temática	0	0%
Nada	1	11%
Não respondeu	0	0%
	9	100%

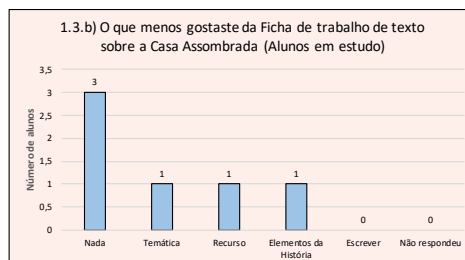
1.3.a) O que mais gostaste da Ficha de trabalho de texto sobre a Casa Assombrada		
Temática	2	22%
Interação com o Recurso	4	44%
Recurso.	2	22%
Nada	1	11%
Não respondeu	0	0%
	9	100%



Análise da questão 1.3. b)

	1.3.b) O que menos gostaste da Ficha de trabalho de texto sobre a Casa Assombrada	Outro (Agrupado)
AN	Complicado e não gosto do tema	Temática - Recurso
BE	Não houve nada	Nada
IS	Não houve nada	Nada
JO	Algumas coisas do texto	Elementos da História
LE	Não houve nada	Nada

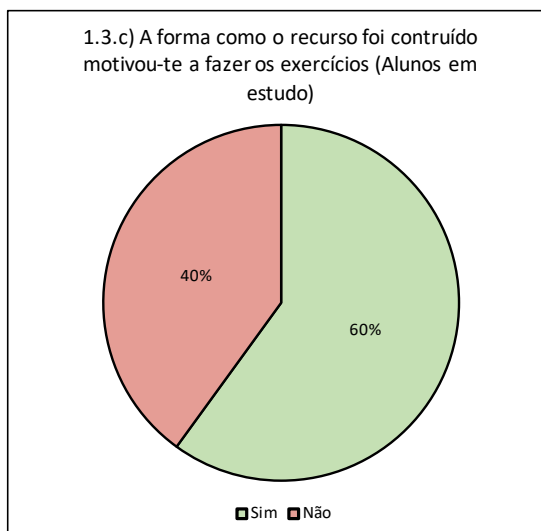
1.3.b) O que menos gostaste da Ficha de trabalho de texto sobre a Casa Assombrada		
Nada	3	50%
Temática	1	17%
Recurso	1	17%
Elementos da História	1	17%
Escrever	0	0%
Não respondeu	0	0%
	6	100%



Análise da questão 1.3. c)

	1.3.c) A forma como o recurso foi contruído motivou-te a fazer os exercícios?
AN	Sim
BE	Não
IS	Sim
JO	Sim
LE	Não

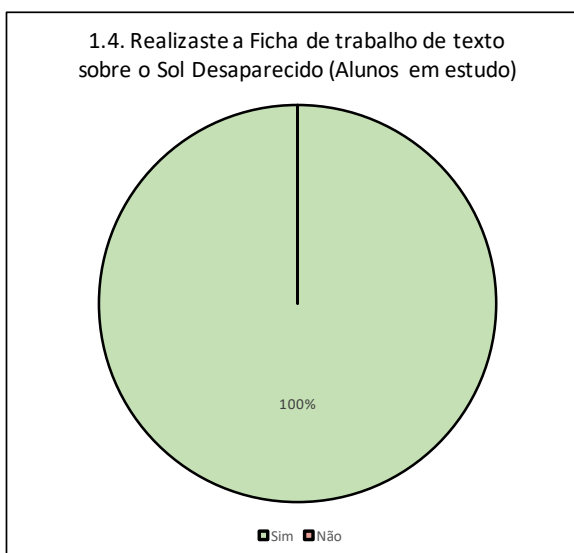
1.3.c) A forma como o recurso foi contruído motivou-te a fazer os exercícios?		
Sim	3	60%
Não	2	40%
	5	



Análise da questão 1.4.

1.4. Realizaste a Ficha de trabalho de texto sobre o Sol Desaparecido	
AN	Sim
BE	Sim
IS	Sim
JO	Sim
LE	Sim

1.4. Realizaste a Ficha de trabalho de texto sobre o Sol Desaparecido		
Sim	5	100%
Não	0	0%
Total	5	100%

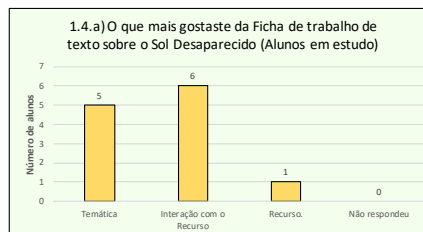


Análise da questão 1.4. a)

	1.4.a) O que mais gostaste da Ficha de trabalho de texto sobre o Sol Desaparecido	Outro (Agrupado)
AN	Imagem da SD - Exercícios da SD - História da SD - Folhear a SD	Diversido
BE	História da SD - Folhear a SD	-
IS	Exercícios da SD - História da SD	-
JO	Exercícios da SD - História da SD	-
LE	Exercícios da SD - História da SD	-

1.4.a) O que mais gostaste da Ficha de trabalho de texto sobre o Sol Desaparecido		
Imagem da SD	1	8%
Exercícios da SD	4	33%
História da SD	5	42%
Folhear a SD	2	17%
Diversido	0	0%
Não respondeu	0	0%
Total	12	100%

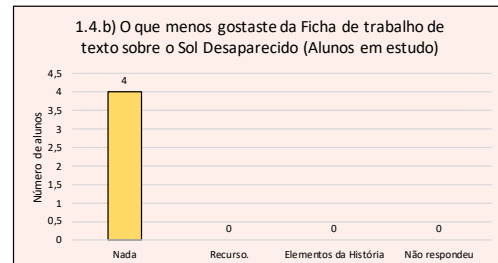
1.4.a) O que mais gostaste da Ficha de trabalho de texto sobre o Sol Desaparecido		
Temática	5	42%
Interação com o Recurso	6	50%
Recurso.	1	8%
Não respondeu	0	0%
Total	12	100%



Análise da questão 1.4. b)

	1.4.b) O que menos gostaste da Ficha de trabalho de texto sobre o Sol Desaparecido	Outro (Agrupado)
AN	Não houve nada	Nada
BE	Não houve nada	Nada
IS	Não houve nada	Nada
JO	A parte do texto	Elementos da História
LE	Não houve nada	Nada

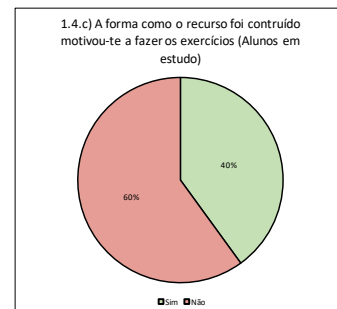
1.4.b) O que menos gostaste da Ficha de trabalho de texto sobre o Sol Desaparecido		
Nada	4	100%
Recurso.	0	0%
Elementos da História	0	0%
Não respondeu	0	0%
Total	4	100%



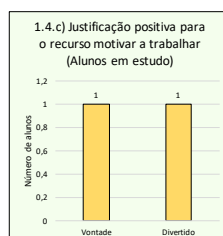
Análise da questão 1.4. c)

	1.4.c) A forma como o recurso foi contruído motivou-te a fazer os exercícios?	Outro (Agrupado)	Outro (Agrupado)
IS	Sim	Porque foi divertida	Divertido
JO	Sim	Fez-me fazer mais exercícios	Vontade
AN	Não	Porque é bonito e não quero estragar	Não quero estragar
BE	Não	Porque eu gosto de trabalhar e fazia na mesma sem Sol	É Igual
LE	Não	Porque o Sol não faz nada para fazer	É Igual

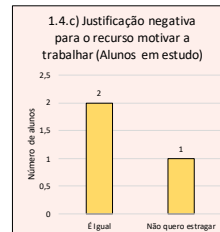
1.4.c) A forma como o recurso foi contruído motivou-te a fazer os exercícios?		
Sim	2	40%
Não	3	60%
Total	5	100%



1.4.c) Justificação	Sim	%
Vontade	1	50%
Divertido	1	50%
Total	2	100%



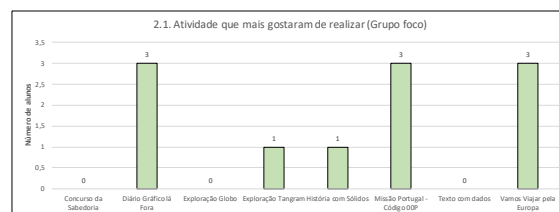
1.4.c) Justificação	Não	%
É Igual	2	67%
Não quero estragar	1	33%
Total	3	100%



Análise da questão 2.1.

2.1. Atividade que mais gostaram de realizar		Justifica	Agrupamento
AN	Diário Gráfico lá Fora	Porque nunca fiz e achei fixe	Novidade e Divertido
BE	Diário Gráfico lá Fora	Divertido e engraçado	Divertido e Engraçado
IS	Diário Gráfico lá Fora	Porque exploramos	Gostei de Explorar
JO	Exploração Tangram	Porque fizemos desenhos	Desenhos
JO	História com Sólidos	Porque fizemos desenhos	Desenhos
AN	Missão Portugal - Código 00P	Porque nunca fiz e achei fixe	Novidade e Divertido
BE	Missão Portugal - Código 00P	Divertido e engraçado	Divertido e Engraçado
LE	Missão Portugal - Código 00P	Foram divertidos	Divertido
AN	Vamos Viajar pela Europa	Porque nunca fiz e achei fixe	Novidade e Divertido
IS	Vamos Viajar pela Europa	Porque exploramos	Gostei de Explorar
LE	Vamos Viajar pela Europa	Foram divertidos	Divertido

2.1. Atividade que mais gostaram de realizar		
Concurso da Sabedoria	0	0%
Diário Gráfico lá Fora	3	27%
Exploração Globo	0	0%
Exploração Tangram	1	9%
História com Sólidos	1	9%
Missão Portugal - Código 00P	3	27%
Texto com dados	0	0%
Vamos Viajar pela Europa	3	27%
Total	11	100%



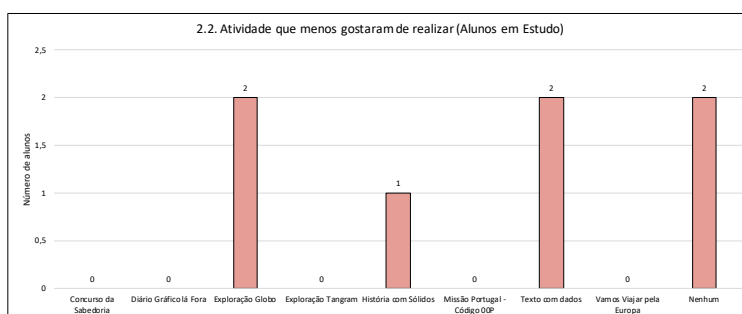
2.1. Porque gostas-te de realizar essa atividade?	Diário Gráfico lá Fora	%	Exploração Tangram	%	História com Sólidos	%	Missão Portugal - Código 00P	%	Vamos Viajar pela Europa	%	TOTAL	%
Aprendizagens	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Consegui fazer	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Desenhos	0	0%	1	100%	1	100%	0	0%	0	0%	2	15%
Divertido	2	50%	0	0%	0	0%	3	75%	2	67%	7	54%
Engraçado	1	25%	0	0%	0	0%	1	25%	0	0%	2	15%
Fiz Exercício	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Gostei de Explorar	1	25%	0	0%	0	0%	0	0%	1	33%	2	15%
Gostei do Material	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Natureza	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Novidade	1	25%	0	0%	0	0%	1	25%	1	33%	3	23%
Prima na Grécia	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Recurso	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Temática	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Total	4	100%	1	100%	1	100%	4	100%	3	100%	13	100%



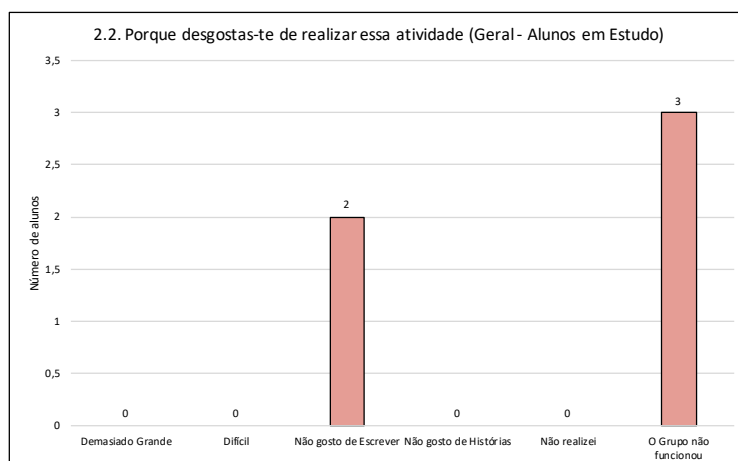
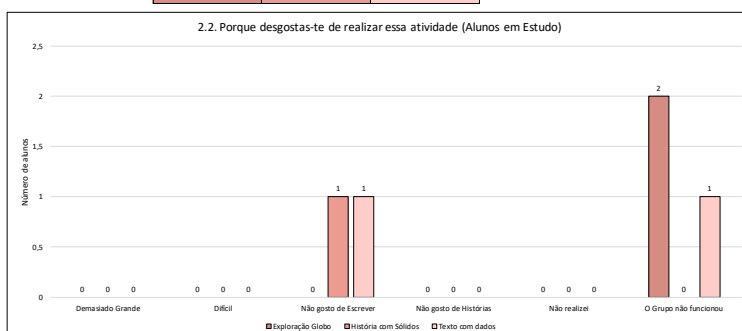
Análise da questão 2.2.

2.2. Atividade que menos gostaram de realizar		Justificação	Agrupamento
IS	Exploração Globo	porque o grupo não funcionou	O Grupo não funcionou
JO	Exploração Globo	Porque só reclamavam comigo	O Grupo não funcionou
<hr/>			
AN	História com Sólidos	Porque não gosto de escrever	Não gosto de Escrever
<hr/>			
AN	Texto com dados	Porque não gosto de escrever	Não gosto de Escrever
IS	Texto com dados	porque o grupo não funcionou	O Grupo não funcionou
<hr/>			
BE	Nenhum	-	-
LE	Nenhum	-	-

2.2. Atividade que menos gostaram de realizar		
Concurso da Sabedoria	0	0%
Diário Gráfico lá Fora	0	0%
Exploração Globo	2	29%
Exploração Tangram	0	0%
História com Sólidos	1	14%
Missão Portugal - Código 00P	0	0%
Texto com dados	2	29%
Vamos Viajar pela Europa	0	0%
Nenhum	2	29%
Total	7	100%



2.2. Porque desgostas-te de realizar essa atividade?	Exploração Globo	%	História com Sólidos	%	Texto com dados	%	TOTAL	%
Demasiado Grande	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Difícil	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Não gosto de Escrever	0	0%	1	100%	1	50%	2	11%
Não gosto de Histórias	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
Não realizei	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
O Grupo não funcionou	2	100%	0	0%	1	50%	3	17%
Total	2	100%	1	100%	2	100%	5	28%

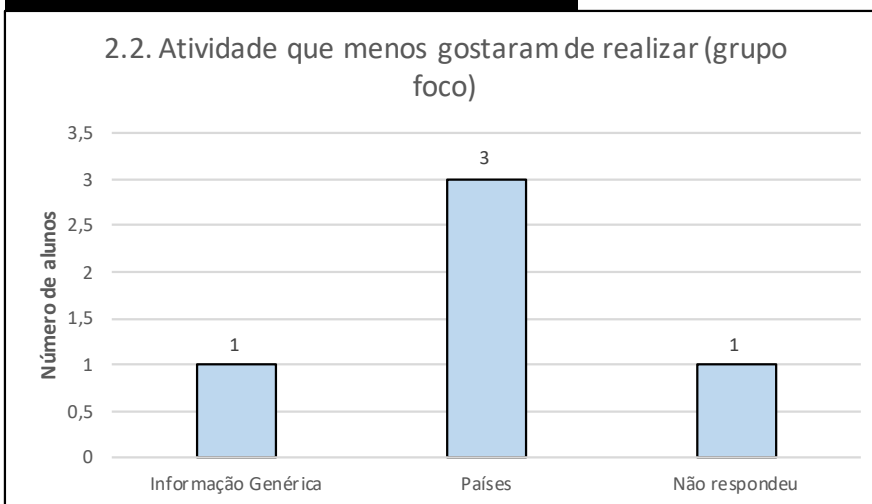


Análise da questão 2.3.

	2.3. O que aprendeste com a atividade "Vamos Viajar pela Europa"	Justificação
BE	Aprendi muito sobre a Europa	Informação Genérica
IS	Não respondeu	Não respondeu
AN	Alguns países da Europa e algumas capitais	Países
JO	Os nomes dos Países	Países
LE	Continentes e países da Europa	Países

2.2. Atividade que menos gostaram de realizar

Informação Genérica	1	20%
Países	3	60%
Não respondeu	1	20%
Total	5	100%

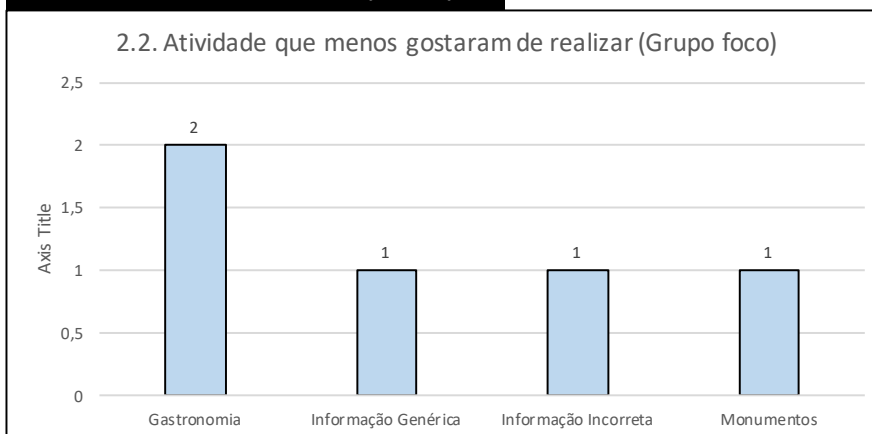


Análise da questão 2.4.

2.4. APRENDESTE PORTUGAL?		
IS	Aprende as comidas que as pessoas fazem nos distritos	Gastronomia
JO	As comidas e lugares	Gastronomia
BE	Aprende muito sobre Portugal	Informação Genérica
LE	Os distritos da Europa	Informação Incorreta
AN	Que o Portugal dos pequenitos e a Quinta das Lágrimas é em Coimbra	Monumentos

2.2. Atividade que menos gostaram de realizar

Gastronomia	2	0%
Informação Genérica	1	20%
Informação Incorreta	1	0%
Monumentos	1	20%
Total	0	0%

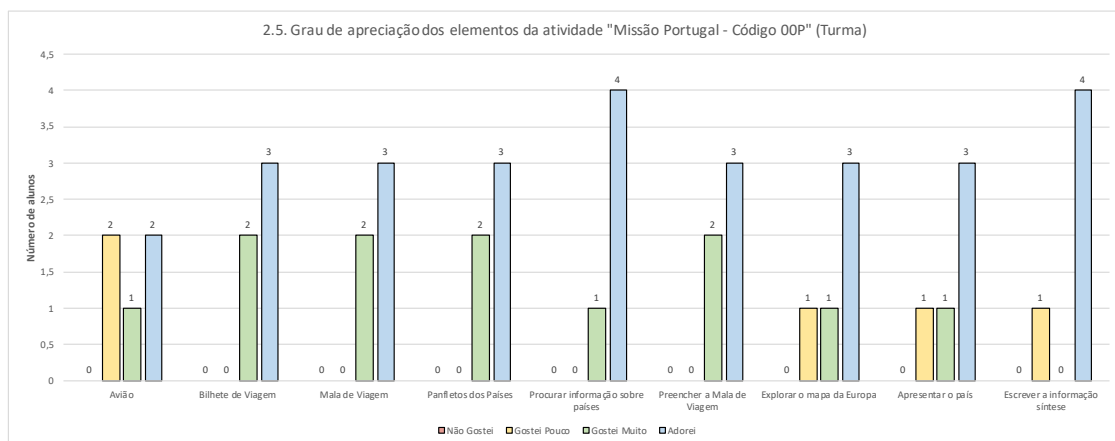


Análise da questão 2.5. Atividade “Vamos Viajar pela Europa”

2.5. Grau de apreciação dos elementos da atividade "Vamos Viajar pela Europa"									
Elementos da Dinâmica	Avião	Bilhete de Viagem	Mala de Viagem	Panfletos dos Países	Procurar informação sobre países	Preencher a Mala de Viagem	Explorar o mapa da Europa	Apresentar o país	Escrever a informação síntese
AN	Gostei Pouco	Gostei Muito	Gostei Muito	Gostei Muito	Gostei Muito	Gostei Muito	Gostei Pouco	Gostei Muito	Gostei Pouco
BE	Gostei Muito	Gostei Muito	Adorei	Gostei Muito	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei
IS	Adorei	Adorei	Gostei Muito	Adorei	Adorei	Gostei Muito	Gostei Muito	Gostei Pouco	Adorei
JO	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei
LE	Gostei Pouco	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei
MÉDIA	Gostei Muito	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Gostei Muito	Gostei Muito	Adorei

2.5. Grau de apreciação dos elementos da atividade "Vamos Viajar pela Europa"									
Elementos da Dinâmica	Avião	Bilhete de Viagem	Mala de Viagem	Panfletos dos Países	Procurar informação sobre países	Preencher a Mala de Viagem	Explorar o mapa da Europa	Apresentar o país	Escrever a informação síntese
Não Gostei	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Gostei Pouco	2	0	0	0	0	0	1	1	1
Gostei Muito	1	2	2	2	1	2	1	1	0
Adorei	2	3	3	3	4	3	3	3	4
Total	5	5	5	5	5	5	5	5	5

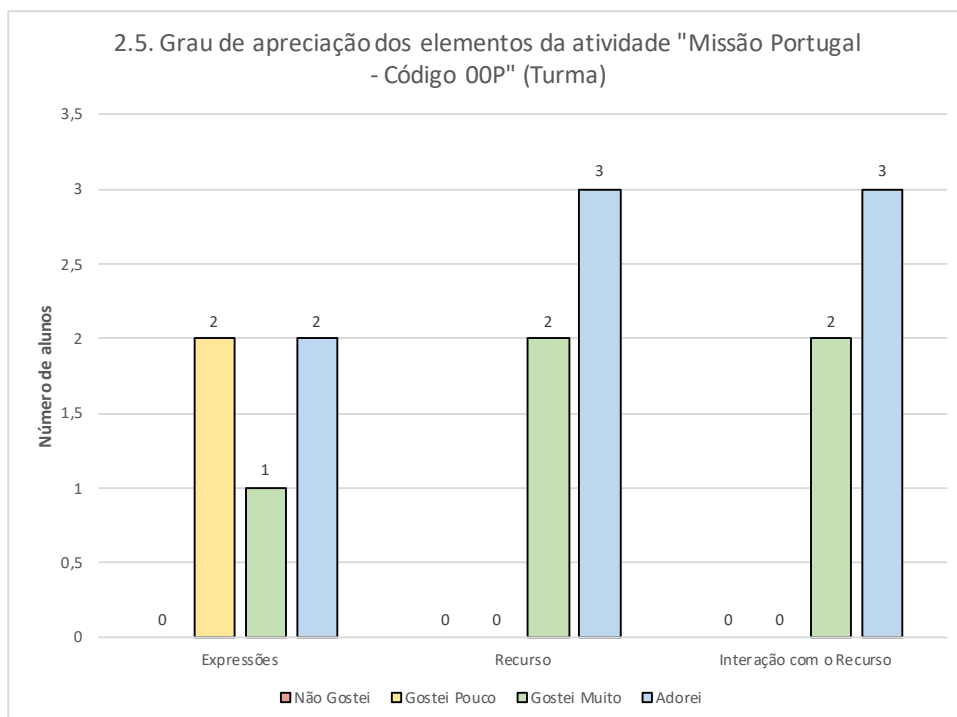
2.5. Grau de apreciação dos elementos da atividade "Vamos Viajar pela Europa"									
Elementos da Dinâmica	Avião	Bilhete de Viagem	Mala de Viagem	Panfletos dos Países	Procurar informação sobre países	Preencher a Mala de Viagem	Explorar o mapa da Europa	Apresentar o país	Escrever a informação síntese
Não Gostei	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Gostei Pouco	40%	0%	0%	0%	0%	0%	20%	20%	20%
Gostei Muito	20%	40%	40%	40%	20%	40%	20%	20%	0%
Adorei	40%	60%	60%	60%	80%	60%	60%	60%	80%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%



2.5. Grau de apreciação dos elementos da atividade "Vamos Viajar pela Europa"			
Elementos da Dinâmica	Expressões	Recurso	Interação com o Recurso
AN	Gostei Pouco	Gostei Muito	Gostei Muito
BE	Gostei Muito	Gostei Muito	Adorei
IS	Adorei	Adorei	Gostei Muito
JO	Adorei	Adorei	Adorei
LE	Gostei Pouco	Adorei	Adorei
MÉDIA	Gostei Muito	Adorei	Adorei

2.5. Grau de apreciação dos elementos da atividade "Vamos Viajar pela Europa"			
Elementos da Dinâmica	Expressões	Recurso	Interação com o Recurso
Não Gostei	0	0	0
Gostei Pouco	2	0	0
Gostei Muito	1	2	2
Adorei	2	3	3
Total	5	5	5

2.5. Grau de apreciação dos elementos da atividade "Vamos Viajar pela Europa"			
Elementos da Dinâmica	Expressões	Recurso	Interação com o Recurso
Não Gostei	0%	0%	0%
Gostei Pouco	40%	0%	0%
Gostei Muito	20%	40%	40%
Adorei	40%	60%	60%
Total	100%	100%	100%

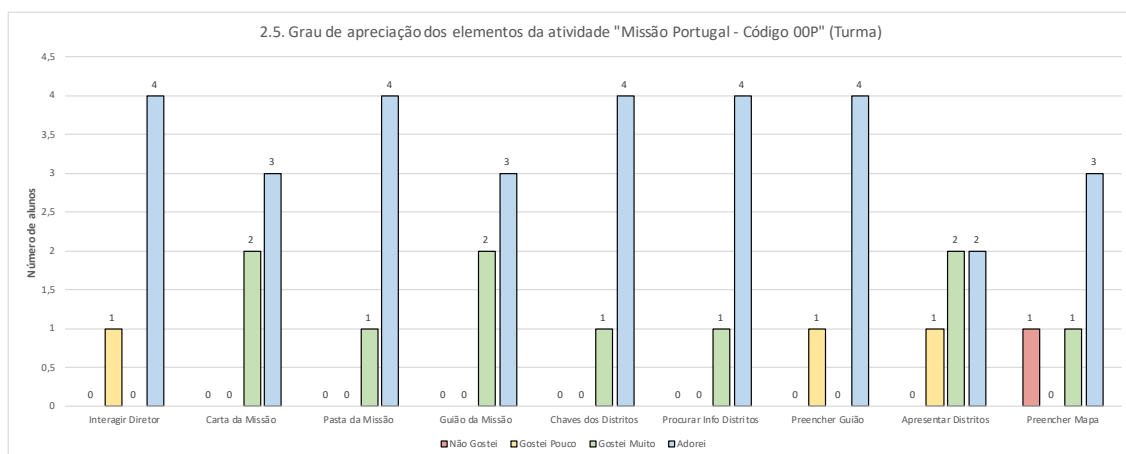


Análise da questão 2.5. Atividade “Vamos Viajar pela Europa”

2.5. Grau de apreciação dos elementos da atividade "Missão Portugal - Código 00P"									
Elementos da Dinâmica	Interagir Diretor	Carta da Missão	Pasta da Missão	Guião da Missão	Chaves dos Distritos	Procurar Info Distritos	Preencher Guião	Apresentar Distritos	Preencher Mapa
AN	Gostei Pouco	Gostei Muito	Gostei Muito	Gostei Muito	Gostei Muito	Gostei Muito	Gostei Pouco	Gostei Muito	Não Gostei
BE	Adorei	Gostei Muito	Adorei	Gostei Muito	Adorei	Adorei	Adorei	Gostei Muito	Adorei
IS	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Gostei Pouco	Gostei Muito
JO	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei
LE	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei
MÉDIA	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Adorei	Gostei Muito	Gostei Muito

2.5. Grau de apreciação dos elementos da atividade "Missão Portugal - Código 00P"									
Elementos da Dinâmica	Interagir Diretor	Carta da Missão	Pasta da Missão	Guião da Missão	Chaves dos Distritos	Procurar Info Distritos	Preencher Guião	Apresentar Distritos	Preencher Mapa
Não Gostei	0	0	0	0	0	0	0	0	1
Gostei Pouco	1	0	0	0	0	0	1	1	0
Gostei Muito	0	2	1	2	1	1	0	2	1
Adorei	4	3	4	3	4	4	4	2	3
Total	5	5	5	5	5	5	5	5	5

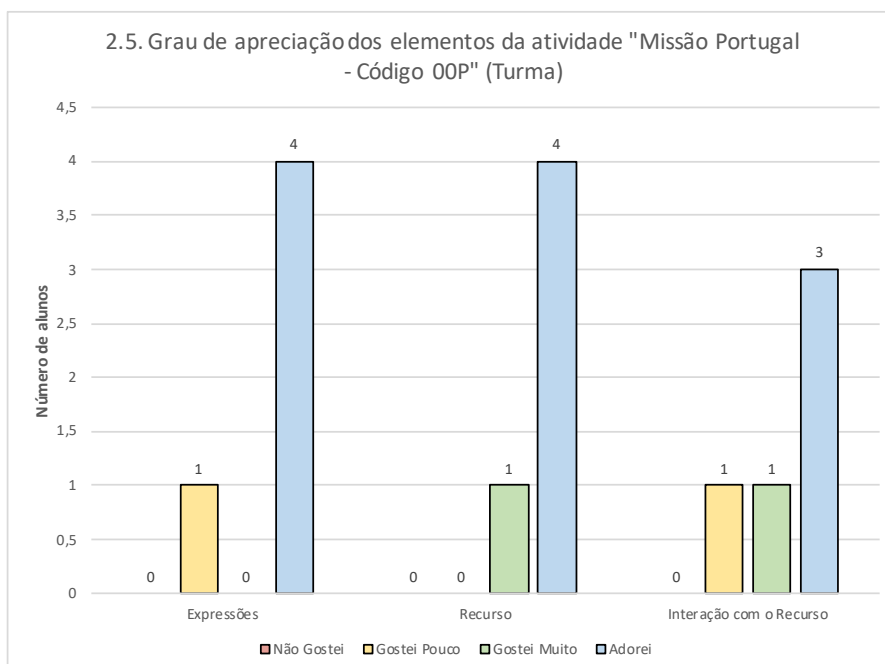
2.5. Grau de apreciação dos elementos da atividade "Missão Portugal - Código 00P"									
Elementos da Dinâmica	Interagir Diretor	Carta da Missão	Pasta da Missão	Guião da Missão	Chaves dos Distritos	Procurar Info Distritos	Preencher Guião	Apresentar Distritos	Preencher Mapa
Não Gostei	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%	20%
Gostei Pouco	20%	0%	0%	0%	0%	0%	20%	20%	0%
Gostei Muito	0%	40%	20%	40%	20%	20%	0%	40%	20%
Adorei	80%	60%	80%	60%	80%	80%	80%	40%	60%
Total	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%



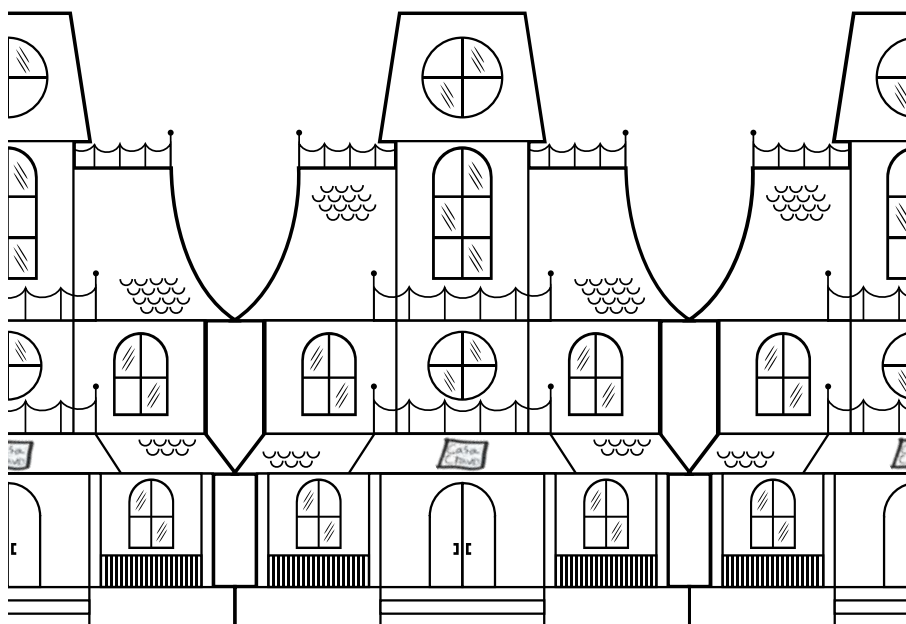
2.5. Grau de apreciação dos elementos da atividade "Missão Portugal - Código 00P"			
Elementos da Dinâmica	Expressões	Recurso	Interação com o Recurso
AN	Gostei Pouco	Gostei Muito	Gostei Pouco
BE	Adorei	Adorei	Adorei
IS	Adorei	Adorei	Gostei Muito
JO	Adorei	Adorei	Adorei
LE	Adorei	Adorei	Adorei
MÉDIA	Adorei	Adorei	Gostei Muito

2.5. Grau de apreciação dos elementos da atividade "Missão Portugal - Código 00P"			
Elementos da Dinâmica	Expressões	Recurso	Interação com o Recurso
Não Gostei	0	0	0
Gostei Pouco	1	0	1
Gostei Muito	0	1	1
Adorei	4	4	3
Total	5	5	5

2.5. Grau de apreciação dos elementos da atividade "Missão Portugal - Código 00P"			
Elementos da Dinâmica	Expressões	Recurso	Interação com o Recurso
Não Gostei	0%	0%	0%
Gostei Pouco	20%	0%	20%
Gostei Muito	0%	20%	20%
Adorei	80%	80%	60%
Total	100%	100%	100%



Anexo K – Ficha de Trabalho de Texto da Casa Assombrada



A Aventura na Casa Assombrada

Em 1999, três amigos chamados Joana, Rita e José viram uma casa abandonada. Eles eram muito curiosos então foram perguntar aos pais se podiam explorar essa casa e estes disseram que sim. Então os amigos foram explorar, mas as pessoas que já tinham visitado a casa diziam que esta era assombrada.

Eles viram o nome da habitação, chamava-se Casa Cravo, o apelido da família portuguesa que lá habitava.

A Joana abriu a porta gigante, todos entraram e viram que a casa era enorme! Mas estava toda suja. De repente a porta fechou-se e eles assustaram-se. O Zé encostou-se à parede e abriu uma porta. Eles entraram lá dentro e viram uma sala de jogos secreta. Os amigos saíram dessa sala e foram para os quartos, mas as mães deles disseram para irem para casa. Eles foram para casa, mas no dia seguinte voltaram.

A Rita e o Zé, de manhã, foram para a casa da Joana pois ela disse-lhes que o seu avô sabia um pouco da história daquela casa. Então, o avô da Joana disse:

- As pessoas que viviam perto da Casa Cravo diziam que havia uma família muito grande. Nessa família havia uma menina que estava sempre no seu quarto com a porta fechada, porque estava sempre a ouvir música. Nesse dia, houve um apagão e, quando a luz voltou, a família desapareceu, menos a menina.

Os três amigos ao ouvir a história ficaram espantados. Passado alguns minutos, eles voltaram para a casa abandonada e continuaram a sua aventura.

Eles não conseguiram descobrir o que aconteceu, mas pelo menos sentiram que foi muito divertido! Eles gostaram muito!

Texto do [redacted] elaborado por todos 29 - 04 - 2024

**Lê o texto
e responde**

1. Por que razão a casa assombrada se chama "Casa Cravo"?

1.1. **Transcreve** uma frase do texto que indique a razão do nome da casa assombrada.

2. Por é que os três amigos se assustaram quando entraram na casa abandonada?

3. Preenche a tabela seguinte com **palavras do texto**:

Nome próprio: _____ Verbo: _____

Nome comum: _____ Adjetivo: _____

Pronome pessoal: _____ Adjetivo: _____

4. **Classifica** as palavras quanto à sílaba tónica. (EGA)

Abandonada: _____ História: _____

Amanhã: _____ Família: _____

5. Portugal é o país de origem da família Cravo. Pinta Portugal no mapa à direita.



6. Identifica o nome do país que faz fronteira com Portugal: _____

7. Identifica o nome do oceano que faz fronteira com Portugal: _____

8. A distância entre Portugal e os Estados Unidos da América (EUA) é de mais ou menos 7313 km. Sabendo que o arquipélago dos Açores fica a 1525 km de Portugal situa-se entre o nosso país e os EUA. Qual a distância entre os EUA e o arquipélago dos Açores?



9. Que mais salas é que achas que existe na Casa Cravo? Descreve o que elas têm.

10. Imagina que tu e os teus amigos iam visitar a casa Cravo. Descreve como seria a tua aventura.

Anexo L – Ficha de Trabalho de Texto do Sol Desaparecido



O dia em que o Sol desapareceu

O dia em que o Sol desapareceu


Num dia de verão, há vinte anos, o Sol estava bonito. Eram 16 horas e 37 minutos. A Lara ligou-me e disse que o Sol ia desaparecer e depois ia ficar tudo escuro, o que é assustador. Confesso que fiquei com medo!

De seguida, para ver se o Sol desaparecia, fui com a Lara comer uma banana à praia. Quando lá chegámos, vimos uma baleia gigante que deu um salto na água. De repente, o Sol desapareceu e nós gritámos de susto.

Naquele momento, apareceram vários cientistas que souberam do desaparecimento do Sol. Tivemos de esperar 3 horas para que eles fizessem um Sol artificial e ficou tudo bem.

Texto do [redacted] elaborado por todas a 07 - 05 - 2024

1





Lê o texto e responde

- Por que razão o personagem principal ficou com medo?
- O que é que aconteceu quando as amigas foram à praia?
- Retira do texto um:

Monossílabo: _____	Dissílabo: _____
Trissílabo: _____	Polissílabo: _____
- Porque é que os cientistas apareceram na praia?

2

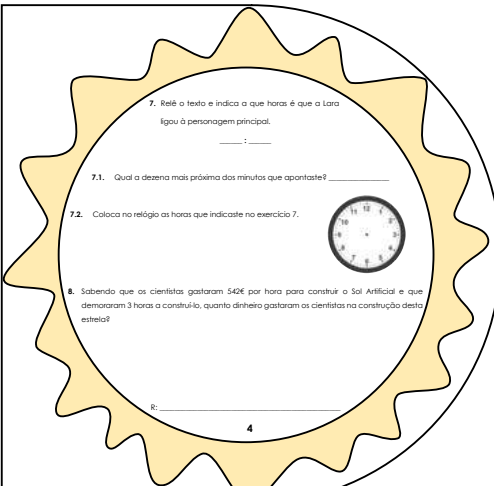



5. O planeta Terra faz dois movimentos à volta do Sol, o de Translação e o de Rotação. Faz corresponder o movimento da Terra à sua descrição correta.

Movimento de Translação •	Movimento sobre o próprio planeta.
Movimento de Rotação •	Movimento à volta do Sol.

6. Indica qual é o movimento que é possível ser observado na imagem acima e indica o que é que este movimento provoca no planeta Terra.

3




7. Relê o texto e indica a que horas é que a Lara ligou à personagem principal.

..... :

7.1. Qual a dezena mais próxima dos minutos que apontaste?

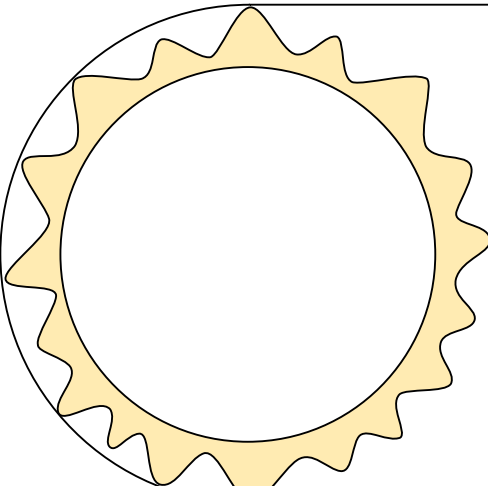
7.2. Coloca no relógio as horas que indicaste no exercício 7.



8. Sabendo que os cientistas gastaram 540€ por hora para construir o Sol Artificial e que demoraram 3 horas a construí-lo, quanto dinheiro gastaram os cientistas na construção deste estelóide?

R:

4



Anexo M – Hospital das palavras

	Hospital	das	palavras
1			
2			
3			
4			
5			
6			
7			
8			
9			
10			
11			
12			
13			
14			
15			

Anexo O – Atividade “Vamos Viajar pela Europa”

Anexo O1 – Atividade “Vamos Viajar pela Europa” – Bilhete de viagem

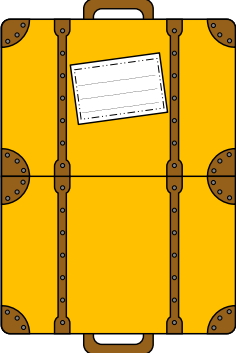
BILHETE DE AVIÃO
Obrigado por viajar conosco

Nome dos Passageiros: _____

Via de: Portugal Via para: _____

Duração: 3 dias

Anexo O2 – Atividade “Vamos Viajar pela Europa” – Mala de viagem



Pais: _____

Bandeira: _____

Informações

Continente: _____ 2 lugares a visitar: _____


Capital: _____

Língua: _____

Nome de uma pessoa importante: _____

Uma tradição: _____

Para o mapa o país que vais visitar



Anexo O3 – Atividade “Vamos Viajar pela Europa” – Panfletos dos Países

Espanha

Com uma população de quase 46 milhões de pessoas, Espanha é um dos maiores países da Europa. Ela faz fronteira com Portugal, França e Marrocos.

Vamos viajar pela Europa

A sua capital é Madrid, caso da cidade de Toledo não esqueça.

ESPAÑHÓIS FAMOSOS

Nome: Pablo Picasso
Profissão: Pintor e escultor
Residência: 1881-1973

Nome: Cervantes
Profissão: Escritor
Residência: 1597-1616

Nome: Velázquez
Profissão: Pintor
Residência: 1599-1660

Itália

Com uma população de quase 59 milhões de pessoas, Itália é um país europeu com a mais alta densidade populacional na Europa. Ela faz fronteira com França, Suíça, Áustria e Eslovênia.

Vamos viajar pela Europa

A sua capital é Roma, local onde se encontra uma das 7 maravilhas do mundo, a Colina do Vaticano.

ITALIANOS FAMOSOS

Nome: Leonardo da Vinci
Profissão: Polímata
Residência: 1452-1519

Nome: Michelangelo
Profissão: Escultor, pintor e arquiteto
Residência: 1475-1564

Nome: Galileu Galilei
Profissão: Astrónomo, físico, filósofo, inventor, matemático e cientista
Residência: 1564-1642

Grécia

Com uma população de quase 11 milhões de pessoas, Grécia é um país europeu, onde se fala grego. Ela faz fronteira com Albânia, Bulgária, Turquia e Itália.

Vamos viajar pela Europa

A sua capital é Atenas, local onde se encontra o Partenão, um dos sete maravilhas do mundo antigo.

GRÉGOS FAMOSOS

Nome: Sócrates
Profissão: Filósofo
Residência: 470-399 a.C.

Nome: Platão
Profissão: Filósofo
Residência: 427-347 a.C.

Nome: Alexandre Magno
Profissão: Rei
Residência: 356-323 a.C.

Inglaterra

Com uma população de quase 54 milhões de pessoas, Inglaterra é um país europeu que faz fronteira com a Escócia e o País de Gales.

Vamos viajar pela Europa

A sua capital é Londres e pertence a um conjunto de quatro países que formam a Ilha Britânica.

INGLÊSES FAMOSOS

Nome: William Shakespeare
Profissão: Dramaturgo, poeta e ator
Residência: 1564-1616

Nome: Isaac Newton
Profissão: Físico, matemático, filósofo naturalista e teólogo
Residência: 1643-1727

Nome: Charles Darwin
Profissão: Biólogo, geólogo, filósofo da ciência e naturalista
Residência: 1809-1882

Alemanha

Com uma população de quase 82 milhões de pessoas, Alemanha é um país onde se fala alemão. Ela faz parte do centro da Europa, faz fronteira com Dinamarca, Polónia, República Checa e Polónia.

Vamos viajar pela Europa

A sua capital é Berlim e é a quarta cidade mais populosa da Europa.

ALEMÃES FAMOSOS


Nome: Martin Lutero
Profissão: Teólogo, filósofo, escritor e reformador
Residência: 1483-1546

Nome: Goethe
Profissão: Escritor, filósofo, cientista, poeta, dramaturgo e político
Residência: 1749-1832

Nome: Albert Einstein
Profissão: Físico teórico
Residência: 1879-1955

Anexo O5 – Atividade “Vamos Viajar pela Europa” – Registo das apresentações

País	Capital	Língua	2 lugares a visitar	Uma tradição



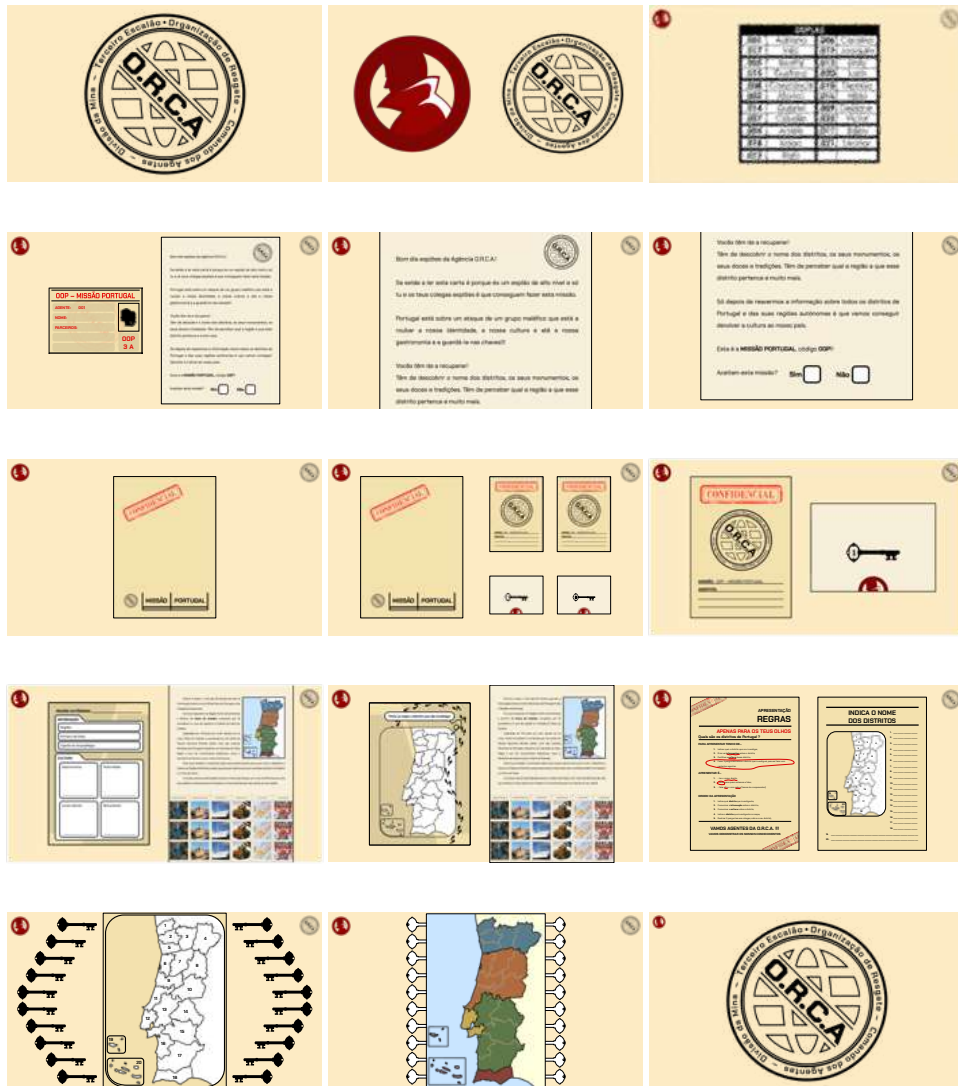
A map of Europe showing the outlines of the continents and countries, intended for students to mark their travel destinations.

Anexo O6 – Atividade “Vamos Viajar pela Europa” – Produção final da turma



Anexo P – Atividade “Missão Portugal_Código 00P”

Anexo P1 – Atividade “Missão Portugal” – Apresentação powerpoint




Anexo P2 – Atividade “Missão Portugal” – Cartões de Espião



Anexo P3 – Atividade “Missão Portugal” – Cartas indutoras da Missão 00P e 00M

Bom dia espíões da Agência O.R.C.A!



Se estás a ler esta carta é porque és um espião de alto nível e só tu e os teus colegas espíões é que conseguem fazer esta missão.

Portugal está sobre um ataque de um grupo maléfico que está a roubar a nossa identidade, a nossa cultura e até a nossa gastronomia e a guardá-la nas chaves!!!

Vocês têm de a recuperar!


Têm de descobrir o nome dos distritos, os seus monumentos, os seus doces e tradições. Têm de perceber qual a região a que esse distrito pertence e muito mais.

Só depois de reavermos a informação sobre todos os distritos de Portugal e das suas regiões autónomas é que vamos conseguir devolver a cultura ao nosso país.

Esta é a **MISSÃO PORTUGAL**, código **00P**!!

Aceitam esta missão? Sim Não

Bom dia agente 013 da Agência O.R.C.A!



Esta missão é ultrasecreta e só tu é que a consegues fazer.

Para nós reavermos a cultura de Portugal, precisamos de um mapa para escrever essa cultura.

Precisamos que tu nos ajudes a construir o Mapa de Portugal para que todos os outros espíões consigam abrir os distritos com as chaves.

Esta é a **MISSÃO MAPA**, código **00M**!!

O que dizes?

Aceitas esta missão? Sim Não

Anexo P4 – Atividade “Missão Portugal” – Pasta da Missão



O.R.C.A – Organização de Resgate. Comando de Agentes Portugueses



MISSÃO PORTUGAL

Anexo P5 – Atividade “Missão Portugal” – Guião de exploração dos distritos

CONFIDENCIAL

MISSÃO: ODP – MISSÃO PORTUGAL
AGENTES: _____

DISTRITO: _____

INFORMAÇÃO

Região: _____

Número de concelhos: _____

É capital regional? Sim Não

CULTURA

Gastronomia	Festividade
Local natural	Monumento

Pista no mapa o distrito que vão investigar

DISTRITO: _____

INFORMAÇÃO

Região: _____

Número de concelhos: _____

É capital regional? Sim Não

CULTURA

Gastronomia	Festividade
Local natural	Monumento

Pista no mapa o distrito que vão investigar

CONFIDENCIAL

APRESENTAÇÃO

REGRAS

APENAS PARA OS TEUS OLHOS

Quais são os distritos de Portugal ?

PARA APRESENTAR TENHO DE...

1. Indicar qual o distrito que vou investigar;
2. Dar a **informação** sobre o distrito;
3. Partilhar a **cultura** sobre o distrito;
4. Fazer 2 perguntas sobre o distrito que investigo, para as fazer aos outros agentes.

APRESENTAR É...

1. Ser o **corpo distrito**;
2. Ser **o primeiro** a falar;
3. Não **deixar** a ninguém (temos de compreender).

ORDEN DA APRESENTAÇÃO

1. Indica qual **distrito** que investigo;
2. Comunicar a **informação** sobre o distrito;
3. Comunicar a **cultura** sobre o distrito;
4. Indica o **distrito** que investigo no mapa;
5. Realizar 2 perguntas aos colegas, sobre o meu distrito.

VAMOS AGENTES DA O.R.C.A. !!!
VAMOS DEMONSTRAR OS NOSSOS CONHECIMENTOS

INDICA O NOME DOS DISTRITOS

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____
11. _____
12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____

Anexo P6 – Atividade “Missão Portugal” – Guião de exploração das regiões autónomas

CONFIDENCIAL

MISSÃO: ODP – MISSÃO PORTUGAL
AGENTES: _____

REGIÃO AUTÓNOMA: _____

INFORMAÇÃO

Região: _____

Número de ilhas: _____

Capital do Arquipélago: _____

CULTURA

Gastronomia	Festividade
Local natural	Monumento

Pista no mapa o distrito que vão investigar

REGIÃO AUTÓNOMA: _____

INFORMAÇÃO

Região: _____

Número de ilhas: _____

Capital do Arquipélago: _____

CULTURA

Gastronomia	Festividade
Local natural	Monumento

Pista no mapa o distrito que vão investigar

CONFIDENCIAL

APRESENTAÇÃO

REGRAS

APENAS PARA OS TEUS OLHOS

Quais são os distritos de Portugal ?

PARA APRESENTAR TENHO DE...

1. Indicar qual o distrito que vou investigar;
2. Dar a **informação** sobre o distrito;
3. Partilhar a **cultura** sobre o distrito;
4. Fazer 2 perguntas sobre o distrito que investigo, para as fazer aos outros agentes.

APRESENTAR É...

1. Ser o **corpo distrito**;
2. Ser **o primeiro** a falar;
3. Não **deixar** a ninguém (temos de compreender).

ORDEN DA APRESENTAÇÃO

1. Indica qual **distrito** que investigo;
2. Comunicar a **informação** sobre o distrito;
3. Comunicar a **cultura** sobre o distrito;
4. Indica o **distrito** que investigo no mapa;
5. Realizar 2 perguntas aos colegas, sobre o meu distrito.

VAMOS AGENTES DA O.R.C.A. !!!
VAMOS DEMONSTRAR OS NOSSOS CONHECIMENTOS

INDICA O NOME DOS DISTRITOS

1. _____
2. _____
3. _____
4. _____
5. _____
6. _____
7. _____
8. _____
9. _____
10. _____
11. _____
12. _____
13. _____
14. _____
15. _____
16. _____
17. _____
18. _____
19. _____
20. _____

Anexo P7 – Atividade “Missão Portugal” – Chaves dos distritos

Esta é a chave 1. Uma das 20 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e dos 2 Distritos Autônomos.

No topo esquerdo da Região Norte encontramos o distrito de **Viana do Castelo**, composto por 10 concelhos e a sua capital é a **Cidade de Viana do Castelo**.

Realidade de "Vincenos do Lim" desfilado no rio Lima, Viana do Castelo é conhecido por ser parte do Parque Nacional Peneda Gerês. Uma das maiores florestas de Portugal e Espanha, as Casteleas do Povo Negro e por ser monumentos belíssimos, como o Santuário de Santa Luzia e o Mosteiro de Ermidas.

Este local também é conhecido pelas suas pratas típicas tais como o Bacalhau à Viana e os Rêligas à Minhota, e pelas suas docas tradicionais como as Bolachas de Santa Bárbara e a Torta de Viana.

Uma das maiores festividades locais é a Festa das Rosas, com mais de 600 anos de vida, que celebra a noiva senhora do Rosário e é reconhecida pelo seu desfilo ao seu desfilo.




Esta é a chave 2. Uma das 20 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e dos 2 Distritos Autônomos.

Na Região Norte encontramos o distrito de **Braga**, composto por 14 concelhos, a sua capital é a **Cidade de Braga**.

Braga é conhecida por ter a cidade tempo do Portugal, Galileus, pelo colégio de São Domiano e pelas suas lindas monumentos, como o Forte de Audley e o Castelo de Guimarães, e por ter a maior concentração do Parque Nacional Peneda Gerês. Uma das maiores florestas de Portugal e Espanha, com lindas cascatas, como a Cascatas do Homem.

Este local também é conhecido pelas suas pratas típicas tais como como o Rêligas à Minhota e os Frigideiras, e pelas suas docas tradicionais como as Vioças de Braga e as Dobras de São António de Braga.

Uma das maiores festividades locais é a Festa Alvarino, que marca o primeiro dia em que Portugal foi declarado nação.




Esta é a chave 3. Uma das 20 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e dos 2 Distritos Autônomos.

No topo direito da Região Norte encontramos o distrito de **Vila Real**, composto por 16 concelhos e a sua capital é a **Cidade de Vila Real**.

Este distrito é conhecido por fazer parte da zona do Alto do Douro Vinhateiro e famoso por produzir um do Vinho do Porto, uma iguaria mundialmente conhecida.

As paisagens naturais de Vila Real são lindas tendo locais como o Parque Natural de Malhã e a Serra de Malhã. Tendo lindos belíssimos monumentos, como o Palácio de Malhã e o Castelo de Montalegre.

Este local também é conhecido pelas suas pratas típicas tais como como a Fajada e Travesseiros e a Cachaça e Travesseiros, e pelas suas docas tradicionais como a Cachaça e o Cachaço.

Uma das maiores festividades locais é a Festa das Puzarrilhas, na qual se exibem os produtos da colheita local.




Esta é a chave 4. Uma das 20 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e dos 2 Distritos Autônomos.

No topo direito da Região Norte encontramos o distrito de **Bragança**, composto por 12 concelhos, a sua capital é a **Cidade de Bragança**.

O distrito de Bragança tem lindas paisagens naturais, uma das quais é o Parque Natural de Montesinho, onde desliza o rio Marco. Ainda existem neste distrito lindos monumentos de guerra, como o Castelo de Bragança e o local das Caves Esporadas de Montesinho.

Este local é de tal forma reconhecido pela sua gastronomia, que foi considerado pela UNESCO como a capital da cultura alimentar transmontana e possui pratos como o famoso Cachaça à Portuguesa e a Fajada e Travesseiros. Alguns dos pratos mais populares da zona são o Pastel de Bragança e a bolacha minhoto de Bragança.

Uma das maiores festividades locais é a Festa dos Rapazes de Vargem, que se celebra no dia de festa em cada um dos 12 concelhos (20 de dezembro).




Esta é a chave 5. Uma das 20 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e dos 2 Distritos Autônomos.

No topo direito da Região Norte encontramos o distrito de **Porto**, que é a Capital da Região Norte de Portugal. A sua capital também é a cidade do Porto. É composto por 18 concelhos e está a ser o segundo distrito mais populoso de Portugal.

O Porto tem alguns dos locais mais emblemáticos de Portugal, como a Torre Cl. São João, foi fundado por Gustavo E. P. M. e a Torre dos Clérigos e a Lameira Lufa, e ainda possui algumas zonas verdes, como o Parque do Palácio de Cristal.

Este local também é conhecido pelas suas pratas típicas tais como como o Bacalhau à Gomes de Sá e a Praxeira, e pelas suas docas tradicionais como a Delícia do Porto e as Folhas de Pinho.

O Porto possui um festival anual de cinema na zona do Porto.




Esta é a chave 6. Uma das 20 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e dos 2 Distritos Autônomos.

No topo direito da Região Norte encontramos o distrito de **Aveiro**, composto por 10 concelhos e a sua capital é a **Cidade de Aveiro**.

A capital deste distrito é apelidada de "Veneza Portuguesa" devido às ilhas de moliceiro na Ria de Aveiro, um dos locais mais bonitos deste distrito, sendo que também se podem encontrar neste local as Ilhas de Aveiro e os Passadizos de Fátima.

Este local também é conhecido pelas suas pratas típicas como a Cachaça de Fátima e a Lameira de Barmal, e pelas suas docas tradicionais como as Famosas Doas Moliceiros de Aveiro e as Rabas de Aveiro.

Uma das maiores festividades locais é a Festa de Santa Joana, em memória da santa padroeira da cidade capital.




Esta é a chave 7. Uma das 20 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e dos 2 Distritos Autônomos.

No topo da Região Centro encontramos o distrito de **Viseu**, composto por 24 concelhos e a sua capital é a **Cidade de Viseu de Castelo**.

Este distrito do interior de Portugal que tem a única praia artificial do mundo, a praia de Margalepe. Neste distrito encontramos o Parque Florestal de Santa Rita e alguns dos monumentos mais famosos desta zona são a Sé de Viseu e o Castelo de Lamego.

Este local também é conhecido pelas suas pratas típicas como a Vileta de Lamego e o Polvo Assado com Vinho Verde do Dão, e pelas suas docas tradicionais como o Vinho do Dão e as Bolachas de Viseu.

Uma das maiores festividades locais é a Festa de São Mateus que é a festa mais antiga de Portugal.




Esta é a chave 8. Uma das 20 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e dos 2 Distritos Autônomos.

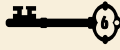
No topo Centro encontramos o distrito de **Guarda**, composto por 16 concelhos e a sua capital é a **Cidade de Guarda**.

É neste distrito que existe a Serra da Estrela, um dos locais mais conhecidos em Portugal Continental que constitui o ponto mais alto do país, a 1933 metros de altura. Ainda se consegue encontrar a Sé Catedral de Guarda e o Castelo de Souselga.

Este local também é conhecido pelas suas pratas típicas como o Bacalhau à Corde de Guarda e o Cabelo de Gato, e pelas suas docas tradicionais como o Doço Branco e as Cachaças do Pinho.

Uma das maiores festividades locais é o Festival de Pinho, no qual se celebra a Festa da Caba de Natal com uma fogueira enorme, a Festa de São.



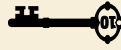
Esta é a chave 6. Uma das 22 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e das 2 Regiões Autónomas.

No Região Centro encontramos o distrito de Coimbra, que é a Capital da Região Centro de Portugal. A sua capital é a cidade de Coimbra, e compoem-se 7 concelhos.

Em Coimbra pode-se encontrar a Serra da Lousã, que tem os rios: Alentejo de São e o Sargento do Castel do Ouro. Também é possível encontrar a famosa Biblioteca Joanina, no lado da universidade, e Quinta das Lágrimas, local de uma das mais conhecidas lendas de Portugal, e também é possível visitar a representação em miniatura do país, o Portugal das Pequenas.

Esta local também é conhecido pelas suas pratas típicas como a Charneca e Moeda de Coimbra e Arroz de Lampião, e pelas suas docas tradicionais como os Pastéis de Santa Clara e o Marzipã Branco.

Uma das maiores festividades locais é a Festa Nacional de Coimbra.



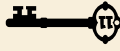
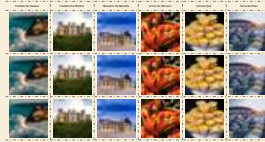
Esta é a chave 7. Uma das 22 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e das 2 Regiões Autónomas.

No Região Centro encontramos o distrito de Leiria, composta por 16 concelhos e a sua capital é a Cidade de Leiria.

O distrito de Leiria contém alguns dos monumentos mais emblemáticos do país, com o Castelo de Óbidos e Mosteiro de Batalha. Neste distrito também se pode encontrar o Castelo de Nazaré, muito conhecido pelas suas grandes ondas onde ocorrem competições mundiais de surf, e o Castelo de Mira Dão.

Esta local também é conhecido pelas suas pratas típicas como a Morcela de Arroz e o Arroz de Marisco, e pelas suas docas tradicionais tais como a Churros e a Sopa de Leão.

Uma das maiores festividades locais é a Festa de Maré, que acontece sempre de duas em duas semanas em Portugal.



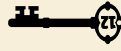
Esta é a chave 8. Uma das 22 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e das 2 Regiões Autónomas.

No Região Centro encontramos o distrito de Castelo Branco, composta por 11 concelhos e a sua capital é a Cidade de Castelo Branco.

O Distrito de Castelo Branco é onde se pode encontrar a Ribeira do Pão, onde se podem encontrar Pastéis de Quiló, que são uma especialidade local. Também se pode encontrar o Santuário de Nossa Senhora de Alentejo e o Jardim do Paço Episcopal.

Esta local também é conhecido pelas suas pratas típicas como o Caldeado no Forno e a Sopa de Faveas, e pelas suas docas tradicionais tais como o Biscoito de Mel e os Pães de Castelo.

Uma das maiores festividades locais é a Festa de Nossa Senhora de Alentejo.



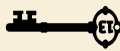
Esta é a chave 9. Uma das 22 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e das 2 Regiões Autónomas.

No Região de Lisboa encontramos o distrito de Lisboa, composta por 18 concelhos e a sua capital é a Cidade de Lisboa.

Este distrito contém a cidade capital do País, Lisboa, e contém inúmeras outras cidades com passagens pitorescas, como Sintra e Nazaré. Neste distrito pode-se encontrar o Parque Florestal de Monsanto, o Parque Natural Sintra-Cascais e a Paisagem de Nazaré, Lisboa também contém grande monumentos do país, como o Mosteiro dos Jerónimos e o Palácio de Pena.

Esta local também é conhecido pelas suas pratas típicas como as Amêijoas à Bulhão Pato e Bacalhau à Brás, e pelas docas tradicionais tais como os Pastéis de Belém e os Travesseiros de Sintra.

Uma das maiores festividades locais é a Festa Popular de Santo António, o padroeiro de Lisboa e das Cascais.



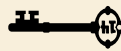
Esta é a chave 10. Uma das 22 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e das 2 Regiões Autónomas.

No Região do Alentejo encontramos o distrito de Beja, composta por 7 concelhos e a sua capital é a Cidade de Beja.

O distrito de Beja possui a sede nacional da religião, situada no Santuário de Nossa Senhora do Rosário, onde se pode encontrar o Santuário de Nossa Senhora de Alentejo e o Convento de Cristo em Tomar e Lagos. Aqui é um dos locais mais emblemáticos deste distrito.

Esta local também é conhecido pelas suas pratas típicas como a Agrião de Sável e o Nhocho, e pelas suas docas tradicionais tais como os Quijinhos de Sável e o Quijinho.

Uma das maiores festividades locais é a Festa do Santuário Milagre, celebração que honra a sagrada religião.



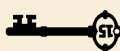
Esta é a chave 11. Uma das 22 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e das 2 Regiões Autónomas.

No Região do Alentejo encontramos o distrito de Évora, composta por 12 concelhos e a sua capital é a Cidade de Évora.

O distrito de Évora possui a sede nacional da religião, situada no Santuário de Nossa Senhora do Rosário, onde se pode encontrar o Santuário de Nossa Senhora de Alentejo e o Convento de Cristo em Tomar e Lagos. Aqui é um dos locais mais emblemáticos deste distrito.

Esta local também é conhecido pelas suas pratas típicas como a Agrião de Sável e o Nhocho, e pelas suas docas tradicionais tais como os Quijinhos de Sável e o Quijinho.

Uma das maiores festividades locais é a Festa do Santuário Milagre, celebração que honra a sagrada religião.



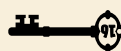
Esta é a chave 12. Uma das 22 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e das 2 Regiões Autónomas.

O Distrito de Setúbal é um caso especial. É a primeira e única região autónoma, a Região de Setúbal, a norte do distrito encontra-se na Região de Lisboa, já a parte sul do Setúbal situa-se na Região do Alentejo. Este distrito é composta por 12 concelhos e a sua capital é na Cidade de Setúbal, na Península de Setúbal.

O distrito de Setúbal possui inúmeras localidades, tais como a Gruta da Quinta do Aljeu e o Cabo Espichel, e alguns monumentos muito conhecidos, como o Convento de Jesus e o Santuário de Cristo Rei.

Esta local também é conhecido pelas suas pratas típicas como a Caldeirada de Sardinhas e o Choco Frito à Sardinhas, e pelas suas docas tradicionais tais como os Quijinhos de Leite e os Sardinheiros.

Uma das maiores festividades locais é as Festas de Nossa Senhora do Rosário de Tróia.



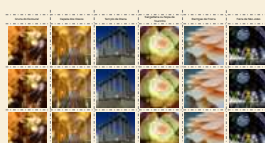
Esta é a chave 13. Uma das 22 chaves que tem a informação sobre um dos 18 distritos de Portugal e das 2 Regiões Autónomas.

No Região do Alentejo encontramos o distrito de Faro, composta por 14 concelhos e a sua capital é a Cidade de Faro. Este distrito é a capital da Região do Alentejo.

O distrito de Faro que se pode encontrar a Gruta do Escuro e a Barragem do Alqueva. Também se pode encontrar aqui a Capela dos Coelhos e os dois mosteiros e emblemáticos monumentos de Portugal com mais de 2 mil anos de vida, o Templo de Diana.

Esta local também é conhecido pelas suas pratas típicas como a Sardinhas no Sapo de Taurisim, à moda de Corral e a Sopa de Sardinhas. Também são conhecidas algumas das docas tradicionais locais, como os Sardinhas de Fritas e o Pão de Pão.

Uma das maiores festividades locais é a Festa de São João.





Anexo P7 – Atividade “Missão Portugal” – Powerpoint das apresentações finais





Anexo P8 – Atividade “Missão Portugal” – Distintivo da Agência O.R.C.A.



Anexo P9 – Atividade “Missão Portugal” – Distintivo do Grupo Malvado



Anexo P10 – Atividade “Missão Portugal” – Produção final da turma



Anexo Q – GTT sobre o livro “A melhor mãe do mundo”

Nome: _____ Data: _____

Guia de Leitura exploração da obra “A Minha Mãe é a Melhor do Mundo”
Pré-Leitura (1.ª fase)

1. Indica o nome das partes do livro à base.




2. Preenche a tabela com as informações da obra.

Título	
Autor	
Ilustrador	
Editora	

3. Qual será o assunto deste livro? Justifica a tua opinião.

4. Que tipo de livro será este?

1

Leitura (2.ª fase)

Indicações: Agora vais começar a leitura do livro. Em três, lê o livro até à pág. 19.

5. Avalia a leitura do teu grupo. Fundamenta a tua opinião.

Pós-Leitura (3.ª fase)

6. Preenche a tabela seguinte com as informações pedidas. Justifica as tuas respostas.

Não ____ Sim ____ Quão?

Hove alguma parte que não compreendeste? _____
 (Rele essa parte sozinho, com os teus colegas ou com a professora)

Escreve uma frase que tenhas gostado muito. _____

Escreve palavras que não conheças o seu significado.	Palavra	Pêso que é. (antes de procurar no dicionário)	Significado (ao procurar no dicionário)	Divisão sílabica (ao dividir a palavra em sílabas)	Classe (a que classe gramatical pertence a palavra)

2

Compreensão (4.ª fase)

Indicações: Responda às seguintes questões sobre a obra. Se for necessário rele para te auxiliar nas respostas.

1. De por palavras tuas como começa a obra.

2. O que é que a mãe diz sobre o Gil e o seu cão Puma? Justifica com uma frase do texto? (página 10)

3. Onde é que a mãe do Gil o costuma descobrir nos dias de festas? (página 13)

4. Atinda com uma cruz (X). Qual a razão que levou o Gil a ir à “Loja das Mães”?

O Gil queria uma mãe mais engraçada.

O Gil andava cansado da mãe que tinha.

O Gil queria uma mãe com religião.

O Gil andava a comer muitos poucos doces.

5. Procura no dicionário um **sinónimo** das seguintes palavras:

Xarope → _____

Edredon → _____

Maçado → _____

Devagar → _____

6. Escreve duas características do Gil e da sua mãe, presentes na obra.

Gil → _____

Mãe do Gil → _____

3

Gramática (5.ª fase)

7. Lê o seguinte excerto da obra:

“O Gil vivia numa casa alta e magra com um pédo pequeno onde cabia apenas a casota do cão, o Puma.”

Preenche a tabela com as palavras sublinhadas:

Nomes		Verbos	Adjetivos	Determinantes artigos	
próprios	comuns			definidos	indefinidos

Copia o excerto:

No presente: _____

8. Substitui na frase anterior “O Gil [...]” por um pronome pessoal.

_____ vivia numa casa alta e magra com um pédo pequeno onde cabia apenas a casota do cão, o Puma.”

9. Rodeia a sílaba tónica das seguintes palavras e pinta de verde as que são estrótuas, de vermelho as que são graves e de azul as que são agudas.

zangava	olculos	pé
próprio	olhos	chompô
travão	madrinha	legatlico

4

O QUE ACHAS QUE VAI ACONTECER A SEGUIR?

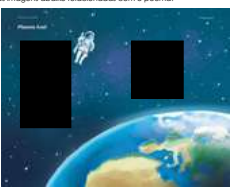
Escreve o que achas que vai acontecer ao Gil quando for à loja das mães. É o que vai acontecer à mãe do Gil.

Anexo R – GTT sobre o Poema

Nome: _____ Data: ____/____/____

Guio de Leitura exploração do poema "Planeta Azul" de Luísa Ducla Soares
Pré-Leitura (1.ª fase)

1. Observa as imagens abaixo relacionadas com o poema.



1.1. Observa as imagens. Qual será o assunto abordado nesta obra?


1.2. Partilha com a turma a tua opinião.

2. Este poema faz parte de um livro chamado de "O Planeta Azul". Justifica a escolha deste nome.

2.1. Partilha com a turma a tua opinião.

1

Leitura (2.ª fase)
 Lê o poema de Luísa Ducla Soares



3. Assinala com uma cruz (X) o **tipo de texto** do excerto da obra de Luísa Ducla Soares.

Texto Narrativo Texto Poético

Texto Argumentativo Texto Descritivo

4. Após leres o poema. Qual é o assunto abordado nesta obra?

2

5. Preenche a tabela com informações sobre a obra.

Título do poema	_____
Nome do autor	_____

5.1. Um poema é sempre composto por **versos** (as linhas) que formam **estrofes** (conjuntos de linhas). Indica o:

Número de versos por estrofe	_____
Número de estrofes	_____

5.2. As estrofes têm nomes tendo em conta o seu número de versos. Faz correspondência o número de versos de uma estrofe, com o seu nome.

Mondrónico	•	1 verso
Dístico	•	4 versos
Terceto	•	2 versos
Quadreto	•	3 versos

5.3. Qual o nome do tipo de estrofes deste poema? _____

5.4. Quantas versos tem, **ao todo**, este poema? _____

5.5. **Transcreve** do texto, três pares de palavras que rimam.

	Par de palavras	Número da estrofe
Par de palavras que rimam 01	_____	_____
Par de palavras que rimam 02	_____	_____
Par de palavras que rimam 03	_____	_____

3

Pós-Leitura (3.ª fase) – Compreensão

1. A que se assemelha o "Planeta Azul" que o astronauta vê do alto?

2. O que vê o astronauta à medida que se aproxima da Terra?

3. Justifica, por palavras tuas, porque é que "Os rios parecem serpentes".

4. O que significam os versos "Gente que sonha e trabalha / Para ter um planeta azul"?

Assinala com uma cruz (X) a opção correta.

Há pessoas que não se preocupam em proteger a natureza.

Há pessoas que querem proteger a natureza.

Há pessoas que são obrigadas a proteger a natureza.

5. O que são as "[...] grandes placas de ouro" referidas no texto?

6. Indica, com uma cruz (X), que seres vivos é que habitam no deserto.

Coto tartaruga Camelo Crocodilo

Tigre escorpião Macaco Leão

7. Uma mulher atravessou o deserto em 62 dias. Se tivesse ido de camelo tinha sido duas vezes mais rápida. Quantos dias demoraria a atravessar o deserto, se tivesse ido de camelo?

4

Gramática (3.ª fase)

1. Lê o seguinte excerto da obra:

"Os rios parecem serpentes, / Levam na sua corrente / Venenos furvos, castanhos / Que deixam o mar doente"

Preenche a tabela com palavras desta estrofe:

Nome comum	Verbo	Adjetivo	Determinante Artigo definido
_____	_____	_____	_____

2. Rodeia o sílaba tónica das seguintes palavras e pinta de verde as que são esdrúxulas, de vermelho as que são graves e de azul as que são agudas.

Pinhara	Astronauta	Azul
Há	trabalhar	Auténtico

O QUE ACHAS QUE VAI ACONTECER A SEGUIR?

Acrescenta duas quadras ao poema de Luísa Ducla Soares, continuando a história sobre o planeta Terra.

5

Anexo S – Planificação da atividade “Vamos Viajar pela Europa”

PLANIFICAÇÃO SEMANAL: TERÇA-FEIRA 14/05/2024						
TEMA E SUBTEMAS	OBJETIVOS	TEMPO	ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES	RECURSOS E MATERIAIS	INDICADORES AVALIAÇÃO	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO
Gramática Grupos constituintes de uma frase Funções sintáticas	1. Reconhecer a frase a partir dos seus grupos constituintes (grupo nominal e grupo verbal) e das funções sintáticas centrais (sujeito e predicado)	09h15 - 10h10	PORTUGUÊS - Introdução ao conceito de sujeito e predicado Exploração coletiva - Escrita no quadro de uma frase que provenha do texto ditado; - Identificação do nome e do verbo presente na frase; - Identificação do grupo nominal e do grupo verbal, referindo que se trata do sujeito e do predicado, respetivamente; - Fazer uma conclusão coletiva, registando no quadro a frase explorada. Exploração individual - exercícios - Distribuição de uma ficha de trabalho; - Realização individual da ficha de trabalho: <ul style="list-style-type: none"> • Identificação do grupo nominal e grupo verbal numa frase; • Identificação do sujeito e do predicado em frases presentes; • Escrita de frases e identificação do sujeito e do predicado. 	-Computador; -Projeter; -21 Fichas de trabalho; -Material de escrita.	1.1. Distingue o grupo nominal do grupo verbal; 1.2. Identifica o sujeito de uma frase; 1.3. Identifica o predicado de uma frase;	<ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação; • Registo dos alunos.
-	-	11h30 - 12h15	TEA (realiza-se todas as 3.ª feiras - continuação do trabalho que se iniciou na 2.ª feira)	-	-	-
Sociedade Europa Tradições Bandeiras Países	1. Reconhecer a existência de semelhanças e diferenças entre países europeus, valorizando a sua diversidade. 2. Pesquisar e selecionar informação pertinente, através da análise de documentos.	12h15 - 13h00	ESTUDO DO MEIO - PROJETO “MALA” DA EUROPA - Introdução ao Projeto por meio de conversa em grande grupo, explicando que a turma se irá dividir em trios e estes terão de “viajar” por dois países do Mundo (em continentes diferentes). - Para a formação dos grupos, irá ser entregue a cada aluno um “bilhete de avião”, com a indicação dos dois parceiros de trabalho e os dois países para onde irão “viajar”. - Para se realizar a “viagem” (a pesquisa), os trios irão procurar informação sobre os países que lhes calharam em livros e folhetos informativos preparados com antecedência pelos docentes. - A cada trio serão entregues duas “Malas”, para cada um dos países a serem pesquisados; - A informação a ser preenchida pelos alunos irá ser registada na “Mala de Viagem” de cada trio (ficha orientadora da exploração), na qual se terá de registar: <ul style="list-style-type: none"> - Nome do país; - Local do país no continente europeu; - Capital do país; - Bandeira do país; - Língua oficial; - Dois Monumentos importantes; - Nome do maior rio; - Nome da maior montanha; 	- Computador; - Projeter; - 14 “Malas” (recurso para registo); - Material de escrita; - Livros; - Computador.	1.1. Identifica a capital do país; 1.2. Identifica a bandeira do país; 1.3. Identifica tradições do país; 1.4. Identifica monumentos presentes no país; 1.5. Identifica as principais formas físicas presentes no país. 2.1. Seleciona informação em diversas fontes sobre o país que deve pesquisar.	<ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação; • Registo dos alunos.

			<ul style="list-style-type: none"> - 1 Tradição; - 1 pessoa importante oriunda desse país. <p>- Esta atividade irá ser realizada ao longo de três sessões:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Primeira: Introdução e início de pesquisas e preenchimento das mochilas; - Segunda: Continuação e conclusão das pesquisas sobre os dois países; - Terceira: Preparação de apresentação dos países e apresentações dos trios. <p>Os países a serem explorados são:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Espanha; Lituânia; Itália; Dinamarca; Grécia; Suécia; Alemanha; Islândia; Inglaterra; Finlândia; França; Albânia; Suíça; Bélgica. 			
ASSEGURADO PELA PROFESSORA COOPERANTE Estagiários estão no seminário na ESELx						
Comunicação Matemática Expressão de ideias Debate de ideias	<p>1. Explicar o seu raciocínio matemático à turma;</p> <p>2. Identificar diferentes estratégias na resolução dos colegas.</p>	15h00 - 16h00	MATEMÁTICA – PROBLEMA DA SEMANA “Patas dos Animais” <ul style="list-style-type: none"> - Distribuição de um problema, a cada um dos alunos, sendo que o objetivo do problema é dar resposta à questão “Quantas galinhas e quantas ovelhas poderá ter a avó?”; - Realização, a pares, do problema da semana; - Seleção, por parte do docente, de três grupos para irem ao quadro apresentar as suas estratégias; - Em grande grupo, síntese dos passos a ter em conta durante a realização de um problema; - Partilha em grande grupo, por parte de 3 pares de alunos, das suas estratégias de resolução do problema da semana; <ul style="list-style-type: none"> ● tabelas; ● desenhos; ● cálculos. - Justificação por parte do docente da escolha dessas mesmas estratégias. - Partilha coletiva sobre as dificuldades sentidas na resolução do problema. 	<ul style="list-style-type: none"> - Computador; - Projetor; - 21 Folhas com o problema da semana. 	<p>1.1. Explica o seu raciocínio matemático à turma;</p> <p>2.1. Identifica diferentes estratégias na resolução dos colegas.</p>	-
-	-	16h30 - 17h30	PORTUGUÊS <ul style="list-style-type: none"> - Continuação da realização, a trios, do guião de leitura da obra “A minha Mãe é a Melhor do Mundo”. 	-	-	-


Anexo T – Atividade “Exploração do Globo”

<p>Nome: _____ Data: ____ / ____ / ____</p> <p style="text-align: center;">GUIÃO DE EXPLORAÇÃO</p> <p>O Globo é uma representação aproximada do nosso planeta na sua forma esférica. Com o teu grupo, observem o globo e respondam às seguintes questões:</p> <p>1. Escreve 6 coisas que se conseguem observar no Globo Terrestre:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>2. No mapa seguinte é possível ver uma representação do Globo Terrestre. Indica com uma cruz (X) os continentes que existem e escreve os seus nomes:</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p>Lista de continentes:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p>3. Quantos continentes é que existem? _____</p> <p>4. No mapa anterior, indica com um círculo (O) os oceanos que existem no mundo e utiliza o Globo Terrestre para descobrir os seus nomes:</p> <p>Lista de oceanos:</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p style="text-align: center;">1</p>	<p>5. Olha agora para o Globo Terrestre e indica:</p> <p>5.1. Qual o maior continente do mundo: _____</p> <p>5.2. Qual o maior oceano do mundo: _____</p> <p>6. No globo também é possível observar alguns elementos naturais como serras, cordilheiras, desertos, rios, entre outros.</p> <p>6.1. Identifica no globo três zonas com cordilheiras, serras ou montes e os seus continentes.</p> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th style="width: 50%;">Zona</th> <th style="width: 50%;">Continente</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. _____</td> <td>_____</td> </tr> <tr> <td>2. _____</td> <td>_____</td> </tr> <tr> <td>3. _____</td> <td>_____</td> </tr> </tbody> </table> <p>6.2. Identifica agora dois rios que estão presentes no nosso planeta.</p> <table style="width: 100%; border-collapse: collapse;"> <thead> <tr> <th style="width: 50%;">Rio</th> <th style="width: 50%;">Continente</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1. _____</td> <td>_____</td> </tr> <tr> <td>2. _____</td> <td>_____</td> </tr> </tbody> </table> <p>7. Por que razão acham que conseguimos ver estes rios? Justifiquem.</p> <p>_____</p> <p>_____</p> <p style="text-align: center;">2</p>	Zona	Continente	1. _____	_____	2. _____	_____	3. _____	_____	Rio	Continente	1. _____	_____	2. _____	_____
Zona	Continente														
1. _____	_____														
2. _____	_____														
3. _____	_____														
Rio	Continente														
1. _____	_____														
2. _____	_____														

Anexo U – Atividade “Texto com Dados”

Plano de Escrita **Objetivo:** Organiza as tuas ideias antes da escrita de texto.

Nome : _____



DADOS:

Quem?

Quando?

Dados da história

Onde?

O que acontece?

Como termina?

@anita_vai_a_escola

Anexo V – Planificação da atividade “Missão Portugal – Código 00P”

PLANIFICAÇÃO SEMANAL:			TERÇA-FEIRA	21/05/2024		
TEMA E SUBTEMAS	OBJETIVOS	TEMPO	ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES	RECURSOS E MATERIAIS	INDICADORES AVALIAÇÃO	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO
		09h15 -	Português - Grupo Nominal e Grupo Verbal - Desenvolvimento de uma ficha sobre o grupo nominal e o grupo verbal.	-		<ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação; • Registo dos alunos.
-	-	10h10 11h30 -	TEA (realiza-se todas as 3.ª feiras - continuação do trabalho que se iniciou na 2.ª feira)	-	-	-
Sociedade Portugal Distritos Tradições	<p>1. Reconhecer a existência de semelhanças e diferenças entre os distritos de Portugal, valorizando a sua diversidade.</p> <p>2. Pesquisar e selecionar informação pertinente, através da análise de documentos.</p>	12h15 -	<p>ESTUDO DO MEIO - “MISSÃO PORTUGAL”</p> <p>Por forma a promover a exploração dos distritos de Portugal, vai ser realizada uma atividade na qual os alunos explorarão a trios dois distritos de Portugal. A atividade terá o seguinte seguimento:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apresentação de uma “curta” que introduz a dinâmica da Missão Portugal; - Instrução das tarefas da atividade: <ul style="list-style-type: none"> a) Ler a “Carta da Missão Portugal” (indutor de quais os distritos que se irá trabalhar); b) Ler o “Guião da Missão Portugal” (Local no qual se preencherá a informação sobre os distritos selecionados); c) Preencher os campos do “Guião da Missão Portugal” sobre os distritos que foram selecionados para o grupo. - Formação dos trios de trabalho; - Distribuição da “Pasta da Missão” (separador com a informação sobre a tarefa) que contém as “Carta da Missão Portugal” (uma pelos dois distritos que o grupo irá trabalhar) e o “Guião da Missão Portugal”. - Após a distribuição dos recursos, os grupos de trabalho formam-se e os alunos leem-nos e realizam a tarefa. <p>Ao longo da atividade, um dos alunos, que carece de diferenciação pedagógica, irá estar a realizar a tarefa do desenho do mapa de Portugal, no qual os alunos, na aula seguinte, irão colocar a informação sobre os distritos de Portugal.</p> <p>A distribuição dos distritos pelos trios de trabalho é previamente realizada pelos docentes.</p>	<p>Computador;</p> <p>Projeter;</p> <p>7 “Pastas de Missões”;</p> <p>20 “Cartas da Missão Portugal” (uma por distrito mais as regiões autónomas);</p> <p>7 “Guião da Missão Portugal”;</p> <p>Papel de cenário;</p> <p>Caneta Preta;</p> <p>Material de escrita.</p>	<p>1.1. Identifica o distrito de Portugal;</p> <p>1.2. Identifica tradições do distrito;</p> <p>1.3. Identifica monumentos presentes no distrito;</p> <p>2.1. Seleciona informações em diversas fontes sobre o país que deve pesquisar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação; • Registo dos alunos.
TARDE						

-	-	14h00 - 15h00	EDUCAÇÃO FÍSICA (As planificações das aulas de Educação Física encontrar-se-ão numa outra tabela)	-	-	-
Experimentação e Criação Linguagem elementar das artes visuais Geometria e Medida Sólidos - Planificações	1. Montar sólidos geométricos, através da sua planificação; 2. Registo e ilustração da história construída, a pares, nas faces do sólido geométrico.	15h00 - 16h00	MATEMÁTICA/ ARTES VISUAIS (A3) Construção do sólido geométrico com o texto - Cada par terá a planificação do sólido geométrico, que é a personagem principal da sua história, em papel de maior gramagem, formato A3; - Cada par deverá escrever nas faces do seu sólido geométrico a sua história, podendo realizar ilustrações nas mesmas; - De seguida, devem cortar a planificação do sólido e colá-la. *Estes sólidos servirão como dados para a verificação semanal e, posteriormente, irão ser pendurados no corredor, ao acesso dos restantes alunos da escola.	- 10 Planificações dos sólidos geométricos, em A3, em papel de maior gramagem; - Cola; - Tesoura; - Lápis de cor; - Canetas de feltro; - Material de escrita.	1.1. Monta o sólido geométrico, através da sua planificação; 2.1. Regista a história construída, a pares, nas faces do sólido geométrico. 2.2. Ilustra a história construída, a pares, nas faces do sólido geométrico.	<ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação; • Registo dos alunos.
-	-	16h30 - 17h30	EDUCAÇÃO FÍSICA (As planificações das aulas de Educação Física encontrar-se-ão numa outra tabela)	-	-	-

TEMA E SUBTEMAS	OBJETIVOS	TEMPO	ESTRATÉGIAS E ATIVIDADES	RECURSOS E MATERIAIS	INDICADORES AVALIAÇÃO	INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO
<p>Geometria e Medida Sólidos (prismas e pirâmides)</p> <p>Massa</p> <p>Tempo</p> <p>Números Frações</p> <p>Operações</p>	<p><i>* Dependerá do que for explorado durante a semana até 5.ª feira</i></p>	<p>9h15 - 10h00</p>	<p>MATEMÁTICA</p> <p>Pensa-rápido (realiza-se todas as quintas-feiras)</p> <p>- Realização do pensa-rápido, individualmente; - Correção, no quadro, em grande grupo; - Registo, por parte do docente, num documento presente na sala do número de respostas corretas, de acordo com um código pré-definido.</p> <p>Para esta semana terá conteúdos relacionados com:</p> <p>- sólidos geométricos; - algoritmos; - horas; - frações; - massas.</p>	<p>- Computador; - Projetor; - 21 folhas A4 com exercícios de pensa-rápido; - Material de escrita; - Instrumento de pilotagem de registo do “pensa-rápido”.</p>	-	<ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação; • Registo dos alunos.
-	-	<p>10h00 - 11h00</p>	<p>TEA (realiza-se todas as 5.ª feiras - continuação do trabalho que se iniciou na 2.ª feira)</p> <p>Nos últimos 10 minutos de aula, os alunos devem ir buscar a folha de avaliação do PIT e preencherem-na, avaliando o trabalho realizado durante a presente semana. Posteriormente, devem colá-la no seu caderno de TEA.</p>	<p>- Folhas de avaliação do PIT.</p>	-	-
	<p>1. Comunicar de forma clara descobertas sobre os países;</p> <p>2. Realizar uma auto e hetero-avaliação acerca do trabalho desenvolvido.</p>	<p>11h30 - 13h00</p>	<p>ESTUDO DO MEIO - “MISSÃO PORTUGAL”</p> <p>- Continuação da exploração dos distritos de Portugal e preenchimento dos “Guiões da Missão Portugal”;</p> <p>- Preparação de uma apresentação sobre os distritos explorados;</p> <p>- Realização de apresentações sobre os distritos de Portugal.</p> <p>- Após apresentação, preenchimento das informações essenciais sobre o distrito no mapa desenhado pelo aluno com diferenciação pedagógica. Estas informações estão evidenciadas no “Guião da Missão Portugal”.</p> <p>- Término da atividade com uma performance sobre a “Missão Portugal”</p>	<p>- Computador; - Projetor; - 7 “Pastas de Missões”; - 20 “Cartas da Missão Portugal” (uma por distrito mais as regiões autónomas); - 7 “Guião da Missão Portugal”; - Papel de cenário; - Caneta Preta; - Material de escrita.</p>	<p>1.1. Comunica de forma clara descobertas sobre os países;</p> <p>1.2. Identifica os países explorados no mapa da Europa;</p> <p>2.1. Identifica aspetos a melhorar no trabalho desenvolvido;</p> <p>2.2. Identifica aspetos positivos no trabalho desenvolvido.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Grelhas de observação; • Registo dos alunos.